



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**EDUCAÇÃO E ATIVISMO DE MULHERES NAS
REDES SOCIAIS – um estudo sobre o Movimento
#EleNão**

Autora
Desirée de Oliveira Pires

Orientadora
Prof.^a Dr.^a Amanda Motta Castro

DESIRÉE DE OLIVEIRA PIRES

Educação e Ativismo de Mulheres nas Redes Sociais – um estudo sobre o Movimento

#EleNão

Linha de Pesquisa: Culturas, Identidades e Diferença

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPEDU) pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Orientadora: Dra. Amanda Motta Castro

Rio Grande, novembro de 2021.

Ficha Catalográfica

P667e Pires, Desirée de Oliveira.

Educação e ativismo de mulheres nas redes sociais: um estudo sobre o Movimento #EleNão / Desirée de Oliveira Pires. – 2021.
200 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio Grande/RS, 2021.

Orientadora: Dra. Amanda Motta Castro.

1. Educação 2. Feminismo 3. Redes Sociais 4. Movimento #EleNão
5. Etnografia Digital Feminista I. Castro, Amanda Motta II. Título.

CDU 004.738.5-055.2

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

DESIRÉE DE OLIVEIRA PIRES

EDUCAÇÃO E ATIVISMO DE MULHERES NAS REDES SOCIAIS – UM ESTUDO
SOBRE O MOVIMENTO #ELENÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPDEDU) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) como parte da obtenção do título de Mestra em Educação

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Amanda Motta Castro (orientadora)

Prof.^a Dr.^a Vânia Chaigar – Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Prof.^a Dr.^a Rosemary dos Santos – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Campus Maracanã)

Prof. Dr. Marcio Rodrigo Vale Caetano – Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Dedico esta dissertação a todas as mulheres que vieram antes de mim e que abriram passagem
para que fosse possível eu chegar até aqui.

Ao meu avô (*in memoriam*), por cultivar em mim a estranha mania de ter fé na vida.

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa não se constrói sozinha, principalmente quando acreditamos que as pequenas revoluções acontecem a partir do sentido de coletividade, de afeto e de comprometimento. Muitas são as pessoas que passaram ao longo da minha vida e contribuíram para este momento, mas gostaria de agradecer aqui as que se fizeram mais presentes durante o processo da pesquisa.

Agradeço principalmente à minha família, em especial ao meu querido e amado avô (*in memorian*), pelo carinho, amor e cuidado durante toda a minha vida. À minha mãe, por fazer dos meus sonhos os seus também. À minha avó, Leida, por não entender nada, mas ficar feliz por tudo que faço. Às minhas tias professoras (ou quase), pelo incentivo, carinho e amor. Aos meus primos, Lênin e Livia, desejo que vocês cresçam em um mundo menos desigual.

Agradeço imensamente ao meu namorado ou namorido, mas, com certeza meu companheiro de vida, Lucas, que sempre me apoiou e acreditou que eu pudesse chegar até aqui, mesmo quando eu mesma não acreditava. Pelos chocolates e docinhos que preparou para me alegrar enquanto eu não conseguia sair da frente do computador. Pelas revisões de português e pelas conversas teóricas/filosóficas regadas ao nosso cafezinho de todo dia. Passamos tantos momentos difíceis, principalmente durante a pandemia, mas, “se a gente vai juntinho, vai bem”. Obrigada, meu amor!

Agradeço à minha orientadora querida, Amanda, por todo conhecimento compartilhado e principalmente por todo apoio e investimento em minha formação. Mais que uma orientadora, é uma amiga e companheira de luta. Amanda, tu és luz! Serei eternamente grata por tudo que fizeste por mim nesses dois anos e meio.

Gostaria de agradecer às professoras e professor que compuseram a banca de defesa, Dr.^a Rosemary Santos, Dr.^a Vânia Chaigar e Prof. Dr. Márcio Caetano. Obrigada pela leitura atenta e sensível da pesquisa. Suas contribuições, sem dúvida, foram fundamentais, inclusive para que eu pudesse sonhar ainda mais alto.

Agradeço imensamente às mulheres que compuseram essa pesquisa, Ludimilla, Liliane e Bianca. Vocês me ensinaram a compreender e a exercitar a esperança no sentido mais puro do sentimento. Muito mais que um grupo, o MUCB representa meu encontro comigo mesma e fortalecimento da minha identidade enquanto professora feminista. Avante na luta, companheiras!

Às (aos) colegas que compõem o Grupo de Pesquisa Lélia Gonzalez, obrigada por todo conhecimento compartilhado e por me ensinarem o quanto a pesquisa pode ser construída no afeto e na amorosidade. Agradeço, principalmente, a Ray e a Lari, pelas leituras e contribuições nesta pesquisa.

Por falar em pesquisa, não posso deixar de agradecer à Any e à Thais, minhas amigas e companheiras que oportunizaram os primeiros contatos com a educação popular e com o feminismo. Juntas, sonhamos e continuamos lutando, cada uma do seu jeito, por um mundo com menos desigualdades.

Agradeço à minha amiga, Lívia, por me incentivar, apoiar e vibrar mais ainda do que eu com as minhas vitórias, pela escuta atenta e pelo interesse em saber as coisas que eu estudo. Não fazes ideia do quanto eu prezo esse teu carinho. Obrigada, amiga!

Às (aos) amigas e amigos, Marina, Kênia, Gabrielinha, Yago, Leo, Lucas. Somos cria da escola pública e, contrariando todo o sistema, ousamos chegar à Universidade. Obrigada por incentivarem meus sonhos. Morro de orgulho de vocês!

À Jujuba e ao Iago, por serem refúgio em meio ao caos e por fazerem da sua casa também um lar para o meu coração cansado. Privilégio é ter amigos que também se tornam família!

À Universidade Federal do Rio Grande (FURG) que é minha segunda casa desde 2014. Agradeço às/aos professoras/es que conheci por todos esses anos e que contribuíram para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), pela troca e pelos conhecimentos compartilhados, assim como por acreditarem em mim e em minha pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento desta pesquisa. Sem ela, não teria sido possível a conclusão desta dissertação, muito menos a participação em eventos, cursos e a compra de livros. Espero que, nos próximos anos, mais pessoas sejam contempladas com esse financiamento e que a pesquisa seja mais valorizada no Brasil.

Por que sou levada a escrever?

Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha.

Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. (...)

Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.

Uma carta às mulheres escritoras do terceiro mundo

Glória Anzaldúa

RESUMO

A presente dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEDU/FURG), analisou de que forma o Movimento #EleNão se originou e se organizou dentro das redes sociais, a partir do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB), visando impedir que um candidato com princípios que vão na contramão dos direitos humanos fosse eleito. Na última década, o movimento feminista tem se apropriado das redes sociais, entendendo esses espaços como potentes para discussões políticas e sociais. Assim, o movimento feminista tem os utilizado como uma importante ferramenta política capaz de construir não apenas espaços de informação, mas também que promovem uma educação política emancipadora para/pelas mulheres. Por conseguinte, este trabalho teve por objetivo compreender como o Movimento #EleNão oportunizou uma educação política, sendo ela partidária ou não, para/pelas mulheres; assim como analisar quais as práticas e os saberes que emergem da organização e da participação das mulheres no interior do MUCB. Para isso, utilizaram-se, como campo teórico-metodológico, pressupostos de uma etnografia digital que, atrelada a uma metodologia feminista, chamamos de uma etnografia digital feminista. Seguindo esse caminho e utilizando, como técnicas de pesquisa, as entrevistas, ouvimos mulheres que participam do movimento desde sua criação em 2018 e constatamos o quanto as redes sociais, se bem utilizadas, podem se configurar enquanto importantes ferramentas de transformação social. O trabalho que as mulheres participantes da pesquisa realizam, contribui para uma educação política para/pelas mulheres e demonstra o quanto as mulheres são um grupo protagonista de resistência ao conservadorismo.

Palavras-chave: educação; feminismo; redes sociais; movimento #EleNão; etnografia digital feminista.

ABSTRACT

This master's thesis is developed in the Graduate Program in Education at the Federal University of Rio Grande (PPGEDU / FURG). It analyzes how the # EleNã Movement was created and organized on social networks. The thesis was based on the Women United Against Bolsonaro (MUCB), a Facebook group that aimed to prevent the election of a presidential candidate whose principles were against human rights. In the last decade, the feminist movement has been appropriating from social networks, understanding the potential of these online spaces for political and social discussions. Thus, the feminist movement has used them as an important political instrument, capable of promoting not only information, but also emancipatory political education for/by women. Therefore, this work aims to analyze the #EleNã Movement, which provided political education, partisan or not, for/by women. In addition, it analyzes which practices and knowledge emerged from the organization and participation of women who were part of MUCB. It is used, as theoretical and methodological nature, a digital ethnography, which linked to a feminist methodology, is what we called the feminist digital ethnography. We used, as a research technique, interviews with women who participated since the beginning of the movement. From this, we understood how social networks, if well managed, could be important tools for social transformation. The work carried out by the women who participated in this study contributed to a political education for/by women and demonstrated that women are the protagonists of resistance to conservatism.

Key words: education; feminism; social networks; Movimento #EleNã; feminist digital ethnography.

LISTA DE SIGLAS

FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MBL	Movimento Brasil Livre
MPL	Movimento Passe Livre
MUCB	Mulheres Unidas Contra Bolsonaro
PAC	Programa de Aceleração de Crescimento
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PL	Projeto de Lei
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNE	Plano Nacional de Educação
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
OMS	Organização Mundial da Saúde
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UCSAL	Universidade Católica de Salvador

LISTA DE IMAGENS

- Figura 1 – Gráfico renda média da população abaixo da linha da pobreza no Brasil.....
- Figura 2 - Gráfico violência contra a mulher na pandemia.....
- Figura 3 - Dilma quando foi presa pela ditadura militar na década de 1970.....
- Figura 4 - Dilma Rousseff ao lado da filha, na sua posse em 2010.....
- Figura 5 - Manifestações de 2013.....
- Figura 6 - Manifestações pré-*impeachment* em 2016.....
- Figura 7 - Símbolo do Grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB).....
- Figura 8 - #EleNão.....
- Figura 9 - MUCB e o apartidarismo.....
- Figura 10 – Mulheres no Movimento #EleNão nas ruas de Salvador.....
- Figura 11 - Ludimilla Teixeira – entrevista.....
- Figura 12 – Liliane Abreu – entrevista.....
- Figura 13 – Bianca Fuente – entrevista.....
- Figura 14 - Convite às mulheres para a participação no Projeto Vozes MUCB.....

Sumário

INTRODUÇÃO	13
1 SITUANDO A PESQUISA	22
1.1 Minha caminhada: história em movimento	22
1.2 Breve histórico da ascensão do conservadorismo no Brasil e a misoginia instaurada na política	29
1.3 O lugar das redes sociais.....	42
1.4 Movimento #EleNão: as rosas da resistência nascem do asfalto.....	47
2 METODOLOGIAS	55
2.1 Pressupostos de uma etnografia digital.....	55
2.2 As entrevistas.....	60
2.3 Em busca de uma etnografia digital feminista.....	66
2.4 Mapeamento de pesquisas sobre o Movimento #EleNão	68
3 MULHERES EM LUTA	78
3.1 Mulheres contra o patriarcado	78
3.2 Feminismo como um movimento político de transformação para/pelas mulheres .84	
3.3 Feminismo e ativismo nas redes sociais	88
4 “UMA MANHÃ, EU ACORDEI..”: O GRITO DAS MULHERES COM #ELENÃO	93
4.1 Uma guerra contra as mulheres	93
4.2 Mulheres na política.....	98
4.3 Redes sociais e educação: pensando novos espaços para uma educação feminista	105
5. RESULTADOS	116
REFERÊNCIAS	121
ANEXOS	126
ANEXO I.....	126
ANEXO II:.....	127
ANEXO III	128

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado, desenvolvida na linha três do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEDU/FURG), compõe um projeto de pesquisa chamado “Educação Popular, Mulheres e Pedagogias Periféricas”, coordenado pela orientadora desta pesquisa e inserido no Grupo de Pesquisa e Estudo Interdisciplinar Lélia Gonzalez.

Com o advento da popularização da internet no século XXI, o ativismo digital se apresenta como uma estratégia de luta para os mais diversos movimentos sociais, tendo em vista o poder de alcance que a informação produz por meio da internet e, mais especificamente, por meio das redes sociais.

O ativismo de mulheres por meio das redes sociais se apresenta enquanto uma estratégia de atuação, a qual se utiliza da velocidade de informações que a internet dissemina, criando conteúdo de simples acesso com base teórica. Um dos seus principais objetivos é oportunizar um espaço de diálogo e informação para/pelas mulheres, tornando possível uma reflexão acerca da condição histórica de opressão em que vivemos. Na última década, mais especificamente a partir de 2015, houve uma série de ações organizadas por coletivos feministas que se organizam em rede, como, por exemplo: a #MeuPrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto, ##DesculpaBrigitte¹.

Percebendo essas ações enquanto potencializadoras de uma organização e educação política para as mulheres, esta pesquisa analisa esse recente movimento no Brasil, a partir do estudo sobre o movimento #EleNão, iniciado em 2018, organizado por mulheres contra a eleição do candidato naquela época, Jair Messias Bolsonaro. O movimento #EleNão começou com um grupo na rede social *Facebook*, intitulado Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB) e, em poucas semanas, invadiu as ruas do Brasil inteiro com marchas e protestos contra a eleição do referido candidato.

Apesar de o movimento não ter alcançado o seu principal objetivo, que era impedir a candidatura de Bolsonaro, tornou possível levar as eleições presidenciais de 2019 para um segundo turno. Esse fato foi uma grande vitória, uma vez que algumas previsões de cientistas políticos e pesquisas de opinião mostravam uma grande chance de uma vitória da extrema

¹ Essa ação aconteceu em agosto de 2019, quando o então presidente brasileiro Jair Bolsonaro ofendeu a esposa do presidente francês Emmanuel Macron nas redes sociais. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/brigitte-macron-diz-muito-obrigada-aos-brasileiros-que-apoiaram-movimento-desculpebrigitte-23913666>>. Acesso em: 27 set. 2019

direita já no primeiro turno, caso a candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva fosse impugnada.

Atualmente, durante o governo bolsonarista, o grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB), responsável pela organização do Movimento #EleNão, se mantém ativo nas redes discutindo sobre as desigualdades de gênero, raça, classe e, principalmente, sobre os retrocessos dos direitos de mulheres e dos demais grupos sociais historicamente invisibilizados e periféricos.

Dessa forma, esta pesquisa tem, por objetivo geral, compreender como o movimento #EleNão, organizado nas redes sociais, a partir do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB), oportunizou uma educação política sendo ela partidária ou não, para/pelas mulheres. Como objetivos específicos, buscamos compreender quais os saberes que emergem a partir da atuação e participação das mulheres e que são fundamentais para uma luta política e de enfrentamento às desigualdades sociais. Para isso, a partir de uma *etnografia digital feminista*, buscamos realizar entrevistas a fim de ouvir o que algumas das mulheres participantes do movimento têm a dizer. Com isso, buscamos perceber como a atuação dentro de movimentos sociais pode constituir-se enquanto formas de se educar e de construir maneiras possíveis de formação de opinião.

É importante destacar que definir conceitualmente o significado do que seja educação é um processo árduo o qual envolve uma infinidade de possibilidades e que depende do contexto social no qual os seres humanos estejam inseridos. De acordo com Carlos Rodrigues Brandão (2017), em seu livro “O que é Educação”, ninguém escapa à educação, sendo que todas/os² acabam, de uma forma ou de outra, sendo envolvidas/os por ela. Para o autor, isso acontece “para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação. Com uma ou com várias: educação? Educações” (BRANDÃO, 2017, s./p.).

Partindo do princípio de que não há apenas uma única maneira de educação, mas, sim, “educações”, podemos compreendê-las nas mais diversas formas, não apenas em espaços institucionalizados de ensino, mas de maneira livre. O autor acrescenta que a educação “pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida” (BRANDÃO, 2017, s./p.)

² Por se tratar de um texto feminista, optou-se por utilização da ordem feminino/masculino.

Compreendemos, assim, a educação enquanto elemento coletivo e que acontece para além dos espaços escolares de ensino. Uma pequena aldeia, um pequeno grupo de artesãos ou grupo de trabalhadoras/es que partilham determinado saber constituem-se como espaços criadores de alguma forma de educação. Por que, então, não perceber os espaços digitais enquanto espaços possíveis para um engajamento político-social e potente na propagação do conhecimento? Ao encontro desse questionamento, o ativismo de mulheres tem se utilizado das mídias digitais e, mais especificamente, das redes sociais para sua organização e propagação de uma educação que promova a diminuição das desigualdades de gênero.

Nesse sentido, a partir de Maria da Glória Gohn (2011), entendemos os movimentos sociais enquanto espaços educativos, uma vez que promovem uma série de práticas capazes de “formar” opinião daquelas pessoas que os compõem e que criam formas distintas de organização para que a população possa se organizar e expressar suas demandas.

Partindo de como os movimentos sociais de maneira geral se organizam (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas etc.), podemos compreender essas ações como estratégias educativas para a reflexão popular ou de determinada instituição frente ao problema em questão. Essas ações se caracterizam como uma educação não formal, uma vez que não estão vinculadas a espaços institucionalizados propriamente ditos, mas, sim, a formas de organização autônoma.

A trajetória histórica dos movimentos sociais no Brasil, sobretudo no período da ditadura militar (1964-1984), quando a população enfrentou o cerceamento institucional dos seus direitos, ilustra a importância da atuação desses movimentos para a construção da cidadania brasileira. Tendo em vista que lutar por direitos está intrinsecamente ligado à educação e à conquista da cidadania, a pressão que os movimentos sociais exerceram sobre o regime militar foi fundamental para a redemocratização do país. Essa pressão garantiu a conquista de uma série de direitos fundamentais assegurados pela Constituição de 1988, até a contemporaneidade, para grupos que historicamente foram e continuam sendo periféricos, como a classe trabalhadora, as crianças, a população negra e as mulheres.

Para a área da Educação, a Lei de Diretrizes Bases da Educação (LDB) de 1996³ é fruto da pressão dos movimentos sociais durante o período de redemocratização a fim de tornar a educação um direito de todas/os e, também, um dever do Estado. A regulamentação da educação e a defesa do ensino público e gratuito deram passagem para a participação de novos

³ Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/1996). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 mar. 2021.

atores sociais e para a elaboração de novas políticas públicas que pautassem questões de cidadania e maior participação social.

Importante salientar que muitos dos princípios redigidos na LDB são concepções provindas da educação popular e de todo o legado que Paulo Freire construiu a partir de suas vivências enquanto educador e de sua militância junto aos movimentos sociais. O Art. 3º de tal documento traz que o ensino deve ser ministrado nas instituições escolares partindo de alguns princípios, dentre os quais destacamos:

(II) liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; (III) - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; (IV) - respeito à liberdade e apreço à tolerância; X - valorização da experiência extraescolar; (XI) - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais; (XII) - consideração com a diversidade étnico-racial (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013); (XIII) - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (BRASIL, 1996)

Os princípios destacados refletem a influência dos movimentos sociais, principalmente dos movimentos de educação popular, na elaboração da legislação brasileira para a área da educação. Apesar de todas as ressalvas necessárias que possam ser feitas ao documento, é inegável a importância histórica e política que ele carrega. A inclusão de aspectos referentes à construção da cidadania nos espaços escolares, incorporando os saberes populares e o respeito à diversidade, constitui relevante contribuição.

Se lutar por direitos está estritamente ligado à luta pela educação, a pressão do movimento feminista, durante a elaboração da Constituição de 1988, garantiu às mulheres importantes avanços em relação aos seus direitos. De acordo com Iáris Cortês (2013), o movimento feminista consolidou-se como um dos grupos mais ativos e influenciou os constituintes a partir de uma política de *lobby*, ficando conhecida como *lobby do batom*.

A despeito de não ter sido incluída grande parte das reivindicações, entre elas, a legalização do aborto enquanto um direito reprodutivo das mulheres, Cortês (2013) acrescenta que a isonomia foi incluída na Constituição, garantindo a igualdade de direitos e deveres para homens e mulheres. Em relação à família, os direitos e deveres passaram a ser igualmente exercidos, retirando a superioridade legalmente atribuída ao homem. O direito ao divórcio, embora já fosse permitido desde 1977, também recebeu preceitos institucionais.

Porém, devemos atentar que apenas várias décadas depois que nós, mulheres, obtivemos avanços significativos em relação a direitos que garantem de forma legal a nossa

integridade física, como a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06)⁴ e a mais recente, a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/15)⁵.

Mas será que os direitos das mulheres estão assegurados? Acontece que à medida que nós, mulheres, fomos avançando na conquista de nossos direitos e na ampliação de uma educação tanto formal como não formal, pautada na problematização das desigualdades de gênero, nossos direitos tornaram-se mais do que nunca ameaçados.

A proposta de Lei do Movimento “Escola sem partido”⁶ de 2014 é um exemplo e um prenúncio dos retrocessos que se sucederam. O projeto de lei (PL nº 7180/14) acusava educadoras/es de doutrinação política ideológica, criticando as discussões de gênero nos espaços escolares, justificando que isso deveria ser uma questão de ordem familiar. A dita “ideologia de gênero” que as/os educadoras/es eram acusadas/os de defender nada mais era do que a realização de projetos e atividades escolares com o objetivo de promover uma educação para a sexualidade e, também, uma educação que problematizasse as desigualdades de gênero desde os espaços escolares.

Os autores da PL, que compunham a bancada religiosa e de extrema direita da Câmara dos Deputados, propunham alterações na LDB, de cunho extremamente moralista e religioso, acusando as/os educadoras/es de interferirem na tomada de decisões políticas e na construção da identidade de gênero e sexualidade das/os alunas/os. Em 2018, o projeto foi arquivado, mas já com a promessa de que voltaria em 2019, inclusive com propostas ainda mais duras, principalmente devido à vitória da extrema direita nas eleições de 2018.

Após o golpe de 2016, o qual depôs uma presidenta eleita democraticamente com base em denúncias inconsistentes, as quais discutiremos ao longo da pesquisa, houve ainda mais ameaças à consolidação da democracia no país, de forma a escancarar as desigualdades de gênero. Assim, várias políticas, embasadas em preceitos moralistas e religiosos, tornaram-se

⁴ A Lei nº 11.340/06, que recebeu o nome de “Lei Maria da Penha”, foi fruto da organização do movimento feminista no Brasil que, desde os anos 1970, denunciava as violências cometidas contra as mulheres (violência contra prisioneiras políticas, violência contra mulheres negras, violência doméstica etc.) e, nos anos 1980, aumentou a mobilização frente à absolvição de homens que haviam assassinado as esposas alegando “legítima defesa da honra”. Foi sancionada pelo então presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, em 07 de agosto em 2006. Disponível em: <https://institutomariadapenha.org.br/>. Acesso em: 01 out. 2020.

⁵ Assim como a Lei Maria da Penha, a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/15) também é resultado da luta do movimento mulheres no Brasil e não se trata de um “crime novo” no Código Penal, mas, sim, um agravante do crime de homicídio. Foi sancionada pela então presidenta, Dilma Rousseff, em 09 de março de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm. Acesso em: 01 out. 2020.

⁶ O Programa Escola sem Partido, que deu o conjunto de medidas para a elaboração da PL, foi criado, em 2004, pelo advogado Daniel Nagib, acusando educadoras/es de doutrinação. Disponível em: <<http://escolasempartido.org/>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

quase que corriqueiras na última década, não só ameaçando, mas retirando os direitos conquistados pelos movimentos sociais.

A onda conservadora que se abateu sobre o país, pautada em uma política negacionista e de extrema direita, colocou os grupos sociais ainda mais em situação de vulnerabilidade. De acordo com o Atlas da Violência de 2021⁷, em 2019, tivemos 3.737 casos de feminicídios registrados no país, sendo uma taxa de 3,5 mulheres para cada 100 mil habitantes. Esses dados apontam uma taxa de diminuição (17,9%) no número de feminicídios em relação a 2018. Porém, o mesmo estudo aponta que outras 3.756 mulheres foram mortas de forma violenta no mesmo ano, mas sem indicação de causa, o que impossibilita sabermos se seriam, também, crimes de feminicídio. Com esses dados, o estudo concluiu que a cada duas horas uma mulher é assassinada no Brasil e a cada seis horas esses crimes acontecem dentro das suas próprias residências.

Quando realizamos um recorte racial, a situação se torna ainda mais degradante. Apesar de haver uma diminuição no número de feminicídios de forma total, percebemos um grande aumento no número de mulheres negras mortas, ao passo que as mulheres brancas estão morrendo menos. O estudo concluiu que as mulheres negras morrem 65,8% a mais que as mulheres brancas, representando, entre 2009-2019, um aumento de 2%, ao passo que entre as mulheres não-negras o número de assassinatos caiu para 26,9%. Ou seja, ainda possuímos problemas extremamente profundos na sociedade brasileira e que envolvem a necessidade de intersecção das opressões, entendendo raça, classe e gênero enquanto categorias que devem estar entrelaçadas para que possamos avançar na conquista de direitos.

Outra importante situação que merece destaque em relação ao retrocesso nos direitos das mulheres é a quantidade de projetos de lei que criminalizam o aborto em caso de estupro no Brasil, uma das poucas situações permitidas legalmente para interrupção de uma gravidez. No ano de 2019, foram recebidos, ao todo, 28 projetos contrários ao aborto⁸, o que não ocorria com tanta intensidade desde o ano de 1949. Importante destacar que a maioria dessas propostas foi criada pela bancada de extrema direita, cristã, racista, LGBTfóbica, sexista e, portanto, conservadora.

⁷ Atlas da Violência de 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/212/atlas-da-violencia-2021>. Acesso em: 26 set. 2021.

⁸ “Projetos de Lei contrários ao aborto batem recorde em 2019”. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/projetos-de-lei-da-camara-contrarios-ao-aborto-batem-recorde-em-2019/>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

Alguns projetos se destacam, principalmente as propostas de Chris Tonietto (PSL/RJ), as quais buscam assegurar a vida dos indivíduos “desde sua concepção”. A PL nº 2893/2019 prevê a revogação do artigo 128 do Código Penal alegando que, em nenhuma situação, o feto causa risco à vida da mulher e traz, inclusive, depoimentos de mulheres concebidas por gravidez ocasionadas por estupro para justificar a retirada dos direitos a vítimas de estupro de praticarem o aborto.

Diante de tantos retrocessos e poucos avanços, faz-se necessária a discussão política a respeito dos direitos sociais e humanos para a construção de uma sociedade democrática. Entendemos que essa discussão pode e deve ser feita por meio da educação que acontece no interior dos movimentos sociais, e no caso, do movimento feminista.

Com isso, objetivamos romper com uma percepção tradicional de educação ou, como Freire (2014) chama, de “educação bancária”, a qual acontece de maneira que os seres humanos aprendem de forma institucionalizada, em que as/os educadoras/es transferem aquilo que sabem para as/os alunas/os. A partir de uma percepção libertadora da educação, mulheres e homens rompem com essa visão tradicional de educação e passam a compreender que ela acontece em qualquer espaço e que, a todo momento, estamos sendo educadas/os. Educação, a partir dessa perspectiva, deve ser busca. Uma busca permanente, inquieta do mundo e para com o mundo, compreendendo que as diferentes realidades afetam a maneira como as pessoas se constroem socialmente.

Sendo assim, para que os nossos objetivos de pesquisa sejam apresentados, organizamos o presente trabalho de dissertação em cinco momentos.

No primeiro capítulo, tratamos, inicialmente, de contextualizar a pesquisa tanto no aspecto pessoal quanto histórico e social. Iniciamos a partir da minha experiência de vida enquanto mulher/professora e os caminhos que me levaram ao contato com a pesquisa. Em seguida, contextualizamos historicamente, a partir de uma perspectiva de gênero, como o golpe de 2016 afetou os direitos das mulheres. Posteriormente, apresentamos as redes sociais, espaço onde a pesquisa acontece e que é carregado de ambiguidades, buscando compreender os diversos sentidos que esse espaço assume, inclusive como uma ferramenta política de transformação social. Nessa perspectiva, a organização do Movimento #EleNão, por meio do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB), potencializou a atuação do movimento feminista nas redes, criando não apenas um espaço de compartilhamento de informações, mas, sim, um espaço educativo.

No segundo capítulo, apresentamos os caminhos teóricos e metodológicos da pesquisa, realizando uma fusão de duas metodologias: a etnografia digital e a metodologia feminista. A mistura das duas metodologias configura-se no que optamos por chamar como uma *etnografia digital feminista*. Entendemos que, pelo fato de a pesquisa ser construída como mulheres e para mulheres, faz-se necessário demarcar politicamente sobre quem e por que estamos discutindo esse tema. Chegamos a essa metodologia também por conta do mapeamento realizado acerca do que se tem produzido no Brasil sobre o ativismo de mulheres nas redes sociais, tema ainda pouco trabalhado academicamente. Aliás, em nossas procuras pelo tema, achamos somente um artigo que abordava sobre a etnografia digital feminista. Infelizmente, como o arquivo estava com erro, não conseguimos baixá-lo para fazer sua leitura.

No terceiro capítulo, buscamos discutir, a partir da teoria feminista, as violências e as problemáticas às quais as mulheres estão submetidas na sociedade patriarcal. Percebendo esses problemas como problemas estruturais, é importante que a discussão sobre patriarcado seja entrelaçada com outras categorias – de gênero, raça e classe. Assim, utilizando principalmente Silvia Federeci (2017), Lélia Gonzalez (1988), Rita Segato (2016), Heleith Saffioti (1987; 2017) e bell hooks (2017; 2020), pensamos e discutimos os problemas de gênero a partir de uma perspectiva interseccional.

No quarto capítulo, centramo-nos na análise das entrevistas, relacionando-as juntamente com teóricas/os que vêm nos amparando nesse caminhar que se faz caminhando. Como nos diz Ivone Gebara (2000), ouvir as mulheres é a matéria prima do feminismo. Recorremos às suas histórias de vida, buscando romper com o silêncio que muitas vezes cerca as pesquisas acadêmicas. Nesse processo de ouvir, buscamos compreender seus desejos, suas dores e suas esperanças.

E, por último, no quinto capítulo, apresentamos os resultados finais e as projeções de continuidade da pesquisa.

A partir dessa organização, buscamos demonstrar o quanto a atuação do movimento feminista, de forma geral, demonstra essa compreensão de uma educação como prática da liberdade. Quando os seres humanos tomam consciência de si e do seu poder de transformação, tornam a sua existência histórica (FREIRE, 2014). As mulheres historicamente têm demonstrado o quanto isso é possível e potente para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Dessa forma, esta pesquisa que, de alguma forma, pretende realizar uma denúncia (FREIRE, 2000) diante das políticas conservadoras, buscando perceber como tais políticas

ameaçam a conquista de direitos dos grupos sociais, principalmente das mulheres, pretende também realizar um anúncio. Anúncio (FREIRE, 2000) de como o movimento feminista, responsável pela criação do movimento #EleNão, é potente para a construção de uma educação política pelas e para as mulheres e que tem, nos últimos anos, se apoderado das redes sociais como um importante espaço de propagação de seus ideais.

1 SITUANDO A PESQUISA

Neste primeiro capítulo, buscamos pontuar alguns dos caminhos principais que levaram à construção da pesquisa. Começamos pela minha trajetória de vida, apresentando como seu deu a minha formação enquanto uma professora, pesquisadora e feminista. No segundo momento, fazemos uma breve contextualização da história recente brasileira, a partir de uma perspectiva de gênero. Discutimos como a misoginia estava presente na articulação do golpe de 2016, contribuindo para o fortalecimento de uma política conservadora e de extrema direita. Assim, a partir dessa contextualização política e histórica, apresentamos o que vem a ser o Movimento #EleNão e como este tem contribuído na luta pelos direitos das mulheres, assim como dos demais grupos historicamente excluídos.

1.1 Minha caminhada: história em movimento

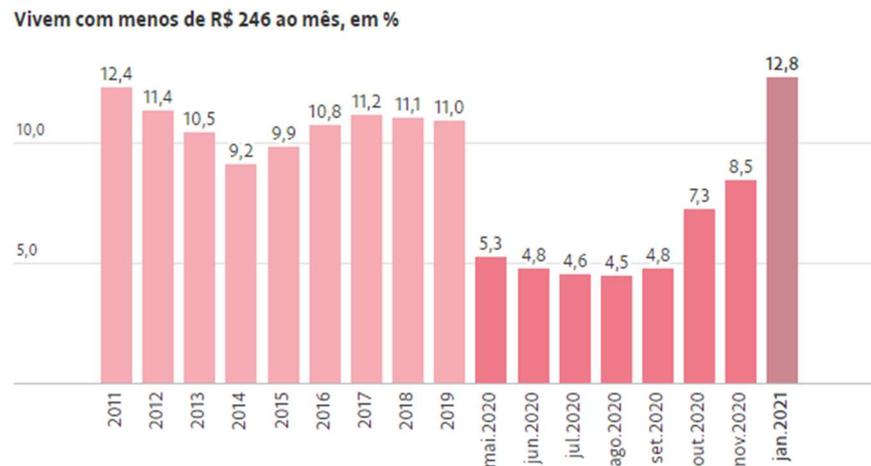
Regina Leite Garcia, em seu texto “Para quem investigamos – para quem escrevemos: reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador” (2011), tem, por ideia central, demonstrar que não é possível fazermos pesquisas e sermos insensíveis aos problemas do mundo. A partir disso, compreendo que os caminhos que me levaram até esta pesquisa têm profunda relação com a minha história de vida e com os acontecimentos político-sociais da História recente.

Dessa maneira, preciso, primeiramente, dizer que escrevo esta pesquisa em meio a um profundo contexto de crise sanitária, política e social, a qual influenciou e muito na construção desta pesquisa. Vivenciamos uma pandemia derivada da COVID-19 e que nos obrigou a adotarmos medidas de isolamento e distanciamento social. Para isso, tivemos que reinventar a maneira de viver e nos acostumarmos ao uso constante de máscaras, higienização das mãos, distanciamento social, entre outras tantas medidas de segurança recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Além disso, a pandemia escancarou ainda mais as desigualdades sociais, raciais e de gênero no Brasil. No ano de 2021, podemos registrar um aumento significativo do número de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza, segundo pesquisas realizadas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Esses estudos apontaram que, no início do ano de 2021, havia 27 milhões⁹ de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza no país. Conforme o gráfico

apresentado a seguir (Figura 1), em janeiro de 2021, 12,8% das/os brasileiras/os passaram a viver com menos de R\$246,00 ao mês, o que equivale a R\$8,10 ao dia¹⁰.

Figura 1: Gráfico renda média da população abaixo da linha da pobreza



Fonte: FGV Social com microdados da Pnad Contínua Anual e Pnad Covid/IBGE

Ficar em casa não foi uma opção para muitas pessoas. Assim, o que deveria ser uma necessidade assegurada pelo Estado se tornou um privilégio. Quem pôde, minimamente, continuar desenvolvendo suas atividades de forma remota foi muito privilegiada/o. Muitas pessoas não tinham sequer o que comer quanto mais ter condições de comprar máscaras e álcool gel, produtos que a ciência apontou como essenciais para evitar o contágio do vírus.

A sensação de impunidade constante nos atravessa a alma. Não basta estarmos passando por uma profunda crise sanitária, temos ainda que enfrentar uma crise política tendo um governo truculento, autoritário, terraplanista e que a cada medida tomada, principalmente no ano de 2020 e início de 2021, só afirma o quanto manter o vírus circulando só poderia ser um projeto higienista de extermínio da população. População essa majoritariamente negra e pobre, pois é ela que continua segurando o país nas costas, pois nunca parou e sempre continuou tendo que sair de seus lares para ganhar o pão de cada dia.

Pensando a situação e a condição política das mulheres, as protagonistas desta pesquisa são corpos extremamente sobrecarregados por esse contexto e, novamente, o excesso de

¹⁰ Brasil começa 2021 com mais miseráveis que há uma década. Acesso em: 05 jul. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/01/brasil-comeca-2021-com-mais-miseraveis-que-ha-uma-decada.shtml>>

trabalho acaba recaindo sobre elas. No espaço privado, as tarefas do cuidado doméstico, dos filhos, dos parentes mais velhos e até mesmo daquelas/es que adoeceram, recaíram, mais uma vez, sobre as mulheres. E, no espaço público, são elas a maior parte das/os trabalhadoras/es que estão no enfrentamento em relação ao combate ao vírus da COVID-19. Consequentemente, são elas também que compõem a maior parte das/os desempregadas/os do país.

Como se não bastasse o excesso de trabalho que recai sobre os corpos das mulheres neste momento, sabemos que o lar é um dos espaços mais perigosos para a existência das mulheres. Alguns estudos têm apontado, como, por exemplo, o Atlas da Violência de 2020, que, entre 2013 e 2018, houve um aumento de 8,3% no número de feminicídios cometidos dentro de suas próprias residências¹¹.

Outros órgãos de pesquisa, como a ONU Mulheres, Agência Patrícia Galvão, Nós Mulheres da Periferia e Instituto Marielle Franco, apontam e denunciam um aumento significativo nas denúncias de violência, derivadas do isolamento social. Como podemos observar a partir do gráfico a seguir (Figura 2), houve um aumento de 27%, entre março e abril de 2020 em relação à mesma época em 2019, no número de denúncia para o Disque 180, Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência do governo federal¹².

Figura 2: Gráfico Violência contra a mulher na pandemia



Fonte: Ligue 180

¹¹ Atlas da Violência de 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

¹² Por dentro do combate à violência doméstica: os desafios de quem atende mulheres. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/noticias/por-dentro-do-combate-a-violencia-domestica-os-desafios-de-quem-atende-mulheres/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Dessa forma, não posso pensar sobre a minha trajetória de vida, sem destacar esses difíceis momentos que temos enfrentado e que têm afetado, sobretudo, a vida das mulheres e, conseqüentemente, a construção desta pesquisa. Refletir sobre a minha trajetória com a pesquisa é muito mais do que lembrar do momento em que prestei seleção para o mestrado e pensar: o que pesquisar? Acredito que, quando viemos de lugares “subalternos”, não há esse questionamento sobre “o que pesquisar”, mas, sim, “como”, como colocar as palavras no papel e saber expressar aquilo que nos incomoda.

Além disso, como sustentar uma pesquisa, sobretudo na área da educação, que faça sentido e de certa maneira tenha um retorno social? Os processos educacionais por que passamos não nos ensinam como fazer isso. Mas, ainda utilizando o texto de Regina Leite Garcia do início deste capítulo, “(...) quem tem certezas, não tem motivos para pesquisar” (GARCIA, 2011, p. 22).

Como mencionado, meu encontro com a pesquisa se dá muito relacionado com a minha trajetória de vida, minha construção enquanto mulher feminista e como professora preocupada com as questões de gênero.

De certa forma, em uma parte da minha vida, fui e sigo inconformada. Incomodada. Não lembro exatamente com que idade as desigualdades começaram a me inquietar, afinal, quando ocupamos espaços subalternos na sociedade, crescemos sempre com a sensação de que algo está errado em nossas vidas, mas não sabemos bem o porquê. Apesar de ser filha única, a vida nunca foi fácil e minha família, principalmente minha mãe, sempre batalhou muito para que nunca me faltasse nada. Quando paro para pensar que sou a segunda da minha família a concluir o ensino superior e a primeira a ingressar na pós-graduação, penso em quantas lutas foram travadas para que eu pudesse alcançar esse objetivo.

Remexendo nas minhas memórias, gosto muito de uma história de quando estava no segundo ano do ensino fundamental e que, talvez, seja um marco para mim, pois reflete o quanto, desde muita pequena, eu questionava muitas coisas. Eu tinha uns sete ou oito anos e estava fascinada com o assunto da aula sobre “O descobrimento do Brasil pelos portugueses” em que a professora explicava a turma sobre como fora a chegada ao país e quem fora seu grande “descobridor”¹³. Recordo-me de ela contando o quanto os indígenas eram diferentes dos portugueses e o quanto estes se envergonharam de vê-los ali nus e sem nenhum tipo de

¹³ Uso as palavras “descobrimento” e “descobridor”, pois, na perspectiva tradicional e conservadora da História, o Brasil nunca foi invadido. No início dos anos 2000, era muito comum ainda se referir a tal acontecimento histórico como “O descobrimento do Brasil” ao invés de “A chegada dos portugueses no Brasil”.

vergonha. Também se falava sobre o quanto os portugueses foram importantes para a História do Brasil e todas aquelas informações com as quais fomos bombardeadas/os a vida toda.

Lembro-me claramente do momento em que levantei a mão e perguntei à professora: “Professora, se os índios já estavam aqui nesse lugar, como que foram os portugueses que descobriram o Brasil? ” A professora ficou me encarando sem saber o que dizer. Lembro até hoje o quanto isso me perturbou. Perguntava para todos na minha família o porquê disso e ninguém sabia me responder. Para mim era tão óbvio, afinal, como alguém iria descobrir algo que já estava descoberto? Lembro-me de perguntar muitas vezes isso à professora, até que um dia, irritada, ela me respondeu: “Sim, Desirée, tu estás certa. Mas, na prova, tu precisas colocar que foram os portugueses. E sempre que te perguntarem. Está bem?!”.

Ironia ou não, quando me chegou o momento e a oportunidade de fazer uma faculdade, em 2014, escolhi História. Eu que, em boa parte do processo escolar, tive contato apenas com uma história europeia e ocidental, acabei tendo contato, nesse curso, com uma infinidade de seres excluídos das narrativas históricas. Nesse percurso, as mulheres acabaram se tornando o meu principal incômodo, minha inquietação constante. Mas, mesmo assim, era uma história androcêntrica, como se as mulheres, como outros grupos sociais, fossem, ainda, meros adereços e não as/os verdadeiras/os protagonistas.

Acabei tendo uma profunda identificação com a história das mulheres e foi então que, em 2014, participando de uma roda de conversa com mulheres do centro acadêmico, escutei, pela primeira vez, a palavra *feminismo*. Eu nunca tinha ouvido esse termo, muito menos imaginava que se tratava de um movimento social contra as desigualdades entre homens e mulheres. Comecei a buscar sobre o tema, a conversar com outras mulheres e logo entendi: eu sempre fora uma feminista.

bell hooks ¹⁴(2017) e Chimamanda Adchie (2016) são autoras que refletem muito sobre esse tornar-se feminista e todo o processo que envolve em como se reconhecer dentro desses contextos. Um ponto em comum entre as autoras é que ambas declaram que, no fundo, sempre foram feministas, apesar de demorarem um certo tempo e percorrerem alguns caminhos para se categorizarem dessa maneira. Isso porque as mulheres feministas carregam uma série de estereótipos, como, por exemplo, serem mulheres que não são amadas ou que não irão casar, culminando ao absurdo de serem classificadas como sujas e acusadas de não se depilarem.

¹⁴ bell hooks é o pseudônimo de Glória Jean Watkins, autora, professora e teórica feminista estadunidense. Seu nome é uma homenagem à sua avó e é escrito em letras minúsculas como um posicionamento político da autora, que, com essa opção, pretende dar mais enfoque à sua escrita do que à sua pessoa.

Embora em contextos bem distintos aos das autoras, reconhecer-me nesse processo enquanto mulher feminista foi muitíssimo doloroso. Venho de uma família pequena, mas composta majoritariamente por mulheres que sempre tiveram que tomar à frente das situações, fato que contribuiu para que tivessem que amadurecer de forma muito rápida. Dessa maneira, assim como as mulheres da minha família, conquanto tenha crescido sabendo que as minhas responsabilidades seriam grandes e que, de alguma forma, as coisas também seriam difíceis para mim, durante a minha infância, não conseguia perceber que muitas dificuldades estavam associadas ao fato de ter nascido mais uma mulher nessa família.

Atrelado a isso, minha família era extremamente religiosa e conservadora. Sempre acreditou e defendeu que os problemas se resolveriam a partir da vontade “divina”. Esses preceitos religiosos se introjetaram muito em mim e na forma como, de alguma maneira, eu me construí enquanto mulher. A religião se alia imensamente ao patriarcado e faz da culpa um importante mecanismo de controle na vida das mulheres. Por isso, reconhecer-me enquanto uma mulher feminista foi imensamente doloroso, porque era totalmente contra ao que eu fui ensinada e criada pra ser.

Meu processo de desconstrução e conhecimento de outras formas de pensar além da religião se deu ainda na escola, mas, sem dúvida, o acesso à universidade me proporcionou uma outra visão de mundo. Quando entrei na universidade e tive contato com o feminismo, a teoria acalentou muitas dores que eu carregava comigo. Foi como se eu passasse a perceber o mundo com outros olhos. Não é como se eu nunca tivesse percebido que homens e mulheres eram tratados com diferença na sociedade, mas, para mim, isso acabava sendo um processo natural de diferenciação social.

Sendo assim, meu reconhecimento enquanto mulher feminista se fortalece também, ao mesmo tempo em que estou construindo minha identidade como professora. Em 2015, no meu segundo ano de graduação, ingressei em um projeto de iniciação à docência. Nesse mesmo ano, iniciaram-se diversas manifestações pelo Brasil que ficaram conhecidas como a “Primavera Feminista”¹⁵ e que iam contra a PL nº 5069, elaborada por Eduardo Cunha, na época presidente da Câmara dos Deputados, que tentava desregular o aborto em caso de estupro. Essas manifestações movimentadas a partir das redes sociais, principalmente pelo *Facebook*, aconteceram em várias regiões do Brasil.

¹⁵ Mulheres voltam a protestar contra o projeto de lei de Eduardo Cunha. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/10/mulheres-voltam-protestar-contraprojeto-de-lei-de-eduardo-cunha.html> Acesso em: 30 jan. 2020.

Surpreendentemente, esse ativismo das mulheres nas redes sociais chegava, de alguma forma, à escola. Quando ingressei no projeto, atuava, juntamente com uma colega, em uma escola de periferia em Rio Grande e logo percebi o quanto as minhas alunas do ensino fundamental vinham para a sala de aula com um posicionamento diferente. Muitas vezes, questionavam o lugar das mulheres dentro dos processos históricos ou porque na História só apareciam os homens. Fiquei me questionando de onde poderia vir esse posicionamento e logo me dei conta de que as redes sociais poderiam ter alguma influência.

Nessa mesma época, eu utilizava muito as redes sociais participando de grupos e fóruns que discutiam sobre diversos temas com um cunho feminista. Não sei ao certo se as minhas alunas do ensino fundamental partilhavam especificamente dos mesmos espaços que eu, mas, de alguma maneira, os conteúdos criados por esses grupos de mulheres que atuam nas redes sociais chegavam às minhas alunas. E chegavam de maneira muito mais natural do que até mesmo haviam chegado para mim, que só tomei conhecimento do feminismo, quando ingressei na universidade.

Esse processo, de fato, me encantou e passei a perceber, nas mídias digitais, principalmente as redes sociais, enquanto espaços políticos e muito potentes para a disseminação do pensamento feminista. Em 2018, com a criação do Grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro e, posteriormente, o Movimento #EleNão, objeto de estudo desta pesquisa, reforçou-se ainda mais o potencial das redes sociais e, principalmente, o quanto as mulheres carecem de espaços de discussão política.

A partir desse movimento, percebi uma grande oportunidade de pesquisa. Percebi, mais do que nunca, a força que o movimento de mulheres possui e o quanto o impulsionamento, através das redes sociais, pode se tornar uma importante ferramenta política de enfrentamento ao conservadorismo. As mulheres são a resistência desse país, tanto no âmbito privado quanto no público.

Portanto, chego a esta pesquisa com uma profunda indignação, utopias e anseio de mudança. A atuação dos movimentos feministas nas redes sociais é um movimento de continuidade, que se atualiza e se reinventa com o objetivo de atingir mais mulheres além dos muros acadêmicos. Em respeito às que vieram antes de nós e que abriram passagem, desejamos que esta pesquisa chegue e conte a história de mulheres que só não sabiam que eram feministas, mas cujas ações, no fundo, sempre revelaram isso.

Somos mulheres, a resistência.

1.2 Breve histórico da ascensão do conservadorismo no Brasil e a misoginia instaurada na política

Realizar um breve apanhado da política contemporânea brasileira é de extrema importância para que possamos compreender os movimentos de resistência organizados pelas mulheres na última década, como o Movimento #EleNão. Esse apanhado requer que realizemos um recorte de gênero, de forma a discutir sobre os desafios impostos pelo sistema patriarcal, principalmente quando as mulheres adentram a política institucional.

Os aspectos históricos que pontuaremos serão tratados a partir de uma perspectiva feminista, de modo a argumentar que os acontecimentos que antecederam e sucederam o golpe de 2016 no Brasil estão relacionados ao fato de termos, naquele momento, uma mulher ocupando um alto cargo de poder, a presidência do país.

De acordo com Gerda Lerner (2019), o patriarcado consiste na manifestação e institucionalização da dominância dos homens sobre as mulheres e que se estende para a sociedade em geral. A partir dessa definição, percebemos que o patriarcado se constitui como um fenômeno histórico-social cuja estrutura de poder perpassa não somente o ambiente privado quanto também o espaço público, sendo o patriarcado “uma expressão do poder político”. (SAFFIOTI, 2017, 58). Com um pouco de esforço, conseguimos perceber claramente como as relações de gênero estão presentes no debate político e, mais do que isso, como o sistema patriarcal está enraizado na política brasileira.

Em 2011, quando as/os brasileiras/os assistiam à posse da primeira mulher eleita ao cargo da presidência do país, houve um certo abalo nas estruturas da política brasileira embasadas na lógica patriarcal. A mulher eleita, Dilma Rousseff, representou uma mudança imensurável para a história das mulheres e para o perfil de cargos políticos dominados majoritariamente por homens. Esse feito causou um imenso entusiasmo ao movimento de mulheres e às camadas populares.

Seu antecessor, Luís Inácio Lula da Silva, integrante do Partido dos Trabalhadores (PT), foi o primeiro presidente do país que, de fato, provinha das camadas populares e que, de operário, acabou se tornando o presidente do país. Conforme nos aponta Perry Anderson, Lula “personifica a experiência das dificuldades do povo e da luta social como nenhum outro governante no mundo” (ANDERSON, 2020, p. 51).

Para exemplificar as profundas transformações causadas por esse governo, quando Lula ascendeu ao poder, havia cerca de 50 milhões pessoas em situação de extrema pobreza. Quando

terminou seu mandato, havia cerca de 19,5 milhões de pessoas saindo da pobreza. Embora o número de pobres continuasse bem expressivo no país, devemos considerar que, em meio à crise instaurada na Europa e Estados Unidos, o Brasil avançou consideravelmente no combate à pobreza¹⁶.

Essa profunda mudança é resultado da inserção de programas sociais, nas áreas como educação e saúde, mas, principalmente, no combate à fome no país, focado em programas de distribuição de renda durante o governo Lula e, sucessivamente, com Dilma.

O Bolsa Família, um dos programas mais importantes do governo e reconhecido internacionalmente, é um dos responsáveis pela redução da pobreza. O programa, ainda presente no país, consiste na distribuição de renda direta, com o valor calculado de acordo com o número de crianças na família, desde que seja comprovado que estas estejam matriculadas na escola¹⁷. De acordo com Zimmermann (2009), a partir de seus estudos com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - de 2008, o Nordeste é a região do Brasil com mais de 50% de sua população pobre e, conseqüentemente, a que obtinha, durante esse período, a maior quantidade de recursos repassados para o Bolsa Família. Nesse sentido, o programa tem um importante significado garantindo a alimentação mínima a muitas famílias, tendo em vista que, para muitas, esta é a única possibilidade de renda.

O Bolsa Família é apenas um dos exemplos e mais significativos que podemos citar em relação aos avanços que tivemos, durante o governo de Lula, para as camadas populares e excluídas da população brasileira: negros, indígenas, crianças, mulheres e a comunidade LGBTQI+.

Desde a campanha política de Dilma, em 2010, até 2016, durante o seu segundo mandato e articulação do golpe à democracia, percebemos esse período como uma experiência prática de desqualificação do ser político através do gênero, assim como o fortalecimento de uma política conservadora após o golpe. Embora Dilma já constituísse um importante envolvimento político desde a adolescência, quando atuou dentro do movimento estudantil e, mais tarde, em organizações clandestinas que faziam frente de resistência à ditadura militar, a construção de sua imagem se deu como alguém que era à parte da política (figura 3).

¹⁶ A Nova Classe Média: O Lado Brilhante dos Pobres/ Marcelo Côrtes Neri (Coord.). - Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010.

¹⁷ O Programa Bolsa Família destina-se a famílias que tenham renda mínima entre R\$89,00 a R\$178,00 por pessoa, desde que existam crianças entre 0 a 17 anos. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/aco-es-e-programas/bolsa-familia>. Acesso em: 05 out. 2020.

Figura 3: Dilma quando foi presa pela ditadura militar na década de 1970



Fonte: Arquivo Memórias da Ditadura

Após a redemocratização do Brasil, no final da década de 1980, Dilma participou de uma série de cargos públicos tanto em níveis regionais e estaduais, culminando na posse do Ministério de Minas e Energia (2003-2005) e, posteriormente, da Casa Civil (2005-2010) durante o governo Lula. Esse último cargo tornou seu nome estimado para as eleições à presidência do Brasil, em 2010, pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

De acordo com Marcio Caetano e Amanda Castro (2019), a participação de Lula na campanha eleitoral de Dilma foi determinante para a sua posse. Afinal, Lula tinha alcançado um equilíbrio econômico e político, tendo em vista que teve um governo baseado na democratização do direito ao consumo e no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)¹⁸.

Caetano e Castro (2019) ainda salientam que o Presidente Lula contou com um forte apelo emocional, elaborado por um discurso que destacava as qualidades de Dilma para o cargo a partir de concepções embasadas na “força” da mulher, apoiadas em valores morais cristãos, chegando até mesmo a dizer que “Dilma é a mãe do PAC”.

Para além disso, muitas acusações foram proferidas pela oposição, com o intuito de construir uma imagem negativa dela. Acusada de terrorismo e sendo a sua imagem vinculada

¹⁸ Conjunto de medidas destinadas a desonerar e incentivar o investimento privado, aumentar o investimento público e aperfeiçoar a política fiscal, promovendo o crescimento acelerado do país com diminuição das desigualdades de renda e entre regiões, preservando, entretanto, o equilíbrio fiscal e monetário e reduzindo a dívida e a vulnerabilidade externa. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/programa-de-aceleracao-do-crescimento-pac>

ao aborto e à criminalidade, Dilma teve até mesmo sua sexualidade questionada pela grande mídia. Imagens falsas de uma suposta ficha criminal circularam nas redes sociais no período, buscando demonstrar que Dilma era uma criminosa. As imagens na verdade faziam referência ao período em que ela foi perseguida durante a ditadura militar, sendo presa e torturada pelo regime.

Importante salientar que as críticas da oposição e até mesmo do eleitorado não se voltavam para questões econômicas, educação ou geração de emprego. Elas tinham um constante apelo moralista e, a partir disso, sua campanha se estruturou buscando desmentir essas acusações falsas e exaltando a “força” da mulher.

Além disso, nesse momento, começávamos a presenciar a ascensão do protestantismo evangélico no Brasil e o vínculo de sua ideologia ao meio político. A partir de um discurso que pregava a teologia da prosperidade, a qual promete sucesso àqueles que seguirem os mandamentos do pastor, o número de políticos dentro do Congresso Nacional cresceu em torno de 50% nas eleições de 2010¹⁹. Esses políticos que acabaram compondo a bancada evangélica atacavam diretamente a descriminalização do aborto e a legalização do casamento homoafetivo.

Dessa forma, essa ideologia que circulava acabou também interferindo na campanha de Dilma de 2010, de maneira que fosse possível exaltar os seus valores de mulher, mãe e religiosa. Ao final do processo eleitoral e com as constantes calúnias proferidas contra ela, Dilma escreveu uma “Carta Aberta ao Povo Brasileiro”, da qual podemos destacar o seguinte excerto:

Se Deus quiser e o povo brasileiro me der, a oportunidade de presidir o país, pretendo editar leis e desenvolver programas que tenham a família como foco principal, a exemplo do Bolsa Família, Minha Casa, Minha Vida e tantos outros que resgatem a cidadania e a dignidade humana”, afirma Dilma. (...). Com estes esclarecimentos, espero contar com vocês para deter a sórdida campanha de calúnias contra mim orquestrada. Não podemos permitir que a mentira se converta em fonte de benefícios eleitorais para aqueles que não têm escrúpulos de manipular a fé e a religião tão respeitada por todos nós. Minha campanha é pela vida, pela paz, pela justiça social, pelo respeito, pela propriedade e pela convivência entre todas as pessoas²⁰.

Dilma que, antes das eleições, não era declaradamente religiosa, após a publicação dessa carta, obteve apoio de grupo religiosos que se manifestaram a favor de sua candidatura e se

¹⁹ “Bancada Evangélica cresce no Congresso quase 50%” Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bancada-evangelica-no-congresso-cresce-quase-50,622384> Acesso em: 03 set. 2020.

²⁰ “Dilma divulga carta para por um fim definitivo na campanha de calúnias”. Disponível em: <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/dilma-divulga-carta-para-por-um-fim-definitivo-campanha-de-calunias.html> Acesso em: 03 set. 2020.

opuseram contra as calúnias proferidas. Ou seja, fazia-se necessário - e as classes dominantes exigiam - que Dilma se enquadrasse em certos valores de cunho moralista para que, de fato, pudesse ocupar a presidência. As premissas religiosas foram decisivas para as eleições, pois demonstravam o compromisso de Dilma com as crenças e os valores judaico-cristãos.

Com uma campanha extremamente difícil, Dilma vence as eleições em segundo turno com 56,05% dos votos válidos²¹. Diferentemente de outros candidatos, Dilma chega ao Palácio do Planalto para a tomada de sua posse acompanhada de sua filha, sendo a primeira mulher do Brasil a ser tornar Presidenta do país.

Com um discurso histórico, não só por ser a primeira mulher a ocupar o maior cargo de poder no Brasil, Dilma agradece ao apoio da população brasileira, às mulheres e garante que pretende prezar, acima de tudo, pela democracia. Podemos destacar o seguinte trecho:

Eu recebi de milhões de brasileiros e de brasileiras a missão, talvez a missão mais importante da minha vida. E esse fato, para além da minha pessoa, é uma demonstração do avanço democrático do nosso país, porque pela primeira vez uma mulher presidirá o Brasil. Já registro, portanto, o meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras para que esse fato até hoje inédito se transforme num evento natural e que ele possa se repetir e se ampliar nas empresas, nas instituições civis e nas entidades representativas de toda a nossa sociedade. A igualdade de oportunidades entre homens e mulheres é um princípio essencial da democracia.

Eu gostaria muito que os pais e as mães das meninas pudessem olhar hoje nos olhos delas e dizer: ‘Sim, a mulher pode’. A minha alegria é ainda maior pelo fato que a presença de uma mulher na Presidência da República se dá pelo caminho sagrado do voto, da decisão democrática do eleitor, do exercício mais elevado da cidadania²²

A posse de Dilma Rousseff abriu, sem dúvidas, muitas oportunidades às mulheres (figura 4), iniciando um novo momento de participação delas na política brasileira. Nessas eleições, houve um número significativo de mulheres eleitas, sendo 45 deputadas, 8 senadoras e 2 governadoras. De acordo com Castro e Caetano (2019), um número alto, se levarmos em

²¹ “Dilma Rousseff: primeira mulher eleita presidente do brasil”. Disponível em: <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/dilma-rousseff-e-primeira-mulher-eleita-presidente-do-brasil.html>. Acesso em: 03 set. 2020.

²² Primeiro pronunciamento de Dilma após as eleições de 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/leia-integra-do-pronunciamento-da-presidente-eleita-dilma-rousseff.html>. Acesso em: 20 set. 2020.

consideração o contexto sociopolítico do Brasil, onde a cultura machista é extremamente presente.

Figura 4: Dilma Rousseff ao lado da filha, na sua posse em 2010



Fonte: Gelédes

Durante o seu mandato, Dilma enfrentou oscilações econômicas, tendo, no início, o crescimento econômico caindo fortemente. Dessa maneira, Dilma acabou mudando a estratégia e instituindo um pacote de medidas buscando estimular o desenvolvimento continuado. Nesse sentido, as taxas de juros foram reduzidas e o capital passou a estar, de certa forma, controlado (ANDERSON, 2020).

Mas o que, de fato, foi marcante, no primeiro mandato de Dilma, foi a tensão política que já dava seus primeiros sinais em meados de 2013. Em junho de 2013, iniciaram-se, em São Paulo, manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus na cidade. Podemos caracterizar as jornadas de junho a partir de duas etapas. A primeira, cuja origem se deu em São Paulo, foi caracterizada como tendo por objetivo a redução do valor da tarifa de ônibus e de metrô, organizada pelo Movimento Passe Livre (MPL). As marchas eram convocadas pelas redes sociais, através de grupos e eventos, reunindo cerca de 5 mil pessoas.

Embora os líderes do MPL, em entrevista ao Programa Roda Viva²³, declararem que as manifestações tinham um carácter específico em torno da redução do valor da tarifa do transporte público na cidade, não foi o que percebemos no decorrer dos dias. A segunda etapa

²³ Entrevista de Dilma Rousseff concedida ao Programa de Tv Roda Viva em 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mU315ihuB8o>. Acesso em: 25 set. 2020.

das jornadas aconteceu em protesto ao uso desmedido da força policial, atraindo pessoas alheias ao movimento do MPL, transformando-o radicalmente. De repente, o movimento chegou a 75 mil pessoas em São Paulo e se espalhou nas principais capitais do país, onde as pessoas iam às ruas sem ao menos saber muito bem o motivo (SINGER, 2020). Os protestos se dirigiam contra a corrupção, críticas aos gastos públicos com a Copa do Mundo de 2014, contra o aumento dos pedágios, rejeição ao Programa Mais Médicos, entre outros. Não havia um objetivo em si para a ocorrência das manifestações.

Segundo André Singer (2020), a literatura sobre o tema atribui que há dois pontos de vista sobre a composição social dessas manifestações. A primeira visão percebe que houve uma parcela da classe média tradicional fazendo parte destas e a segunda percebe a nova classe trabalhadora composta por jovens que haviam conseguido seu primeiro emprego no governo de Lula e que, embora tivessem uma escolaridade superior à de seus pais, possuíam alta rotatividade em empregos com baixa remuneração.

Nesse sentido, Singer (2020) identifica que as duas classes estavam presentes nas jornadas de junho, havendo um cruzamento ideológico em que as manifestações poderiam ter representado um grande momento de ascensão de luta dos trabalhadores. Ao contrário disso, a direita se apropriou do viés anticorrupção, ajudando a endossar o ódio ao PT, aproveitando para explorar e moldar a insatisfação política. Junho de 2013 (figura 5) foi o prólogo do *impeachment* e antecipou o debate para as eleições de 2014.

Figura 5: Manifestações de 2013



Fonte: Foto André Coelho/Agência
O Globo

Mesmo que o final de seu mandato tenha sido marcado por onda de protestos, Dilma se candidatou à reeleição em 2014 e enfrentou uma oposição muito mais agressiva do que em 2010. De toda forma, venceu as eleições com uma margem estreita de votos, caracterizada por uma forte presença do Norte e Nordeste do Brasil. O Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), no entanto, não aceitou a derrota. José Serra, um dos grandes nomes do PSDB, logo no início do segundo mandato de Dilma, em tom de ameaça, alega: “Dilma não concluirá seu mandato”²⁴.

Aécio Neves, candidato derrotado nas eleições e presidente do partido na época, logo apresentou ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) acusações de despesas ilegais por parte da chapa vencedora com o objetivo de anular os resultados e convocar novas eleições. Contudo, dentro do próprio partido, não havia consenso em apoiar Aécio, tendo em vista que sua intenção era atingir tanto Dilma quanto Temer, o vice de Dilma.

José Serra era próximo de Temer, tendo, na política de São Paulo, uma colaboração mútua de longa data. Além disso, Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil e outro grande nome do PSDB, uniu-se a essa aliança. Dessa maneira, restava elaborar um pretexto para o *impeachment* de Dilma. O argumento utilizado foi de que a então presidenta fora acusada de postergar o pagamento de contas públicas a fim de se beneficiar nas eleições, as famosas pedaladas fiscais, uma prática recorrente nos governos anteriores, mas que não possuía o mesmo peso dada a tensão política instaurada em 2015.

Com o argumento posto, restava apenas encaminhar o pedido ao Congresso Nacional, onde Eduardo Cunha, presidente da Câmara, deu sequência ao processo. Ao mesmo tempo, havia as operações da Lava Jato em pleno vigor, presididas pelo Juiz Sergio Moro, em Curitiba, que, juntamente com a mídia, inflamaram ainda mais a opinião pública a favor do *impeachment*.

Eduardo Cunha, que também se tornou alvo da Lava Jato, tendo em vista os escândalos em torno dele sobre o fato de manter milhões de dólares em contas bancárias na Suíça, propôs uma espécie de “pacto de proteção” mútua. No entanto, a liderança nacional do PT, temendo que isso viesse ao público, instruiu seus deputados a votarem pela abertura da ação contra Cunha. Assim, quase que imediatamente, em tom de retaliação, Cunha levou adiante o processo de *impeachment*.

As ruas do Brasil inteiro, principalmente dos grandes centros, lotaram em favor do *impeachment*. Milhões de pessoas clamavam a retirada de uma presidenta eleita

²⁴ “Serra garante que Dilma não concluirá o mandato. É crível?” Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/30/opinion/1422647442_830138.html. Acesso em: 25 set. 2020.

democraticamente. A base social dessas manifestações era uma classe média tradicional. Vestidos de verde amarelo, as/os manifestantes levaram bonecos infláveis para as ruas, até mesmo um caracterizado por Lula sendo preso.

De acordo com Singer (2020), o fantástico protesto do dia 13 de março de 2016 (figura 6) fez questão de mostrar a presença de pessoas de origem popular, ainda que fosse uma pequena minoria, em uma tentativa de demonstrar que o protesto abrangia todas as classes e não somente o descontentamento de uma classe média às direitas.

Figura 6: Manifestações pré-impeachment em 2016



Fonte: Rovena Rosa/Agência Brasil

Além das manifestações televisionadas constantemente, a mídia daquele momento foi a grande responsável por dar o carácter misógino do golpe. As grandes redes de televisão, revistas e jornais de grande circulação no Brasil tentaram, a todo momento, construir a imagem de uma presidenta esgotada, incapaz de governar e até mesmo “histérica”.

De acordo com Flávia Biroli (2018, p. 80), “a ideia de que se tratava de uma mulher perdendo o controle, incapaz de reagir com sensatez à crise política, atravessou todos os registros e esteve presente em maior medida do que outras abordagens na mídia empresarial”. O conteúdo sexualmente violento ganhava cada vez mais espaço nas redes sociais, ao mesmo tempo em que a mídia empresarial estigmatizava a imagem das mulheres, percebendo-as como não capazes de atuar na política, principalmente dentro de um contexto de crise.

Um pouco mais de 15 dias depois dessa onda de protestos, juntamente com o constante apelo midiático, o processo de *impeachment* foi aprovado na Câmara dos Deputados em uma

sessão presidida por Eduardo Cunha. Os deputados transformaram a votação em uma verdadeira festa totalmente teatralizada e dedicaram seus votos à família tradicional, à moral e a Deus. O então deputado na época, Jair Messias Bolsonaro, ao votar sim ao *impeachment*, declarou: "Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra²⁵, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim!"²⁶.

Naquele momento, a sessão deveria ter sido interrompida na Câmara dos Deputados, afinal, é crime contra a democracia fazer apologia ao crime e à tortura. Além disso, os deputados favoráveis ao processo seguravam cartazes em verde e amarelo intitulados "Tchau, querida!", demonstrando o seu apoio e o carácter misógino que assumia todo o processo.

De acordo com Biroli (2018), a ironia presente no "Tchau, querida!" se materializava nos corpos engravatados de 90 homens para cada 10 mulheres nessa legislatura, que comemoravam o afastamento, sem provas, da primeira mulher a chegar à presidência do país.

Infelizmente, o pensamento conservador que se abateu sobre o Brasil foi responsável por depor não somente a primeira mulher a se tornar presidenta no país, mas, principalmente, uma presidenta eleita democraticamente. Quando o golpe de 2016 foi de fato instaurado, não só foi um golpe à presidência, mas à democracia, às mulheres e a todas as minorias sociais desse país. Um golpe profundamente articulado pela grande mídia, pelo sistema judiciário, partidário e pelo empresariado (CASTRO; CAETANO, 2019).

Diante desse cenário, percebemos que o fato de Dilma ser uma mulher a ocupar um cargo de poder fazia com que ela fosse duplamente atacada.

Em seu primeiro pronunciamento após a aprovação do *impeachment* pelo Senado, Dilma declara:

O golpe é contra os movimentos sociais e sindicais é contra os que lutam por direitos em todas as suas acepções: direito ao trabalho e à proteção de leis trabalhistas; direito a uma aposentadoria justa; direito à moradia e à terra; direito à educação, à saúde e à cultura; direito aos jovens de protagonizarem sua história; direitos dos negros, dos indígenas, da população LGBT, das mulheres; direito de se manifestar sem ser reprimido.

²⁵ O Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra foi um coronel do exército brasileiro que atuou na repressão política durante o período de ditadura militar. Foi o primeiro torturador desse período a ser reconhecido. Foi torturador de Dilma Rousseff durante o período em que foi presa política. Era conhecido por utilizar técnicas de tortura que incluíam inserir inseria dentro dos órgãos genitais das mulheres. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Alberto_Brilhante_Ustra#:~:text=Carlos%20Alberto%20Brilhante%20Ustra%20\(Santa,\(1964%2D1985\)%20e%20torturador](https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Alberto_Brilhante_Ustra#:~:text=Carlos%20Alberto%20Brilhante%20Ustra%20(Santa,(1964%2D1985)%20e%20torturador) . Acesso em: 20 set. 2020.

²⁶ "Discurso de Bolsonaro deixa ativistas estarecidos e leva AOB a pedir sua cassação". Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb. Acesso em: 21 set. 2020.

O golpe é contra o povo e contra a Nação. O golpe é misógino. O golpe é homofóbico. O golpe é racista. É a imposição da cultura da intolerância, do preconceito, da violência²⁷.

Esse trecho exemplifica o que as mulheres e demais grupos sociais sofreram após o golpe de 2016. A democracia de um país, como mencionado no discurso de posse no primeiro mandato de Dilma, pressupõe a igualdade entre homens e mulheres. E, quando tivemos uma mulher presidenta e esta foi arrancada de seu cargo, isso ilustra o quanto os valores patriarcais estão arraigados em nossa sociedade.

Muitos fatores que contribuíram para que a primeira presidenta eleita sofresse um processo de *impeachment* estão diretamente relacionados ao fato de ser uma mulher em um alto cargo de poder. O livro “O Golpe na Perspectiva de Gênero”, organizado pelas professoras Linda Rubin e Fernanda Argolo, reúne uma série de textos de várias mulheres filósofas e cientistas sociais sobre os vários aspectos que puderam levar Dilma ao *impeachment*. No entanto, todas são unânimes em dizer que Dilma Rousseff abalou e, de alguma forma, desestabilizou a ordem patriarcal por ser uma mulher ocupando a presidência do país.

Rubin e Argolo (2018) declaram, que durante seu governo, tivemos uma série de avanços para as mulheres e sua participação política. Durante suas duas gestões, tivemos 18 ministras empossadas e uma presidenta de empresa pública. Houve o fortalecimento da Secretaria de Políticas para as Mulheres com uma ministra ligada ao movimento feminista, tendo, em 2015, a Secretaria sido elevada ao status de Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos.

Além disso, houve também um fortalecimento das políticas de ações de enfrentamento de violência contra a mulher, bem como a favor de sua autonomia financeira. Destacamos, aqui, a Lei do Femicídio em 2015, uma pauta antiga do movimento feminista, e, também, o estímulo à autonomia na gestão da vida familiar, tendo, por exemplo, como mais de 90% das/os beneficiadas/os do programa “Minha Casa Minha Vida”, as mulheres.

Além disso, tivemos um importante avanço nas discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas e que estavam se refletindo em políticas públicas. No entanto, em 2015, o debate sobre gênero foi retirado pelos parlamentares do Plano Nacional de Educação (PNE), incentivado pelo Movimento “Escola sem partido”, multiplicando-se ações contra os direitos das mulheres, principalmente em torno dos direitos sexuais e reprodutivos. A ala conservadora

²⁷ “Discurso de Dilma na íntegra após o impeachment” Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/integra-do-discurso-de-dilma-apos-impeachment.html>. Acesso em: 21 set. 2020.

e religiosa alegava que o que estava sendo promovido nas escolas era uma “ideologia de gênero”.

Todos esses aspectos e entre tantos outros que poderíamos citar, mas que não caberiam neste texto, interferiram no processo de *impeachment*, incomodando a estrutura de poder, afinal, o “poder é macho, branco e de preferência heterossexual” (SAFFIOTI, 2015, p. 33).

A filósofa Marcia Tiburi (2018) argumenta que, de alguma forma, o que Dilma viveu durante o processo de *impeachment* foi um estupro político. Apesar de ser uma forte afirmação, podemos relacionar essa questão com o que Rita Segato (2016) argumenta sobre o estupro como uma tática de guerra, pois há, nesse ato, uma dominação não só física como moral. Assim, esse ato é considerado como um ato alegórico por excelência e expressa o controle absoluto sobre os corpos das mulheres.

Relacionando o que Segato (2016) aponta sobre o estupro com a analogia feita por Tiburi (2018), percebemos que a autora se refere ao estupro político no sentido de que toda mulher está para um homem na cultura do estupro, assim como Dilma estava para os políticos golpistas naquele momento. Eles usaram e trataram esse corpo de mulher como um objeto em suas mãos.

Nessa analogia, podemos relacioná-la com o conceito de patriarcado proposto por Saffioti (2015) que o considera como um fenômeno único de dominação-exploração, capaz de atuar de duas formas: por meio do controle da sexualidade e por base econômica. A base econômica, que consiste na discriminação salarial e na segregação social e política, reflete a situação do *impeachment* de uma presidenta no Brasil. Ou seja, o patriarcado pode agir e se reinventar de diversas formas. Não basta apenas incluirmos as mulheres, precisamos superar essa lógica, romper com o sistema.

O que aconteceu com Dilma Rousseff nos faz perceber que o poder do patriarcado não se volta apenas contra as mulheres, mas contra a democracia. Com esse fato, podemos compreender como o poder patriarcal atua e a sua ligação com as instituições sociais, que vão desde o Estado, passando a Igreja até a Escola. O único objetivo dessa estrutura é impedir que as mulheres cheguem ao poder e nele permaneçam.

Com a consumação do golpe, o sistema patriarcal e a política dominada pelos homens seguiam o fluxo histórico. Os anos que se seguiram governados pelo ex-vice-presidente, Michel Temer, foram marcados por constantes cortes de investimento nas áreas de educação, saúde e uma reforma nos direitos trabalhistas que nada beneficiava as/os trabalhadoras/es. Por exemplo, a PEC nº 241 ou PEC nº 55, em 2016, estabeleceu uma emenda constitucional criando um

congelamento das despesas por 20 anos, freando a trajetória de crescimento dos gastos públicos em setores como a educação.

Em meio a esses retrocessos, quando a população brasileira tinha, quase que diariamente, notícias sobre os cortes nos gastos públicos, temos uma profunda crise de representação instaurada na sociedade brasileira que foi alimentada pela grande mídia. Os setores conservadores da política, ainda motivados pelas manifestações de 2013, pelo ódio ao PT e por terem conseguido depor uma presidenta eleita democraticamente, sentiram-se confiantes e pregavam a necessidade de uma completa renovação política. Necessitava-se, segundo essa ala, de um rosto novo, alguém pouco conhecido pelo meio político.

Por conta disso, gradativamente, o nome de Jair Messias Bolsonaro foi ganhando espaço ao longo dos anos de articulação do golpe, sendo, então, candidato às eleições presidenciais de 2018. Entretanto, Bolsonaro nada tinha de uma “nova” política. Fora ex-capitão do exército brasileiro, do qual foi expulso por conduta imprópria e, como vingança, planejou uma série de pequenas explosões em vários quartéis para demonstrar seu descontentamento. Provavelmente por proteção de oficiais superiores, uma breve investigação concluiu que ele não deveria sofrer penalizações. Dessa forma, aos 33 anos, aposentou-se. A partir disso, Bolsonaro tornou-se político profissional, sendo eleito vereador do Rio de Janeiro poucos meses depois desse acontecimento (ANDERSON, 2020).

Em 1990, elegeu-se como deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, sendo reeleito seis vezes, totalizando 27 anos no cargo político. Durante esse período, sua carreira parlamentar se constituiu basicamente em discursos de ódio, apologia à ditadura e à tortura. Seus discursos exaltavam as forças armadas, pediam pena de morte, porte legal de armas e atacavam diretamente os direitos das mulheres e da comunidade LGBTQI+. Em certa ocasião, insultou a deputada e ex-ministra dos Direitos Humanos, Maria do Rosário, atacando-a a partir de suas palavras: “Já disse que não a estuprava porque ela não merece”²⁸.

Além de todo o discurso de ódio proferido, Bolsonaro legitimava ainda mais o discurso misógino desse conservadorismo, em nome da “família tradicional”. Não é mera coincidência que a ascensão do conservadorismo nas eleições de 2014 fez quadruplicar o número de votos para o então deputado federal. Na época, esse salto nos votos foi pouco notado, era um resultado amplificado da crise econômica e pelo antipetismo. Quando nos referimos ao antipetismo, não falamos apenas da fixação que os grupos conservadores possuem na figura de Lula, mas

²⁸ “Já disse que não estupro, porque você não merece”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/10/politica/1418170279_872754.html. Acesso em: 21 set. 2020

também na revolta de verem uma mulher ocupando um cargo de tamanho poder, sendo capazes, inclusive, de ferir a democracia brasileira.

Diante dos interesses políticos do sistema patriarcal, Jair Messias Bolsonaro se mostrou como uma representação perfeita para ocupar o maior cargo de poder executivo do país, a presidência. Sua ascensão não se deu por acaso. Após esse percurso histórico que buscamos brevemente apresentar, percebemos os interesses políticos que estavam por trás antes e após a sua eleição.

A direita política, desde as manifestações de 2013, como discutimos, já percebia o impacto e o poder das redes sociais na formação de opinião, tendo sido este o principal meio responsável para ascensão e popularidade de Bolsonaro.

1.3 O lugar das redes sociais

Neste subcapítulo, pretendemos discutir sobre o espaço em que acontece a pesquisa que, por mais abstrato e amplo que se apresente, constitui-se enquanto um espaço político em disputa. Em se tratando de política, as eleições de 2018, responsáveis por eleger Jair Messias Bolsonaro à presidência do país, demonstraram o grande impacto que as redes sociais exercem na formação da opinião pública. Exercem impacto tanto referente à contribuição da ascensão do conservadorismo no país quanto para o fortalecimento dos movimentos de mulheres que realizam a resistência a essa política, o que caracteriza a ambiguidade desse espaço, mas também um crescente movimento de esperança.

Como mencionado anteriormente, os protestos de 2013, conhecidos como as Jornadas de Junho, foram os primeiros protestos no Brasil a utilizar as redes sociais para mobilizar centenas de pessoas contra o governo. No entanto, alguns setores desse movimento, como, por exemplo, o Movimento Brasil Livre (MBL), se definiram enquanto neoliberais radicais, extremamente aliados com ala da direita conservadora. Alinhado a esse pensamento, Bolsonaro passou a investir no uso das redes sociais para disseminar sua política, algo pouco ou praticamente nada explorado pelos seus adversários políticos, gravando vídeos curtos e de linguagem simples a fim de atrair simpatizantes do seu pensamento.

Em um país como o Brasil, com uma imensa desigualdade social, é importante pensarmos nas pessoas que têm acesso à internet e às redes sociais, assim como de que maneira as pessoas mais utilizam esses espaços. Para pensarmos sobre essas questões, faz-se importante analisar alguns dados sobre o acesso à internet no Brasil nos últimos anos.

Em 2019, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), conduzida pelo IBGE²⁹, investigou o acesso à internet e a posse do telefone móvel celular em pessoas com mais de 10 anos de idade. Nesse mesmo ano, o estudo pôde concluir que 94% da população analisada nessa faixa etária tinham posse de um telefone celular móvel. Em relação à utilização da internet, 82% dos domicílios brasileiros possuíam acesso à internet, sendo utilizada em 98,6% dos casos através de um telefone celular móvel. Quanto à finalidade do uso da internet, o estudo aponta que, em 95,7% dos casos, as pessoas utilizavam a internet para receber ou enviar mensagens de texto, voz ou imagens por diferentes aplicativos.

Além disso, a pesquisa também aponta que, de 2018 a 2019, houve um aumento de 88,5% para 91% das pessoas acima de 10 anos que tinham um telefone móvel celular para uso pessoal com acesso à internet. Em relação ao gênero, 82,5% das mulheres tinham acesso ao telefone celular móvel para fins pessoais, ao passo que os homens representavam 79,3%.

Esses dados nos apontam que o acesso à internet por meio do telefone móvel no país vem não só crescendo, mas sendo o meio mais utilizado pelas/os brasileiras/os devido ao seu custo benefício. Apesar de um celular com acesso à internet não ser um bem barato, ele oferece uma quantidade significativa de recursos, sendo um dos meios de comunicação e de obtenção de informação cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. Por isso, a utilização das mídias móveis, que significa o acesso às redes sociais a partir de telefones celulares móveis, vem sendo popularizada. Mas a questão é: que conteúdos estão sendo compartilhados a partir dessas mídias móveis, já que a maior finalidade das pessoas é enviar e receber mensagens a partir de aplicativos?

Quando discutimos sobre os diferentes usos das mídias móveis, precisamos compreender essas relações, entendendo que elas possuem aspectos tanto positivos quanto negativos. Até mesmo porque a internet é um espaço extremamente amplo, sendo impossível o controle dos conteúdos que circulam nesses espaços. De acordo com Pierre Lévy (2010), as relações sociais estão cada vez mais sendo mediadas por essas tecnologias, o que torna as redes sociais um fenômeno impossível de ser ignorado.

Em se tratando de política, o compartilhamento de conteúdo por aplicativos de mensagens é capaz de interferir na opinião pública e, conseqüentemente, no imaginário social das pessoas. Por imaginário social, compreendemos “a internalização de imagens mentais e de

²⁹“Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel no Brasil: PNAD – Contínua”. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=30362&t=sobre>. Acesso em: 25 mai. 2021.

conjuntos de significados a partir dos quais se condicionam os posicionamentos políticos” (DAMASCENO, 2016, p. 26).

Diante disso, podemos perceber o quanto as mídias (televisão, rádio, jornais impressos e internet) contribuem para a divulgação de mensagens e ideias carregadas de juízo de valor e que interferem significativamente na formação de opiniões. A intrínseca relação entre mídia e política é histórica. Como podemos observar na pesquisa conduzida pelo IBGE, as redes sociais muitas vezes são o único espaço onde algumas pessoas têm contato com o universo da política, justamente por se tratar de um conteúdo rápido e de linguagem acessível, ao alcance das mãos.

A estratégia de Bolsonaro e da ala política que o apoiava, nas eleições de 2018, soube muito bem interferir no imaginário social conduzindo para a formação de opinião, disseminando *fake news* por aplicativos de mensagem a partir de *bots*, mais conhecidos como robôs de internet, capazes de simular ações repetidas vezes e de maneira padrão. Com mais de 7 milhões de seguidores no *Facebook*, no final de 2017, Bolsonaro soube adentrar no imaginário social e interferir na opinião popular, fazendo a população acreditar que a única saída para uma reforma política seria a sua vitória eleitoral.

O espaço digital só é capaz de existir porque existe um espaço real. Assim, a forma como as pessoas utilizam as mídias digitais muito diz sobre quem são. De acordo com Lara Faccioli (2017), a mídia, assim como as necessidades e desejos dos usuários, molda a utilidade do meio digital de acordo com seu momento histórico.

Dessa maneira, ao passo que esse mesmo espaço exerce influência para que Bolsonaro tenha ascendido o poder, ele também deve ser percebido enquanto um espaço potente de fortalecimento dos movimentos sociais e de resistências às políticas bolsonaristas. As redes sociais contribuem atualmente na formação de uma cultura política, enquanto uma ferramenta de luta que pode desestabilizar a cultura política dominante em questão, como fez o Movimento #EleNão em 2018.

O sociólogo Manuel Castells, em seu livro “Redes de Indignação e Esperança movimentos sociais na era da internet”, publicado em 2013, dedica-se a discutir sobre os principais movimentos sociais do século XX que tiveram, como agente impulsionador, as redes sociais. O autor entende o termo redes como a nossa maneira de nos comunicarmos, de nos organizarmos em sociedade, compondo as formas de interação política, econômica e social. A comunicação, na era digital, amplia a nossa forma de comunicação e estende-se para todas as esferas da vida tanto de maneira global quanto local.

Para o autor, o Estado representa a “rede-padrão” contribuindo para o funcionamento de outras redes de poder caracterizadas pelas mais diversas instituições sociais, percebendo-as, portanto, como fontes decisivas de poder. Nesse sentido, o que o autor caracteriza como “contrapoder” seria a capacidade de as pessoas desafiarem o poder imposto pelo Estado, representada pelos movimentos sociais

Na era digital, os movimentos sociais precisam encontrar outros espaços de deliberação política, já que os institucionais estão sendo ocupados pelos interesses de uma elite dominante. Por isso, a necessidade de criação de um novo espaço público. De acordo com Castells (2013), as redes sociais se situam entre o espaço digital e o espaço urbano, configurando-se como um espaço autônomo, oferecendo a autonomia necessária para a organização dos movimentos sociais.

Em relação aos movimentos feministas que atuam por meio das redes sociais, essa situação é bem visível, pois as mulheres não encontram espaços de deliberação política suficientes dentro dos espaços institucionalizados. Geralmente, elas são excluídas desses lugares. Assim, as redes sociais se mostram enquanto espaços profícuos para uma discussão política voltada para suas necessidades e em defesa dos direitos humanos. As mulheres, assim como outros grupos, podem vir a observar as redes como “um espaço de possibilidades de criação de laços com aqueles indivíduos marcados pela mesma diferença” (FACCIOLI, 2017, p. 40).

Assim, a internet, que oferece aos movimentos sociais a oportunidade de organização, é tida como uma plataforma para a construção social da autonomia e da ação direta entre pares. Isso acontece à medida que as redes oferecem um novo padrão de organização de consulta mútua e de retroalimentação. Ou seja, as pessoas que atuam não apenas absorvem o conteúdo que está posto nesses espaços, mas também produzem esse material e, se não produzem, fomentam e disseminam a discussão a partir do compartilhamento. Essa descentralização possibilita novas formas de estratégias e de organização para uma comunicação política que não depende necessariamente do sistema político ou das instituições sociais, mas, sim, das pessoas que estão participando desse processo.

Sendo a autonomia uma das mais importantes características desse movimento, Castells (2013) elenca outros aspectos que caracterizam os movimentos sociais nas redes. Entre tais aspectos, ele aponta que não existe uma liderança formal, de maneira que a organização acontece de forma vertical e com uma estrutura descentralizada. Diferentemente das organizações de direita, esses movimentos não possuem uma liderança atrelada a um apelo

personalista, em que a figura de líder é o foco principal de suas mobilizações. Esses movimentos são voltados para mudanças nos valores sociais, num sentindo educador, formadores de um pensamento que respeite a diversidade e os direitos humanos. Por isso, o companheirismo e a autorreflexão são também características desses movimentos, pois muitas vezes as pessoas envolvidas não se conhecem pessoalmente, mas, por conta de interesses em comum, se aproximam e se movimentam nas redes.

Além disso, uma forte característica desses movimentos e que reflete principalmente na atuação do movimento feminista nas redes é o seu carácter viral. Se um determinado conteúdo “viralizar” nas redes, ele funciona como um rastilho de pólvora, tornando-se muito popular e vindo, até mesmo, a se tornar um movimento que se materializa nas ruas.

No entanto, a despeito de as redes sociais serem o espaço onde esses movimentos acontecem, elas não estão na raiz dessa forma de ativismo. A raiz dos movimentos sociais surge dos conflitos sociais e, sobretudo, da indignação e da vontade de mudança da sociedade. Castells (2013), inclusive, aponta que os movimentos sociais desencadeiam emoções que ajudam as/os participantes a superar o medo e os desafios que possam vir a existir, sendo a raiva uma grande impulsionadora das mudanças.

Por isso, embora a comunicação através das redes sociais seja um aspecto fundamental na organização dos movimentos sociais, ela não se constitui enquanto fenômeno de novidade, mas, antes, de continuidade, pois utiliza a internet, uma tecnologia de nossa época, para informar e educar as pessoas a partir das mídias sociais. Porém, os movimentos sociais historicamente sempre buscaram se apropriar das tecnologias de sua época para que suas pautas pudessem chegar ao maior número de pessoas.

Lívia Alcântara (2015) assevera que o ativismo pela internet é um fenômeno social que surge simultaneamente ao seu desenvolvimento. Suas raízes políticas e ideológicas emergem a partir dos movimentos sociais da década de 1960, como os antiguerra, os direitos civis, o estudantil e até mesmo o feminista. Estes, por sua vez, transformaram a maneira de se fazer ativismo, trazendo novas pautas simbólicas para as discussões e utilizando os meios de comunicação (televisão, rádio e jornal) para realizar o diálogo com a sociedade civil, sendo esta uma das principais estratégias de convencimento dos movimentos sociais daquele período.

Com o passar das décadas e buscando atingir mais pessoas, os movimentos sociais têm, cada vez mais, se apropriado das mídias digitais que passaram a se

caracterizar com base em uma atuação cada vez mais em forma de rede, pela formação de amplas coalizões e pelo enlaçamento ou agregação de grupos identitários, frequentemente segundo a geografia das comunidades culturais,

linguísticas ou a identificação e compartilhamento de certos valores. (MACHADO, 2007, p. 249)

A comunicação estabelecida pelos movimentos sociais e com a sociedade, a partir das redes sociais, é inovadora e caracteriza as formas de ativismo de nosso tempo. Nesse panorama, discutir e problematizar as articulações do movimento feminista dentro do espaço digital se faz de suma importância, tendo em vista que este possibilita impactos e possibilidades socioeducativas a mulheres que, em momentos anteriores, não eram atingidas, sendo as discussões de gênero não somente restritas a ambientes acadêmicos e institucionalizados. Essas mulheres se apropriam desses novos saberes, tendo uma maior conscientização em torno de suas mais diversas condições de opressão, propagando esse conhecimento a seus pares e contribuindo para uma possível diminuição das desigualdades de gênero.

Sendo assim, as mídias sociais são uma potência na propagação das pautas feministas. Entretanto, os ataques a essa forma de ativismo são constantes, provindos de pregadores de ódio, misóginos e conservadores que apontam as feministas como disseminadoras de uma dita “ideologia de gênero”.

Quando Manuel Castells escreveu, em 2013, sobre a atuação dos novos movimentos sociais, estávamos mais otimistas quanto aos usos democráticos que poderíamos fazer da internet. Conquanto seja inegável o quanto o ativismo nas redes sociais fez ecoar múltiplas vozes feministas, hoje, a nossa atenção precisa estar redobrada, pois a violência à qual as mulheres estão constantemente sujeitas também se apresenta nesses espaços. Por isso, é importante ressaltar que esse movimento é de continuidade, afinal, as pautas feministas permanecem as mesmas: violência, assédio sexual, descriminalização do aborto, trabalho, sexismo etc. O que diferencia esse momento de outros do movimento feminista é que as redes sociais possibilitam que essas pautas sejam encaminhadas através da capacidade de articulação que a internet possui, além de potencializar uma estratégia histórica do movimento feminista: o de tornar os problemas privados enquanto problemas políticos.

1.4 Movimento #EleNão: as rosas da resistência nascem do asfalto

As rosas da resistência nascem do asfalto. A gente recebe rosas, mas estaremos de punho cerrado lutando contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas. (MARIELLE FRANCO)

Em meio a um cenário social e político marcado por retrocessos, o movimento feminista e sua atuação através das redes sociais demonstram o quanto esses espaços são potentes para uma educação política e para atuação como agentes da mudança. O movimento #EleNão foi um movimento organizado por mulheres diante do conservadorismo instaurado no Brasil e que havia atingido seu ápice em 2018, mediante a iminência da vitória de um candidato extremamente reacionário.

Apesar de ser um movimento recente, historiadoras/es e sociólogas/os que vêm construindo uma concepção histórica acerca dos governos petistas e ascensão do conservadorismo bolsonarista pouco ou sequer mencionam a resistência que as mulheres realizaram frente à eleição de Bolsonaro.

Como já mencionamos anteriormente, após o golpe de 2016, tivemos, no Brasil, um acirramento das políticas neoliberais e neoconservadoras, o que também propiciou uma expectativa para as eleições seguintes. Durante as eleições presidenciais de 2018, tínhamos, inicialmente, três principais candidatos disputando o cargo: Luís Inácio Lula da Silva (PT), Jair Messias Bolsonaro (PSL) e Ciro Gomes (PDT). De acordo com a pesquisa de intenção de voto realizada pelo Instituto Data Folha, enquanto pré-candidato, Lula liderava as pesquisas com uma margem de 37% de intenções de voto (ANDERSON, 2020).

No entanto, à medida que as eleições foram se aproximando e com o acirramento das operações da investigação Lava-Jato, a popularidade de Bolsonaro foi crescendo. Ele havia lançado a candidatura a partir de um partido novo, o Partido Social Liberal (PSL), com uma campanha que acontecia principalmente dentro das redes sociais e com um viés ideológico voltado ao antipetismo. Bolsonaro, juntamente com seus aliados, articulou uma campanha que acontecia majoritariamente dentro das redes sociais, através de declarações e promessas de campanha pela rede social *Twitter* e também através da disseminação de *fake news* por meio de grupos de *Whatsapp*. Com a prisão de Lula em abril de 2018, fruto das investigações da operação Lava-Jato, esse antipetismo foi cada vez mais alimentado, contribuindo para o crescimento de sua popularidade.

Acontece que, mesmo estando preso, Lula disputou praticamente todo o processo eleitoral e, ainda assim, continuava liderando as pesquisas de intenção de voto, enquanto, contraditoriamente, Bolsonaro, ficava em segundo lugar. Percebendo que as eleições se aproximavam cada vez mais e que Lula não seria solto, o PT decidiu, finalmente, lançar a candidatura de Fernando Haddad, faltando um pouco mais 30 dias para as eleições. Mesmo

com pouco tempo, Haddad construiu sua campanha com apoio de Lula, cumprindo com todos os compromissos de campanha, debates e entrevistas.

Mas, como as pesquisas já apontavam, sem Lula nas eleições, Bolsonaro apenas crescia em popularidade sem comparecer sequer a um debate televisionado para apresentar suas propostas de governo. Como mencionamos, toda a sua campanha foi construída através das redes sociais e, como um lastro de pólvora, ia transmitindo suas ideologias.

Percebendo que cada vez mais a candidatura de Bolsonaro seria algo possível de acontecer, Ludimilla Teixeira, mulher negra, nordestina, funcionária pública e ativista pelos direitos humanos, decidiu criar um grupo na rede social *Facebook*, no final de agosto de 2018, voltado para mulheres discutirem sobre política e, de alguma maneira, pensarem em estratégias a fim de impedir a candidatura de Bolsonaro.

Figura 7: Símbolo do Grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB)



Fonte: Reprodução livre/ *Facebook*

Assim, surgiu o grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB) (figura 7) que, em pouco mais de duas semanas, já atingia mais de 1 milhão de “membras”³⁰ no *Facebook*. O grupo se destinou a discutir e conscientizar as pessoas diante da ameaça que a candidatura de Bolsonaro representaria para as minorias sociais, com o intuito de reunir mulheres tanto da esquerda quanto da direita, mas que tivessem, como ponto em comum, serem contrárias à candidatura dele.

³⁰ A expressão “membras” é um neologismo adotado pelas mulheres que compõem o grupo desde sua criação com o intuito de evidenciar a exclusividade das mulheres nesse espaço, assim como também criticar o machismo presente na linguagem.

A partir das discussões partilhadas no grupo, passou-se a perceber a necessidade de se ocuparem também as ruas. Sendo assim, foram convocadas manifestações para acontecerem nas principais capitais brasileiras, no dia 29 de setembro de 2018, em sinal de repúdio à candidatura de Bolsonaro e buscando impedir que ele vencesse as eleições. O evento que deu origem ao Movimento #EleNão (figura 8) foi chamado assim, visto que, entre os meses de agosto e setembro, Bolsonaro alcançava ainda mais popularidade nas redes sociais tanto daquelas pessoas que eram a favor de sua candidatura quanto daquelas que eram contrárias. Isso acontecia, pois, ao fazer menção do seu nome nas redes sociais, as postagens contra Bolsonaro se misturavam com as que eram a favor, em sua maioria *boots*, dificultando que se soubesse exatamente sobre o que estava se falando dele. Dessa forma, ele se mantinha como os assuntos mais comentados nas redes sociais brasileiras, aumentando ainda mais sua popularidade.

Figura 8: #EleNão



Fonte: Reprodução livre/Facebook

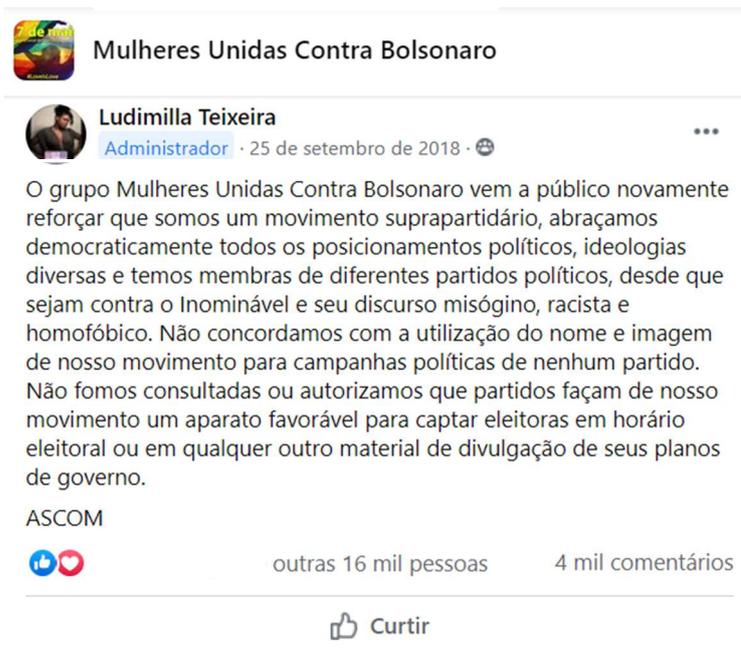
Dentro das discussões do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, passou-se a se pensar em uma outra forma de chamá-lo. A utilização do nome “Ele Não” surge com o intuito de que o nome de Bolsonaro sequer fosse mencionado. O uso do nome atrelado ao uso da *# ou hashtag* é uma prática comum e que funciona como uma espécie de “filtro de pesquisa”, possibilitando que o assunto referente à oposição da candidatura de Bolsonaro fosse achado com mais facilidade, diferentemente se o próprio nome dele fosse utilizado, o que poderia contribuir ainda mais para o crescimento de sua popularidade.

Além disso, uma das discussões tecidas inicialmente no grupo foi em relação ao seu posicionamento. O grupo se definiu apartidário, pelo menos durante o primeiro turno do processo eleitoral. Essa posição foi tomada no intuito de reunir mulheres tanto com uma

perspectiva política de esquerda como de direita. Porém, podemos observar na, figura 9, o quanto esse processo de reunir mulheres de diferentes perspectivas políticas foi conturbado.

O “print” (figura 9) realizado de uma postagem no grupo, do dia 25 de setembro de 2018, dias antes das manifestações nas ruas, demonstra o posicionamento do grupo e sua busca por não se unir a nenhum partido. No entanto, apesar de o grupo não se posicionar efetivamente a favor de determinado partido, podemos perceber que as discussões tecidas e a busca pelo diálogo se alinham a um pensamento mais progressista e, por sua vez, mais voltado a um posicionamento de esquerda. Porém, esse processo foi acontecendo gradualmente, intensificando-se no segundo turno das eleições e, posteriormente, depois do fim do processo eleitoral.

Figura 9: MUCB e o apartidarismo



Fonte: Reprodução livre/Facebook

O grupo MUCB cresceu de forma tão intensa e rápida que, de fato, passou a se apresentar como uma ameaça àquelas/es que eram aliadas/os a Bolsonaro. Em 15 de setembro de 2018, o grupo foi invadido por um grupo de *hackers* que alteraram o nome do grupo para “Mulheres Unidas Com Bolsonaro”. Os invasores realizaram postagens extremamente ofensivas e até mesmo perseguiram as administradoras, “hackeando”, inclusive, a conta da criadora do grupo, Ludimilla. Como o grupo já contava com uma rede de mulheres além de Ludimilla para administrá-lo, algumas delas também sofreram ameaças pessoais através do *Whatsapp*.

Essas atrocidades só reforçaram ainda mais o quanto as/os aliadas/os ao tal candidato em nada representavam os valores democráticos e, até mesmo podemos dizer, da liberdade de expressão. No entanto, esses ataques só fortaleceram o movimento e, em pouco tempo, o grupo foi recuperado e as discussões puderam seguir. As administradoras que tiveram suas contas bloqueadas prestaram queixa na Delegacia de Polícia de seus respectivos municípios, mas, ainda em 2021, os processos estão em trâmite.

Mesmo com toda a perseguição ao grupo de mulheres, as manifestações do #EleNão não deixaram de acontecer e se espalharam por várias cidades no Brasil. A partir do grupo, foram criados outros subgrupos em estados e municípios a fim de organizar as manifestações locais que, inclusive, foram muito importantes para manter a organização do movimento no período em que as administradoras tiveram suas contas bloqueadas e o MUCB “hackeado”.

Conforme a rede de comunicação livre, Mídia Ninja, as manifestações aconteceram nos 27 estados brasileiros em mais de 350 cidades. Além do Brasil, a rede também identificou a ocorrência de protestos em 73 cidades em 33 países, manifestações organizadas por brasileiros que vivem fora do país e que também demonstraram sua oposição à candidatura³¹.

De acordo com a historiadora Célia Regina Jardim, especialista na história do feminismo no Brasil, em entrevista ao jornal BBC, o #EleNão foi a maior manifestação de mulheres da história do Brasil. Ela afirma que

nunca houve uma manifestação dessa envergadura contra um candidato. Na história, houve grandes comícios antes das eleições, mas sempre a favor de alguém. É surpreendente como #EleNão conseguiu juntar tanta gente contra um único candidato³².

Próximo às eleições, o grupo chegou a reunir mais de 2,5 milhões de mulheres. De acordo com Rashit e Souza (2019, p. 12), “o rápido e espantoso crescimento do grupo revelou um anseio da comunidade feminina por um espaço de deliberação política, compartilhamento e aprendizagem”. Ou seja, as mulheres encontraram um espaço para que suas inquietações políticas e sociais fossem debatidas, através de uma rede *on-line* e que, posteriormente, afirmou sua identidade nas ruas do Brasil.

O movimento #EleNão (figura 10) evidenciou o movimento feminista como uma das principais linhas de frente contra os retrocessos sociais e na promoção de uma educação política para os direitos humanos. Além disso, as plataformas digitais se mostraram potencializadoras

³¹ “#EleNão aconteceu em mais de 400 cidades em 34 países” Disponível em: <https://midianinja.org/news/elenaoc-aconteceu-em-mais-de-400-cidades-em-34-paises-balanco-ninja/> Acesso em: 30 out. 2020.

³² “#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos” Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013> Acesso em: 30 out. 2020.

para o movimento de mulheres, à medida em que possibilitaram uma forma de comunicação mais horizontal, mais interativa e sem hierarquias.

Figura 10: Mulheres no Movimento #EleNÃO nas ruas de Salvador (BA)



Fonte: Foto de Sandra Andrade/Mídia Ninja
- Salvador (BA)

Mesmo que o movimento não tenha conquistado o objetivo principal (não permitir que “ele” fosse eleito), o próprio movimento de autorreflexão e de construção social já constitui o resultado. Podemos entender que o processo de transformação ocorre na mentalidade das pessoas, à medida que elas movimentam suas redes, estabelecendo relações *on-line* ou não.

Atualmente, em 2021, o grupo de mulheres se mantém ativo no *Facebook*, ainda sob o nome “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”. Após as eleições de 2018, o grupo tentou modificar o seu nome para “Mulheres Unidas com o Brasil”, porém, a alteração não foi aceita pela ampla maioria de mulheres que compõem o grupo. Além disso, as mulheres que administram e coordenam o grupo perceberam que a luta ainda continuava. No site oficial do grupo está registrado:

Fizemos história nestas eleições presidenciais e seremos oposição e resistência a este governo fascista e opressor. A voz de quase 4 milhões de mulheres saiu das redes sociais e tomou as ruas, os guetos, os quilombos, os assentamentos e as terras indígenas. É tempo de união! Seguimos sob o lema do #EleNÃO porque este presidente não nos representa e juntas não largaremos as mãos de ninguém³³.

³³ Idem.

Percebeu-se que, mais do que impedir que Bolsonaro fosse eleito, era necessário que o movimento de resistência continuasse sendo feito, tendo em vista que sua política não só representava agora uma ameaça, mas, de fato, atacava os direitos das mulheres e demais grupos sociais. Por isso, o objetivo de alguma maneira continuou permanecendo o mesmo: resistir e lutar contra o governo e as políticas bolsonaristas.

Em maio de 2021, o grupo mantém-se ainda com um número elevado de mulheres participando, com números que variam entre 2,3 a 2,5 milhões de membras. Para administrar e coordenar o grupo, há 7 (sete) administradoras e mais de 50 (cinquenta) mulheres que fazem a moderação das postagens diariamente. Cada administradora possui uma equipe de mulheres que estão divididas em três grandes áreas que são: (a) comunicação, responsável pela produção de conteúdo (b) aprovação de postagens (a maior equipe), (c) aprovação de membras e (d) análise de denúncias e faxina de publicações repetidas.

Além disso, o grupo conta com psicólogas e advogadas que prestam atendimento a vítimas de violência ou mulheres que estão em situação de vulnerabilidade. Todo trabalho realizado por todas essas mulheres é feito de forma voluntária, não tendo nenhum financiamento de nenhum órgão ou instituição.

Na descrição do grupo no *Facebook*, o MUCB apresenta-se como sendo

destinado à união das mulheres de todo o Brasil (e as que moram fora do Brasil) contra o avanço e fortalecimento do machismo, misoginia, racismo, homofobia e outros tipos de preconceitos. Acreditamos que este cenário que em princípio nos atormenta pelas ameaças as nossas conquistas e direitos é uma grande oportunidade para nos reafirmarmos enquanto seres políticos e sujeitos de direito. Esta é uma grande oportunidade de união! De reconhecimento da nossa força! Nas últimas eleições lutamos sob o lema do #EleNao e agora seguimos unidas na resistência e enfrentamento a esse governo fascista. O reconhecimento da força da união de nós mulheres pode direcionar o futuro deste país! Bem-vindas aquelas que se identificam com o crescimento deste movimento.

Nesse sentido, percebemos, atualmente, que a atuação de mulheres nas redes sociais por meio do MUCB é muito mais do que um simples grupo de discussão no *Facebook*. Ele se constitui hoje como uma comunidade que tem por intuito oportunizar uma educação política para/pelas mulheres em defesa dos direitos humanos. O movimento #EleNao foi a materialização nas ruas do quanto esses espaços são fundamentais, se quisermos conscientizar um número ainda maior de pessoas sobre a situação política do país.

2 METODOLOGIAS

Neste capítulo, discutimos e explicitamos o campo teórico-metodológico aplicado à pesquisa. Esta é uma pesquisa que utiliza os pressupostos metodológicos da etnografia digital e dos estudos feministas. Propomo-nos, assim, a construir uma *etnografia digital feminista* com intuito de compreender como as experiências das mulheres na construção do Movimento #EleNão, na rede social *Facebook*, são potentes para uma educação política para/pelas mulheres. Esse processo aconteceu a partir de uma observação parcialmente aberta do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro e, também, da realização de entrevistas semiestruturadas com três administradoras do grupo. Combinando as duas metodologias de pesquisa – a etnografia digital e metodologia feminista –, entendemos as especificidades de análise que o espaço *on-line* requer, mas também compreendemos que a perspectiva feminista é fundamental para análise do fenômeno social, tendo em vista que o movimento é construído pelas/para mulheres.

2.1 Pressupostos de uma etnografia digital

Os aspectos que orientam a pesquisa qualitativa são completamente distintos dos da pesquisa quantitativa. Nas pesquisas de abordagem qualitativa, orientadas por uma variedade de métodos e abordagens teóricas, busca-se a escolha adequada dos métodos e das teorias convenientes à investigação a ser realizada.

Devido à grande multiplicidade de abordagens que a pesquisa qualitativa oportuniza, esse modelo favorece a pesquisa sobre temas incomuns e que seriam difíceis de resolver dentro de um modelo de pesquisa quantitativa. Por isso que o objeto de pesquisa, de acordo com Uwe Flick (2009), é determinante para a escolha do modelo de pesquisa e não o contrário.

Os objetos de estudo não estão submetidos a certas variáveis, mas, sim, representados dentro de certos contextos sociais. Os campos de atuação da pesquisa qualitativa não são laboratórios artificiais, mas se constituem enquanto as práticas de interação que as pessoas estabelecem em seu cotidiano.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa está muito mais preocupada em determinar se as descobertas da pesquisa possuem relevância social e se estão embasadas teórica e metodologicamente do que em testar a legitimidade de uma teoria.

Tendo em vista os aspectos que diferenciam a pesquisa qualitativa da quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação da/o pesquisadora/or com seu campo de estudo como parte fundamental na produção do conhecimento. Nesse sentido, a subjetividade tanto da/o pesquisadora/or quanto das pessoas que estão sendo pesquisadas é parte importante da investigação. As reflexões, assim como sentimentos e sensações, se constituem como parte interpretativa da pesquisa, devendo ser documentadas em diários de campo ou em outros tipos de material de registro (FLICK, 2009).

Assim, diante dessa variedade de abordagens, a pesquisa qualitativa assume várias perspectivas que vão, de certa forma, orientar seu carácter teórico. A perspectiva teórica adotada para esta pesquisa utiliza pressupostos da etnografia virtual, que, em linhas gerais, se caracteriza como uma vertente da etnografia que realiza a pesquisa qualitativa de forma *on-line*.

Para que possamos nos situar, faz-se necessário compreender o que significa a etnografia enquanto metodologia. A etnografia consiste em uma triangulação de métodos de pesquisa (observação participante, coleta de dados, entrevistas, etc) que, em linhas gerais, busca descrever as realidades sociais e sua produção. Para Flick (2009),

a etnografia substitui estudos que utilizam da observação participante. Ela visa menos à compreensão dos eventos ou processos sociais a partir de relatos sobre estes eventos (por exemplo, uma entrevista), mas sim uma compreensão dos processos sociais de produção desses eventos a partir de uma perspectiva interna ao processo, por meio da participação durante seu desenvolvimento. (FLICK, 2009, p. 31)

A partir dessa definição, compreendemos a etnografia como uma metodologia de pesquisa qualitativa embasada na participação por um determinado período de tempo no espaço onde a pesquisa acontece. No caso da etnografia digital, essa participação se faz no espaço *on-line*, observando e analisando as práticas culturais e sociais ali presentes. De acordo com Felipe André Padilha (2019), os estudos etnográficos historicamente interessam-se pelas práticas socioculturais e pelos significados que essas práticas simbolizam para os seus praticantes. Nesse sentido, podemos compreender a etnografia também como um certo tipo de descrição que busca compreender as práticas sociais em busca de explicar as lógicas que constituem a vida social do grupo ou contexto que está sendo estudado, sem perder de vista a maneira como as pessoas envolvidas na pesquisa concebem esses aspectos.

A etnografia se inicia, sobretudo, na Antropologia e, ao longo do tempo, foi sendo utilizada em outras áreas das Ciências Humanas, como a Educação, aumentando ainda mais as possibilidades de como se fazer uma pesquisa qualitativa. Diante de um maior leque de possibilidades de aplicabilidade do método, outros métodos podem ser agregados e, nem por

isso, a rigorosidade metodológica será menos evidente. Nesse sentido, flexibilizando o método, podemos também flexibilizar sua definição, entendendo a etnografia, também, como uma adaptação de métodos ao objeto de estudo e que se utiliza de qualquer *insight* adicional para agregar conhecimento metodológico e epistemológico à pesquisa (FLICK, 2009).

De acordo com a Agência Brasil, 134 milhões³⁴ de brasileiras/os têm acesso à internet, o que significa que, em média, 3 (três) em cada 4 (quatro) pessoas estão conectadas, números que só vêm crescendo com o passar dos anos. Esse fato, de certa forma, evidencia a popularização do acesso às mídias digitais e, conseqüentemente, o acesso às redes sociais. Essa modificação nas formas de socialização apresenta os espaços digitais como espaços profícuos para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas, tendo em vista a infinidade de possibilidades de pesquisa que tenham, por intuito geral, compreender como acontecem as relações pelas/com as mídias sociais.

Nesse sentido, os métodos etnográficos têm sido adaptados para a utilização de uma *etnografia digital*, que consiste, em linhas gerais, na realização de um estudo etnográfico dentro de espaços virtuais, tendo sido, nos últimos anos, mais comumente usada nas pesquisas que buscam compreender como acontecem as interações sociais dentro das redes sociais.

Quando usamos o termo *digital*, buscamos utilizá-lo com o mesmo sentido atribuído por Padilha (2019), como um conjunto de práticas sociais específicas que entrelaçam humanos e não-humanos em ações que atravessam o cotidiano social. Dessa maneira, conseguimos compreender o uso das mídias digitais como um fenômeno extensivo pela vida social.

Podemos observar que, nos últimos dez anos, fomos completamente invadidas/os pela utilização das mídias móveis³⁵ e das redes sociais, fator que modificou completamente as relações com a internet. No final do século XX, havia duas opiniões bem categóricas acerca da representação da internet: uma visão utópica sobre ela, percebendo-a como um grande avanço tecnológico na vida das pessoas ou uma visão negativa, atribuindo a internet como substituta das interações reais entre as pessoas.

Acontece que, passados mais de vinte anos deste século, percebemos que o uso e o acesso à internet ainda causam grandes controvérsias nas Ciências Humanas. Há quem diga, como Bruno Latour (2012), antes mesmo de as mídias móveis adquirirem a dimensão atual na forma de se comunicar, torna-se necessário compreender sobre a hibridização entre as

³⁴ Brasil têm 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa. Disponível em: <https://agenciabrasil.abc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 10 jul. 2021.

³⁵ Mídias móveis configuram-se como o acesso à internet através de telefones celulares, o que ajudou a popularizar o acesso às redes sociais, principalmente em países periféricos.

tecnologias e os seres humanos. Ao encontro desse pensamento, o sociólogo Manuel Castells (2013) afirma que já não podemos distinguir o que é o mundo *on-line* e *off-line*, pois ambos estão constantemente interligados e se sobrepõem um ao outro. Já Cristine Hime (2012), considerada uma das precursoras na utilização da etnografia digital, propõe compreender as relações humanas separadas das relações virtuais. Muitas são as perspectivas possíveis sobre o espaço digital.

Partindo de uma perspectiva mais sociológica, buscamos muito mais compreender, nesta pesquisa, como se dão as relações entre pessoas e as tecnologias do que garantir um discurso pautado na fragilidade dos laços sociais na contemporaneidade, enquanto superficiais e transitórios. Nas palavras de Padilha (2019):

On e offline são planos que se constituem de forma mútua e estão entrelaçados de modo inextricável sendo parte de um processo de modelagem social da tecnologia. Assim, não se trata de buscar a utopia ou a distopia, mas de refletir sobre como tecnologias e pessoas se afetam mutuamente. (PADILHA, 2019, p. 72)

A partir da perspectiva de alguns pesquisadores que utilizam como campo metodológico a etnografia digital, podemos ousar afirmar a importância da condição digital no contexto da cultura contemporânea, uma vez que esse fato constitui um fenômeno social da nossa era, o qual não deve ser desprezado, mas, sim, compreendido. Podemos dizer, assim, que a etnografia, associada ao campo *on-line*, vem cada vez mais sendo utilizada nas pesquisas qualitativas, apropriando-se de aspectos da etnografia clássica, pois ambas consistem, de maneira geral, em classificar e observar os fenômenos sociais.

Claudia Pereira Ferraz (2019) define a etnografia digital como uma metodologia que se configura enquanto uma atualização do fazer etnográfico. Embasada nas concepções de Marcel Mauss (1993), a autora afirma que a etnografia consiste no ato de observar e classificar os fenômenos sociais e, na era digital, isso representa um universo de estudos. Dentro da perspectiva da Antropologia e que se estende de forma interdisciplinar, a autora assim se manifesta:

Em nossa análise etnográfica em redes digitais percebemos que extensão deste método para as práticas analíticas em rede não corrompe a Antropologia, ela reatualiza os fundamentos da etnografia pela possibilidade do encontro com uma série de dados, os quais isolados podem parecer insignificantes, mas que juntos, conforme Mauss inspira a pensar, seguem a “representação da concentração de uma série de princípios e valores”. (FERRAZ, 2019, p. 48)

A partir desses aspectos, podemos perceber as tecnologias enquanto facilitadoras dos registros e recortes para a pesquisa consistindo, inclusive, numa certa mudança na forma de se

fazer ciência. Contudo, a etnografia digital não consiste em uma nova metodologia, mas, antes, numa adaptação dos métodos etnográficos a partir das novas tecnologias digitais a fim de que possamos pensar novas práticas e lógicas para a análise dos dados em pesquisas qualitativas, como já buscamos mencionar anteriormente.

Uma das premissas da pesquisa qualitativa é que cada fenômeno social a ser analisado, independentemente do campo, exige um olhar diferente e, conseqüentemente, diferentes estratégias de coleta para a análise dos dados coletados durante a inserção no campo. Para a etnografia digital, Ferraz (2019) pressupõe a necessidade de certos questionamentos para a realização da pesquisa, como principalmente:

- 1) Qual o fenômeno que podemos visualizar e mapear no campo digital?
- 2) Quais os caminhos possíveis para delimitar o problema e categorizar os dados?
- 3) Qual a relação entre o pesquisador e área do problema a ser estudado?

A partir desses questionamentos, a mesma autora, Ferraz (2019, p. 61-63), propõe três procedimentos de coleta de dados que podem ser utilizados no fazer etnográfico dentro das mídias digitais, que partem de alguns princípios da etnografia clássica e que são realocados ao campo *on-line*.

O primeiro deles refere-se à forma como acontece a coleta de dados, ou seja, a/o pesquisadora/or precisa delimitar qual o portal no qual seus dados serão observados e coletados, afinal, a internet é um campo extremamente vasto. Esse portal pode ser uma rede social, um blog, sites, fóruns de bate-papo, listas de *e-mail* etc.

O segundo compõe a observação-online, que consiste na utilização de diversas técnicas, como ingressar nos grupos de discussão, observar os arquivos compartilhados, as mensagens publicadas e os perfis das pessoas que fazem parte desses espaços. Se a pesquisa for direcionada a compreender a atuação dessas pessoas na internet, a autora indica, inclusive, que possam ser usadas outras plataformas digitais a fim de comparar dados.

Além disso, as observações utilizadas na pesquisa qualitativa em campo *on-line* podem acontecer a partir de três perspectivas: (a) aberta, em que a/o pesquisadora/or atua e participa diretamente do grupo, inclusive fazendo parte ativa dele; (b) parcialmente aberta, em que a/o pesquisadora/or faz parte do grupo, mas estabelece apenas uma comunicação formal com os membros sempre em relação à pesquisa, apenas observando os diálogos traçados e, por último,

(c) observação oculta em que a/o pesquisadora/or integra a comunidade, mas não atua diretamente, lendo, de forma oculta, as discussões traçadas no grupo.

O terceiro procedimento comumente utilizado nesta metodologia de pesquisa são as entrevistas *on-line*, as quais podem acontecer em tempo real, através da utilização de câmeras e microfones, como também por mensagem escrita (chats virtuais e *e-mails*, por exemplo). Quando as entrevistas não acontecem de forma síncrona, garantem uma veracidade menor para a coleta dos dados, pois a/o entrevistada/o acaba podendo responder as perguntas com mais tempo, fato que acaba tornando o evento menos espontâneo.

A forma como a pesquisa acontecerá dentro do campo *on-line* não deve esquecer-se de uma premissa clássica e importante dos estudos etnográficos: o diário de campo. A etnografia digital não abandona a importância das anotações, gravações e impressões da/o pesquisadora/or sobre as publicações e materiais produzidos pelas pessoas que compõem a pesquisa. Esses materiais podem ser analisados a partir de práticas de uma “observação implícita”, pois trazem uma série de significados que caracterizam as relações estruturais dentro do campo *on-line*.

Conforme nos afirma ainda a autora Ferraz (2019), tanto os estudos enográficos clássicos como os mais recentes consistem em escrever a cultura e isso depende de uma série de procedimentos os quais devem ser constantemente registrados. Inclusive, a partir desses registros, acontece, também, o envolvimento da prática da/o pesquisadora/or com o objeto estudado em um exercício de autorreflexão.

2.2 As entrevistas

Diante do exposto, utilizaremos o terceiro procedimento, as entrevistas *on-line*, a partir da realização de entrevistas semiestruturadas (anexo I). As entrevistas foram realizadas com três moderadoras do grupo na rede social *Facebook* “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”, partindo de uma observação parcialmente aberta do grupo. Essa sequência foi escolhida, pois sou uma participante do grupo desde o seu surgimento em agosto de 2018, embora não atue diretamente no compartilhamento de postagens ou criação de conteúdo, apenas acompanhando suas atividades e propostas.

A escolha pela realização de entrevistas se dá no sentido de humanizar as mulheres que estão à frente do grupo, compreendendo suas vivências e trajetórias na militância. Compreendemos que as entrevistas que acontecem no ambiente *on-line* não se dão da mesma forma que presencialmente, pois uma série de fatores interfere na forma como a/o entrevistada/o

se porta, o que, de certa forma, reflete as limitações de tal campo metodológico. Todavia, como o espaço *on-line* é o espaço de atuação e de militância dessas mulheres, acreditamos ser um espaço profícuo para a realização desta pesquisa.

Em relação à entrevista semiestruturada (anexo I), baseamos as perguntas em Gohn (2011), que elenca doze aprendizagens possíveis de serem desenvolvidas dentro dos movimentos sociais. Essa separação acontece para fins didáticos, uma vez que são múltiplas as formas de aprender. Elas podem acontecer em carácter, por exemplo: prático, teórico, técnico, cultural, ético, reflexivo, econômico, simbólico.

Tendo esse embasamento, organizamos as perguntas de maneira mais abrangente possível, de forma que as entrevistadas pudessem trazer outros aspectos que julgassem importantes. Buscamos, ainda, para além de compreender o que foi o movimento, trazer as trajetórias de vida e que também se caracterizam como trajetórias políticas dessas mulheres.

As entrevistas aconteceram entre os meses de maio e junho de 2021, através da plataforma *Google Meet* e foram gravadas, utilizando um programa de vídeo gratuito chamado *apowersoft*. Sem estabelecer um tempo de entrevista, buscamos, assim, deixar as entrevistadas de forma mais à vontade possível para contarem suas trajetórias e envolvimento com a militância. Assim, as entrevistas variaram entre 1h30 minutos até 2h30 minutos.

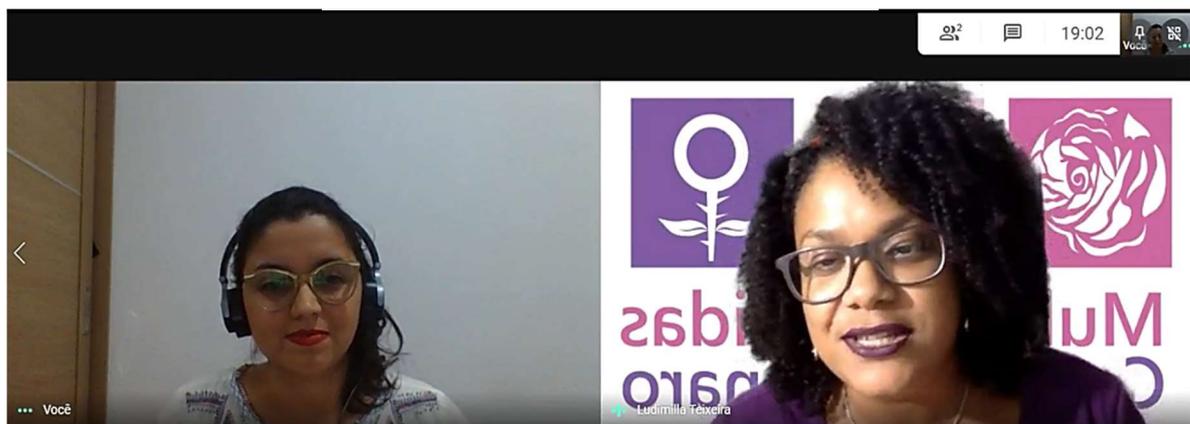
Antes da realização das entrevistas, foi enviado às participantes da pesquisa um termo de consentimento de uso de suas falas e também de uso de imagem de acordo com o modelo proposto pelo Programa de Pós-Graduação (PPGEDU/FURG). Mesmo sendo oferecido completo sigilo do aparecimento de seus nomes para esta pesquisa, todas elas optaram que fossem usados os seus nomes reais, justificando que já estão expostas diariamente em suas redes sociais, não havendo, por isso, problema na utilização dos seus nomes na investigação.

Mesmo assim, por diversas vezes, cogitamos manter em sigilo os nomes das entrevistadas a fim de protegê-las de possíveis ataques e também seguindo uma característica das pesquisas feministas. Por fim, optamos por seguir a vontade das participantes em utilizar os seus nomes, até mesmo como uma posição política e de respeito a todo trabalho que essas mulheres têm feito desde 2018. Todas as autorizações foram assinadas e encontram-se em anexo (anexo II).

Assim sendo, Ludimilla Teixeira, Liliane de Abreu e Bianca Fuentes – apresentadas assim com nome e sobrenome - aceitaram nos contar sua trajetória de vida, seu envolvimento com a militância e o seu fortalecimento, à medida que as redes sociais vão se fortalecendo.

Ludimilla (figura 11) é uma mulher extremamente cativante. Sua fala convicta e forte nos emociona no instante em que a conhecemos. Tem uma oratória de quem, de fato, nasceu para a política. Mulher autodeclarada negra, tem 37 anos, formada em Comunicação Social, funcionária pública do INSS e, como ela mesma gosta de se apresentar, “(...) cria da periferia de Salvador, bairro de Cajazeiras”. Foi Ludimilla a grande responsável pelo pontapé inicial e a criação do grupo, mas, como ela bem salienta, esse processo não se deu sozinha, sendo o grupo construído e mantido de forma coletiva por uma equipe de mulheres do Brasil e, também, de fora dele. Ludimilla, por conta de ser a idealizadora do grupo, foi a primeira com quem estabelecemos contato, tendo ela se mostrado prontamente solícita em participar da pesquisa, tendo participado, inclusive, de algumas atividades promovidas pelo grupo de pesquisa no qual a pesquisa está inserida, Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Lélia Gonzalez, em *lives* e demais encontros de forma *on-line* do grupo.

Figura 11: Ludimilla Teixeira - Entrevista



Fonte: Acervo da autora

A formação política de Ludimilla acontece a partir de sua atuação primeiramente no movimento estudantil e, por fim, no movimento sindical no qual ainda atua. Antes de ela me fornecer essas informações, pergunto a ela quando se deram os seus primeiros contatos com a militância e ela me responde:

Eu sempre falo que a militância, para uma mulher negra de periferia, não é uma opção. Você não acorda, lê um livro e pensa: oba, vou ser militante! É, não é uma opção. A gente não tem muito. Não tem muita escolha. Ou você luta, resiste, persiste, enfrenta e dá a mão a outra ou outro e vai junto. Ou você fica para trás. Entende?! Periferia tudo é precário. Transporte público, escola, posto de saúde, emprego. Tudo! Então, eu cresci nessa periferia por sinal, é, agradeço muito essa oportunidade as divindades se elas existem que eu nasci nesse lugar porque meu coração, minha memória afetiva e familiar.

*Minha formação enquanto ser humano eu devo muito a esse lugar*³⁶.
(LUDIMILLA)

Nessa sua fala, conseguimos perceber o quanto a luta das mulheres, especialmente das mulheres negras, não se dá por escolha, mas por uma necessidade. Necessidade de sobrevivência em uma sociedade que, alimentada pelo patriarcalismo e pelo racismo, não oferece condições favoráveis de existência para que essas pessoas possam viver.

Para além da formação do Movimento #EleNão, Ludimilla me contou como foram o seu ingresso e a sua permanência na universidade. Sonhava em ser jornalista, mas, como não conseguira passar em uma universidade pública, acabou ingressando no curso de Comunicação Social na Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Conseguiu concluir e pagar pelos seus estudos, graças ao seu ingresso por meio de concurso público no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e, posteriormente, à conquista de uma bolsa que cobria parte dos custos do curso. Conversamos muito sobre a questão das desigualdades sociais presentes no Brasil e, principalmente, acerca da questão racial. Ludimilla foi vítima de uma violência policial, que lhe deixou marcas psicológicas e físicas muito profundas. Ao mesmo tempo, essa situação foi muito importante, como ela mesma narra em nossa conversa, para o seu reconhecimento enquanto uma mulher negra.

E aí essa dificuldade de se enxergar enquanto mulher negra. Enquanto detentora de uma ancestralidade. De uma história que a gente sabe que foi apagada.... Que ao longo da escravização. E o quanto é difícil pra gente! Então, assim eu sempre tive essa dificuldade. E... Eu já tinha ouvido muitas coisas racistas. Racistas no trabalho. Já tinham me chamado de neguinha fedida. Já tinha tido problema com relacionamento, com aquele carinho assim, que quer te esconder. Que não quer que ninguém saiba porque é um cara branco. Aí se relaciona com você e não quer que ninguém saiba. Esconde. Já tive esse problema também! (...) Mas na delegacia, eu senti o racismo institucional. De verdade! Na pele! (LUDIMILLA)

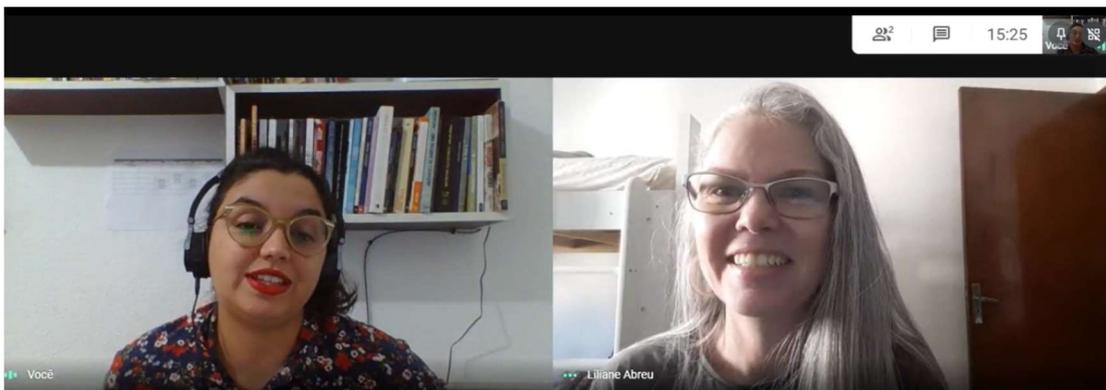
Com apoio familiar, médico e psicológico, Ludimilla hoje consegue contar sua história, compartilhando sua experiência e, de alguma forma, impedindo que outras famílias enfrentem essa violência policial a qual legitima o pacto do Estado para com a manutenção das desigualdades. A partir de nossa conversa, que durou quase três horas, Ludimilla mostrou que, apesar de carregar consigo muitas dores, ela as transformou em uma luta em prol das mulheres, principalmente, das que sustentam e carregam este país: mulheres trabalhadoras, empobrecidas e negras.

³⁶ Optei por grifar em itálico as falas das entrevistadas.

Já Liliane (figura 12), a nossa segunda entrevistada, é uma mulher com muitas coisas para falar. Mulher autodeclarada branca, tem 51 anos, entre tantos cursos que já realizou, está nos semestres finais do curso de Psicologia em São Paulo. Carioca, já morou de norte a sul do Brasil, colecionando muitas histórias para contar e, assim como Ludimilla, tem história de dor e luta, mas sobretudo, de resiliência.

Uma das primeiras coisas que Liliane me contou, durante a nossa conversa, foi que ela era filha de um pai militar que atuava prestando serviços diretos para o regime ditatorial nas décadas de 1960 e 1970. Por conta disso, morou em várias regiões do Brasil, o que lhe possibilitou um conhecimento e um aprendizado enorme a partir de suas vivências. Essa questão, embora pareça pouco relevante, é determinante para a construção de seu posicionamento político que, até o ano de 2015, mais ou menos, era extremamente afinado à direita. Por conta de um histórico familiar de violências e abusos, Liliane se casou muito cedo e, hoje, é mãe de três jovens adultos.

Figura 1: Liliane Abreu - entrevista



Fonte: Acervo da autora

Sua trajetória de envolvimento com os movimentos sociais se dá a partir da prestação de trabalhos voluntários. Desde a sua adolescência, por ter feito magistério, lecionava em comunidades periféricas em Recife, onde morava na época. Depois de adulta e de ter enfrentado um processo intenso de depressão, Liliane começou a prestar serviços voluntários como arte-terapeuta em São Paulo, lugar em que reside. Ela nos contou o que essa experiência significou em sua vida:

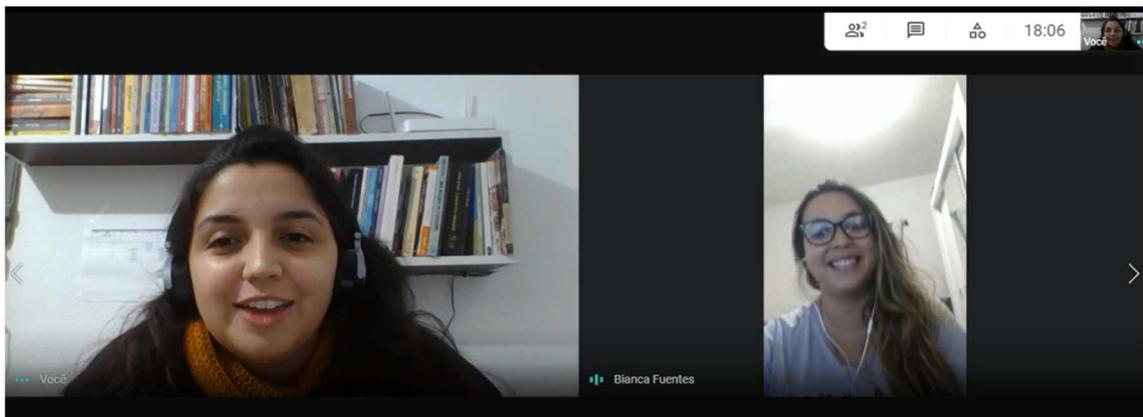
Eu até me emociono porque assim veio em um momento que tava muito difícil pra mim. E, assim, você encarar as dores dos outros, você começa a refletir sobre as suas próprias dores. E, nesse meio tempo, eu vim acabar parando aqui em São Paulo. Depois de um tempinho, eu comecei a fazer a faculdade... E aí eu dei cara com essa coisa do Movimento do Ele Não. E entrei.

Mas, assim, se você falar movimento, ONG, ou seja, lá qualquer entidade que eu tenha trabalhado mesmo, o que eu fiz foi essa parte na época do hospital. Fora isso era uma coisa muito solitária! Eu fiz a vida inteira! Eu socorria vítimas de violência sexual. Eu socorria pessoas que estavam em situação de violência. Sobretudo, essas. Mais alguém que estava precisando alguma coisa relativa com fome. Ou que estava desempregado. Eu era sempre aquela pessoa que, infelizmente, de forma sozinha, a andorinha sozinha, eu abraçava as pessoas. E aí ajudava até o ponto de elas poderem caminhar sozinha. (LILIANE)

Conhecer e principalmente ouvir Liliane nos levaram a refletir, a partir de nosso referencial teórico-metodológico, o quanto é fundamental compreendermos as vidas das mulheres a partir de suas experiências de vida. A resignificação das dores em formas de luta, assim como Ludimilla também fez, resume o que foi a nossa conversa.

Bianca (figura 13), um pouco menos falante, mas nem por isso menos ativa, contou-nos mais sobre sua militância e seu envolvimento com o grupo em 2018. Conversamos muito sobre as correntes feministas e a importância de uma atuação responsável do movimento nas redes. Mulher autodeclarada branca, com 31 anos, carioca, Engenheira Ambiental de formação, atua hoje mais na área da Educação em cursos profissionalizantes voltados para a produção industrial.

Figura 13: Bianca Fuentes - entrevista



Fonte: Acervo da autora

Sua militância se construiu a partir de trabalhos voluntários, atuando na Fundação SOS Mata Atlântica, por exemplo. Hoje, Bianca também é filiada ao PSOL e defende uma política partidária. Quando perguntamos a ela quando se deu o seu envolvimento com o feminismo e qual a sua percepção sobre o movimento, ela nos diz:

Eu tenho inúmeras críticas, claro, ao movimento. Eu falo abertamente sobre essas críticas dentro do movimento. Eu sou feminista. Mas, eu não vou fechar os olhos pra, por exemplo, que existe problemas que devem ser observados. Eu entendo que alguns desses problemas eles são problemas graves, eles são

problemas sérios. Então, eu não posso dizer que outras coisas podem passar à frente desses problemas. Então, eu entendo hoje porque existem mulheres negras que não se dizem mais feministas e que elas hoje, estão no pan-africanismo. Que elas saíram do movimento, migraram de um movimento pro outro porque elas não se sentiram abraçadas, por exemplo. E, aí, eu não posso dizer que combater as desigualdades entre homens e mulheres é super importante tanto a ponto de eu esquecer de debater as diferenças entre as mulheres. (BIANCA)

Conquanto se reconheça e se defina como uma mulher feminista, Bianca faz críticas muito importantes sobre o movimento feminista de um ponto de vista interseccional, demonstrando reconhecer seus lugares de privilégio enquanto uma mulher branca. Sua percepção da conjuntura política atual nos traz reflexões muito importantes, assim como projeções para uma transformação social.

As trajetórias dessas mulheres, embora distintas e espalhadas em várias regiões do Brasil, se uniram em prol de uma causa e de um inimigo em comum: o conservadorismo e o perigo que o atual presidente representa para a vida das mulheres e todos aquelas/aqueles historicamente excluídas/os da sociedade. É fundamental conhecermos suas trajetórias, suas militâncias para compreendermos a importância de se construir uma educação política para/pelas mulheres, assim como colocam as mulheres como a linha de frente no combate à política conservadora.

2.3 Em busca de uma etnografia digital feminista

Sabendo que esta pesquisa é sobre mulheres, para mulheres e construída por mulheres, atrevemo-nos aqui a unir o termo/conceito feminista ao campo teórico-metodológico. À medida que o trabalho foi sendo construído, percebemos que somente a etnografia digital seria insuficiente para caracterizar teórica e epistemologicamente nosso problema de pesquisa.

A partir do que aqui tomamos a liberdade de chamar de uma etnografia digital feminista, demarcamos politicamente esta pesquisa como insubmissa. A atual sociedade vigente exclui mulheres, populações negras, indígenas e LGBTQI+, aquelas chamadas de subalternas e periféricas porque estão à margem dessa sociedade (CASTRO, 2020).

Sandra Harding (2002), a partir do seu texto “Existe uma metodologia feminista?”, convida-nos a pensar e questionar sobre como os problemas sociais que requerem uma explicação científica são abordados apenas a partir de uma lógica dos homens, brancos, burgueses e heteronormativos, o que acaba nos conduzindo a uma visão parcial da vida. Por

isso, é importante reconhecer as experiências das mulheres como um recurso das análises sociais as quais têm implicações educacionais e científicas.

Para Cecília Sardenberg (2002), a ciência tem objetificado as mulheres e lhes negado um conhecimento emancipatório, afinal, os princípios básicos de um fazer científico vêm se ancorando nos valores iluministas que pregam a neutralidade, para, assim, assegurar uma objetividade necessária para alcançar uma verdade científica. Pensar uma ciência feminista requer a desconstrução desses preceitos, vez que o que se busca é uma teoria “que possa autorizar e fundamentar esse saber que se quer politizado” (SARDENBERG, 2002, p. 91).

Dialogando com essas duas autoras, percebemos que as mulheres experienciam os fenômenos sociais a partir de uma perspectiva única e necessitam de explicações que sejam específicas às suas próprias necessidades. Não basta apenas incluí-las, faz-se necessário torná-las sujeitas centrais, de maneira a perceber os acontecimentos elencados a partir de sua própria perspectiva. Se estas apenas forem incluídas nas pesquisas científicas, corremos o risco de acabar estudando a vida das mulheres, quando elas estão inseridas no mundo dos homens, ignorando todas as suas vivências e suas problemáticas específicas.

Como nos apontam Castro e Paz (2018, p. 83), “o masculino não inclui o feminino”. Se os estudos feministas reivindicam estratégias mais inclusivas em todos os âmbitos da vida – no agir, no falar, no pensar, por que não no pesquisar?

Entendendo a metodologia da pesquisa como uma teoria sobre os procedimentos que se seguem e uma maneira de analisá-los, ela não deve ser percebida de forma neutra. A metodologia reflete nosso posicionamento político e a perspectiva teórica em que os dados levantados serão analisados.

Segundo Eli Bartra (2002) e Harding (2002), as técnicas de pesquisa encontram-se sempre dentro de um método e se este, por sua vez, é feminista, a maneira como iremos ler, escutar, observar e perguntar terão um enfoque distinto do androcêntrico e sexista. Essencialmente, as técnicas não são feministas, mas o uso que fazemos delas é que são. Nas palavras de Bartra (2002):

El punto de vista feminista es, antes que nada, el punto de partida, el arranque, el comienzo de esse caminho que llevará al conocimiento de algún processo o procesos de la realidad, es caminho que se va haciendo a medida que se desarrolla la investigación. (BARTRA, 2002, p. 148)

Não é sem razão que as técnicas mais utilizadas nas pesquisas feministas são o escutar, o observar e o examinar. O uso dessas técnicas, a partir de uma epistemologia feminista, pode converter-se em novas metodologias de pesquisa.

Um outro aspecto fundamental nas investigações feministas é que os seus objetivos de pesquisa não estão descolados da subjetividade e dos aspectos pessoais de quem pesquisa. Nossas experiências pessoais, enquanto mulheres, se misturam à trajetória com a pesquisa. Sardenberg (2002, p. 93) nos interroga: “Como deveriam as mulheres enquanto sujeitas do conhecimento se colocarem em relação ao seu objeto? Se optassem por se identificar com seus objetos ou suas lutas? Não estariam abdicando de seus princípios? ”.

A partir das provocações da autora, entendemos a subjetividade como um elemento que incrementa a objetividade. Reconhecermos-nos a partir das experiências estudadas faz parte do processo de uma pesquisa feminista e contribui para a construção de um saber situado.

Para Castro (2015), é muito comum que apareça, de alguma parte, o questionamento sobre a necessidade ou não de uma pesquisa que trabalhe com a metodologia feminista, configurando-se essa forma de trabalho como um movimento político, de mudança e de transformação social. A partir dela, somos capazes de conhecer o passado, entendermos o presente e, quiçá, prepararmos-nos para o futuro.

2.4 Mapeamento de pesquisas sobre o Movimento #EleNão

Conforme já discutimos no texto publicado intitulado “Todo espaço é político: ativismo de mulheres nas redes sociais” (2020), para compreender melhor sobre o ativismo de mulheres nas redes sociais, foi realizado um mapeamento bibliográfico sobre essa produção³⁷. Buscamos, neste momento, responder a uma pergunta: o que foi produzido no Brasil sobre o tema da pesquisa em andamento na última década?

As pesquisas realizadas sobre relações de gênero e movimento feminista no Brasil já constituem uma trajetória bem consolidada no país, perpassando, principalmente, as áreas de Educação, Antropologia, História e Sociologia. Essas pesquisas ganharam significativo espaço no meio acadêmico, principalmente a partir da década de 1980, com o período de redemocratização brasileiro, quando as mulheres tiveram alguns de seus direitos assegurados por meio da Constituição Brasileira de 1988.

No entanto, na última década, vemos emergir um outro momento do movimento, atingindo mulheres que até então não eram alcançadas, tendo havido uma significativa expansão de ideias e conceitos. Pode-se dizer, até mesmo, que há uma significativa

³⁷ O levantamento de pesquisas sobre o tema foi realizado em dezembro de 2019, no segundo semestre de realização do curso de mestrado.

“popularização” do movimento feminista na última década e isso se dá, principalmente, pelo fenômeno das redes sociais.

No desenvolvimento do estado da arte sobre as pesquisas realizadas no Brasil com essa temática, definiu-se um recorte de 2009 a 2019. A plataforma utilizada para essa busca foi o banco de dissertações e teses da CAPES, o portal de periódicos da mesma plataforma e a biblioteca digital de dissertações e teses da FURG, universidade em que a presente investigação foi desenvolvida. As palavras-chave para a realização desse levantamento foram “ativismo digital”, “feminismo” “*ciberfeminismo*”. O quadro abaixo apresenta esse levantamento:

Quadro 1 – Panorama do levantamento da pesquisa

Palavras-chave	“Ativismo digital”, “Feminismo” e “ <i>Ciberfeminismo</i> ”
Plataformas de busca	- Banco de dissertações e teses da CAPES - Portal de periódicos da CAPES - Biblioteca Digital de Dissertações e Teses da FURG.
Idiomas	Espanhol e português
Período	2009-2019
Resultados	15 dissertações. 4 teses de doutorado, das quais 12 para foram selecionadas para análise.

Fonte: Elaborado pela autora

Dentre os textos encontrados envolvendo o tema pesquisado, entre dissertações e teses, foram escolhidas, para análise, as pesquisas que perpassam as diferentes áreas sociais e humanas, sendo estas: Comunicação (7), Ciência Política e Social (2), Linguagens (1), Estudos Interdisciplinares de Gênero (1) e Educação (1), muitas das quais usando o estudo de caso como metodologia. Utilizamos, como critério de triagem das pesquisas, as áreas que mais se aproximavam ao campo da educação ou que poderiam oportunizar discussões interdisciplinares com essa área.

No que se refere a área da Comunicação, a dissertação de Marina Gazire Lemos, intitulada “*Ciberfeminismo: novos discursos do feminino em redes eletrônicas*”, de 2009, tem por entendimento de que *ciberfeminismo* significa “(...) uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia. (LEMOS, 2009, p. 9) A partir dessa perspectiva, a autora busca analisar de forma cronológica as origens do

ciberfeminismo, traçando uma trajetória do movimento feminista, a fim de compreender como se constroem esses novos discursos interpelados pelas redes.

Utilizando como aporte teórico a teoria dos estudos culturais de Stuart Hall, a autora aponta para uma possível crise dos movimentos sociais, no caso em específico, do movimento feminista. O objetivo da autora é tentar fazer uma relação diacrônica entre o movimento feminista e o *ciberfeminismo*, traçando as modificações sofridas pelo movimento e que culminam no *ciberfeminismo* como uma estratégia/tática de luta.

Seguindo uma análise linear do movimento, a autora Ana Flora Schindwein, em sua dissertação “Dos periódicos oitocentistas ao *ciberfeminismo*: a circulação das reivindicações feministas no Brasil”, publicada em 2012, define o *ciberfeminismo* como “(...) um movimento multifacetado – portanto, *ciberfeminismo(s)* – que atua tanto no campo teórico, em intervenções de natureza mais prática, quanto em atividades teórico-práticas, tendo pelo menos um ponto de sustentação” (SCHLINDWEIN, 2012, p. 83).

Dessa maneira, a autora conta a trajetória histórica das ondas feministas dando um enfoque maior para a chamada terceira onda, evidenciada pelas teorias de Judith Butler e Donna Haraway. A autora compara as reivindicações dos diversos momentos do movimento com as estratégias de utilização das mídias para a popularização das pautas.

Seguindo essa perspectiva, a autora Ana Paula Pereira Coelho, em sua dissertação intitulada “Do sujeito ao *ciborgue*: *ciberfeminismo* e teoria feminista para o século XXI - Narrativas de ativismo feminista em rede no *Twitter*”, de 2018, também aborda o ativismo feminista na internet como uma evolução do movimento social, embasando-se teoricamente no pensamento de Donna Haraway e defendendo a busca por um feminismo menos, em suas palavras, “tecnofóbico”. Dessa maneira, busca compreender os pontos do feminismo e os do próprio *ciberfeminismo*, relacionando mulheres e máquinas como uma simbiose. Para isso, propõe-se a analisar movimentações e ações feministas da rede social *Twitter* e como elas se apropriam do meio para promover ideais de equidade e liberdade.

Dando continuidade à metodologia de trabalho do estudo de caso, a autora Joice Adriana Enzeler, em sua dissertação “*Ciberfeminismo* e Saúde: uma análise do caso da aprovação e implementação da Lei das Doulas (7314/2016)”, de 2017, buscou apresentar como o *ciberativismo* pode propiciar uma discussão sobre os mais diversos problemas que permeiam a sociedade, assim como interferir em micropolíticas, como aprovações de leis e implementação de políticas públicas. Nesse sentido, ela trabalha as disputas entre narrativas produzidas por mulheres dentro do ciberespaço, mais especificamente sobre estratégias de articulação para o

avanço dos direitos da saúde da mulher. A partir disso, propõe-se a analisar como o movimento das doulas no Rio de Janeiro influenciou a criação da “Lei das Doulas”, cujas discussões iniciais sobre o tema foram tecidas na internet.

Definindo militância como “(...) lutar por determinadas causas, reivindicar direitos sociais como educação, trabalho, moradia etc.” (ENZLER, 2017, p.17), a autora, a partir das concepções do autor Pierre Levy (2010), preocupa-se em definir a “militância na internet”, como uma estratégia profícua de ativismo, pois não importa exatamente o espaço onde essas ações aconteçam, mas, sim, que elas alcancem as pessoas de alguma maneira.

A autora destaca, em sua pesquisa, que a maioria das mulheres que encabeçou o movimento das doulas na internet não se reconhecia enquanto *ciberfeminista*. Esse ponto demonstra o quanto o ativismo feminista que acontece no Brasil tem características próprias e se distancia dos respectivos lugares de origem, como o movimento feminista estadunidense e europeu. Nesse sentido, ela acredita, a partir de suas pesquisas, que, dentro de alguns anos, o *ciberativismo* representaria um movimento relevante e estratégico para os diversos movimentos sociais.

Demonstrando que o ativismo feminista que acontece nas redes sociais possui suas próprias particularidades na América Latina, a dissertação de Marta Florencia Goldsman, intitulada “#LibertadParaBelen: twitter y el debate sobre el aborto en la Argentina”, de 2018, apresenta outras perspectivas do tema. O trabalho busca abordar uma onda de protestos que ocorreram em 2016 nas redes sociais na Argentina, sendo um dos primeiros protestos massivos contra a criminalização do aborto que aconteceram na internet. A onda de manifestações iniciou-se depois que uma jovem foi presa por dois anos por ter realizado um aborto. Dessa maneira, a autora separou mais de 12.000 *tweets* a partir da #LibertadParaBelen.

A partir de uma abordagem linear do tema, a autora vai traçando a trajetória histórica de luta das mulheres argentinas em relação ao aborto, aos estudos sobre redes sociais, *ciberativismos*, além de uma revisão histórica sobre o *ciberfeminismo*, que inclui alguns apontamentos dessa prática feminista na América Latina e a maneira como vem se desenvolvendo na última década.

Dando sequência às pesquisas envolvendo estudos de caso, a dissertação de Luciana Hage de Castro, intitulada “Gênero e o impeachment de Dilma Roussef: uma análise de páginas de *Facebook* feministas e de mulheres ativistas na Amazônia”, também de 2018, buscou compreender de que maneira a relação gênero-*impeachment* estava sendo trabalhada pelas ativistas feministas, sendo analisadas quatro comunidades feministas no *Facebook* localizadas

nas cidades de Imperatriz (Maranhão), Rio Branco (Acre) e Manaus (Amazonas). Tal pesquisa nos propicia descentralizar um pouco a temática desse tipo de pesquisa que, geralmente, tem sido realizada em regiões mais centrais do Brasil, possibilitando perceber como as mulheres do Norte vêm se organizando e pensando tais problemáticas.

Dessa maneira, a autora identificou que, embora as discussões nos grupos analisados sejam de cunho político em torno da mulher, não discutem a questão de gênero como central para o afastamento da presidenta, havendo um silenciamento em relação a esse tema. Esses grupos e regiões foram escolhidos pela autora, tendo em vista que ainda são regiões que não se beneficiam de um potencial técnico que a internet oportuniza, propiciando ferramentas para o exercício da cidadania e do ativismo político.

Na área da Comunicação, o trabalho que tem por metodologia mais diferenciada dos escolhidos é o de Tainan Pauli Tomazetti, intitulado “Movimentos sociais em rede e a construção de identidades: a marcha das vadias –SM e a experiência do feminismo em redes de comunicação”, de 2015, que tem por principal eixo de pesquisa uma revisão etnográfica sobre os movimentos sociais e suas lógicas de comunicação em rede para a construção das identidades coletivas. Para isso, realiza-se um estudo de caso sobre Marcha das Vadias que aconteceram na cidade de Santa Maria-RS.

Assim, a autora percebe a internet como um novo meio de ação política, tendo em vista o mundo atordoado em que estamos inseridos. As Novas Tecnologias da Informação, para a autora, vêm transformando o agir em sociedade. Dessa maneira, ela busca perceber o quanto é importante essa reflexão em torno dessas novas formas de experimentação política que as possibilidades de articulação em redes fornecem.

Em relação a pesquisas encontradas na área das Ciências Sociais e Política, o trabalho de Michele Cristina de Assis Dutra, “Um útero todo seu: público e privado nos posts sobre aborto das blogueiras feministas”, de 2014, tem como proposta central analisar, nas postagens de mulheres blogueiras, como se dá a relação entre público e privado em relação ao aborto. Nesse sentido, a autora, diferentemente dos trabalhos da área da Comunicação que buscam compreender de que maneira a informação circula na rede, apresenta uma preocupação em compreender muito mais o discurso e as diferentes perspectivas feministas, o que dá ao trabalho um olhar muito mais sociológico e político.

A pesquisa de Fernanda Rocha, intitulada “A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital”, publicada em 2017, realiza, também, uma análise mais social e qualitativa sobre o ativismo feminista nas redes sociais. Logo no início da apresentação de seu

trabalho, a autora pressupõe que as manifestações feministas de 2015 inauguraram a quarta onda do movimento feminista ou “feminismo 2.0”, como ela chama, caracterizada, assim, pela utilização da internet como principal veículo de disseminação de suas pautas.

A partir de uma metodologia de estudo de caso e coleta de dados, a autora realiza uma análise sobre o conteúdo produzido dentro do blog *Escreva Lola Escreva*³⁸, ativo até os dias de hoje, sendo um dos maiores e mais acessados blogs feministas do Brasil. Em 2015, com uma explosão da popularidade do blog, sua criadora enfrentou severas críticas misóginas sobre seu material, tendo tido seu site denunciado e, por consequência, suspenso. A repercussão do blog e dessa situação foi tamanha que, em 2018, foi sancionada a Lei nº 13.642/2018, “Lei Lola”, que pune qualquer crime praticado na rede mundial de computadores que difunda conteúdo misógino. Contudo, nenhuma infração que se configure como “crime de internet” recebeu alguma penalidade pautada nessa lei.

Sendo um dos únicos trabalhos dentro de um programa específico em Estudos de Gênero, na dissertação de Leidiane Alves de Farias, intitulada “Ciberfeminismo no Brasil: Um estudo de caso da Rede Universidade Livre Feminista”, de 2015, a autora percebe o ciberfeminismo como uma nova prática política que busca traçar um novo olhar para a maneira que mulheres e tecnologia se relacionam tanto dentro do ciberespaço quanto fora dele. A partir de suas próprias vivências dentro do movimento estudantil e relacionando as teorias de gênero, a autora pretende, a partir do estudo de caso, da Universidade Livre Feminista, compreender como as ciberfeministas brasileiras utilizam as Novas Tecnologias da Informação.

A autora entende o ciberfeminismo como

(...) um fenômeno híbrido de intervenções individuais e coletivas, que nasce da relação entre feminismos e tecnologias digitais, estabelecendo um novo quadro de referências pela sua própria existência no contexto político e científico, principalmente na literatura feminista. (DE FARIAS, 2015, p. 23)

Traçando alguns marcos históricos para o surgimento do movimento, ela alega que essas práticas se proliferaram como um vírus cibernético, chegando ao Brasil onde as mulheres têm cada vez mais acesso a esses espaços, aspecto apontado pela autora a partir de alguns dados produzidos no ano de 2014. A partir de seu estudo, De Farias aponta para a relevância de se discutir a participação e a apropriação das mulheres nesses espaços, inclusive levando em consideração os recortes de raça e classe, aspectos que pouquíssimos trabalhos, até então analisados neste texto, levaram em consideração.

³⁸ Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/>>. Acesso em: 20 jan. 2020

Na área de Linguagens, a dissertação de Paolla dos Santos, intitulada “Arteativismo: expressões do *ciberfeminismo* contemporâneo”, defendida em 2015, retrata como a arte pode caracterizar o *ciberfeminismo*. Entre as diversas formas, a autora propõe analisar o projeto artístico Andro Hertz (2014), produzido pela artista Helga Stein, com práticas de discurso produzidas dentro de um grupo na rede social *Facebook*. A ênfase da pesquisa está centrada em compreender como os sujeitos se constituem pela e a partir da tecnologia.

Busca-se, nesse trabalho, pensar no papel que a tecnologia assume na vida das pessoas, possibilitando reconstruir novas subjetividades e identidades aos sujeitos sem a possibilidade de desassociar o papel que a tecnologia vem exercendo sobre os corpos humanos. Importantíssimo salientar que a autora faz algumas distinções entre o *ciberfeminismo* desenvolvido na Austrália e na Europa com o brasileiro latino-americano, tendo em vista que esses possuem características próprias, como já mencionado em trabalhos anteriores.

As formas de socialização promovidas pela cibercultura construíram e constroem debates importantes em torno das relações de gênero, mulheres e poder. Paulatinamente, a autora percebe que estamos migrando a maneira de se viver em sociedade para o espaço virtual, trazendo nossos conflitos, desejos, anseios e embates para dentro desse outro espaço, onde a vida real já não pode mais ser desvinculada da virtual.

O único trabalho realizado na área de Educação foi a tese de doutorado de Lucélia de Moraes Braga Bassalo, intitulada “Entre sentidos e significados: um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas”, de 2012, que busca compreender de que maneira a juventude se articula em meio às redes sociais, tendo em vista que essa categoria é, talvez, a principal protagonista do meio. A autora justifica seu estudo partindo da premissa de que é preciso desenvolver estudos em torno das juventudes, pois, dessa maneira, é possível ampliar as políticas educacionais do país que dialoguem melhor com tal grupo geracional. Para ela, “(...) a juventude tem um papel importante nas sociedades, tanto como continuidade, quanto como agente de mudança, de revitalização do status quo” (BASSALO, 2012, p.17).

Além disso, a autora ressalta que os estudos sobre juventudes não levam em conta a diversidade juvenil e suas problemáticas. Dessa maneira, aponta para uma escassez de pesquisas que se propõem a discutir gênero e juventude, levando em consideração, dentro desse recorte, o fracasso e a permanência escolares, por exemplo.

A constante inserção de novas tecnologias na sociedade causa profundas mudanças e a juventude se apresenta como grupo que mais tem facilidade em se adaptar às novas realidades.

Para além do vocabulário, a internet promove uma forte interação social de maneira desterritorializada, mas conectada em rede, ressignificando, assim, as noções de sociabilidade.

Bassalo (2012, p. 23) levanta o seguinte questionamento: “Se a internet é um espaço de experiência de interação social que conta com a participação intensiva de jovens, quais espaços virtuais são propostos e mantidos por eles?”. Além disso, discorre sobre a ideia de que “(...) os diferentes espaços de convivência na internet podem ser considerados como produtos culturais da contemporaneidade, pois representam as experiências dos sujeitos, suas intenções, opiniões, argumentos e disposições sociais” (BASSALO, 2012, p. 24). Dessa forma, o principal objetivo de sua pesquisa é identificar quais são as orientações coletivas de jovens feministas, seus posicionamentos, interpretações e como elas expressam isso por meio das imagens presentes no blog dialogoj (Diálogo Jovem uma Agência de Notícia Jovem Feminista) durante o período de 2007 a 2011.

Assim como as pesquisas anteriores, a autora também cita Donna Haraway como um marco no início do *ciberfeminismo*, embora a própria autora não a utilize com esse mesmo sentido. Para Haraway, todos nós somos *ciborgues*, sendo o *ciborgue* uma criatura pós-gênero, ou seja, não há uma oposição entre natureza e cultura, pois ela está diluída na tecnologia. A partir dessa premissa, a autora propõe a desnaturalização do ser mulher como uma concepção natural e, por não termos nenhuma essência que seja capaz de nos sustentar de fato, todas as formas de opressão de gênero podem ser desconstruídas. Isso porque, se o *ciborgue* é algo construído, tudo aquilo que é construído em torno da hierarquização e dominação pode ser destruído.

Pensando em um novo feminismo, Haraway propõe que se aceite a tecnologia, entendendo-a como uma extensão do corpo, da vida e da intimidade. Assim, a autora diz que esse “novo” feminismo busca desconstruir preconceitos e evitar erros cometidos pelos feminismos anteriores, como os de racismo e de lesbofobia, por exemplo, possibilitando criar uma solidariedade no âmbito da diferença.

Em que pese o fato de o enfoque deste estado da arte não ser a análise de artigos, até o momento da realização deste levantamento, em dezembro de 2019, não se encontrou nenhuma dissertação ou tese que tivesse como discussão o movimento #EleNão, que foi demonstrado como um exemplo na História recente do ativismo de mulheres nas redes sociais.

Sendo assim, o artigo de Maíra de Sousa e Brenda Rachit, que tem por título “Mobilizações pré-eleições presidenciais 2018 no Pará: grupos e eventos relacionados à #EleNão no *facebook*”, publicado em 2019, traz importantes contribuições sobre a organização

do movimento no país como um todo. Assim como a maioria dos trabalhos encontrados sobre o tema, este também faz parte da área da Comunicação, porém, mesmo sendo um trabalho curto, fornece discussões bem atuais e fundamentadas na teoria do sociólogo Manuel Castells (2013), abordando os conceitos de sociedade em rede e site de redes sociais.

A partir da observação, tanto dos grupos criados no *Facebook* de carácter nacional, quanto especificamente do Pará, as autoras identificaram que as participações nesses ambientes

possibilitaram o engajamento de mulheres que não tinham envolvimento ativo político, mas que, a partir das trocas proporcionadas pelo encontro de mulheres com indignações comuns, puderam exercitar sua cidadania nos sites de redes sociais e ainda mais expressivamente no espaço urbano. As conexões entre essas mulheres estabeleceram laços sociais e ajudaram na construção de capital social, de popularidade e legitimidade do movimento contra Jair Bolsonaro. (SOUSA; RACHIT, 2019, p. 87)

Esse artigo nos possibilita vislumbrar e, até mesmo, tecer comparações com os trabalhos anteriores produzidos, visto que a maioria foi produzida antes de 2018. Percebemos, também, o quanto o ativismo feminista vem crescendo nas redes sociais e, ao contrário do que o senso comum acredita, ele se consolida nos espaços físicos, como nas ruas, nos lares, nas escolas, enfim, em espaços que possuem interação social. Ele tem força até mesmo para gerar aprovação de leis, como é o caso, por exemplo, da “Lei das Doulas” no Rio de Janeiro, estudado pela já mencionada Joice Adriana Enzeler, em 2017.

Traçando ainda algumas semelhanças entre as pesquisas analisadas, percebemos que há um consenso sobre a atuação dos movimentos sociais por meio das redes ser muito mais positiva do que negativa, pois reafirma a velocidade com que a informação circula nesse ambiente. Essa posição rompe com uma concepção saudosista geralmente marcada pelos dizeres “no meu tempo que as coisas eram realmente boas!”, “no meu tempo é que as coisas realmente funcionavam”. Percebemos que emerge, na atualidade, uma geração comprometida e que busca desconstruir discursos ainda muito naturalizados. Essa geração, que se mescla com a geração ligada aos movimentos sociais nas décadas de 1980 e 1990, busca uma forma mais eficaz para diminuir as desigualdades nas mais diversas esferas sociais, percebendo o meio virtual como uma importante ferramenta de atuação.

Sendo assim, esses movimentos precisam ser analisados e discutidos, pois, como os trabalhos já realizados mostraram, é cada vez mais difícil, na atualidade, distinguirmos o real do virtual, visto que ambos acontecem simultaneamente e são capazes de determinar as identidades das sujeitas e sujeitos.

Ademais, todos os trabalhos escolhidos e encontrados para análise foram produzidos e muitos orientados por pesquisadoras mulheres, demonstrando o protagonismo das mulheres na pesquisa e discussão de si para outras mulheres. Se não dermos voz a nós mesmas, quem nos dará? Somos nós mulheres que precisamos escrever sobre o nosso protagonismo na história.

3 MULHERES EM LUTA

A questão do gênero é a pedra angular e o eixo de gravidade de todos os poderes (SEGATO, 2016, p.15).

Neste capítulo buscamos discutir, a partir da teoria feminista, as violências e as problemáticas às quais as mulheres estão submetidas na sociedade patriarcal. Percebendo esses problemas como estruturais, faz-se necessário que a discussão sobre patriarcado seja entrelaçada com outras categorias – de gênero, raça e classe. Assim, utilizando principalmente Silvia Federici (2017), Lélia Gonzalez (1988), Rita Segato (2016), Heleith Saffioti (1987;2017) e bell hooks (2017;2020), pensamos e discutimos os problemas de gênero a partir de uma perspectiva interseccional.

Diante dessas problemáticas, percebemos o feminismo enquanto um movimento potente de transformação social para/pelas mulheres, contribuindo para a sua atuação em uma política institucionalizada. A partir de Flávia Biroli (2018), percebemos que o movimento feminista vem se modificando e utilizando outros espaços de luta, como as redes sociais. Assim, o que aparenta ser um novo momento para o movimento feminista se mostra apenas como um movimento de continuidade, pois as mulheres, historicamente, sempre lutaram por mudanças sociais não somente para si, mas para a sociedade como um todo.

3.1 Mulheres contra o patriarcado

Compreender as relações sociais a partir de uma ótica feminista, retirando dos guetos os temas que tratam das relações de gênero na sociedade, equivale a compreendermos não só os problemas que envolvem as mulheres, como também da sociedade de maneira geral. Pelo fato de as mulheres serem um grupo historicamente excluído, a partir de sua perspectiva, conseguimos ter uma percepção mais abrangente dos problemas sociais.

Todavia, “mulheres” é um grupo social extremamente vasto, com inúmeras especificidades e diferenças, no qual as opressões às quais somos submetidas serão mais ou menos potencializadas de acordo com a nossa raça, classe e sexualidade. Esses aspectos são os principais e, sem dúvida alguma, irão fazer toda a diferença para o espaço que cada uma de nós, mulheres, ocuparemos na sociedade.

Acontece que, mesmo com todas essas diferenças enquanto grupo social, todas nós partilhamos de um mesmo inimigo em comum: o patriarcado. Saffioti (2017) nos aponta que a sociedade entende a superioridade dos homens sobre as mulheres como resquício de um

patriarcado que não mais existe, apenas utilizando esse termo para designar violências às quais as mulheres foram submetidas em um passado muito distante.

Há quem diga que compreender o patriarcado como um regime de exploração e dominação das mulheres pelos homens é algo que ficou no passado, como se essa questão já houvesse sido superada.

Essa concepção um tanto equivocada e disseminada, inclusive nos espaços acadêmicos, é embasada na ideia de que avançamos na conquista dos direitos das/para as mulheres, mas, de forma alguma, retrocedemos. Mas será que avançamos tanto assim ou apenas o sistema readequou-se às novas realidades?

Para Rita Laura Segato (2016), o patriarcado, como um fenômeno de dominação-exploração, é presente desde sempre na história da humanidade, sendo praticamente impossível situarmos o seu surgimento. O avanço do capitalismo e as transformações sociais derivadas de um novo sistema econômico foram determinantes para a adequação desse fenômeno às novas realidades.

A autora ressalta, ainda, que as sociedades latino-americanas passaram por um processo de transição de um patriarcado de baixa-intensidade para um patriarcado colonial-moderno. O primeiro, caracterizado pela hierarquização entre homens e mulheres, estava de forma muito presente nas comunidades pré-invasões europeias. Porém, as mulheres eram protegidas por essas comunidades que as percebiam de forma mais respeitosa pelo fato de serem elas capazes de gerarem seus descendentes e, por conta disso, estavam menos sujeitas à violência. A transição para um patriarcado colonial-moderno, o qual caracteriza as sociedades contemporâneas, seria a completa transformação do primeiro, caracterizado pelo homem branco colonizador e que não se restringiria apenas à dominação sobre os corpos das mulheres, mas se estenderia a todos os outros grupos sociais oprimidos.

A forma como se deu essa transição de um patriarcado de baixa intensidade para um colonial-moderno é um reflexo das transformações econômicas que estavam acontecendo na Europa no mesmo período das invasões na América. Os acontecimentos estão entrelaçados e se retroalimentam, trazendo impactos, sobretudo na vida das mulheres. Compreender as raízes históricas que levaram o fortalecimento do patriarcado são fundamentais para compreendermos a vida das mulheres.

Silvia Federici (2017), em seu livro “O Calibã e a Bruxa”, realiza todo um resgate da história do período de transição entre o feudalismo e a ascensão do capitalismo a partir de uma perspectiva de gênero, defendendo que a forma como as mulheres passaram a serem percebidas,

entre os séculos XV e XVIII, foi fundamental para a consolidação do capitalismo enquanto sistema econômico que temos até a contemporaneidade.

Ao contrário do se é disseminado, foi na Idade Média, erroneamente conhecida como “Idade das Trevas”, que as mulheres obtiveram um maior controle sobre seus corpos, principalmente em relação à reprodução. Nesse período, as mulheres eram percebidas, de certa maneira, como as detentoras do assunto, sendo elas responsáveis pelos partos (parteiras) e pelo controle da concepção a partir do uso de ervas medicinais e estratégias que desenvolveram para o controle da fertilidade.

Com a ascensão do capitalismo e a crise do sistema feudal que assolava a Europa naquele período, ocasionando uma intensa crise demográfica, o Estado passou a perceber os corpos das mulheres como de sua propriedade. A partir desse momento, “seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista” (FEDERICI, 2017, p. 178).

A partir dessa virada de chave, as mulheres passaram a ser percebidas como máquinas naturais de procriação, instrumentos de reprodução do trabalho e fundamentais para produzir o crescimento da raça humana. Assim, definiu-se um novo “contrato sexual” que definia as mulheres, que antes detinham controle sobre seus corpos, dos seus ofícios, do seu trabalho, como propriedades. As mulheres passaram a trabalhar à disposição dos homens, ficando definidas apenas como mães, esposas, filhas e viúvas.

Essa questão se apresentou como uma verdadeira derrota para as mulheres com a desvalorização do seu trabalho reprodutivo e a expulsão dos seus ofícios. As mulheres eram infantilizadas e tratadas pelo âmbito cultural e literário da época de forma depreciativa.

Não é de se espantar que, nesse mesmo período, a questão da caça às bruxas se fortaleceu de maneira significativa na Europa, tendo em vista a forma degradante que as mulheres foram reduzidas na sociedade. Como podemos analisar ao longo da história, nenhuma tática de controle obteve êxito, seja o controle das mulheres europeias ou dos sujeitos colonizados nas Américas, sem uma campanha de terror. As mulheres eram percebidas, nesse período, como bruxas, pois resistiam ao controle pelo Estado dos seus corpos, percebidos como recursos econômicos.

Sobre a transformação na maneira como as mulheres foram tratadas no período de ascensão do capitalismo, Federici (2017) aponta que a caça às bruxas foi um dos acontecimentos mais importantes do desenvolvimento da sociedade capitalista e da formação do proletariado moderno. Com base nisso, a autora sustenta uma questão central para nós, qual

seja, a ideia de que essa situação se configurou como uma verdadeira guerra contra as mulheres, orientada a acabar com o controle que elas detinham sobre seus corpos nos séculos anteriores.

Essa guerra foi capaz de aprofundar a divisão social entre homens e mulheres, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres, destruindo um universo de práticas e redefinindo os principais elementos de reprodução social. O preço a ser pago ao resistir a esse controle era sempre o extermínio. Para Federici (2017),

a definição das mulheres como seres demoníacos e as práticas atrozes e humilhantes a que muitas delas foram submetidas deixaram marcas indeléveis em sua psique coletiva e em seu senso de possibilidades -, a caça às bruxas foi um momento decisivo na vida das mulheres; [...] como causa do desmoronamento do mundo patriarcal, visto que a caça às bruxas destruiu todo um universo de práticas femininas, de relações coletivas e de sistemas de conhecimento que haviam sido a base do poder das mulheres na Europa pré-capitalista. (FEDERICI, 2017, p. 203-205)

Nesse sentido, as mulheres, consideradas bruxas e condenadas pelo crime de bruxaria, eram, em sua maioria, pertencentes às classes mais pobres da sociedade: a parteira, a mulher que utilizava métodos contraceptivos possíveis para a época, a mendiga que ganhava a vida roubando um pedaço de pão. Também as mulheres consideradas libertinas e promíscuas, que praticavam a sua sexualidade fora do casamento ou fora do sentido da procriação e, até mesmo, as mulheres chamadas de “rebeldes”, pois não respondiam e não choravam sob a tortura. Em suma, eram perseguidas todas as mulheres que não cumprissem com as expectativas impostas pelo Estado e pelo sistema capitalista: de mãe, esposa e responsável pela ordem da instituição familiar. Muitas de nós, naquela época, também seríamos consideradas bruxas, pois somos insubmissas e contestadoras do sistema vigente e, por conta disso, nominadas feministas.

Agora, como dar conta de explicar mais de dois séculos em que mulheres foram torturadas, julgadas, queimadas e dizimadas? Muitos historiadores e pesquisadores (homens) ainda defendem teses e sustentam perspectivas que tendem a folclorizar essa questão, não a percebendo como um dos aspectos fundamentais para a consolidação do sistema capitalista.

De toda forma, a construção de uma misoginia, durante essa transição de um sistema econômico ao outro, deu base para o fortalecimento do patriarcado como um sistema de exploração e dominação das mulheres e que se estende a outros grupos sociais, tal como conhecemos atualmente.

A partir do nosso estudo e das leituras realizadas ao longo desta pesquisa, caminhamos ao encontro do pensamento das autoras aqui trabalhadas segundo o qual os séculos de dominação e exploração sobre os corpos das mulheres não findaram. O patriarcado, como um

sistema, opera por vezes de maneira s til, adaptando-se e transformando-se de forma permanente.

Em seu livro “Mobilidade da Senzala Feminina” (2000), Ivone Gebara discute a experiência das mulheres a partir do conceito de “senzala”. A despeito de o termo derivar dos processos de escraviza o africana no Brasil, ela o utiliza como metáfora para expressar a prisão ou prisão móvel que muitas mulheres carregam ao longo de suas vidas. Como prova de que o patriarcado é um sistema em pleno funcionamento, a autora se refere às “senzalas” como uma

prisão imposta pela cultura da pobreza e da dependência.   de prisão de condi o humana acentuada pelos mecanismos de uma sociedade construída sobre a injustiça e a exclusão. É finalmente prisão doméstica com relativa mobilidade porque se pode andar. Mas mesmo andando, os caminhos são fechados em meio a imensidão de possibilidades sem acesso permitido. (GEBARA, 2000, p. 17)

Esse trecho nos suscita a pensar o quanto as mulheres são sujeitas à exclusão e   violência pelo simples fato de serem mulheres. Isso se apresenta como resultado de um sistema patriarcal que jamais se extinguiu, pelo contrário, modificou-se. Por mais que tenhamos avançado na conquista de uma mínima legisla o que favoreça a vida das mulheres na sociedade brasileira, por exemplo, muitos caminhos ainda são impossíveis de serem trilhados por muitas de nós. Não somos mais condenadas e queimadas em praça pública, mas o sistema patriarcal assumiu outras formas de controle sobre os nossos corpos e que continuam a degradar nossas identidades sociais.

Mesmo com o passar dos séculos, a identidade da mulher ainda   construída socialmente através da atribui o de distintos papéis que a sociedade espera que ela cumpra. Como Gebara (2000) assevera, mesmo andando, parece que os caminhos das mulheres são fechados. Isso acontece porque, por mais que tenhamos alcançado um significativo acesso ao espaço público, o espaço privado ainda permanece como um problema que cabe às mulheres resolver. A socializa o dos filhos, o cuidado com o espaço doméstico, por exemplo, são alguns exemplos de atividades que ainda são relegadas quase que exclusivamente às mulheres que, atualmente, se desdobram para dar conta das suas atividades tanto no espaço público quanto no privado.

Apesar de o patriarcado ser um sistema tão presente e operante, ele não se constitui como o único princípio estruturador da sociedade brasileira. De acordo com Saffioti (1987), ainda que a supremacia masculina perpassasse todas as classes sociais, ela está também de braços dados com o racismo. Assim sendo,

ainda que que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percep o da domina o das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na “ordem das bicadas”   uma mulher. Na

sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres. (SAFFIOTI, 1987, p. 16)

Por isso, faz-se fundamental que a discussão em torno das relações de gênero seja realizada de um ponto de vista interseccional, relacionando classe, raça e gênero. Estando as mulheres na “ordem das bicadas”, suas vidas são perpassadas por mais ou menos violência, de acordo com sua cor e sua classe social, sendo as mulheres negras as mais impactadas.

Para discutir a respeito da interseccionalidade nos estudos feministas, mesmo quando esse conceito ainda não era tão disseminado, a importante intelectual brasileira Lélia Gonzalez (1984) já apontava que as mulheres negras estão mais expostas à violência, sobretudo porque o racismo opera de forma especial sobre elas. Essa é uma questão a ser analisada nos estudos feministas, principalmente em um país em que impera a dita “democracia racial”.

Em se tratando do espaço doméstico para as mulheres negras, esse espaço, por muitas vezes, acaba se configurando enquanto seu lugar de trabalho, tendo em vista que a maior parte das pessoas que trabalha com serviço doméstico são mulheres negras. Gonzalez (1984) aponta que a figura da mulata e da doméstica é engendrada a partir da figura da mucama, vez que a “doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (GONZALEZ, 1984, p. 230).

A questão da classe social também é uma questão a ser tratada, quando pensamos a situação das mulheres na sociedade. Como destaca Saffioti (1987, p. 8-9), a vida das mulheres varia de acordo com a sua classe social, visto que, “se a operária gasta duas horas por dia no trânsito, mais oito na fábrica e quatro nos serviços domésticos, a burguesa dispõe de serviços que executam os trabalhos domésticos em sua residência”.

O trabalho para a mulher burguesa, por exemplo, tende, em muitos casos, a se configurar muito mais como uma questão de realização pessoal do que de necessidade propriamente dita, podendo esta contar com uma rede de pessoas que cuide de sua casa e da educação das filhas e filhos. Diferentemente da situação da mulher operária que, por mais que trabalhe fora em troca de um salário, conta com uma dupla ou até mesmo tripla jornada de trabalho, tendo a responsabilidade de realização de todo o trabalho doméstico e de cuidado com os filhas e filhos.

Partindo dessa constatação, Saffioti (1987) conclui que o patriarcado não pode ser percebido como um sistema apenas de dominação, mas, sim, de exploração. Se a dominação pode “ser situada essencialmente nos campos político e ideológico, a exploração diz respeito diretamente ao terreno econômico” (SAFFIOTI, 1987, p. 50). Tanto a mulher que trabalha

apenas no espaço doméstico quanto a assalariada são objetos de exploração do homem, seja no plano familiar ou no plano empresarial capitalista.

Essas três ordens – de gênero, raça e de classe – são unificadas por uma estrutura de poder, embora elas sejam normalmente percebidas de formas separadas. Conquanto isso não se configure como um problema, faz-se importante, também, percebê-las de forma enovelada ou enlaçada em forma de um nó. Não se trata de um nó apertado, mas, sim, frouxo, deixando espaço para que essas categorias se movimentem entre si. Tais ordens não atuam isoladamente ou livremente, mas passam a assumir uma dinâmica própria pelo fato de estarem entrelaçadas. A dinâmica de cada uma condiciona a uma realidade, presidida por uma lógica que será definida a partir de suas circunstâncias históricas (SAFFIOTI, 2017).

Sendo assim, essas estruturas não são fixas, pois se reorganizam e reconstituem as novas realidades. O patriarcado penetrou todas as esferas da vida social. O capitalismo, por sua vez, mercantilizou as relações sociais, inclusive as de gênero. O racismo, enquanto estrutura de poder, é impresso nos corpos sociais. Portanto, as relações de gênero não podem e não devem estar desprendidas das demais, pois essa tríade (gênero, raça e classe) são categorias históricas e estruturantes da sociedade.

3.2 Feminismo como um movimento político de transformação para/pelas mulheres

A partir das discussões aqui tecidas, sustentamos que as mulheres representam um grande grupo de enfrentamento às desigualdades sociais derivadas da lógica patriarcal, até mesmo pelo fato de seus corpos estarem mais sujeitos às diversas formas de violência. Percebemos as raízes de sua resistência, em suas lutas travadas, consciente ou inconscientemente, de forma organizada ou desorganizada, utilizando as possibilidades que se tinha ou que se tem. Sejam aquelas que foram condenadas como bruxas no século XVI ou as mulheres negras e indígenas que foram arrancadas de seus lugares de origem e obrigadas a se sujeitar a uma cultura de exploração, as mulheres têm resistido pela sua sobrevivência ao longo da história.

Quando vivemos em uma sociedade que tende a naturalizar e definir o que é ser homem e o que é ser mulher, temos a construção social de que à mulher é relegado o espaço privado, o doméstico. Quanto mais silenciosa, harmoniosa e obediente essa mulher se mostrar para a sociedade, maior será a satisfação do patriarcado. Por conta disso, faz-se necessário atentarmos

para o carácter biologizante que tende a construir as identidades sociais e as expectativas que se criam sobre os papéis sociais que homens e mulheres estão destinados a exercer.

Saffioti (1987) nos suscita essa problemática:

É preciso atentar para o processo inverso, que consiste em naturalizar processos socioculturais. Quando se afirma que é natural que a mulher se ocupe do espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público, está-se rigorosamente, naturalizando um resultado da história. (SAFFIOTI, 1987, p.11)

Diante disso, devemos levar em consideração que tudo aquilo que acontece no espaço privado é significativo para pensarmos, inclusive, o sentido de democracia. Se as relações de poder nesses espaços divergem dos valores igualitários e da forma institucionalizada que assumem na esfera pública, temos um grande problema que destoia dos princípios de uma vida democrática.

Juntamente com o que aponta Biroli (2018), pensamos que as fronteiras que existem entre o universo público e o privado impactam diretamente os lugares que homens e mulheres ocupam socialmente. Por mais que nem todas as mulheres e homens ocupem lugares idênticos, quando pensamos a participação das mulheres na esfera pública, há uma série de obstáculos atribuídos pelo espaço doméstico ligados à construção dos sentidos do feminino e com a noção de domesticidade os quais as impedem de estarem presentes nesses espaços. Sobre os limites entre público e privado, a autora assim se manifesta:

Quando a dualidade entre público e privado não é problematizada – o que é majoritário nas teorias da democracia -, as relações de poder na esfera privada não são computadas na compreensão de como os indivíduos se tornam quem são e dos limites desiguais para atuarem, individual e coletivamente. Em outras palavras, a vida doméstica, em um conjunto diferenciado de práticas que se estende a divisão sexual do trabalho à economia política dos afetos, da responsabilização desigual pelo cotidiano da vida à norma heterossexual, é desconsiderada como fator que define as possibilidades de atuação na vida pública. (BIROLI, 2018, p.11)

Nesse sentido, o primeiro passo a ser tomado para compreender essa problemática é perceber que ela não é natural, tampouco uma condição biológica. Somente quando percebemos essas questões de forma desnaturalizada, conseguiremos enxergá-las como problemas políticos, assim como também percebê-las como problemas essenciais de serem trabalhados, uma vez que se relacionam com as experiências e as necessidades que possuem peso e legitimidade, diferenciadas tanto para homens quanto para mulheres.

Quando tratamos dos problemas que giram em torno das relações de gênero, estes tendem a ser vistos como de ordem “particular”, enquanto outros são vistos como “gerais”. Pelo

fato de naturalizarmos as identidades sociais, as problemáticas em torno das relações de gênero não são vistas como problemas políticos. Tendo em vista que a política brasileira institucional ainda é ocupada majoritariamente por homens, são eles que ainda tomam as grandes decisões sobre a sociedade, principalmente, no que diz respeito à vida e à condição das mulheres socialmente. Sendo assim, fica evidente que suas decisões e implicações políticas giram no sentido de favorecer os seus próprios interesses.

Sendo a política caracterizada como um espaço masculino, Biroli (2018) argumenta que há uma série de obstáculos materiais, simbólicos e institucionais que dificultam a atuação das mulheres e alimentam, inclusive, outros circuitos de exclusão, afinal, falar e problematizar a vidas das mulheres não é algo singular.

Assim como outros países da América Latina, o Brasil possui um longo histórico ditatorial que impediu as pessoas de exercer a sua cidadania. No caso das mulheres, levando em consideração que alcançamos o direito ao voto apenas em 1932, percebemos sua participação na política institucional mais recentemente no final da década de 1980, pós-redemocratização. Apesar da dificuldade de acesso a esses espaços públicos, falar das mulheres na política não é realizar um relato de sua ausência, pois as mulheres têm historicamente atuado em partidos, sindicatos e movimentos sociais. Muitas mulheres, durante a ditadura militar, atuaram na resistência ao regime, como a primeira mulher a se tornar Presidenta da República Brasileira, Dilma Rousseff.

A autora percebe que, a partir da metade do século XX, tivemos uma importante ampliação do movimento feminista, atuando em diversas frentes, como o direito a creches, o combate à violência contra mulher, a defesa dos direitos reprodutivos, assim como a defesa de uma ampliação na participação feminina na política. Essa atuação foi tão positiva que, com a chegada do PT na Presidência da República, em 2003, na virada do século, tivemos um avanço significativo no que tange aos direitos das mulheres. Como alguns exemplos, podemos citar a aprovação da legislação que regulamenta os direitos das/os trabalhadoras/es domésticas/os (PEC das Domésticas, 72/2013), a criminalização e o combate à violência contra a mulher (Lei Maria da Penha nº 11.640/06 e Lei do Femicídio nº 13.104/15) e adoção de orientações educacionais e políticas e incentivo para uma socialização mais igualitária (Programa Brasil sem Homofobia, de 2004 e Programa Mulher e Ciência, de 2005).

No entanto, essas conquistas se deram, sobretudo, devido à pressão que o movimento feminista vem realizando mais intensamente após o período de redemocratização brasileiro. Como falar de conquistas de direitos não é esquecer dos retrocessos, as mulheres continuam se

organizando politicamente defendendo os direitos já conquistados, assim como reivindicando tantos outros. Freire (2018) aponta que a “luta”, enquanto uma categoria histórica e social, tem, portanto, historicidade, estando, por isso, sujeita a mudanças, acordos e acertos. Mesmo assim, estes fazem parte de uma categoria histórica, ou seja, não são permanentes.

Assim, entendemos o feminismo como um movimento coletivo de mulheres que se dá a partir da luta delas pelo reconhecimento específico e sistemático de sua opressão, o qual busca demonstrar que as diferenças entre mulheres e homens não podem ser percebidas do ponto de vista natural, existindo uma possibilidade política de transformação dessa realidade. Indo ao encontro desse pensamento, por movimento feminista, utilizaremos o conceito definido por Maria Amélia Teles para quem o movimento “refere-se às ações de mulheres dispostas a combater a discriminação e subalternidade das mulheres e que buscam criar meios para que as próprias mulheres sejam protagonistas de sua vida e história” (TELES, 2017, p. 23).

Tendo essa definição por base, entendemos o feminismo como um movimento político ancorado por uma teoria profundamente plural e diversificada e que tem como ponto de partida a desigualdade de gênero. Pelo seu caráter político, compreende que os limites convencionais da política são insuficientes para compreender as relações de dominação às quais as mulheres estão historicamente submetidas. Por isso, contesta as formas autônomas da política, expondo suas relações sociais que estabelecem desigualdades no exercício mais direto do poder político.

Diante das barreiras impostas à atuação política das mulheres, elas têm buscado caminhos alternativos, procurando novas maneiras de dar visibilidade às suas reivindicações e de promover suas pautas recorrendo a campanhas, protestos, marchas e ao ativismo nas redes sociais, não se restringindo apenas às disputas eleitorais. Essa busca por dar visibilidade às pautas do movimento vão ao encontro de uma busca incessante por desnaturalizar as diferenças sociais entre homens e mulheres.

Ao discutir sobre a atuação política do movimento feminista na contemporaneidade, Biroli (2018) argumenta que

os movimentos feministas têm atuado de “fora” (exercendo pressão a partir das ruas) e “dentro” do Estado, participando da construção de políticas e de novos marcos de referência para as democracias contemporâneas no âmbito estatal nacional e em organizações e espaços transnacionais. (BIROLI, 2018, p.175)

Dessa forma, percebemos que a atuação política das mulheres se dá para muito além dos espaços institucionalizados, tendo em vista o histórico de sua exclusão. Reivindicar um espaço político para as mulheres requer que se retire da esfera privada as suas problemáticas,

considerando-as como problemas de ordem política. Para isso, as mulheres feministas se organizam por outras vias e outros espaços, de maneira que a sua atuação política assume, inclusive, novos sentidos. E graças a essa atuação sistemática, as mulheres têm adentrado essa esfera pública masculinizada, conseguindo trazer as discussões de gênero para as esferas institucionais.

3.3 Feminismo e ativismo nas redes sociais

Durante a realização do evento Fazendo Gênero – edição 12 no ano de 2021, em formato totalmente *on-line*, foi realizada uma mesa de discussão intitulada “Ativismo Feminista nas redes sociais: é preciso escutar o que elas dizem”³⁹ em que foi levantada a discussão sobre a participação das mulheres em espaços institucionais. Discutiui-se sobre o fato de as mulheres, histórica e socialmente, ocuparem espaços de segunda ordem, pois são esses espaços que estão abertos para o nosso exercício político. Nesses espaços, entretanto, é que nos fortalecemos, percebendo-os como lugares de afirmação a fim de que possamos reivindicar os espaços institucionais que estão, majoritariamente, sendo ocupados por homens. Dessa maneira, como não atribuir uma carga política a esses espaços ditos de segunda ordem?

Nas décadas de 1970 e 1980, uma das características do movimento feminista daquele período era a aproximação de mulheres em grupos de apoio, interessadas em discutir como o machismo afetava suas vidas. As mulheres, à medida que se reuniam, entendiam que era necessário desenvolver uma conscientização, aprendendo sobre a dominação do patriarcado, como ele se disseminava e como se mantinha.

hooks (2020) nos lembra sobre os “grupos de conscientização” a partir de suas experiências e dos seus primeiros contatos com a teoria feminista. Ela comenta que, nesses espaços, as mulheres criavam estratégias com as quais tanto ela quanto outras mulheres ali reunidas iriam mudar suas atitudes e suas crenças, modificando o seu pensamento para um pensamento feminista e comprometido com as políticas do movimento social. Todavia, era necessário que as mulheres se organizassem e, como essas sessões aconteciam na casa de alguma dessas mulheres, “era o lugar no qual pensadoras e ativistas feministas da época poderiam recrutar novos convertidos” (hooks, 2020, p. 26).

³⁹ A discussão foi suscitada pela conferencista Profª. Dra. Carla Rodrigues (UFRJ). [MESA-REDONDA] Ativismo feminista nas Redes Sociais: É preciso escutar o que elas dizem. Florianópolis: Fazendo Gênero 12. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zQmzcdTAJ1k&t=3846s>. Acesso em: 25 jul. 2021.

Relembrando a historicidade da organização do movimento feminista, percebemos o quanto o ativismo das mulheres nas redes sociais se configura como um movimento de continuidade. As redes sociais – percebidas aqui como espaços de segunda ordem, assim como as casas em que as mulheres se reuniam para os grupos de conscientização - se apresentam, na contemporaneidade, como potentes para a discussão e organização do movimento feminista. É nesse ambiente da virtualidade que as mulheres muitas vezes encontram acolhimento e força para reivindicar sua participação e reconhecimento na esfera pública.

Dessa forma, as mulheres feministas têm se apropriado da utilização e popularização das novas tecnologias para a propagação das suas pautas. Sabe-se que a popularização do acesso à internet e às redes sociais facilita cada vez mais a comunicação entre as pessoas, o acesso à informação e a troca de ideias/saberes pelos mais diversos grupos sociais. Para Maria Bogado (2018), essas transformações acabam refletindo na organização dos movimentos sociais que passam a perceber esses espaços não simplesmente como espaços de propagação de informação, mas como um novo tipo de organização política que oportuniza uma democracia mais conectada, ativa e transparente.

Os movimentos feministas passam a se apropriar desse espaço, especialmente na última década, entendendo-o também como um importante espaço político capaz de alcançar a informação a pessoas que, por não estarem vinculadas à academia, acabariam, em sua maioria, não tendo acesso a esse conhecimento. Apesar de não ser possível atribuir integralmente a força das manifestações feministas nas ruas às redes, elas foram, sem dúvida, um ponto estratégico e central para a articulação dos movimentos nos últimos anos.

As atividades políticas que acontecem nas redes são as mais diversas possíveis, pensadas não somente para ações diretas, mas também como mecanismos de pressão às instituições estabelecidas. Além disso, os recursos utilizados, tanto pelos movimentos feministas quanto por outros ativismos, privilegiam a autonomia e a ação direta entre pares. Essa autonomia abre um leque de estratégias de mobilização e comunicação políticas.

De acordo com Cristiane Costa (2018), esse padrão de comunicação teve um efeito positivo, inclusive para pessoas com baixa renda, e para a ação política em países em desenvolvimento. A mesma autora ainda salienta que, em 2015, em meio à dita “Primavera Feminista”, já anteriormente mencionada, o *Facebook* atingiu o número de 74,8 milhões de usuárias/os, chegando a conectar três de cada quatro internautas brasileiras/os. A autora identifica uma série de páginas que tratavam do feminismo com diferentes abordagens e

linguagens, contribuindo para a propagação das pautas feministas tanto para mulheres jovens quanto para aquelas que sequer haviam entrado em contato com esse pensar.

Um exemplo de extrema importância de visibilidade nas páginas que abordam o feminismo nas redes é o Geledés – Instituto da Mulher Negra, que atualmente conta com mais 600 mil curtidas em sua página no *Facebook*.⁴⁰ O Geledés, liderado pela filósofa Sueli Carneiro, é um instituto que surgiu em 1988 cuja missão é combater o racismo, o sexismo, a violência contra mulher e a homofobia. Mesmo tendo suas origens anteriormente à popularização da internet e das redes sociais, percebeu-se as mídias como um importante espaço político, sendo atualmente um dos portais mais influentes de pesquisa e informação para os movimentos feministas. De acordo com a missão institucional do Instituto Geledés,

a comunicação é um direito humano e, a partir dessa perspectiva, o Programa de Comunicação Geledés compreende o tema como uma questão vital para os movimentos sociais em geral e para as mulheres negras em particular, pois, além de instrumento de visibilidade, a Comunicação é tratada como um nexo de empoderamento⁴¹.

Dessa maneira, a linguagem que o ativismo feminista explora nas redes tem suas próprias características, explorando essas relações entre público e privado. Um outro importante mecanismo dos feminismos em rede é a exploração dos relatos pessoais, em que mulheres relatam violências já enfrentadas, trocando experiências a partir de suas vivências. As experiências narradas em primeira pessoa e que se tornam públicas passam, de alguma maneira, a afetar a/o outra/o, permitindo que também possa exprimir suas próprias experiências.

Esses relatos geralmente são impulsionados por *hashtags* ou # que funcionam atualmente como uma importante ferramenta política dos movimentos feministas, traduzindo essas novas formas de ação do movimento. Podemos citar uma série de ações mobilizadas pelo uso das *hashtags*, além do movimento #EleNão, e que são emblemáticas nessa forma de atuação, como: #MeuPrimeiroAssédio, #MeuAmigoSecreto e #DesculpaBrigitte. Todas aconteceram de maneira despretensiosa e, em poucas horas, as feministas brasileiras já estavam envolvidas nas discussões através das redes.

A primeira ação, #MeuPrimeiroAssédio, surgiu como resposta ao assédio sofrido por Valentina Schulz, em 2015, na época com 12 anos de idade, quando ela participou do programa de televisão Master Chef Júnior, sendo alvo de comentários pedófilos nas redes sociais. A

⁴⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes/>

⁴¹ “Missão Institucional: Geledés. Geledés Instituto da Mulher Negra, 10 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/> Acesso em: 02 nov. 2020.

campanha foi criada pela organização Thing Olga⁴², buscando motivar mulheres a relatar suas primeiras experiências com assédio sexual, visto que, muitas delas, inclusive, nunca haviam relatado isso para ninguém anteriormente. A campanha gerou uma imensa comoção e repercussão, resultando em propostas similares em países como Inglaterra e Estados Unidos, chegando a ser replicada mais de 100 mil vezes⁴³. A partir de um levantamento feito pelo próprio Thing Olga, a partir dessa ação, a organização identificou que as mulheres passam pelo primeiro assédio entre 9 e 7 anos de idade (COSTA, 2018).

Já a segunda ação, #MeuAmigoSecreto, deu sequência à primeira, sendo organizada pelo Coletivo Não Me Kahlo, um coletivo feminista que se originou pelas mídias sociais e atualmente conta com mais de um milhão de seguidoras. A *hashtag* criada em novembro de 2015, de forma espontânea e coletiva, teve seu início na rede social *Twitter*. Era uma época próxima às comemorações festivas de natal, momento muito comum de serem realizados encontros festivos entre família, amigos e lugares de trabalho em que costumam ser feitos o chamado amigo oculto ou amigo secreto. Nesses encontros, as pessoas sorteiam os nomes uns dos outros e trocam presentes. As administradoras do Coletivo relatam que,

lendo nessa época os tweets das pessoas que seguíamos, um nos chamou atenção. Uma menina reclamava do amigo secreto que havia tirado no sorteio, que não lhe agradava. Inspiradas no formato de seu microrelato, resolvemos fazer uma série de tweets que trouxessem uma perspectiva feminista à situação. Fizemos isso várias vezes em outras ocasiões, mas nunca havíamos tido o alcance que conseguimos com a #MeuAmigoSecreto. (NÃO ME KAHLO, 2016)

Buscando propiciar tal perspectiva feminista, o coletivo publicou uma sequência de *tweets*. A ideia era tornar públicos os relatos de assédio realizados por homens próximos, mas sem identificá-los. Com isso, a ação conseguiu denunciar uma série de comportamentos abusivos, permitindo que milhares de mulheres compartilhassem seus relatos e pudessem interagir umas com as outras. Estima-se que a #MeuAmigoSecreto tenha sido mencionada mais de 170 mil vezes no *Twitter*⁴⁴.

A terceira ação que gostaríamos de destacar aconteceu no final do mês de agosto de 2019, durante o primeiro ano de mandato do mesmo político e então presidente brasileiro Jair Bolsonaro. Ele ofendeu a primeira dama do presidente francês, Emmanuel Macron, devido a

⁴² Organização não governamental que busca sensibilizar a sociedade para questões de gênero e interseções, além de educar e instrumentalizar pessoas que se identifiquem como agentes de mudança na vida das mulheres. “Quem somos”. Disponível em: <https://thinkolga.com/quem-somos/> Acesso em: 02 nov. 2020.

⁴³ “Uma primavera sem fim” por Luísa Bello. Thing Olga, 18 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.mulheressocialistas.org.br/uma-primavera-sem-fim/> Acesso em: 02 nov. 2020.

⁴⁴ Idem.

grandes críticas do presidente a Bolsonaro sobre as constantes queimadas ocorridas na Amazônia. A situação começou quando um seguidor do presidente brasileiro fez uma publicação utilizando duas imagens: em uma delas havia Jair Bolsonaro e sua esposa, Michele Bolsonaro, e, na outra, o presidente francês, Macron, com sua esposa, Brigitte Macron. Ao final da imagem, havia uma legenda contendo a frase “Agora entende porque Macron persegue Bolsonaro?”. Em seguida, o próprio presidente brasileiro respondeu: “Não humilha, cara!”, sendo a resposta seguida de expressões que, nas redes sociais, fazem menção a risadas.

Alguns dias depois de o presidente brasileiro ter zombado da aparência da esposa do presidente francês, por ela ser uma mulher mais velha em relação à sua esposa, Michele, o comentário sexista feito por ele foi deletado, mas, mesmo assim, acabou “viralizando” nas redes sociais. Naquele momento, esta foi apenas uma das razões de uma forte crise diplomática entre o governo francês e o brasileiro. Levando em consideração essa situação, grupos e coletivos feministas levantaram a *hashtag* Desculpa Brigitte ou #DesculpaBrigitte como uma espécie de pedido de desculpas pelas atitudes machistas e desrespeitosas que o presidente brasileiro expressou.

A primeira-dama francesa, em coletiva de imprensa alguns dias após o acontecido, agradeceu em português às mulheres brasileiras pelo apoio e disse: “Além de mim, é para todas as mulheres. As coisas estão mudando, todos devem estar cientes disso. Há coisas que não podem mais ser ditas e coisas que não podem ser feitas”⁴⁵.

A partir de alguns exemplos aqui demonstrados, conseguimos perceber que a atuação dos movimentos feministas a partir das redes sociais pode gerar importantes movimentações, sendo capaz de cuasar um certo “barulho” ao conservadorismo. Ademais, a rede potencializa uma estratégia histórica do feminismo que se baseia na valorização do espaço privado e das narrativas pessoais das mulheres. Algumas teóricas, inclusive, caracterizam essas novas formas de ativismo como uma quarta onda feminista (HOLANDA, 2018).

A massiva adesão a essas formas de ativismo e de articulação dos movimentos feministas denuncia o quanto há uma carência de espaços para/pelas mulheres de discussão política. Por meio do ativismo nas redes, é possível refletir, discutir, questionar e denunciar as opressões e os abusos aos quais as mulheres são historicamente submetidas e traçar novas estratégias de resistência a essas questões.

⁴⁵ NINJA, Mídia. Brigitte em coletiva de imprensa para o Brasil. 29 ago. 2019. Facebook: Mídia NINJA. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=378707726359453>. Acesso em: 20 jan. 2020.

4 “UMA MANHÃ, EU ACORDEI...”: O GRITO DAS MULHERES COM #ELENÃO

Uma manhã, eu acordei. E ecoava ele não, não, não.
 Uma manhã, eu acordei e lutei contra um opressor!
 Somos mulheres, a resistência de um país sem
 fascismo e sem horror. Vamos à luta para derrotar, o
 ódio e pregar o amor
 (Hino das mulheres unidas contra Bolsonaro, 2018)

Este capítulo se centra na análise das entrevistas, relacionando-as juntamente com as/os teóricas/os que vêm nos amparando nesse caminhar que se faz caminhando. Como nos diz Gebara (2000), ouvir as mulheres é a matéria prima do feminismo. Recorremos às suas histórias de vida, buscando romper com o silêncio que muitas vezes cerca as pesquisas acadêmicas. Nesse processo de ouvir, buscamos compreender seus desejos, suas dores e suas esperanças.

Dessa maneira, categorizamos as entrevistas que realizamos com três das administradoras do grupo em três eixos, os quais compõem os subcapítulos: uma guerra contra as mulheres, a participação das mulheres na política e o grupo na rede social *Facebook*, enquanto um espaço educador. Apesar de as entrevistas terem sido bem longas e as mulheres com histórias de vida bem diferentes, esses temas permeiam suas narrativas.

4.1 Uma guerra contra as mulheres

A antropóloga argentina Rita Laura Segato, uma importante estudiosa das relações de gênero, em sua obra “La Guerra Contra Las Mujeres” (2016), suscita-nos a refletir sobre as violências às quais as mulheres estão sujeitas na sociedade patriarcal, especialmente dentro do contexto da América Latina. Mesmo com mais leis que protegem as mulheres, elas não são suficientes, pois as violências só têm aumentado e representam, definitivamente, uma guerra contra as mulheres. Uma guerra não exatamente nos moldes que aprendemos nos livros de História, mas, sim, uma guerra informal, fruto da modernidade, que se inscreve no corpo das mulheres de diversas formas, física, mental e, quiçá, espiritual.

A transição de um patriarcado de baixa intensidade para o patriarcado-colonial-moderno modificou profundamente as relações de gênero na América Latina, após o período das grandes invasões europeias. Segato (2016) aponta que a expressão patriarcal-colonial-moderno descreve, de maneira adequada, a forma como o corpo das mulheres representa uma propriedade, sendo este, em sua percepção, caracterizado como a primeira colônia.

Mesmo que o próprio processo de conquista não pudesse ter sido concretizado pelo sistema anterior, essa transição fez com que os homens, vulneráveis ao exemplo das masculinidades vitoriosas, se sujeitassem a essa nova configuração e eles “irán así a funcionar como pieza bisagra entre dos mundos, divididos entre dos lealtades: a su gente, por un lado, y al mandato de masculinidad, por el otro” (SEGATO, 2016, p. 19)⁴⁶. Compreendemos que, por mais que as diferenças sociais fossem um abismo entre as masculinidades, a condição de dominação dos corpos das mulheres foi um fator de união, sendo a “masculinidad como primera y permanente pedagogía de expropiación de valor y consiguiente dominación” (SEGATO, 2016, p. 16)⁴⁷.

O termo “expropiación”, traduzido para o português livre como “expropriação”, é um termo jurídico que significa, em linhas gerais, retirar de alguém sua propriedade, seja por conveniência ou necessidade pública. Aqui, entendemos que a sociedade patriarcal percebe os corpos das mulheres ou feminizados como sua propriedade, seu território. Esse termo, atrelado à “pedagogia”, demonstra o quanto essa construção social do corpo da mulher como um objeto é disseminada como um saber, contribuindo para a construção e legitimação de uma cultura que oprime e menospreza a vida das mulheres.

Partindo desse saber que é dado com algo naturalizado, o que a sociedade apresenta é um verdadeiro ódio aos corpos das mulheres, femininos ou feminizados. Como o sistema patriarcal não se sustenta sozinho, o racismo e as desigualdades sociais, frutos da problemática de classe, estão de braços dados com ele, alimentando um ódio a todos os grupos historicamente excluídos da sociedade (pessoas negras e empobrecidas).

Por isso, buscamos argumentar que estamos diante de um cenário bélico no qual a violência contra as mulheres deixa de ser uma estratégia e passa a se tornar um efeito colateral. As guerras dos dias atuais⁴⁸ são um projeto ao longo prazo, ou seja, não possuem data para se findar e muito menos são compostas por derrotas ou vitórias, pois não almejam conquistar a paz. Nesse cenário, as mulheres constituem um grupo extremamente vulnerável às violências

⁴⁶ “(...) eles irão, portanto, funcionar como uma peça de dobradiça entre dois mundos, divididos entre duas lealdades: ao seu povo, por um lado, e ao mandato da masculinidade, por outro”. (SEGATO, 2016, p.19)

⁴⁷ (...) masculinidade como primeira e permanente pedagogia de expropriação e de valor, consequentemente de dominação” (SEGATO, 2016, p.16).

⁴⁸ Rita Segato, na obra mencionada, dedica um dos capítulos do livro a analisar a situação da Cidade de Juárez – México, considerada a cidade mais violenta para uma mulher viver. Diferentemente do Brasil, onde a maior parte dos crimes de feminicídio são cometidos por parentes próximos da vítima, lá as mulheres são mortas em espaços públicos. Esses crimes funcionam como uma espécie de ‘espetáculo’ e uma forma de demonstração de poder de organizações compostas pelo que chamamos de Segundo Estado (facções, guangues, máfias, milícias, mercenários, forças estatais, entre outras formas de crime organizado). Para a autora, esses crimes sugerem a capacidade de selar uma aliança entre mafiosos e servem, também, como exemplo do poder disciplinar e da lei, uma lei paralela ao Estado (SEGATO, 2016).

e servem para demonstrar o poder do macho (SAFFIOTI, 1989) e o quanto esses corpos só possuem valor à medida em que forem controlados.

Apesar de Segato (2016) estar utilizando a analogia da guerra para compreender a que condições as mulheres estão sujeitas em outros países da América Latina, conseguimos perfeitamente perceber semelhanças na vida das mulheres brasileiras. Em palestra, a autora chega a mencionar, inclusive, que, “quanto mais racista um país se apresenta mais perigoso e letal, ele significa para a vida das mulheres”⁴⁹.

As entrevistas com Ludimilla e Liliane, principalmente, apresentam, em diversos momentos de suas falas, essas violências às quais as mulheres estão submetidas nas mais diversas esferas da vida. Violências que são atravessadas pelas problemáticas de gênero, de raça e de classe e que são legitimadas pela maneira como o Estado atua (SAFFIOTI, 2017). As políticas conservadoras apenas se intensificaram com a eleição de Bolsonaro em 2018, tendo em vista que já caminhávamos há alguns anos com uma perda sistemática de direitos tanto para as mulheres como para os demais grupos sociais.

Diante dessa questão, percebemos que a luta das mulheres deve acontecer de maneira interseccional, à medida que o racismo e a questão de classe sustentam o sistema patriarcal, em cuja tríade de poderes as mulheres são o alvo de uma guerra em que se quer legitimação. Podemos observar essa questão em uma das falas de uma das entrevistadas, ao se referir à situação das mulheres negras no país:

Então assim, é, essas estatísticas a gente tá vivendo uma guerra. A gente vai ficar esperando quem é o próximo, a próxima? E uma coisa que eu sempre falo, né, quando eu falo sobre racismo e violência policial que acabou sendo meu foco, por ter sido vítima, principalmente. Quando a gente fala do genocídio da juventude negra. Dos meninos negros, dos jovens negros. Ai alguém pode perguntar: "O que vocês, mulheres, têm a ver com isso?" Eles são nossos filhos, né?! Nossos maridos, nossos irmãos, nossos primos, nossos amigos. Imagina, é, eu não tenho filhos, mas eu tenho irmãos negros. (...) Sobrinho negro, namorado negro. Então, eu quero que meu namorado possa passar em uma blitz e não tenha medo que o policial possa dar um tiro nele. Mas é uma situação que a gente vive que é delicadíssima.
(LUDIMILLA)

A partir dessa fala, conseguimos perceber que o Estado possui um projeto político bem claro e que tem, por principal alvo, as pessoas que são desfavorecidas socialmente. Quando Ludimilla menciona sobre como a violência policial, através do racismo, opera e afeta a vida de tantas mulheres que perdem seus filhos e parentes próximos, conseguimos enxergar um

⁴⁹ Gênero e Colonialidade - Aula Pública com a Prof^{ta} Dr^a Rita Segato. Brasília: Unbvtv, 2020. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VgcSZmwn8I4&t=3624s>. Acesso em: 25 jul. 2021.

cenário de guerra. Uma guerra velada, assim como o racismo e as desigualdades sociais que se apresentam na estrutura social brasileira. Nessa situação apresentada por ela, mesmo que o corpo físico das mulheres não seja diretamente atacado, ele é extremamente afetado, visto que, se essa mulher perde um filho ou um parente próximo, isso é reflexo do racismo estrutural presente na sociedade brasileira.

Como em uma guerra armada, o extermínio não contribui para a vitória, mas, sim, para a derrota moral e psicológica das pessoas envolvidas que também se dá nessa guerra contra as mulheres que buscamos aqui abordar. Se sairmos conversando com mulheres nas ruas ou talvez as consultando pelas redes sociais, questionando-as sobre o que mais as amedronta, ao saírem às ruas, certamente, uma das respostas mais frequentes será o medo de ser estuprada. Essa questão, sem dúvida, é um grande problema.

Os crimes ditos sexuais que são cometidos às mulheres, ao contrário do que se pensa, não são cometidos por homens com problemas mentais. Eles apenas expressam uma estrutura simbólica que organiza nossos atos e fantasias e demonstram o pacto social que há entre agressores e a sociedade. Afinal, no imaginário social, os corpos das mulheres são percebidos como objetos a serem descartados, quando não lhes servem.

Ao conversarmos sobre a situação política do Brasil, Liliane faz uma ‘denúncia’ que estreita ainda mais os limites entre democracia e condição das mulheres em nossa sociedade. Por ser filha de um militar, Liliane conviveu com seu pai e acompanhou de perto o funcionamento do regime de uma perspectiva que, por mais que não fosse compreendida enquanto ela era criança, com sua experiência, hoje, ela consegue ter um olhar muito mais crítico. Ela nos relata a seguinte situação:

Entre 2011 e 2013, nós começamos a ter uma conversa. E aí ele começou a falar demais. E aí ele pegou e falou assim, ele falou que lá no período da ditadura que um monte de mulheres foram presas, sendo inocentes. Sem serem militantes, sem serem simpatizantes de comunismo, de socialismo, de nada! Eles achavam essas mulheres interessantes. Prendiam essas mulheres, registravam como comunistas. Só que nesse ínterim, elas eram estupradas. E a grande cereja do bolo da época da ditadura eram essas mulheres sendo violentadas. E que, assim, as que aparecem e que apareceram fazendo denúncia que esse tipo de coisa acontecia, elas realmente eram militantes. Mas as que não eram, se calaram pra sempre! (LILIANE)

O estupro, dentro de uma luta armada, funciona como uma tática de guerra e expressa o controle absoluto. Nesse caso, ele atua como uma ferramenta de derrota moral e psicológica ao inimigo, um mecanismo de controle que somente é conquistado por meio desse ato criminoso e degradante aos corpos humanos, principalmente aos corpos das mulheres.

Segato (2016) trata o estupro como um ato alegórico por excelência em que, através de um único ato, consegue-se exercer uma dominação física e moral, tendo em vista que o sexo está coberto de moralidade. Em certas organizações criminosas e, por que não, no íterim das forças estatais, o estupro funciona como um rito de passagem: uma legitimação da masculinidade que só acontece a partir da dominação desses corpos tidos por vulneráveis, os corpos das mulheres

Mesmo que Liliane esteja fazendo um relato não diretamente de sua vida, nesse trecho, ela relata, em tom de medo e revolta, a forma como as mulheres eram tratadas no período da ditadura militar e o seu pavor de que retornemos a esse cenário. O estupro, nessa situação, assim como em uma guerra armada, funciona como uma estratégia de dominação e legitimação de poder.

Como o pensamento que Simone de Beauvoir (2009) nos deixou, basta uma crise política para que os direitos das mulheres sejam cerceados. Por isso, devemos nos manter vigilantes todo tempo, visto que não podemos considerar que esses direitos sejam realmente nossos. O Estado legitima o poder patriarcal, pois é conivente com os crimes de gênero, garantindo sua impunidade.

Se estamos vivenciando uma guerra – uma guerra política, quando temos não somente a candidatura, mas a eleição de Bolsonaro em 2018 -, legitimamos toda uma estrutura social que quer o extermínio de todos os grupos historicamente excluídos e marginalizados na sociedade. Bolsonaro representa o poder patriarcal em seu mais alto nível: misógino, racista, homofóbico e negacionista da ciência e dos direitos humanos.

Se mantemos o poder centrado em pessoas que ferem os direitos fundamentais dos seres humanos, conseguimos ver uma crescente faccionalização inserida na cultura política, uma vez que a política, na contemporaneidade, não se configura como de ordem ideológica, mas, sim, a partir de redes de interesses e alianças. Há uma disputa constante de poder e de controle social, sendo as pessoas consideradas territórios a serem dominados (SEGATO, 2016). Essa faccionalização não significa dizer que o Estado está se tornando uma máfia, mas, antes, que há uma institucionalização e banalização da criminalidade.

Por conta disso, podemos dizer estar presente, nas políticas bolsonaristas, uma pedagogia da crueldade (SEGATO, 2016) que torna o sofrimento e a dor das pessoas um espetáculo banal e cotidiano. Essa é uma estratégia para manter o mesmo sistema patriarcal funcionando, o que não se estende apenas às mulheres, mas a todos os demais grupos sociais que não se adéquam ao conservadorismo.

Portanto, reiteramos a necessidade de que as lutas sociais sejam entrelaçadas por meio de uma pedagogia da transformação (SEGATO, 2016). Ao longo da história, as mulheres, enquanto grupo social oprimido, têm demonstrado e proposto estratégias de modificação social, indicando politicamente um caminho de transformação social coletiva.

4.2 Mulheres na política

Durante a realização das entrevistas, a política foi um terreno que perpassou todas as conversas quase em sua totalidade, tanto quando discutimos a condição das mulheres, como sua participação e atuação em uma política institucional. Quando narram os seus primeiros contatos e envolvimento como uma militância, seja ela partidária ou não, elas contam que se envolveram nos movimentos por um sentimento de necessidade de mudança e de transformação.

Como já forma mencionado, desde 2013, com as conhecidas Jornadas de Junho, o que o Brasil tem vivenciado é uma indignação política que tem levado as pessoas às ruas para externar essa insatisfação (SINGER, 2018). Essa situação refletiu diretamente no *impeachment* da Presidenta Dilma e culminou com a candidatura e vitória de Jair Bolsonaro em 2018.

A própria questão do *impeachment* de Dilma foi uma das questões cruciais para os retrocessos e os ataques aos direitos das mulheres. Sobre essa questão, Ludimilla assim relata:

Eu confesso a você que eu lavei minhas mãos, em relação ao impeachment. Entendeu? Eu não me senti motivada a participar de nenhuma mobilização. Até porque nem aconteceu. A própria militância do PT não mobilizou a sociedade para defender a Dilma. E talvez esse seja um erro da esquerda. Da esquerda em geral. Um erro meu também. Mas, é, eu digo a você que eu tava bem mordida em relação a 2009, bem chateada com a forma que o governo Lula tratou a greve. Foi o primeiro governo a judicializar uma greve. Nem FHC teve essa audácia. (LUDIMILLA)

A greve da qual ela nos fala, foi uma greve grande dos servidores do INSS que aconteceu em 2009, em que os servidores foram bem penalizados pelo governo da época, representado pelo Presidente Lula naquele momento. Ela relata que, como militante do movimento sindical, sentira-se traída por um governo que carrega, no seu histórico e no seu nome, a defesa dos direitos das/os trabalhadoras/es. Porém, em 2018, a confirmação de que Jair Bolsonaro seria candidato à presidência por um partido novo, o PSL, trouxe uma grande preocupação. Diante disso, Ludimilla diz que começou a postar nas redes sociais e expressar esse sentimento de revolta e preocupação com a iminência de um candidato que representaria um grande perigo, sobretudo para as mulheres. Em conversa com uma amiga, ela começou a perceber que outras

mulheres também não estavam se sentindo representadas e teve a ideia, então, de mobilizar algumas mulheres para realizar uma manifestação na cidade de Salvador, cidade em que reside.

Com o olhar de uma publicitária, Ludimilla começou a pesquisar no *Facebook* se existiam grupos com outras mulheres que estavam com o mesmo sentimento.

Eu tive uma noite meio mal dormida e acordei na manhã de 30 de agosto de 2018 e comecei a pesquisar. A publicitária começou a pesquisar. "Será que tem alguma coisa de mulher no Facebook aí?" É, PFOA, né?! Pontos fortes, oportunidades e pontos fracos, ameaça que a gente chama no marketing e na publicidade. É, ou FOFA, como algumas pessoas chamam. Aí, eu comecei a pesquisar, né... Sagrado Feminino, Maternagem e ã ã ã... Aí eu... Corte costura, moda e estética... E eu: "Porra, não é possível que não tenha um grupo de mulheres falando de política?! E nada! E eu: "Será que tem alguém falando de Bolsonaro?" Aí achei o "Brasil Contra Bolsonaro". Era uma página. Uma página de piada, de meme, de gracinha. Não tinha um caráter político. E eu: "Opa, temos uma oportunidade aí! Eu sei que tem um bocado de mulher arretada com esse Bolsonaro. Eu não sou a única. Nem eu, nem minha amiga".

Aí eu pensei: "E se eu criasse um grupo só de mulheres, não quero homem. Por que eu não quero homem? Porque homem interrompe, homem fica explicando, não deixa as mulheres falar. Homem não deixa a gente dizer. Pronto, não quero homem!"

E se eu criasse um grupo de mulheres no Facebook e nesse grupo a gente fosse contra Bolsonaro e, aí, a gente começasse a pensar estratégias pra ser contra ele? Pra alertar as pessoas de que ele não presta, de que ele não é um bom candidato. Que ele é machista, misógino, LGBTfóbico, racista! Enfim..." Aí, eu pensei: "Beleza!" Naquela mesma manhã, às 6h25min. O nome já era esse! (LUDIMILLA)

A partir dessa fala, percebemos o quanto é necessária a organização política das mulheres para um sentido além do essencialista. Se temos uma predominância de grupos nas redes sociais discutindo sobre maternidade, sagrado feminino e estético, isso só reflete o quanto a sociedade ainda naturaliza a construção das feminilidades enquanto construções de ordem natural. A predominância não significa somente que as mulheres se interessam por esses assuntos, o que não é um problema. O problema é a discussão apenas desses temas que estão também na ordem política, mas não contribuem para o fortalecimento e para a conquista dos direitos das mulheres.

Após a criação do grupo, Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, Ludimilla contou de que maneira as primeiras organizações aconteceram.

Peguei as minhas amigas. Eu tinha 2000 amigas no face, homens e mulheres. Metade mulher mais ou menos. Peguei essa metade e botei pra dentro do grupo. Dessas amigas, escolhi 6 amigas e botei pra administradora. E mandei a seguinte mensagem: "Amiga, é o seguinte. Criei esse grupo contra Bolsonaro. Tô botando você como administradora. Se você não quiser ficar, não gostar, você me avisa que eu te tiro. Vamos juntar aqui contra esse cara!"

Beleza. Todas as minhas amigas amaram a ideia. "Aí amei! Maravilha! Esse Bolsonaro não vale nada!" Pronto. Aí essas 1000 amigas, chamaram mais 1000 amigas, que chamaram 1000 amigas em 48h eram 6000 amigas. E o negócio não parava! (LUDIMILLA)

Como um rastilho de pólvora, o grupo tomou uma proporção que nem Ludimilla esperava, chegando, em uma semana, a 1 milhão de membras e, em 15 dias, a 2,5 milhões de mulheres. Bogado (2018) aponta que essa é uma característica muito comum na maneira como as mulheres se organizam por meio das redes sociais, privilegiando a autonomia e a ação direta entre pares, refletida nesse “boca a boca” virtual. Castells (2013) complementa essa característica afirmando, de forma categórica, que a construção autônoma das redes sociais controladas e guiadas pelas pessoas que as utilizam se apresenta como uma verdadeira transformação social.

Embora, como ela mesma disse, sem falsa modéstia, esperasse, como publicitária, que o grupo teria um grande alcance, imaginava que isso poderia levar a uma manifestação pequena em Salvador e nada mais. O que ela não imaginava é que o movimento refletiria em todo país e, também, em mais de 60 países no exterior, tornando as mulheres como uma resistência diante das políticas conservadoras. Em suas palavras:

Aí de repente, virou a voz da esquerda contra Bolsonaro! E as mulheres se apropriaram dessa coisa com uma magnitude. E de repente o grupo se tornou algo mais. Debate sobre racismo, machismo, LGBTfobia, formação política. É, direitos humanos... E a gente começou a debater outras coisas no grupo. Apoio a vítimas de violência, violência doméstica, sexual. Mulheres compartilhando seus conhecimentos, suas vivências, suas experiências... Suas dores!!! E aquilo ali começou a se tornar um lugar mesmo para falar, o que as mulheres não conseguem falar na rede social sem ter um macho nos subjugando, querendo nos humilhar. Nos xingando, nos desrespeitando! E, aí, o grupo virou um farol. Despertou a esquerda. Mostrou para a esquerda: "Olha, a gente ainda tá vivo! Vamos lutar contra Bolsonaro!" A gente não pode entregar, assim, a presidência de mão beijada! E, através do grupo, foram organizadas diversas manifestações. A manifestação do dia 29 de setembro de 2018 foi a maior de todas! Né?! Ela simplesmente... foram mais 120 cidades e em mais de 60 países diferentes. Foi... muito louco! (LUDIMILLA)

Esse trecho de sua fala reflete o quanto as mulheres carecem de espaços em que possam discutir sobre suas problemáticas e sobre política de mais maneira mais abrangente. Por conta disso, os espaços ditos de “segunda ordem”, como as redes sociais, oportunizam a organização e a educação política para/pelas mulheres. Ludimilla, a partir desse relato, nos suscita a pensar que, para além do objetivo do grupo, as mulheres se atraíram por esse espaço por ele não ter homens. Já existia um grupo tanto de homens e mulheres que, mesmo não tendo um carácter mais sério, suscitava algumas discussões, mas, sem dúvida, não tinha o mesmo carácter de

acolhimento que o MUCB representou na vida das mulheres que ali estavam e que se envolveram com o Movimento #EleNão.

Com esse sentido de acolhimento e significando um espaço de representatividade para as mulheres, é que as nossas outras duas entrevistadas se uniram ao grupo. Liliane e Bianca ingressaram no grupo nesse processo de uma amiga convida outra amiga. Conforme interagiam no grupo e se mostravam ativas, através de comentários e compartilhamento de informações, elas começaram a ser notadas pela administração do grupo, sendo, então, convidadas a participar da moderação e, posteriormente, da administração do grupo.

Liliane, mesmo estando, ao longo de praticamente toda a sua vida, mais alinhada a uma política de direita, relatou-nos que o fato de Bolsonaro subir nas pesquisas de intenção de voto a fizera acordar e perceber que alguma coisa de muita errada estava prestes a acontecer. O fato de sua família, principalmente seu pai, deixar de até mesmo falar com ela, por ela não ser favorável à candidatura de Bolsonaro, causou um sentimento de indignação nela e uma vontade de ação, principalmente por conta do discurso misógino, o qual fazia sérias apologias ao estupro das mulheres como algo natural, como discutimos no contexto histórico desta pesquisa.

Então, eu vi um quadro na minha frente. Apavorante! E eu não podia deixar isso acontecer de jeito nenhum! Então, quando chegou setembro de 2018, o MUCB foi criado, no dia 30 de agosto de 2018. E eu já tava muito inquieta. E eu tava escrevendo muito nas redes, no Facebook, que é onde eu interajo. Quando chegou no dia 2 de setembro, né?! Porque foi criado no dia 30 de agosto. Eu já angustiada, escrevendo, escrevendo! Uma amiga pegou e me mandou pra mim assim: "Olha esse link." E ela me mandou o convite. Na hora que eu entrei, é, eu era tipo assim, o membro 248 mil. Tava começando o MUCB. E aí na hora que eu entrei eu pensei: gente, esse monte de mulheres de etnias diferentes, de crenças diferentes, de cores, de visões políticas diferentes são contra Bolsonaro. Eu não tô sozinha! Eu não tô sozinha!!!
(LILIANE)

A frase “Eu não tô sozinha!”, logo após Liliane relatar como ingressou no grupo, remete ao sentido de “Eu não estou louca!” “Existem outras pessoas pensando assim como eu!”. Com isso, ela demonstrou, em sua voz, certo tom de alívio em perceber que existiam outras mulheres pensando da mesma maneira. Como a sociedade tende a perseguir as mulheres, como nos aponta Federici (2017), ao longo da história e, principalmente em períodos de tensão política, esse sentimento de pertencimento e de lutar contra um sistema que as oprime é, em si, revolucionário.

Pensando a perseguição, ao longo dos tempos, à qual o corpo das mulheres está submetido, é importante ressaltar que essas mulheres também enfrentaram perseguição política, principalmente nas redes sociais, afinal, o patriarcado teme o poder de transformação social que

as mulheres possuem. (FEDERICI, 2017). Logo após ter completado uma semana de existência, o grupo sofreu um ataque *hacker* por um grupo bolsonarista que, ao invadir o grupo, modificou o seu nome para “Mulheres com Bolsonaro”. Sobre o ataque, Ludimilla relata:

Eu sofri perseguição de verdade!!! Ameaças de morte! Xingamentos que culminou com o ataque hacker. O ataque hacker foi a maior violência que fizeram mais teve várias outras violências, né?! A vida foi cassada! A minha vida escolar, pessoal e, justamente o gabinete do ódio. Que hoje tem um nome, na época não tinha nome. A gente não sabia que ele existia. Ele simplesmente se voltou contra mim! As mulheres do grupo que eu não fui a única que sofreu ataque hacker e tudo. (LUDIMILLA)

Ludimilla e outras administradoras do grupo tiveram seus perfis pessoais no *Facebook* também hackeados. Essa situação, além de ser de extrema violência, reflete o quanto a repercussão do grupo foi grande, tendo em vista que os grupos conservadores e apoiadores de Bolsonaro estavam claramente com receio do poder e da força que o grupo de mulheres estava representando para a esquerda brasileira. Nossas outras duas entrevistadas não relataram ter passado por uma perseguição política nas redes sociais tão forte quanto Ludimilla foi obrigada a enfrentar, até mesmo por ter sido a idealizadora do grupo e estar à frente do movimento.

Porém, essa violência não impediu que as mulheres continuassem organizando um movimento a fim de impedir que Bolsonaro fosse eleito. Como as mulheres reunidas ali eram de diversas regiões do país, inclusive do exterior, elas passaram a organizar grupos menores, nas mais diversas cidades do país, para que pudessem organizar, de forma mais direta, as manifestações nas ruas, marcadas para acontecer no dia 29 de setembro de 2018.

Diante da repercussão e da proporção que o Movimento #EleNão, a partir do grupo, alcançou nas redes sociais e, posteriormente, nas ruas, perguntamos às entrevistadas quais os reflexos do movimento, tendo em vista que ele não alcançou o seu objetivo principal, impedir que Jair Bolsonaro fosse eleito.

É, mas a gente conseguiu! O movimento Ele Não não era apenas não fazer o Bolsonaro ganhar. A gente queria mostrar quem era Bolsonaro. Esse era o grande objetivo! O nosso desespero era mostrar pras pessoas quem era Jair Bolsonaro. A gente conseguiu! Conseguimos tanto que o mundo inteiro sabe quem é o Bolsonaro!
(LILIANE)

Eu acho que os principais reflexos foi a gente continuar dentro dos movimentos que continuam pela oposição do governo. Tirando essas partes técnicas, como processo de cassação da chapa, a gente tem lá, o MUCB envolvido no processo. Protocolado. A gente é parte de processo, né?! Um processo que foi aberto por uma chapa de partido da Marina Silva, entre outros. É, pelo fato do Bolsonaro ter utilizado o grupo pra disseminar fake news. Então a gente é parte de um processo de cassação de chapa. Teve uma votação já há um tempo e é um processo que rola ainda na justiça, por

exemplo. Então a gente participa ativamente de outros movimentos. Teve o “Mulheres Derrubam Bolsonaro”. Foi um movimento pontual. A gente ainda tá em movimento, né?! Mas ele foi um movimento pontual do recolhimento de assinaturas pra ser apresentado lá no Palácio do Planalto. Então a gente participou ativamente desse movimento de oposição.

Numa rede de articulações muito grande. E foram dois manifestos que a presidente Dilma, assinou no ano passado. Somente no nosso e o do Movimento Negro. Então, foram os dois únicos manifestos que ela assinou no ano passado. E a gente se sentiu extremamente honradas por ela estar lendo aquilo dali e de acordo com todas as coisas e as propostas que a gente tá fazendo. (BIANCA)

Liliane e Bianca apontam um importante movimento realizado pelo grupo que percebeu que muito mais importante que lutar contra Bolsonaro é lutar contra o sistema patriarcal. Como discutimos a partir de Saffioti (2017), o patriarcado age por meio da dominação no campo político e ideológico, dificultando a inserção e a atuação das mulheres em uma política institucionalizada. Ao contrário do que se pensava, o grupo, após a eleição de Bolsonaro, se fortaleceu, discutindo outros temas e atacando outros braços do sistema patriarcal, como o racismo e a desigualdade social.

Biroli (2018) argumenta que as mulheres têm atuado politicamente de fora para dentro, exercendo pressão nas ruas, o que reflete na maneira como o Estado atua. Acrescentaríamos a essa questão a organização política dessas mulheres nas redes, pois os movimentos que se desdobram nas ruas têm suas raízes nessa militância que acontece a partir das mídias digitais. Esses espaços têm sido os primeiros lugares em que as mulheres podem encontrar acolhimento e uma escuta sensível de outras mulheres para um envolvimento político.

Sobre os impactos na política institucional, percebemos que a atuação do Movimento #EleNão nas redes sociais pode ter influenciado para que mais mulheres se candidatassem a cargos políticos, assim como também, para além das cotas eleitorais, vencessem as disputas. Nas eleições municipais de 2020, muitas mulheres que participavam do grupo se tornaram candidatas, assim como Ludimilla, candidata a vereadora em Salvador pelo PSOL. Bianca também foi convidada pelo mesmo partido, no Rio de Janeiro, a disputar como vereadora, porém, por motivos pessoais, não quis participar, mas mesmo assim acabou se filiando ao partido.

Se essas mulheres perceberam que mais importante que lutar contra Bolsonaro era atacar o sistema, embora o grupo tenha inicialmente se definido como apartidário, conseguimos perceber o alinhamento de seus pensamentos em partidos de esquerda, principalmente o PSOL. Nessas últimas eleições municipais de 2020, o grupo teve a ideia de abrir um espaço, por meio

da realização de uma *live*⁵⁰, para que as candidatas que ali estavam presentes no grupo pudessem apresentar suas propostas e concepções políticas. Bianca nos relata como aconteceu esse processo:

É, ano passado, a gente já tinha decidido, bem antes da eleição, que seria aberto pras candidatas que elas tivessem mesma linha de pensamento do grupo pra que fosse um espaço público onde elas pudessem fazer, ali, sua campanha. Pra que elas pudessem conversar, expor suas ideias. Então, a gente disponibilizou um questionário pras membras também que às vezes vem candidata. A gente disponibilizou o questionário. Óbvio que a gente teve umas recusas, por questão de alinhamento. Eu escrevi um texto padrão de recusa, mas a grande maioria foi aprovada. A gente tem mulheres de direita no grupo e isso também não é impedimento de nada. Mas a gente não tem alinhamento com políticas públicas mais voltadas pra direita. Quando determinado partido vota de determinada maneira, não é condizente com as nossas políticas. Então, eu coloquei lá nas respostas que não tinha absolutamente nada a ver com o carácter pessoal, mas de acordo com aquilo que nós entendemos que seja um alinhamento político, aquele não era o nosso. Então, a gente não poderia estar abrindo aquele espaço. (BIANCA)

Aqui, conseguimos perceber claramente o posicionamento político que as mulheres que administram o grupo possuem e a responsabilidade de promover uma educação política para/pelas mulheres de maneira que respeite os seus direitos, assim como os dos demais grupos sociais que têm sido severamente atacados pelas políticas bolsonaristas. Sabemos, como nos apontam Saffioti (1989; 2017) e Gebara (2000), que as mulheres reproduzem a lógica patriarcal, à medida que continuam a reproduzir saberes dados como de ordem natural e que tendem a contribuir com a sua condição de opressão na sociedade, uma vez que o processo de conscientização é longo. Sendo assim, não significa que, só por serem mulheres, as membras representem um alinhamento com um pensamento mais progressista. É necessário que essas mulheres estejam alinhadas e em defesa dos direitos das mulheres e dos direitos humanos.

Bianca ainda relata que algumas delas venceram as eleições em seus respectivos municípios. No entanto, uma lição valiosa que essas mulheres aprenderam nas eleições de 2018 é que o fato de ganhar ou perder uma eleição não se constitui como o elemento mais importante, quando pensamos na atuação das mulheres na política. Demonstrar que as mulheres sempre lutaram e continuarão lutando em defesa dos seus direitos e promovendo uma educação política se constituem como objetivos, de fato, muito mais efetivos.

⁵⁰ MUCB. Live MUCB: 2 anos do #EleNão e as candidatas que apoiamos. 29 set. 2020. Facebook: Ludimilla Teixeira. Disponível em: No grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (privado). Acesso em: 15 jun. 2021.

4.3 Redes sociais e educação: pensando novos espaços para uma educação feminista

hooks (2020), em seu livro “O feminismo é para todos”, convoca-nos a pensar uma educação feminista para todas as pessoas, sejam elas mulheres ou homens, com o objetivo de desconstruir a imagem negativa que as mídias convencionais tendem a relatar sobre o que é o feminismo.

Ao longo desta pesquisa, pensamos e discutimos a educação e os processos que envolvem uma educação política para/pelas mulheres, a partir da percepção de hooks (2017), Freire (2014; 2015; 2018; 2019) e Brandão (2017). Essa/es autora/es são centrais e fundamentais para pensarmos a educação para além dos espaços institucionais de ensino, entendendo os saberes populares e as experiências como constituidoras das subjetividades.

Dessa maneira, pensamos que uma educação feminista se configura enquanto uma educação preocupada com todas/os e engajada na defesa dos direitos humanos, pois, quando as mulheres reivindicam o reconhecimento social, não o reivindicam apenas para si, mas para todas as pessoas que historicamente foram e são excluídas da sociedade.

Pensando outros espaços de educação para além dos institucionais, à medida que fomos nos envolvendo com a pesquisa e com as mulheres participantes, percebemos que, mais que um espaço de compartilhamentos de informações, o grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro se configurava como um espaço político. Para Liliâne, “*O MUCB começou como uma plataforma política contra o Bolsonaro. Mas esses mais de 2 anos, a gente foi, a gente foi virando uma quimera que é de direitos humanos!*”.

A partir dessa afirmação, percebemos o grupo também como um espaço promotor de uma educação política para/pelas mulheres e que se desdobrou na organização do movimento social #EleNão. Como nos aponta Gohn (2001; 2011), há uma estrita ligação entre educação e movimentos sociais, uma vez que lutar por direitos é também promover educação. Dessa maneira, entendemos que a participação dentro de um movimento social pode gerar aprendizagens e saberes, configurando-se este como espaço educativo.

As práticas desenvolvidas no interior dos movimentos sociais que se desdobram no ato de participar dão o carácter educativo das ações. Ainda para Gohn (2011, p. 335), podemos definir como movimento social “ações sociais coletivas de carácter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”.

As ações educativas desenvolvidas pelos movimentos sociais se utilizam de diversas estratégias, tanto de maneira direta quanto indireta, e não foi diferente com o Movimento

#EleNão. Como diretas, podemos citar, como exemplo, manifestações, marchas e atos, ações que geralmente acontecem em espaços públicos. Já como indiretas, as ações que acontecem em tom de denúncia e a atuação através das redes sociais se configuram como estratégias de organização e de mobilização. Percebemos que as ações organizadas em torno do Movimento #EleNão aconteceram utilizando tanto estratégias diretas como indiretas, pois o movimento não permaneceu apenas nas redes sociais, tendo também alcançado as ruas.

Porém, centramo-nos na organização do grupo nas redes sociais, visto ser o espaço de maior visibilidade e atuação, o qual consegue alcançar mais mulheres, assim como também manter um grande número de mulheres ainda participando. Gohn (2011), a partir da concepção do sociólogo Habermas, denomina essa forma de organização através das redes sociais como um agir comunicativo, produto de uma nova forma de se comunicar, pelo qual é capaz de criar e desenvolver novos saberes.

Antes de perceber quais os saberes/aprendizagens produzidos pelo grupo, devemos entender como ele se organiza para que possamos caracterizá-lo como um espaço de educação política. O primeiro aspecto utilizado para organização desse espaço que nos chamou a atenção foi a valorização dos saberes e das experiências das mulheres para comporem a administração e a moderação.

Esse conhecimento de publicidade, essa visão de marketing... O que atinge e o que não atinge. Eu tenho esse conhecimento técnico e acho que esse conhecimento é fundamental pro grupo. E o grupo, hoje, entre as administradoras, a gente é bem assim. A Liliane é design, eu publicitária, outra é jornalista. Aí a Bianca trabalha com menor infrator. Tem professora. Auxiliar/técnica de enfermagem. Cuidadora de idosos. Tá ali... estudante de Serviço Social, entendeu?! Então, assim, meio que a gente consegue unir essas, é, esses conhecimentos acadêmicos que eu me incluo e tal. E o fato de eu ser formada em Comunicação me dá um conhecimento pra falar, pra escrever. Aí, eu acabo sendo a porta voz do grupo nos eventos, nas entrevistas, nas matérias. É, eu tenho conseguido manter uma coerência bem bacana desde a primeira entrevista até hoje. Ninguém pode jogar nada na minha cara. "Olha isso aqui tu te contradisse!" E olha, justamente porque, antes de tomar decisões, eu converso com esse coletivo, né?! A gente decide junto. (LUDIMILLA)

Sendo assim, nenhuma mulher que administra o grupo está ali sem razão de estar, tendo em vista que os conhecimentos anteriores e acadêmicos dessas mulheres são valorizados. A utilização e a valorização dos saberes das mulheres em prol da defesa da democracia e, aqui no caso, promotora de uma educação política, se configura como o que hooks (2020) chama de uma educação feminista. Pelos saberes das mulheres serem historicamente invalidados e menosprezados, as mulheres tendem a buscar outros espaços de organização a fim de que

tenham seus conhecimentos valorizados, já que, na maioria das vezes, os espaços públicos estão trancados para elas.

A partir dessa valorização do conhecimento das mulheres, elas são distribuídas em algum dos quatro grandes grupos, os quais são fundamentais para o seu funcionamento diário: (a) o da comunicação, responsável pela produção de conteúdo e material informativo; (b) a aprovação de publicações, um dos maiores, pois todos os dias o grupo recebe centenas de publicações; (c) a aprovação de membras, que precisa uma checagem dos perfis, pois acontece de muitas mulheres bolsonaristas entrarem como infiltradas e (d) o grupo da faxina, que precisa revisar corriqueiramente as postagens para ver se não existem publicações repetidas na página principal e, também, fazer a revisão das membras, pois acontece de, inclusive, homens se infiltrarem no grupo. Além dessa organização, que é a principal, existem outros grupos de apoio, como, por exemplo, o grupo de apoio psicológico, composto por algumas membras que são psicólogas e se propõem a prestar atendimento e acolhimento a mulheres em situação de violência, que buscam, através do grupo, ajuda.

Essa organização em si, que parte da valorização dos conhecimentos e das experiências prévias das mulheres, já se constitui enquanto um processo de educação. Como mencionamos, Gohn (2011) ressalta a construção de saberes que emergem a partir da atuação das pessoas dentro dos movimentos sociais e, aqui neste caso, o próprio ato de participação dessas mulheres já contribui para a produção de saberes. Por meio dessa organização, as mulheres desenvolvem diversos tipos de aprendizagens que se tornam mais significativas por estarem se formando em coletividade, as quais destacamos algumas que são propostas por Gohn (2011): aprendizagens práticas, teóricas, culturais e sociais.

A coletividade é uma característica muito presente no grupo, tendo em vista que, mesmo que essas mulheres estejam organizadas de acordo com áreas do conhecimento com que possuem mais afinidade, elas não são fixas nesses espaços. As decisões importantes para o grupo são decididas em conjunto e todas, assim como mulheres que sejam apenas membras, podem produzir conteúdo e criar material informativo sobre os mais diversos temas que envolvem as problemáticas de gênero.

Sendo assim, organizando-se de forma coletiva e almejando uma organização democrática para o grupo, as administradoras criaram estratégias de ação, a fim de oferecer ferramentas de conhecimento para que as mulheres reconheçam os seus direitos, assim como valorizem e tenham maior consciência sobre a importância dos direitos humanos. As principais estratégias para as suas ações acontecem a partir da produção de *cards* que informam sobre

assuntos políticos da atualidade e a elaboração de *lives* apenas para mulheres que estão no grupo.

Liliane, uma das responsáveis pela comunicação, relatou-nos na entrevista que tinha dificuldade de encontrar conteúdos de linguagem simples e de fácil acesso para as mulheres. Então, ela passou a se informar ainda mais sobre os principais assuntos políticos da atualidade e, a partir disso, fazer uma forma de resumos para que fossem postados no grupo. Isso evitava o compartilhamento de *fake news*, além de oferecer às mulheres um conteúdo mais rápido e simples. *“Porque o que acontece, eu tenho que ler tudo que passa pra me inteirar o que tá acontecendo, não só pra criar o material de comunicação, mas pra saber o que é verdade, o que é mentira. O que é exagero. O que é distorção”*. (LILIANE)

Isso demonstra o quanto essas mulheres realizam um trabalho coletivo extremamente comprometido e que se expressa na fala de todas as entrevistadas: tornar o grupo como espaço de educação para os direitos humanos. A elaboração dos *cards* e a realização das *lives* acontecem a partir do que essas administradoras do grupo percebem como assuntos de extrema necessidade para as mulheres que estão ali.

Entre esses assuntos, a questão da violência e do abuso sexual são temas muito aparentes no grupo, uma vez que são problemáticas que estão na ordem no dia na vida das mulheres. Muitas mulheres procuram o grupo e pedem ajuda para se desvencilhar de situação de violência que enfrentam em seus lares. Bianca, que é responsável pela parte da aprovação das postagens, nos relata que, quase que diariamente, as mulheres criam postagens pedindo ajuda.

Às vezes acontece de ser um desespero e da pessoa não dar retorno. Por exemplo, às vezes, a gente manda mensagem no messenger e não vê. Ou ser um desespero momentâneo. E, às vezes, ela precisa realmente de orientação. A gente fala muito e bate muito na tecla da questão da educação porque às vezes são coisa bem simples que eu, Bianca, como mulher informada, entendo como uma coisa muito simples. Por exemplo, procurar casas de apoio. Se, hoje, eu precisasse procurar uma casa de apoio, eu saberia onde perguntar, onde olhar. Saberia onde tem. E essas mulheres não sabem onde tem. Não conhecem o mapa do acolhimento, não têm acesso. Não sabem como lidar, não conhecem essa informação básica desse tipo de coisa. Então, é realmente necessário ter um espaço em que elas possam perguntar, porque elas não sabem. Às vezes, é um problema sério? Mas, se você parar pra pensar uma informação que deveria ser, uma informação pública. E é uma informação que ela depende daquela rede ali pra ter. (...)Eu faço uma pequena pesquisa e eu acho que elas se sentem inseguras de confiar na pesquisa que elas fizeram. De que aquilo dali tá certo. Será que eu vi certo? Será que isso tá certo? Então, elas se sentem um pouco inseguras com aquilo ali que elas tão pesquisando por ser algo que nunca viram. (BIANCA)

Esse relato de Bianca nos faz pensar muito coisas, mas, principalmente, a falta de políticas públicas que valorizem os direitos das mulheres. Como discutimos a partir de Segato (2016), temos uma falsa sensação de que nós, mulheres, estamos avançando na conquista e acesso a direitos, quando, na verdade, estamos retrocedendo. O Estado é conivente com as violências de gênero, assim como em tornar os agressores impunes diante desses crimes, pois, dessa maneira, o sistema patriarcal continua em pleno funcionamento. Na falta de políticas de acesso que auxiliem essas mulheres a buscar ajuda, o que pode parecer um simples grupo em uma rede social se torna um espaço de acolhimento e apoio. Nele, as mulheres vítimas de violência se informam e buscam ajuda, como também dividem suas experiências e auxiliam outras mulheres a se desvencilhar de situações como estas.

Para tentar amenizar essas problemáticas vividas pelas mulheres, pelo menos as que fazem parte do grupo, duas iniciativas merecem destaque: as *lives* da saúde mental e bem-estar físico e, também, o projeto Vozes MUCB. As *lives*, organizadas geralmente nas segundas-feiras, compuseram o projeto “Segundas da Saúde Mental”, no qual se propunha discutir sobre doenças mentais, principalmente no contexto que vivenciamos mais intensamente em 2020, derivada da pandemia da COVID-19. Essas *lives* são organizadas pelo grupo de apoio de psicólogas ou estudantes de Psicologia, como é o caso de Liliane, em que elas mesmas se organizam para conversar sobre o tema e também convidam mulheres externas ao grupo para conversar.

Com o objetivo de discutir sobre o bem-estar físico das mulheres, também foi criado o projeto “Sextas do bem-estar físico”. Ludimilla nos explica por qual razão esse projeto recebeu esse nome:

E as sextas do bem-estar físico, a gente focou mais, é, para lidar com a questão violência mesmo, a doméstica e a sexual. A gente não quis colocar esse nome porque a gente, é, lidar com o grupo foi nos ensinando algumas coisas. E a gente percebeu que não pode estigmatizar as mulheres. Você não pode dizer pra ela: "Você sofre violência doméstica!" "Você é vítima!" Não é assim. Você precisa meio que demonstrar pra elas entender que aquilo que está acontecendo com ela é uma violência. Mas, se você já chega com essa informação, você afasta essa mulher. Primeiro, porque ela não quer ser estigmatizada. Segundo, que há uma estigmatização, uma culpabilização das vítimas, inclusive dentro do grupo, que é o que a gente combate. (LUDIMILLA)

Essa ação refletida na forma de abordagem de assuntos tão doloridos para muitas mulheres é carregada de sororidade e de uma capacidade de empatia muito grandes. Com o objetivo de agregar mais mulheres para discutir, aprender e compartilhar experiência, o que

aparentemente pode ser só um outro nome se converte em ação que pode transformar a vida de muitas mulheres.

Já o projeto Vozes MUCB (figura 14) foi criado por Bianca e uma outra moderadora. Com objetivo também de ampliar a discussão em torno das violências às quais mulheres são submetidas socialmente, porém, mais focado na questão das violências sexuais. Assim, as mulheres que quisessem participar do projeto enviavam os seus relatos e elas ficavam com o trabalho de ler e resumir esses relatos para que eles coubessem em publicações em formato de *cards*, os quais eram produzidos pela Liliane na comunicação. As publicações eram feitas geralmente através do perfil de alguma das administradoras para que se pudesse manter a identidade das mulheres que enviaram os relatos em anônimo.

Figura 14: Convite às mulheres para a participação no Projeto Vozes MUCB



Fonte: *Facebook*/reprodução livre

Essas ações refletem uma das maiores características da atuação do movimento feminista nas redes sociais que é o compartilhamento das experiências pessoais. A partir dessa narrativa que provém do “eu”, ela circunda o grupo passando a dar um sentido de coletividade, pois, geralmente, as experiências de violência que as mulheres enfrentam nunca são singulares, visto que emergem de uma sociedade inserida na lógica patriarcal. De acordo com Bogado (2018, p. 36), “o curioso dessa construção é que se expõe uma empatia que não se dá através de laços estreitos e íntimos preestabelecidos por relações de proximidade, mas por uma paradoxal pessoalidade impessoal”.

Nesse sentido, o ativismo dos movimentos feministas que acontece nas redes sociais tem se mostrado uma importante ferramenta política e educacional às mulheres, uma vez que esses espaços são percebidos como de segunda ordem. Assim, agem como fonte de interpretação das realidades, de forma a intervir na formação da opinião pública, contribuindo para a construção de identidades individuais e coletivas.

Sobre a rede social *Facebook*, principal rede em que nos debruçamos nesta pesquisa, os escritos de Dilton Junior, Luciana Velloso e Rosemary dos Santos (2020) apontam que

não há como desconsiderar a importância do *Facebook* enquanto um espaço de ambiências formativas para além da mera circulação de informações, na medida em vem se caracterizando como um terreno fértil na promoção de debates durante as campanhas políticas. (JUNIOR; VELLOSO; SANTOS, 2020, p. 98)

Dessa forma, conseguimos perceber as redes sociais como espaços que, *a priori*, não foram criados com o objetivo de formar e informar as pessoas, mas a apropriação desses espaços como ferramentas políticas pelos movimentos sociais e, principalmente pelo feminista, possibilita que esses espaços se tornem também educativos. Com sua capacidade de comunicação rápida, esses espaços podem mobilizar uma quantidade significativa de pessoas em torno de uma causa em comum, o que foi percebido muito claramente nas manifestações do Movimento #EleNão.

Tendo em vista que não há prática educativa neutra, conforme nos ensina Freire (2014; 2018) e hooks (2017) nos reafirma, compreendemos que nenhuma educação é politicamente neutra. Dessa forma, as práticas educativas que as mulheres produzem no interior do grupo são carregadas de um pensamento progressista e de valorização dos direitos das mulheres, ou seja, promovendo uma educação feminista. As entrevistadas, durante as conversas, mostraram entender essa questão e a importância de se posicionar de um lado e esse lado, aparentemente, demonstra estar alinhado a um lado político que respeite e defenda os seus direitos.

Por mais que o grupo não se posicione em torno de um partido específico, percebemos que suas práticas estão alinhadas a uma política de esquerda. Essa questão não implica, necessariamente, que somente as mulheres de esquerda possam participar do grupo, até mesmo porque, se falássemos apenas para nós mesmas, não faria sentido a existência desse espaço enquanto um espaço de produção de conhecimento. Todavia, como as entrevistadas salientam, se uma mulher que é de direita está ali para aprender, ela será muito bem-vinda. Mas, se está ali sendo racista, LGBTfóbica e machista, esse não será um espaço para ela, pois esse tipo de discurso não é opinião, mas, sim, preconceito.

A gente entende o grupo enquanto um espaço de educação. Por isso, se você for uma mulher de direita e você está ali e você tá aprendendo, olhando e lendo, você tem todo seu direito de permanecer ali. Mas, se não, você acaba sendo mais uma que vai ser bloqueada. Isso que acaba acontecendo normalmente. A pessoa acaba sendo bloqueada e depois ela vai reclamar que foi bloqueada. Mas foi bloqueada por quê? Se o que você tem pra oferecer é isso, a gente não quer que seja oferecido. (BIANCA)

Porque a gente percebe que existe muitas mulheres que se dizem contra Bolsonaro, sendo racistas, lgbtfóbicas, muitas transfóbicas.... Daquelas que você não acredita que você está lendo aquilo ali! Então, a gente percebeu que a gente tinha um problema muito grande dentro do grupo. Um universo com 2,5 milhões, na época, de mulheres. Hoje tem 2,3 milhões. A gente precisa transformar isso. Tudo bem, é mais difícil levar essa educação para toda a sociedade, mas, se a gente conseguir fazer dentro do grupo, digamos que nós teremos uma leva de mulheres com uma visão progressista que vai poder levar para sua comunidade o que ela vai aprendendo aqui com a gente. (LUDIMILLA)

Então, nós começamos a identificar essas mulheres com um discurso análogo ao Bolsonaro e, inicialmente, a gente colocava todo mundo pra fora! Vai pra fora! É Bolsominion, pode ir pra fora! Depois a gente começou a discutir, mas se a gente pega essas que se dizem de esquerda, mas que estão com o discurso alienado por um aprendizado errado delas. Familiar ou comunitário, seja lá o que for, se a gente colocar elas pra fora, elas vão continuar repetindo o discurso sem aprender nada. Ai nós chegamos a uma conclusão, vamos fazer o seguinte: vamos tentar reeducar. A gente traz fatos e tal. Foi quando começou a entrar com mais intensidade as lives, né?! Os cards que aí eram de enfiar o dedo na ferida e torce! (LILIANE)

Por mais que as falas pareçam incisivas, entende-se também o quanto elas são necessárias. Sabemos, e isso ficou evidente nas eleições de 2018, o quanto a política bolsonarista é violenta, sobretudo com as mulheres. Sendo assim, entendemos a atitude das administradoras enquanto uma estratégia de proteção e de valorização desse espaço de conhecimento que está aberto para aquelas pessoas que queiram discutir e pensar uma sociedade melhor. Além disso, essa atitude não se reflete apenas em relação a mulheres de direita, mas também se estende as que se dizem de esquerda, mas possuem um discurso análogo ao do bolsonarismo, presente, principalmente, em ataques transfóbicos às mulheres do grupo.

Freire (2014) nos afirma que a educação libertadora, que rompe paradigmas e desconstrói conhecimentos que são dados como verdades absolutas, só acontece à medida que todas as pessoas envolvidas no processo de aprender tomam posse do conhecimento, como se o aprender fosse uma plantação onde todas as pessoas precisam trabalhar para que haja, de fato, devidas transformações. Dessa maneira, assim como em uma sala de aula em que a/o professora/or depende também que as/os educandas/os estejam envolvidas/os em tomar posse do

conhecimento, assim também se faz o grupo enquanto um espaço de educação. Por essa razão, as mulheres que o administram prezam tanto o trabalho coletivo e a valorização dos saberes e de suas experiências.

Se levarmos em consideração a quantidade de mulheres e a quantidade de diversidades presentes nesse espaço, compreendemos que as transformações são pequenas. Os processos que envolvem a desconstrução de certos conhecimentos rompem e modificam formas de vida que estão presentes nas mulheres desde que nasceram.

Quando hooks (2017) assevera que o reconhecimento da diversidade e de atentarmos sobre o que ensinamos e para quem ensinamos, percebemos que essas mudanças causaram revoluções necessárias para acolher aquelas pessoas que estavam às margens, principalmente dentro dos contextos escolares. Trazendo essa reflexão da autora para pensarmos o grupo, percebemos que reconhecer as fragilidades e as problemáticas desse espaço se faz fundamental para que ele continue crescendo e se expandindo para além das redes sociais, pois são as pequenas revoluções que promovem grandes transformações sociais.

A libertação e a conscientização sobre os processos de opressão aos quais nós, mulheres, estamos submetidas, não acontecem de forma repentina. Freire (2014) nos convida a pensarmos na libertação autêntica como um processo de humanização em si e que não pode ser percebido como uma “coisa” que é depositada em nossas consciências. Faz-se necessário que a práxis - ação e reflexão dos seres humanos implique a transformação social, pois “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os *seres humanos* se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2014, p. 95, *grifos nosso*)

Assim sendo, o que percebemos, a partir da escuta e do diálogo com as mulheres participantes, foi que os processos de ensinar e aprender no MUCB acontecem de forma coletiva e livres de uma percepção que Freire (2014) chama de uma “educação bancária”, representada como uma pura transmissão de conhecimento. A construção dos saberes e de uma educação voltada para os direitos humanos acontece de forma orgânica e coletiva, a qual parte das vivências e das experiências das mulheres que administram e compõem esse espaço.

Entendendo essa construção de conhecimento enquanto algo que acontece de forma coletiva, ela reverbera não somente para as mulheres que participam, mas, sobretudo, para as nossas entrevistadas que estão à frente da organização do grupo. Em todas as suas falas, elas relatam o quanto participar do grupo modificou e transformou suas vidas, envolvendo muito mais a sua atuação política junto aos movimentos sociais, como também adquirindo um conhecimento de vida que só pode ser conquistado à medida que se vive.

Percebemos que o que move o trabalho dessas mulheres a seguir ajudando outras mulheres a desenvolver uma consciência política sobre si e sobre o mundo é a esperança. A esperança, um sentimento tão caro a nós, brasileiras e brasileiros, movimenta os sonhos pessoais e coletivos dessas três mulheres. Elas almejam que o MUCB se materialize no sentido próprio da palavra, em uma sede própria para atender a mulheres em situação de violência, assim como também ter um espaço para a realização de formações que discutam as diversas problemáticas que envolvem a vida das mulheres. Quando nos encaminhamos para o final das entrevistas, nós as convidamos para relatar qual o significado do MUCB.

É, na verdade, a gente se retroalimenta em energia, né?! Porque, como eu te falei, tanta coisa que aconteceu, decisões que talvez não foram tão acertadas e que é normal, tem as críticas. Mas a gente pensa em desistir todo dia! E cada pessoa que chega e não.... Isso pra mim é importante! Isso não foi em vão! Isso dá o gás! Porque é tudo, né?! É a gente, querendo ou não, disponibiliza tempo do dia pra tá ali. Mas tem tudo que a gente deveria e as vezes prejudica família, hora de lazer. (LUDIMILLA)

O MUCB é construído com muitas dores e é por isso que ele é tão lindo! É por isso que ele é tão lindo. E por isso que eu sou apaixonada por esse grupo. A gente fica muito brava! A Ludimilla falou várias vezes: "Cara, eu vou fechar esse negócio porque a gente se aborrece muito!" Mas, Desirée, a gente fica assim chateada com as coisas que acontecem, mas depois a gente fala: Não! Sempre vem alguém falar com a gente, acontece alguma coisa. E a gente fala: Não, a gente não pode desistir! (LILIANE)

Pra mim, enquanto pessoa, foi um local de acolhimento em um momento em que eu acreditei que a política precisava de uma transformação. Eu realmente vi que precisava acontecer alguma coisa. Precisava ter algo, talvez um algo a mais que não tinha acontecido. Não sei se ainda aconteceu, mas que precisa se ter. Pra gente alcançar aquilo que a gente quer de direito. E eu vi, nesse espaço, esse acolhimento. (BIANCA)

A esperança que se transforma no verbo “esperançar”, de Freire (2018), reflete a forma como essas mulheres têm atuado contra as políticas bolsonaristas em defesa dos direitos das mulheres e de demais grupos historicamente excluídos. Esperançar, no sentido freiriano, não se constitui em um simples cruzar de braços e esperar por mudanças, mas, sim, em um agir em movimento. Pensando dessa maneira, “o sonho não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens”. (FREIRE, 2018, p. 126)

Portanto, a atuação do MUCB tem buscado contribuir para a interpretação da realidade política e das questões atuais no Brasil e no mundo, de forma a intervir na opinião pública e contribuir para a construção e o desenvolvimento das identidades individuais e coletivas. Nesse

sentido, o grupo tem contribuído com o objetivo de fornecer ferramentas para que as mulheres tenham um conhecimento político mais progressista, assim como também, a partir do sonho, esperancarem por um mundo menos desigual.

5. RESULTADOS

Em nossa primeira epígrafe desta pesquisa, em que trazemos um trecho do texto de Glória Anzaldúa, intitulado “Uma carta as mulheres do fim do mundo”, a autora se questiona: *Por que sou levada a escrever?* Por diversos momentos ao longo da construção desta pesquisa, assim como Anzaldúa, questionamo-nos sobre o porquê de escrever. Aliás, esse é um questionamento frequente para as mulheres que escrevem academicamente. No entanto, em meio a tudo que vivenciamos desde 2018, escrever é ato de resistência. Construir uma pesquisa sobre e em meio ao governo Bolsonaro não é uma tarefa fácil. É um exercício árduo de resiliência. Os dados estatísticos mudam constantemente e os problemas vão se sobrepondo a problemas maiores e que afetam especialmente a vida das pessoas periféricas, espaço onde as mulheres se encontram.

Como se não fosse suficiente, a pandemia da COVID-19 escancarou os problemas sociais de uma maneira nunca antes evidenciada. Mais perigoso que morrer por um vírus foi e continua sendo sobreviver a um governo negacionista que nega todas as medidas de segurança para evitar o contágio do vírus, assim como nada faz para que possamos sair dessa crise política. Esse governo envolveu-se em esquemas de corrupção na compra de vacina e assistiu, sem nada fazer, a mais de 600 mil mortos os quais poderão vir a se tornar ainda mais até o fim de seu governo.

Assim, diante de um clima de tensão, escrevemos esta pesquisa orientadas pelos conceitos de denúncia e anúncio, pois, de acordo com Freire (2000), denunciando, podemos anunciar um mundo melhor. Denúncia no sentido de expor e deixar registrada a crise política, sanitária e social que se intensificou durante o governo de Bolsonaro, o qual podemos dizer que foi responsável pela morte de tantas pessoas. E o anúncio, que se dá na esperança de mulheres que estão na luta contra esse governo, resistindo e criando novos espaços para que as mulheres possam adquirir um conhecimento mais progressista e que respeite os seus direitos.

Quando a pesquisa foi iniciada, por ter uma forte ligação com a minha formação de origem, a História, o maior desejo era analisar os acontecimentos políticos/sociais da última década a partir de uma perspectiva de gênero, culminando na organização e construção das mulheres no Movimento #EleNão nas redes sociais. A História tende a narrar os fenômenos sociais de uma perspectiva dos homens e, se há mulheres envolvidas nos processos, elas são apenas agregadas, coadjuvantes, mas, nunca, protagonistas dos acontecimentos, sejam eles de

grande magnitude e que caracterizam uma História Geral quanto os acontecimentos da ordem do cotidiano.

Porém, não conseguimos fazer este trabalho apenas a partir de uma perspectiva histórica, pois os fenômenos sociais são complexos e envolvem uma série de abordagens distintas de compreensão dos processos. Foi na área da Educação, pela sua generosidade em compreender e respeitar as diversas áreas das Ciências Humanas, que encontramos acolhimento e esperança para que esta pesquisa pudesse se tornar real. A perspectiva educacional nesta investigação vai muito além do fato de ela estar inserida em um programa de pós-graduação em Educação.

Auxiliadas por uma perspectiva freiriana (2014; 2015; 2018), que se reafirma e se une à teoria feminista por bell hooks (2017), compreendemos que a educação e os processos de ensinar-aprender acontecem para muito além dos espaços institucionalizados. É muito simplista pensarmos que o processo do aprender se constrói apenas quando vamos à escola, seja para estudar quanto na posição de educadora/or para lecionar. A escola se configura apenas como um dos vários espaços possíveis em que a educação acontece.

Tendo por perspectiva que a educação deve ser uma busca inquieta do mundo e para com ele (FREIRE, 2014), percebemos, durante a realização desta pesquisa, que os diversos espaços nos educam, de forma que a educação acontece em rede. Não se trata apenas de um processo de receber ou de transferir conhecimento. É um trabalho árduo e que só pode ser significativo, se acontecer coletivamente. Se esse espaço é reconhecido legitimamente, pouco nos importa, principalmente porque a nossa pesquisa acontece junto a um grupo historicamente excluído, as mulheres. O que nos interessa é a rede de saberes que podem ser construídos a partir da troca de experiências das pessoas envolvidas no processo de aprender.

Nesta pesquisa, as redes que se desdobram na construção de saberes são as redes sociais. Esse espaço ambíguo e em disputa demonstra e reflete os problemas sociais que acontecem no dito mundo “real”. Ao contrário do que se almejava na virada do século XXI, os espaços virtuais mediatizados pelas redes sociais, atualmente, não se constituem enquanto espaços onde a democracia impera. Alguns sociólogos, como Levy (2010) e Castells (2013), a despeito de serem movidos pela esperança da transformação, já apontavam os problemas existentes dentro dos ambientes virtuais e a necessidade de análise dessas contradições. Contradições estas que, apesar de existirem, não anulam o potencial político que as redes sociais desempenham.

Buscamos demarcar, ao longo da pesquisa, essa perspectiva crítica acerca dos ambientes virtuais e suas contradições. Porém, buscamos, sobretudo, perceber como esses espaços, se bem

utilizados, podem se configurar como importantes ferramentas políticas de transformação social. O compartilhamento de experiências e de saberes que esses espaços oportunizam refletiu-se na forma como as mulheres se organizaram em torno do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB) e, posteriormente, na construção do maior movimento de mulheres que já aconteceu no Brasil, o Movimento #EleNão.

Com base nisso, retomamos o principal objetivo traçado no início da pesquisa e percebemos, na escuta e diálogo com as participantes, que o movimento #EleNão, a partir do MUCB, oportunizou uma educação política para/pelas mulheres. Uma educação que fez emergir uma série de saberes adquiridos a partir da atuação e do envolvimento dessas mulheres com o movimento. Argumentamos, como Gohn (2011), que essas mulheres adquiriram uma série de saberes de ordem política, prática e teórica. Mesmo que de forma ainda pequena, tendo em vista o país continente em que vivemos, a participação e o trabalho que essas mulheres realizam desde 2018 contribuem para a atuação política das mulheres, inclusive em vias institucionais, assim como para o enfrentamento das desigualdades sociais. Compreendemos, assim, que lutar por direitos está intrinsecamente ligado aos processos que envolvem o ensinar e o aprender.

Além disso, a atuação dessas mulheres na organização e construção do movimento demonstrou a necessidade de articulação do movimento feminista para além dos muros acadêmicos. Essas mulheres perceberam, nas redes sociais, uma forma mais acessível de levar uma educação política e uma conscientização sobre as problemáticas de gênero para mulheres que, de maneira geral, pouco ou sequer tinham contato com o movimento. Sendo esta, talvez, uma das características mais importantes nessa forma de atuação, essas mulheres oportunizam que, a partir de uma linguagem e um conteúdo simples e de fácil acesso, mais mulheres tomem consciência acerca de sua condição de opressão. Essa questão ficou refletida, por exemplo, em uma de nossas entrevistadas, Liliane, que passou a se identificar enquanto uma mulher feminista após sua participação no movimento.

Como ficou expresso nas narrativas das nossas entrevistas, atualmente, o Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB) é muito mais que um grupo isolado em uma rede social. Ele se configura enquanto um espaço de acolhimento, conhecimento e de troca de saberes e experiências por mulheres que estão espalhadas em diversas regiões do Brasil e do mundo. Trata-se de um espaço e um lugar de sonhos e esperanças de uma sociedade menos desigual para as mulheres.

As mulheres que administram o grupo mantêm esse espaço vivo e percebem o quanto, cada vez mais, as mulheres carecem de espaços que as acolham e lutem pelos seus direitos. A nós estão relegados espaços de segunda ordem e a realização desta pesquisa nos demonstrou que as redes sociais muitas vezes são percebidas dessa maneira.

Como discutimos a partir de Segato (2016), temos a falsa sensação de que as mulheres têm conquistado mais espaço na sociedade, pois os países latino-americanos têm investido na criação de leis que supostamente deveriam protegê-las. No entanto, o que percebemos estatisticamente é que o número de mulheres mortas e vítimas de violência tem continuado elevado, uma vez que precisamos muito mais que apenas modificar a legislação. Precisamos investir e lutar pela construção de uma educação feminista (hooks, 2017) que respeite os direitos das mulheres, contribuindo para o rompimento do sistema patriarcal o qual estrutura as relações sociais.

Encaminhando-me para o fim desta pesquisa, preciso dizer que mergulhar nos estudos feministas, na educação e nas narrativas das mulheres que compuseram esta pesquisa representa um grande encontro comigo mesma. Quando ocupamos lugares subalternos na sociedade, nossas experiências nunca são singulares. Reconheci-me e me percebi em muitas de suas narrativas, mas, a partir da teoria feminista atrelada à educação, encontrei possíveis explicações e acolhimento para muitas das dores que não são só minhas, mas também de muitas mulheres. Aprender e conhecer mais sobre uma perspectiva interseccional do feminismo me oportunizaram uma outra percepção do lugar em que ocupo na sociedade e, sobretudo, de que, se não vamos todas juntas, não é possível alcançarmos a transformação.

Assim como a trajetória de muitas mulheres brasileiras e que, simbolicamente, estão representadas em nossa pesquisa pelas nossas três entrevistadas, Ludimilla, Liliane e Bianca, buscamos transformar a dor em luta. Dessa forma, não pretendo ainda colocar um ponto final nesta pesquisa. Gostaria muito de continuar aprendendo, construindo e fortalecendo, junto a essas mulheres, novas e potentes redes de saberes. Infelizmente, por conta do tempo e das possibilidades de uma pesquisa de dissertação, muitos aspectos das entrevistas, inclusive em relação às vivências das mulheres, não foram explorados.

Além disso, ter o espaço *on-line* como um campo de estudo é extremamente fascinante, pois as possibilidades de compreensão e análise são tão vastas quanto se apresenta esse espaço. Como o Movimento #EleNão não aconteceu apenas nas redes sociais, embora fosse nosso foco de análise, gostaríamos de, futuramente, dar prosseguimento na pesquisa acerca dos desdobramentos desse movimento no espaço público, nas ruas. Afinal, compreendemos que o

espaço público não pode ser dissociado do espaço *on-line* na atualidade, pois eles se retroalimentam e influenciam diretamente as relações sociais.

Seja nas ruas ou nas redes sociais, as mulheres que construíram o Movimento #EleNão caracterizaram as mulheres enquanto o principal grupo de resistência às políticas conservadoras intensificadas pela política bolsonarista. Movidas pela esperança, encontrada no interior do movimento feminista, essas mulheres continuam o movimento gritando e cantando para quem quiser ouvir: “Vamos à luta para derrotar o ódio e pregar o amor: ELENÃO!”.

REFERÊNCIAS

- ADCHIE, Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALCÂNTARA, Livia Moreira de. Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 8, n. 23, p. 73-97, jun.-set.2015. Disponível em: <<http://ken.pucsp.br/aurora/article/view/22474/18888>>. Acesso em: 18 fev. 2019.
- ANDERSON, Perry. **Brasil à parte**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BARTRA, Eli (org.). **Debates em torno de uma metodologia feminista**. México, D.F.: UNAM, 1998.
- BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. **Entre sentidos e significados**: um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Brasília. Brasília, 2012.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BIROLI, Flávia. Uma mulher foi deposta: sexismo, misoginia e violência política. In: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda (Orgs.). **O golpe na perspectiva de gênero**. Salvador: Edufa, 2018.
- BOGADO, Maria. Rua. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Orgs.). **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- BRASIL. Lei nº 9394, de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília, 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 15 jan. 2021.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CASTRO, Amanda Motta. Ecos de resistência nas tramas do artesanato militante. **Revista de Ciências Humanas e Sociais Sul-Sul**, v. 1, p. 186-203, 2020.
- CASTRO, Amanda Motta; PAZ, Nivia Ivette Núñez De La. Educação popular e estudos feministas: contribuições para a linguagem inclusiva. **Revista de educação popular**, v. 17, p. 80-88, 2018.
- CASTRO, Amanda. **Fios, Tramas, Cores, Repassos e Inventabilidade**: a formação de tecelãs em Resende Costa, MG. 2015. 230 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. São Leopoldo, RS, 2015.

CASTRO, Amanda; CAETANO, Marcio. Dilma Rousseff: as eleições e a lógica androcêntrica na política brasileira. **REVISTA ÑANDUTY**, v. 6, p. 23-45, 2018.

CORTÊS, Íaris. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

COSTA, Cristiane. Redes. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; VELLOSO, Luciana; SANTOS, Rosemary dos. Os movimentos ciberativistas de (re)existência nas redes sociais e suas implicações para a educação. **Revista Teias**, [S.L.], v. 21, n. 60, p. 91-108, 27 fev. 2020.

DAMASCENO, Natália Abreu. Cultura Política: usos e conceitos na perspectiva da Nova História Política. In: PRIORI, Angelo; POMARI, Luciana (Orgs.). **História Política: métodos e problemas historiográficos**. Maringá: Eduem, 2016.

DE FARIAS, Leidiane Alves. **Comunicação e Feminismo: experiências ciberfeministas no Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres Gênero e Feminismo. Salvador, 2015.

ENZLER, Joice Adriana. **Ciberfeminismo e Saúde: uma análise do caso da aprovação e implementação da Lei das Doulas (7314/2016) no estado do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Rio de Janeiro, 2017

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. **Mídias digitais e horizontes de aspiração: um estudo sobre a comunicação em rede entre mulheres das classes populares brasileiras**. 2017. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos – Ufscar, São Carlos - Sp, 2017.

FEDERICI, Sílvia. **O calibã e a bruxa: mulheres corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FERRAZ, Claudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da antropologia. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.12, n. 35, p. 46-69, jun.-set.2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GARCIA, Regina Leite. **Para quem pesquisamos: para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais**. São Paulo: Cortez, 2011.

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina**. São Paulo: Paulinas, 1994.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v.16, n. 47, maio-ago. 2011.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HANISH, Carol. **O pessoal é político**. Tradução Livre, 1969.

HARDING, Sandra. Existe um método feminista? BARTRA, Eli (Org.). **Debates em torno a uma metodologia feminista**. México, D.F.: UNAM, 1998.

HINE, Christine **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004. Disponível em: <<http://ethnographymatters.net/blog/2013/11/29/christine-hine-on-virtual-ethnographys-e3-internet/>> . Acesso em: 08 fev. 2021.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1ed. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 2020.

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LEMOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo: novos discursos do feminino em redes eletrônicas**. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MACHADO, Jorge. Ativismo em rede e conexões identitárias novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, no 18, p. 248-285, jul./dez. 2007.

NÃO ME KAHLO. **#MeuAmigoSecreto: feminismo além das redes**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

PADILHA, Felipe André. **Entre macacos velhos e queerpiras**: uma etnografia por entre as interfaces dos aplicativos de busca por parceiros online no interior paulista. Tese (Doutorado) Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2019.

PIRES, Desirée de Oliveira. Ativismo de Mulheres nas Redes Sociais: ações e esperanças. In: CASTRO, Amanda Motta; MOREIRA, Raylene (Org.). **Epistemologias afrolatinoamericanas**. São Paulo: LiberArs, 2021.

PIRES, Desirée de Oliveira. **Ciberfeminismo**: ensinar e aprender nas redes!. In: VII Seminário Vozes da Educação: Resistências, políticas e poéticas na vida e na Educação: Regina Leite Garcia, presente! São Gonçalo: UERJ: Faculdade de Formação de Professores, 2019.

PIRES, Desirée de Oliveira; CASTRO, Amanda Motta. Todo espaço é político: ativismo de mulheres nas redes sociais. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, p. 143-161, 2020.

PIRES, Desirée de Oliveira; CASTRO, Amanda Motta. Movimiento #EleNão: Las rosas de la resistencia nacen del asfalto. In: AMPARO, Adriana; ARROYO, Guzmán; BONAVITTA, Paola (Org.). **Escrituras anfíbias**: ensayos feministas desde los territorios de Nuestra América. 1ed. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba – UNC, 2021.

PIRES, Desirée de Oliveira.; CASTRO, Amanda Motta. Educação como prática de liberdade para/pelas mulheres: o movimento #EleNão. 40ª Reunião da ANPED, 2021, Belém do Pará. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPED, 2021.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado e violência**. 2ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAFFIOTI, Heleith. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SARDENBERG, Cecilia M. B. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In: COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília M.B (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: NEIM/UFBA:REDOR, 2002.

SCHLINDWEIN, Ana Flora. **Dos periódicos oitocentistas ao ciberfeminismo**: a circulação das reivindicações feministas no Brasil. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madri: Traficantes de Suenos, 2016.

SEMAYAT OLIVEIRA. Nós Mulheres da Periferia. **Por dentro do combate à violência doméstica**: os desafios de quem atende mulheres. Edição: Livia Lima e Mayara Penina » Ilustração: Dora Lia » Design: Regiany Silva, 2020. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/noticias/por-dentro-do-combate-a-violencia-domestica-os-desafios-de-quem-atende-mulheres/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

SINGER, André. **O Lulismo em crise**: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUSA, Maíra; RACHIT, Breda. Mobilizações pré-eleições presidenciais 2018 no Pará: grupos e eventos relacionados à #EleNão no *facebook*. In: **Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 3, n. 1, p. 66-86, jan-abr. 2019.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios**. São Paulo: Editora Alameda, 2017.

TIBURI, Marcia. A máquina misógina e o fato Dilma Rousseff na política brasileira. In: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda (Orgs.). **O golpe na perspectiva de gênero**. Salvador: Edufa, 2018.

ZIMMERMANN, Clóvis Roberto. As Políticas Sociais e os Direitos: alguns apontamentos sobre o Programa Bolsa Família no Nordeste. **Revista Política Hoje**, Recife, v. 18, n. 2, p. 342-366, maio 2009.

ANEXOS

ANEXO I

Roteiro de Entrevista Semiestruturada:

1. Conte brevemente sobre sua trajetória de vida e sua relação/atuação com os movimentos sociais.
2. Qual a representação do Feminismo em sua vida?
3. Qual tua percepção/relação com a internet e o uso das redes sociais?
4. Em que momento surgiu a ideia de criar ou participar de um grupo de discussão política para as mulheres nas redes sociais?
5. Inicialmente, quais foram as estratégias de organização do grupo?
6. Atualmente, como o grupo se mantém e se organiza?
5. O movimento #EleNão foi o maior movimento organizado por mulheres no Brasil. O que acredita que isso pode representar?
7. O movimento #EleNão não conseguiu alcançar o seu resultado principal que era impedir a candidatura dele. Porém, quais os reflexos do movimento tanto na tua vida pessoal, quanto de maneira geral?
8. O grupo “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” se mantém ativo no *facebook*. Quais são os planos do grupo para os próximos anos?

ANEXO II:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: EDUCAÇÃO POLÍTICA E ATIVISMO DE MULHERES NAS REDES SOCIAIS: UM ESTUDO SOBRE O MOVIMENTO #ELENÃO

Pesquisadora Responsável: Desirée de Oliveira Pires

Telefone para contato da pesquisadora: (53) 98479-6004

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa *é que temos enfrentado um grande retrocesso em relação a conquista de direitos de grupos historicamente oprimidos, os quais eram resultado da pressão e luta dos movimentos sociais. Atualmente o movimento de mulheres e sua atuação por meio das redes sociais tem representado uma importante frente de resistência a políticas neoliberais. A pesquisa se justifica tendo em vista a ameaça aos direitos humanos, sobretudo aos direitos das mulheres na política contemporânea. O objetivo desse projeto é compreender como o Movimento #EleNão oportunizou/oportuniza a construção de uma educação política para/pelas mulheres. O(s) procedimento(s) de coleta de dados será da seguinte forma: através da realização de entrevistas semiestruturadas com mulheres que administram o grupo na rede social facebook "Mulheres Unidas Contra Bolsonaro". As entrevistas acontecerão de forma online e serão gravadas através da plataforma digital Google Meet.*

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DA RESPONSÁVEL:

Eu, _____, sob o CPF _____; RG _____ emitido pelo(a): _____, domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): _____,

CEP: _____ abaixo assinado, concordo em participar do estudo de dissertação de mestrado intitulada "*Educação Política e Ativismo de Mulheres nas Redes Sociais: um estudo sobre o movimento #EleNão.*" Fui informada pela pesquisadora *Desirée de Oliveira Pires CPF: 020117440-59, RG: 5112594337 emitido pelo: SSP domiciliado/residente em Av. Itália 2111, complemento 9º-203, Rio Grande, Rio Grande do Sul, CEP: 96203-000* dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias, material de áudio e vídeo que a pesquisadora necessitar obter de mim ou local para o uso específico em sua dissertação e fins acadêmicos como publicação de artigos e apresentações de trabalho em eventos científicos.

Local e data: _____ / _____ / _____.

Assinatura da participante ou responsável: _____

Assinatura da pesquisadora: Desirée de O. Pires

ANEXO III

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 – LUDIMILLA TEIXEIRA

Entrevistadora: Pronto. Então, hoje estamos aqui com a Ludimilla Teixeira. Fundadora, organizadora do Movimento #EleNão. No dia 22 de abril de 2021 às quase 19h para conversar um pouquinho sobre a trajetória e a militância dessa grande mulher.

Ludimilla, assim, eu queria que tu contasse primeiramente um pouquinho sobre a tua trajetória de vida que eu sei, que é uma grande trajetória e que vai ter muita relação né?! E essa tua relação com os movimentos sociais de maneira geral.

Entrevistada: Boa noite Desirée! É um prazer estar aqui contigo hoje. Só fazer uma pequena correção. É, eu fui a criadora do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro e esse grupo foi o responsável né, pela criação do Movimento #EleNão. Eu não posso, é, assumir essa autoria sozinha porque não seria justo. Essa construção foi feita de forma coletiva. Mulheres do Brasil inteiro e também fora do Brasil. Então assim, é um Movimento muito coletivo, né?! Justiça seja feita as mulheres! Eu não gosto dessa maternidade porque essa maternidade é múltipla, né?! E tem paternidade também. Tivemos homens na organização também. (Risos)

Entrevistadora: Sim, é verdade! (Risos)

Entrevistada: Bom, eu Ludimilla Teixeira, é, sou uma mulher comum como a maioria das mulheres no nosso país. Trabalhadora. É, sou cria da periferia aqui de Salvador, bairro de Cajazeiras. Que é um dos maiores bairros considerados maiores, assim, da América Latina. Então é uma grande periferia que tem aqui em Salvador. E como toda periferia, é, compartilha de problemas de questões sociais, a gente sabe. Isso não é de hoje. Eu tenho 37 anos, quase 38. E como uma criança na década de 1980 né?! Vi coisas que e coisas que aconteceram que isso aí vai ajudando a formar, né?!

Eu sempre falo que a militância para uma mulher negra de periferia não é uma opção. Você não acorda, lê um livro e pensa: oba, vou ser militante! É, não é uma opção. A gente não tem muito. Não tem muita escolha. Ou você luta, resiste, persiste, enfrenta e dá a mão a outra ou outro e vai junto. Ou você fica para trás. Entende?! Periferia tudo é precário. Transporte público, escola, posto de saúde, emprego. Tudo! Então, eu cresci nessa periferia por sinal, é, agradeço muito essa oportunidade as divindades se elas existem que eu nasci nesse lugar porque meu coração, minha memória afetiva e familiar. Minha formação enquanto ser humano eu devo muito a esse lugar. É, eu cresci em um bairro com muitas crianças, brincávamos na rua. E sempre tínhamos esse contato com a natureza, um com o outro. E as matriarcas, né?! As mulheres negras de periferia elas tem muito isso de cuidar uma dos filhos das outras, né?! Então o meu cuidado, ele não foi exclusividade da minha mãe, Eunice Santana Teixeira. Que é minha grande inspiração na vida, obviamente. Mas não foi só ela. Tinha vizinhas que também ajudavam. A minha mãe trabalhava. Trabalhava bastante. Ela era auxiliar de enfermagem. E meu pai, tinha problema com alcoolismo. E ele já é falecido. Ele faleceu em 2016 em decorrência de doenças exatamente por esse estilo de vida que infelizmente, a gente sabe que é uma doença. Mas que acomete muito os homens. Principalmente os homens periféricos. Homens negros periféricos. Então, a minha história é assim parecida com muitas mulheres. E aí a minha mãe sozinha. Guerreira lá para sustentar três filhos. Eu e mais dois irmãos. E ajudar também o sobrinho, né?! Ajudar o filho do marido. E ajudar todo mundo, porque a gente sabe que a mulher...

Entrevistadora: Vai chegando né?! Todo mundo.

Entrevistada: Ela vai trabalhando, vai ajudando e tal. E aí a convivência com as outras mães né?! Das amigas, das vizinhas que compartilhavam os cuidados. A gente sabe que as vezes a mãe tem que sair para trabalhar e a criança fica em casa. Hoje as pessoas se escandalizam. "Ah

um absurdo!". Mas naquela época, infelizmente não tinha opção. Não tinha creche. Se hoje, não tem creche é, você imagina lá em 1980 e poucos.

Então, assim... Aí cresci dessa forma. Em comunidade e tal. Vendo lá minha vizinha fazendo acarajé! (Risos)

Entrevistadora: (Risos). Que delícia! Meu plano é que era essa entrevista se realizasse aí né?! Eu conheço um pouquinho....

Entrevistada: Comendo um *acarajezinho*.... (Risos). Na beira da praia!

Entrevistadora: Nossa! (Risos). Mas esse encontro pessoalmente ainda vai acontecer!

Entrevistada: E aí essa foi a vida. A infância. Minha mãe conta que a primeira manifestação que eu participei. Porque assim, eu sou grevista nata. Eu vou falar um pouco disso mais pra frente. Mas, eu sempre fui uma pessoa assim, ligada. Se tiver uma mobilização eu tô junto! E a minha mãe dizia: "Se tiver uma confusão, Mila tá lá!" Porque para minha família eu sou "Mila". "Então, se tem confusão, Mila tá no meio!" "Mila é arroz de festa!"

E assim, é, a minha primeira manifestação que ela conta, eu tinha 9 anos. Foi na Escola que eu estudei Luiz José de Oliveira, escola de ensino fundamental. E, porque não tinha cadeira para gente sentar, né?! Eu tinha que ir para a aula, levar a almofadinha para sentar no chão e tal. Os coleguinhas. E aí, eu e os coleguinhas, né?! Nos rebelamos, fomos reclamar e tal. E eu tinha 9 anos.

Entrevistadora: Imagina!

Entrevistada: E aí você pensa, imagina, criança nessa idade era para se preocupar aqui na nossa cultura, bala de São Cosme Damião. As crianças. Não era para estar pensando em ter uma política pública tão básica que é estrutura física de uma escola para você sentar e estudar. Então, eu estudei nessa escola completamente sucateada. Não tinha banheiro, não tinha aula direito. É, era terrível!

Entrevistadora: Nos anos 1980 isso né?!

Entrevistada: É, 1980. Isso. É, eu tinha 9 anos. Eu sou de 1982. Então é 1991, 1992. Nessa faixa assim. Início da década de 1990. E aí era muito comum. Aliás, não era. É ainda! A gente ter escolas públicas sucateadas. Eu fui uma das pessoas que teve essa história de vida. Educacional.

E aí depois disso, muitas mobilizações assim de jovens estudantes. Eu me lembro muito que eu me juntava muito com o grupo de jovens, que a gente chamava aqui como Juventude Alternativa de Cajazeira. Era um pessoal que gostava de rock, umas coisas assim.

Entrevistadora: Que é tipo, o movimento secundarista que a gente nomeia hoje, assim.

Entrevistada: É, aí eu comecei a ter contato o que era comunismo. O que era capitalismo. O que era... A curiosidade. Quem era esse tal de Karl Marx? E aí a gente começa a ler e tal com essa galera. Eu me lembro que a gente se juntava muito para debater, para ler. Na década de 1990 tinha muito *fanzine*, né?! Que era aquelas revistinhas de rock que as pessoas escreviam. Eu sempre tive ligada com essas coisas.

E aí, eu consegui entrar na Universidade, né?! Eu estudei o curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda na UCSAL (Universidade Católica de Salvador). É, infelizmente não era meus planos primordiais. É, a minha mãe fala, meu amigos e amigas de infância, que eu sempre quis ser jornalista. Meu sonho era ser jornalista. E aí eu tentei vestibular para a Universidade Federal da Bahia que o vestibular é supercomplicado. Na época era considerado um dos cursos mais difíceis do Brasil. Não tinha muitos cursos, né?! De Jornalismo só tinha na UFBA. E Comunicação na Católica que foi esse curso que eu fiz, Publicidade e Propaganda. E não tinha mais em nenhuma outra Universidade.

Hoje a gente já tem uma melhora, né?! Em relação as políticas públicas com programas como o PROUNI e tal, que possibilitem jovens da periferia, os jovens negros, as jovens negras. E naquela época não existia nada disso. Nenhum tipo de programa. Mas aí eu, na cara de coragem, né?! Não conseguindo entrar na UFBA, infelizmente eu estudei em Escola Pública. E você sabe,

a concorrência é desleal. Aí as pessoas falam: "Aí, estuda! Se esforça, que passa!" Não é bem por aí. O curso de Jornalismo era um dos cursos mais concorridos. Eu acho que tinha mais de 100 pessoas por vaga. Então, assim...

Entrevistadora: Imagina! Na época que o vestibular era outra coisa, né?! Não era o Enem.

Entrevistada: Não! Era por Universidade. Hoje tem um programa e as pessoas querem falar mal de quem fez essas políticas públicas. Foi o governo do PT. A gente tem que realmente agradecer que hoje o jovem tem muito mais possibilidade. Na minha época, era por Universidade. E você pagava o vestibular. Era caro! E aí era aquela prova, aquela coisa super terrível. Eu passava na primeira etapa e perdia na segunda. Ai, já pensando em desistir!

Entrevistadora: Aí vem aquelas pessoas de cursinho. Que estudam em colégio particular a vida inteira, tem outra estrutura. Vão para cursinho. É, totalmente desleal.

Entrevistada: É, eu até fiz o cursinho, mas é assim desleal. Com certeza! Então, eu já ia desistir e fazer o caminho que toda pessoa negra faz, né?! Arrumar um trabalho e cuidar da vida. Mas aí, a minha mãe, sempre teve essa coisa da educação de sabe?! Que ela não fez Universidade e os filhos dela iam fazer. E o meu irmão mais velho já tinha entrado na Universidade. E aí ela: "Não, você vai fazer faculdade! E vai fazer Católica! Escolhe um curso e vai fazer!"

E aí eu: "Bom, comunicação social publicidade e propaganda... Ah! Ok, não é igual, mas é parecido." E aí, eu fiz. Primeiro ano, trancos e barrancos. Pagamento de mensalidade.... Terrível! Menina pobre dentro de uma Universidade particular. Não era meu ambiente.

Entrevistadora: E tu paga até para respirar ainda, né?! Não é só estar lá.

Entrevistada: É, um estranho no ninho. Minha sala só tinha pessoas brancas. E só tinha talvez uma ou duas pessoas, pardos. Tem que gente que me chama de parda, né?! Ok. Negra, parda, pele clara. Tem gente que fala assim. É, então não a minha realidade. Inclusive eu ouvia piadinha, era chamada de Zé povinho de Cajazeiras e tal.

E aí eu consegui, é, entrar em um concurso público. Eu tinha 19 para 20 anos. Eu fiz concurso para o INSS. Eu nem sabia o que era o INSS. E aí depois, eu comecei a trabalhar em um call center, né?! No 0800 do INSS dando informações. E aí 3 meses trabalhando nesse negócio do call center, teve um concurso. 2003, o ano. O INSS tinha anos que não tinha concurso. Tinha tido uma greve grande dos servidores.

Entrevistadora: Bem no início do Lula, ali.

Entrevistada: Foi exatamente ali! E aí eu entrei nessa leva de novos servidores em 2003. E depois de 3 meses só no call center eu abri um outro universo. Nossa! INSS, né?! Instituto Nacional de Seguridade Social, o que é isso? E aí fui entender, qual era importância. Aí eu fui... Comecei do Movimento Estudantil, eu me lembro que também aconteceu paralelo a esses anos, acho que em 2003 também, uma greve de estudantes na Universidade Católica que eu participei. E essa greve possibilitou que eu conseguisse uma bolsa de estudos. Eu e vários outros estudantes carentes.

Entrevistadora: E qual era a pauta?

Entrevistada: É, a greve aconteceu justamente pelo aumento das mensalidades. As mensalidades foram aumentando, aumentando e aumentando. Chegou em um patamar assim, insuportável. É, vários alunos como eu inadimplentes. A vida de estudante pobre em Universidade particular é igual. A gente deve o semestre todo. No final do semestre a gente vai lá e negocia a matrícula (Risos). E fica devendo o próximo! (Risos)

Entrevistadora: (Risos)

Entrevistada: Então, assim. Era essa a realidade minha e de boa parte dos estudantes da Universidade Católica de Salvador. E aí.... (Tosse). Desculpa! Acho que vou beber um pouquinho de água. Fiquei até emocionada de lembrar!

Fizemos uma grande ocupação! Greve mesmo! Trancamos portão. Impedimentos corpo docente. Todo mundo de entrar! Assim, sabe. Foi um mês de greve, de negociação.

Aí essa greve, o fruto, foi justamente a anistia desses estudantes para que eles pudessem se matricular e uma reabertura de um programa de bolsas de estudo que a Universidade tinha, né?! Chamado PREDUCSAL. E esse Programa ele já estava desativado a um certo tempo. A Universidade Católica justamente, tem isenções fiscais né?! Por ser uma entidade sem fins lucrativos e tal. Então a gente conseguiu aí pressiona a reitoria e foram mais de 2000 mil bolsas, pelo o que eu me recordo.

Então, eu uma. Agora as bolsas não eram todas 100%. A porcentagem ia variando. Alguns estudantes conseguiram 100% e eu, por já estar no INSS, foi logo no incincho que tava no INSS. Eu já tinha uma renda e aí eu consegui 60% de desconto.

Então, foi. Tirou a..... Porque mesmo eu no INSS eu não tinha condições. E aí, é, movimento estudantil dentro da Universidade, centro acadêmico, diretório central. Nunca ganhei uma eleição, mas participava da disputa. Eu sempre fui meio anarquista então eu me juntava com os anarquistas da universidade. E a gente entrava no processo eleitoral mais para levantar a pauta porque né?! Porque se não tem gente para disputar fica tudo muito solto. Então a gente entrava meio pra dizer: "Olha se você vacilarem a gente vai ganhar!" Então, fazíamos essa oposição.

Em paralelo, eu sempre gostei de lutas e sempre me importei com o que tava acontecendo ao redor dentro do INSS, o movimento sindical. E aí dentro do movimento sindical, é, muitas greves. Muitas mobilizações. A primeira vez à Brasília, foi através do movimento sindical. É, eu participei de uma greve em 2009, ondem Brasília a gente participou de algumas mobilizações. E spray de pimenta, bomba de gás. É, eu enfrentei tudo isso no governo Lula, detalhe. 2009. E eu me recordo isso foi justamente, o governo Lula ele vinha tendo algumas divergências muito grandes desde 2007. O mensalão e tal. E aí, 2008 e 2009, greve no INSS. Governo Lula foi muito agressivo com os servidores no sentido de mandar cortar ponto, abrir processo administrativo, de perseguir. Então assim, eu venho de várias trincheiras.

E o movimento sindical, o bacana, é que de fato te dá uma formação política e você entender como funcionam as assembleias. O que é uma entidade classe. Como que é que se faz as negociações junto ao governo, como uma pauta de reivindicação. Então assim, o movimento estudantil foi a base, claro. Mas a minha Escola é o Movimento Sindical.

E aí, dentro do INSS, eu tive justamente o contato com o que eu acho assim, a minha opinião particular, que é um dos pilares primordiais é de uma nação que é o tripé da seguridade social. Pra mim, enquanto servidora da casa é um dos órgãos mais importantes que é esse tripé. E esse tripé justamente ele une: saúde, previdência e assistência social. Que eu julgo que são os momentos que há maior vulnerabilidade da trabalhadora, do trabalhador, do ser humanos né?! Porque justamente, previdência quando você não pode trabalhar. Então, gravidez, morte, reclusão, invalidez né?! Velhice. São aspectos de uma fragilidade tamanha do ser humano que precisa ter um olhar diferenciado.

Entrevistadora: Até se tu adoecer, precisa de uma licença. Tu tem que ter esse momento de seguro.

Entrevistada: É! A saúde, claro. Você precisa ter o cuidado médico e não só o cuidado pós né?! Toda profilaxia, vacinação, saneamento básico que também entra na questão da saúde. Então, é, a saúde é primordial. É primordial dentro de uma nação. E a assistência social que é justamente cuidar dos miseráveis. Alguém tem que cuidar dos miseráveis! Seja os idosos que não tem quem cuide. Sejam os deficientes que não tem capacidade para trabalhar.

Então, assim, eu me apaixonei pelo INSS! Eu entrei em 2003 e no início eu dizia vou passar só a chuva! E até eu me formar, eu vou ser publicitária. Vou para São Paulo, vou trabalhar em agência! Vou ganhar um monte de prêmio de publicidade!

Por que esse era o sonho da mulher que dizia que queria ser jornalista, mas que não deu. E aí foi para a publicidade. Só que no decorrer da faculdade e desses movimentos acabei sofrendo.... e bastante! Hoje eu enxergo a publicidade e propaganda como uma vilã, entende?! Pra mim ela é uma vilã do capitalismo! Porque se a gente tem aí a mídia se comportando com partido político, quem financia a mídia é a publicidade e propaganda. Então, o principal vilão não é o Willian Bonner. É quem paga.... É quem comercializa aquele espacinho que ele tem dentro do intervalo do Jornal Nacional. Então eu tive essa visão lá dentro da faculdade e como uma pessoa com viés anarquista....

Entrevistadora: Isso foi te passado ou tu mesma assim, fosse olhando, juntando A com B...

Entrevistada: Eu mesma! Cê começa a ler Felipe Cotla, começa a ler, ler.... Começa a ler aqueles caras, os magos da publicidade! E você começa a ter contato com as pessoas que trabalham lá ou que estão estudando lá com você. E você vê que aquele povo não tem nada haver contigo. Entendeu?! Que cê... tipo o que eu tô fazendo aqui?! Eu não quero estimular consumo de ninguém. O consumismo que traz a miséria, o capitalismo. Não, não!!! Então assim, eu comecei a ter alguns problemas....

Entrevistadora: Desconfortos....

Entrevista: É, alguns desconfortos. E quando eu me formei em 2005, eu simplesmente pedi licença do INSS. Peguei meu diploma, arrumei minhas malas, comprei uma passagem e fui para o exterior.

Entrevistadora: Ah, que coisa boa!!! (Risos) Pra onde tu foi?

Entrevistada: Eu fui para a Inglaterra. E aí eu pensava, eu vou fazer um mestrado! Não é possível que a publicidade seja só isso. Tem que ter mais! E aí, eu queria fazer um mestrado. Mas aí pra Espanha, pra Itália, Suíça... E aí, o mestrado era na Itália. Eu fiquei um tempo na Itália, mas aí depois "Aí, não sei não quero! Não é isso que eu quero!". Vou viajar. E aí fiquei viajando.

Entrevistadora: Que delícia, que experiência!

Entrevistada: Aprendi outros idiomas, inglês e francês. Outras culturas. Passei dificuldade. Tive que trabalhar!

Entrevistadora: Quanto tempo tu ficou de licença?

Entrevistada: 2 anos.

Entrevistadora: Poxa, que bacana! Que experiência!

Entrevistada: E aí bateu o banzo! Bateu a saudade da mainha, principalmente. Eu sentia que ela tava precisando de mim de volta em casa. Joguei tudo pra cima lá. Já tava trabalhando, tudo certo. Muito bem, hora de voltar pra casa!

Voltei pra casa. Voltei pro INSS. Voltei pra vida. Mas assim, a vida nunca foi fácil pra mim! Nunca! E eu te digo, as coisas que foram acontecendo comigo só prova que se eu não quebrei ainda no meio, eu não quebro mais.

Em 2009, a gente tinha tido essa greve. Lembra que eu te falei que tinha tido essa greve? Que eu fui pra Brasília e tal. Depois de toda essa movimentação política de volta a Salvador, a vida pós greve e tal. Tranquila. É..... Eu fui vítima de uma violência policial. Delegacia aqui, delegacia civil 12ª Delegacia de Itapuã. É um bairro próximo a minha casa, ao meu trabalho. E aí eu fui registrar um boletim de ocorrência lá e acabei sendo agredida verbalmente e aí fui fazer foto. Porque eu ia fazer denúncia do policial. E aí fui espancada, fui agredida. Fui presa!

Entrevistadora: Meu deus!

Entrevistada: E foi horrível! Eu passei por essa situação assim, que eu fui no inferno e voltei. De verdade. Senti de verdade o que era o racismo institucional. Até então, eu tinha voltado da Europa, Suíça e tal, foi meu último destino. Então eu voltei, achando que "Não, nós temos direitos e deveres. Nós somos cidadãs...."

Entrevistadora: Um outro ritmo. Bem diferente da nossa América Latina.

Entrevistada: E aí a polícia daqui falou: "Não!" E.... Palavras da delegada enquanto me autuava em flagrante. É, eu falei pra ela: "Eu tenho direito constitucional a falar com a advogada. A fazer uma ligação e a falar com advogado." E aí, ela.... Nisso já tinha me agredido. Eu já tava completamente agredida. E aí falou pra mim, ela gargalhou e falou algo que pra mim marcou e marca até hoje: "Você tá assistindo filme demais! A constituição é só um papel! E você só vai falar com advogado ou com alguém quando eu quiser! E cale sua boca aí antes que eu meta com a sua cara!"

E aí, foi assim, é, isso foi terrível! Acho que isso doeu.... Eu falar detalhes sobre isso é complicado pra mim.

Entrevistadora: Claro, claro que não. Não precisa falar.

Entrevistada: Mas isso doeu mais pra mim do que as porrada! Porque eu sou esportista marcial desde criança. Eu tô acostumada a trocar porrada... Já lutei boxe. Já lutei jiu jitsu, capoeira. O que cê imaginar!

Entrevistadora: Mas as palavras...

Entrevistada: O físico, não doeu tanto quanto as palavras! Porque assim, uma pessoa dizer pra você que a constituição de seu país é só um papel sendo que ela tá ali, para salvaguardar a constituição. E dizer, "Cê tá assistindo filme demais!"

Entrevistadora: E ainda ser uma mulher né?! Também...

Entrevistada: E foi uma mulher negra. Foi uma mulher negra. Foi uma mulher negra. Foi uma mulher negra. Então assim, aquela noite eu.... Às vezes eu me culpo, sabe?! Porque eu não devia de estar naquele lugar. Só que a gente é, acredita as vezes né?! Que a lei é igual para todos. Que nós temos direito de ser, ser humano e de ser tratado com respeito. E aquela noite serviu pra me mostrar que não! Que o mundo não é cor de rosa. Não é, sabe?! Não é como viver na Europa, na Suíça.

Existe uma coisa muito errada aqui na nossa sociedade. E eu te digo, eu sempre tive muita dificuldade em me entender enquanto mulher negra. Quando eu era criança.... Quando era adolescente. Por que eu tenho uma pele mais clara do que meus irmãos, do que a minha mãe.

Eu sou mais como meu pai. E aí a gente a gente dizia: "Não, eu sou morena! Eu sou mulata! Eu sou cor de jambo. Cor de café." E aí você não quer admitir que você é uma mulher negra, assim! E hoje, eu não gosto que me chamem de parda. Não gosto! E as vezes eu sei que tem gente do movimento negro e reclama. E não quer que a gente que seja de pele clara, diga que a gente é preta também.

Entrevistadora: Interessante pensar esses contrastes. Por exemplo, assim: No Rio Grande do Sul isso não seria uma coisa contestada. Mas como tu estás aí em Salvador que é a maior parte da população negra. É, muito doido como essa questão do colorismo afeta e de certa maneira, eu enquanto... o que eu já aprendi com todas as mulheres negras que eu escuto. O que dificulta muitas causas do próprio movimento.

Entrevistada: Não, com certeza! E aí essa dificuldade de se enxergar enquanto mulher negra. Enquanto detentora de uma ancestralidade. De uma história que a gente sabe que foi apagada.... Que ao longo da escravidão. E o quanto é difícil pra gente! Então, assim eu sempre tive essa dificuldade. E... Eu já tinha ouvido muitas coisas racistas. Racistas no trabalho. Já tinham me chamado de neguinha fedida. Já tinha tido problema com relacionamento, com aquele carinho assim, que quer te esconder. Que não quer que ninguém saiba porque é um cara branco. Aí se relaciona com você e não quer que ninguém saiba. Esconde. Já tive esse problema também!

Mas, até então, a mulher que me xingou no meu trabalho, eu fiquei com raiva na hora, mas passou! Entendeu?! Ficou por isso mesmo. Eu até registrei queixa na delegacia na época, mas, não deu em nada! Essa época aí, início dos anos 2000. Quem se importava?

Mas na delegacia, eu senti o racismo institucional. De verdade! Na pele! Em forma de agressões, espancadas, de chute. De xingamentos e eu falava o tempo todo: "Eu trabalho no INSS!" Eles não acreditavam. Não acreditavam...

E depois, que eu fiquei lá jogada. Machucada na cela, eles ficaram mexendo nas minhas coisas e aí viam com o crachá e perguntavam: "Você trabalha mesmo no INSS?" E aí eu: "Sim, eu trabalho lá!"

Aí pegaram a minha carteirinha do convênio, né?! Eu tinha na época o Plano PraServ, que é um convênio de servidores do Estado aqui da Bahia, que a minha mãe é servidora do Estado. E na época, a minha idade permitia ainda eu estar vinculada no convênio dela. Eu tinha 24, 23, 24, nessa faixa. E aí, eles ficavam perguntando: "Quem da sua família é servidor do Estado pra você ter PraServ?" Eles ficavam me confrontando com as informações que eles pegavam nas minhas coisas. E aí eu ficava perguntando: "Eu estou presa? Se eu tô presa a minha família tem que saber onde que eu tô! Não é desse jeito, eu tenho direito a advogado."

Aí aconteceu essa situação da advogada e aí aconteceu uma coisa que eu diria, não sei te explicar de onde que saiu essa sabedoria. Eu sou agnóstica. Então eu não vou colocar que foi alguma divindade. Mas meus amigos e minha família, atribuem a deus né?! Ou a figura divina seja lá qual religião. E aí, enquanto ela estava lá querendo que eu assinasse de qualquer jeito a tal nota de culpa, o documento do auto flagrante. E aí, eu comecei a ler as coisas que tavam em cima da mesa dela. Eu sou muito curiosa. Eu comecei a olhar...

E aí ela, comendo um lanche de um restaurante, uma lanchonete fast food né?! Eles lá os policiais. E aí eu vi que ela tava distraída. E eu perguntava: "Eu tô presa? Porque se eu tô presa eu quero um advogado." E aí eu li lá: Flagrante, auto de flagrante.

Minha bolsa, tava em cima da mesa dela. Minha bolsa particular. Eu enfiei a mão dentro da bolsa e peguei meu celular. Na época eu tinha um celularzinho, foi um dos primórdios, na popularização do celular. Eu tinha um celular na época. Aí eu peguei o celular da bolsa, escondi entre as pernas e aí, ela lá conversando com aquela arrogância de capitã do mato. Acho tudo lindo. Subjugando uma funcionária pública que se acha melhor que ela. Sabe lá....

E aí eu consegui mandar SMS pro meu irmão e pra uma amiga. E o meu irmão foi lá na delegacia atrás de mim. E aí eu não sei se eles iam me matar ou não. Não sei o que iam fazer comigo. Segundo eu soube, depois, iam matar sim! Não iam deixar testemunha. Testemunha não fica viva. Depois eu ia processar eles. Quando eles agrediram eles acharam que tavam agredindo só uma mulher negra periférica que não tinha formação, que não tinha família e que ninguém ia se importar. Só que depois que eles viram a família correndo atrás...

E aí eu fui para o IML, fazer o corpo de delito. E antes de entrar na sala do médico, do legista, fui orientada pelo policial com a arma na minha costela a falar o mínimo possível para que tudo fosse rápido. E aí quando eu entrei na sala, simplesmente desabei a chorar e contei tudo pro médico. E pedi ajuda. "Por favor, me ajuda! Eles vão me matar! Eu não sei o que eles vão fazer comigo. E depois eu fui parar na delegacia. Já o meu irmão, seguindo a viatura né?! Se eles sumissem comigo, ele ia poder fazer..."

Entrevistadora: Era uma testemunha...

Entrevistada: E aí fui parar na DECA, na Delegacia do Menor Infrator que tem aqui. Que é a única delegacia da cidade. Na época tinha carceragem feminina. E mesmo eu tendo curso superior, tendo toda a informação. Eles me jogaram numa cela comum com mais um monte de mulher lá presa. E mulheres com alta periculosidade. Inclusive fui ameaçada de morte por uma delas lá dentro. E passei 24h dentro desse inferno.

E, foi terrível! É, depois que eu saí de lá eu me apaguei durante uns 3 anos.

(PAUSA)

Por causa da depressão. Síndrome do pânico. Ansiedade. Pensamento suicidas. Eu só pensava em me matar! Porque...

(PAUSA)

Porque o que eu mais acreditava na democracia, na luta de classe, justiça social, constituição... Isso aí só existe para quem tem privilégios no Brasil. E quem tem privilégios no Brasil não tem a cor da minha pele. Não tem a minha origem.

E aí esses anos em que eu não estava dentro de mim, estava em órbita, em Nárnia.... Talvez. Muitos remédios, muitos antidepressivos, ansiolítico, terapia. Tudo que cê imaginar!

Mas a minha psicóloga fala: "Ludimilla, cê tem alguma coisa dentro de você que é muito forte!" E foi forte mesmo!

Entrevistadora: É um pouco comum essa palavra agora, mas a resiliência. O problema é que as pessoas tendem a romantizar a resiliência. Nossa, como uma pessoa forte. A pessoa é forte porque a vida obriga. Mas ainda assim é uma qualidade muito admirável.

Entrevistada: Eu colocaria essa questão da resiliência, muita coisa pra conta da minha mãe. Sabe?! Por que eu tive uma mãe que foi meu alicerce, sabe?! Minha anja da guarda. Minha professora. Minha cuidadora. Minha psicóloga maior de todas. E ela não desistiu de mim, ficou comigo o tempo inteiro. Me ajudou e me apoiou. E eu fui nessa porque não podia deixar me dobrar por isso não.

E se eu não morri naquele dia e olha, que eles me ameaçaram muito! Eles botaram arma na minha cara, eles botaram arma na minha costela por debaixo do peito. O curso que eu fiz da Delegacia de Itapuã até o IML.... Eu não sei se você conhece Salvador...

Entrevistadora: Não, não conheço...

Entrevistada: Itapuã fica no setor norte e o centro da cidade fica mais ao Sul, então, ocorre que simples cruzamos a cidade.

Entrevistadora: Sim...

Entrevistada: E com uma pistola na tua costela, entendeu?! E ele falava várias coisas horríveis. Que ia me matar. Que testemunha não falava. E que Popó se fudeu, desculpa a expressão, porque deixou testemunha. Eles estavam fazendo alusão ao caso que aconteceu aqui do ex-fuzilista Popó que tava sendo acusado de ter mandado matar uma pessoa, uma coisa assim. E eles fizeram alusão a esse caso. E eles falavam um monte coisa! Que iam matar, que ia fazer...

Entrevistadora: Terrorismo psicológico, assim...

Entrevistada: O percurso inteiro ouvindo essas coisas. E eu só ficava... E um detalhe. Com preso na mala. Um homem na mala. E eu ficava pensando: "Ele vai abrir, vai mandar correr... O que será que eles vão fazer?" E aí, é, depois de todo esse acontecido eu respondi processo por desacato.

Entrevistadora: Meu deus! É muito abuso de poder!

Entrevistada: O processo foi tão mal feito que eles me acusaram de 4 crimes: resistência a prisão, vias de fato.... Eles colocaram nos autos que eu tentei estrangular a delegada e por isso que eles me agrediram.

Entrevistadora: Meu deus!

Entrevistada: Dano ao patrimônio público. Ele bateu com a coronha da arma no vidro da delegacia e disse que fui quem quebrou. E outro crime foi por desacato a autoridade. O Ministério Público tirou os três e só deixou o desacato.

Entrevistadora: De tão mal explicado que tava. Se até o Ministério Público... Meu deus!

Entrevistada: E aí, eu, resistente não queria fazer transação criminal, não aceitei. Fui responder o processo, queria ser absolvida. E aí teve algumas audiências. Inclusive uma das audiências foi com um dos policiais agressores. Ele suava, ele tremia.

Entrevistadora: Tu tivesse que olhar pro rosto dele de novo....

Entrevistada: É, e não! Ele tremia e suava ao olhar pra mim! E eu já tava bem fortalecida nessa época, espumava de raiva olhando para aquele homem. Mas não deixei ele me ver abalada. E aí, o juiz conversou comigo em uma sala fechada com advogado e me aconselhou a aceitar a suspensão condicional do processo. E isso implicou em algumas coisas porque se ele me explicou, ele sabia o que ele tava falando. Que se ele me absolvesse que o processo ia se voltar contra os policiais e que ele não ia ter como garantir minha segurança. Que a polícia é uma corporação, é... Qual foi a situação que ele usou? Ele falou.... Eles são como se fosse uma... É... Milícia. Não, não foi milícia não. Eu esqueci a palavra que ele usou. Mas eles são uma corporação que se protege.

Entrevistadora: Categoria, alguma coisa do tipo.

Entrevistada: É! E são capazes de ter falso testemunho pra se ajudar. Então você não tem chance nenhuma contra eles. Eu tinha duas testemunhas. As testemunhas não queriam ir mais depor. Deporam na Corregedoria, depois não quiseram mais depois ir no Judiciário. O depoimento delas sumiu do processo. E aí, o Juiz deu esse conselho e meu advogado conversou comigo. E aceitamos a suspensão condicional do processo.

E aí foi um tormento. Porque por dois anos eu tinha que ir lá assinar todo mês que estava morando na mesma residência, trabalhando no mesmo lugar. Se eu tivesse que sair da cidade, eu tinha que ter autorização. E eu morria todo mês quando eu ia lá.

Era uma nova agressão. Era uma nova porrada.

Entrevistadora: Era uma lembrança constante de tudo. Como se tu nunca conseguisse te livrar disso.

Entrevistada: E aí depois que eu me reconectei, eu percebi que a luta de classes é importante. E que é importante a gente lutar pelo serviço público. Que é importante a gente pensar nas pautas progressistas, mas que uma coisa era prioridade: o racismo.

(PAUSA)

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistada: E foi aí que eu me revoltei e pensei "Eu quero embarcar nessa luta antirracista!" Paralelo a isso, a questão minha, pessoal, de entender a importância de lutar com o movimento negro, de lutar é, pelas políticas públicas e contra a violência policial. O desencarceramento em massa. Contra, é, toda essa política que a gente tem antidrogas.

Entrevistadora: Mais relacionado aos direitos humanos de maneira geral. Né?!

Entrevistada: Isso, relacionado aos direitos humanos de maneira geral. Eu fui me restabelecendo. E em 2015, nova greve do INSS. No início eu não queria participar porque eu ainda tava meia doida, ainda precisava de...

Entrevistadora: E aí, imagina! Tu não queria ver polícia, coisa do tipo... Meu deus!

Entrevistada: Eu fazia terapia e juntamente a essa terapia eu fazia dessensibilização.

Entrevistada: Não, é, toma bomba de gás... Eu fazia terapia e juntamente a essa terapia eu fazia chamava "dessensibilização". Então eu tinha que ir aos poucos, é, me colocando em situações que davam gatilho de pânico. E um deles era a Polícia. Eu tinha que enfrentar a Polícia. E aí eu me lembro que a minha psicóloga começava: "Primeiro você vai passar na frente da delegacia do outro lado da rua. E aí ver até quando você aguenta."

Aí dava ataque acardíaco, sudorese, todo o pânico. "Depois você vai andar na mesma calçada da delegacia." "Depois você vai entrar e vai pedir informação." E nessa brincadeira aí tudo que a psicóloga falava eu fazia.

Entrevistadora: Enfrentava e ia! Imagina!

Entrevistada: Eu ia aos pouquinhos, né?! Mas ia. E aí nessa brincadeira, 2015 chegou. Greve. "Eu não tô pronta para nada disso!" E já não tava mais tomando medicamento. Já tava bem controlada. Na respiração, nas terapias. Mas aí a greve me sugou, não teve jeito...

Entrevistadora: Em pleno 2015, assim.... O auge de tudo!

Entrevistada: E aí Brasília de novo, movimentação de novo. E tudo. E pronto. 2015, 2016, loucura. Né?! 2017 manifestações do Bozo. Primeiro com transporte público, primeiro Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro...

Entrevistadora: As de 2013 que tu diz? As jornadas de junho?

Entrevistada: Aé! Isso. Sim! Me equivoquei. 2013 né?!

Entrevistadora: Foi quando as coisas começaram, embora essas manifestações tenham muitas questões...

Entrevistada: Aqui chegou mais em 2014. 2012, Porto Alegre. 2013, São Paulo e Rio de Janeiro. Minas. Depois 2014 espalhou o Brasil todo. 2015 greve do INSS.

Aí, 2016 toda aquela tensão né?! Impeachment. 2017, é, contra a prisão de Lula. E assim antenada com o que estava acontecendo. 2018, início de 2018 Bolsonaro candidato. Como assim, quem é esse maluco?

Final de 2017, né?! Início de 2018. Quem é esse doido? 27 anos na política. O que esse cara tá fazendo? Nada. Esse cara, é, apoiador da ditadura. Ele é contra os direitos humanos. E aí, 2018 início, todo mundo em rede social preocupado né?!

Quem é Bolsonaro? Quem vão ser os candidatos? Sem Lula como é que fica? Quem é que vai poder disputar? Quem é o candidato do PT?

Todas essas indefinições pós impeachment.

Entrevistadora: A esquerda derrotada.

Entrevistada: Aí, é, como eu te falei eu sou publicitária. Durante esse tempo todo que eu narrei essa mobilização do movimento sindical, por exemplo, eu usava a publicidade nisso. Eu tava usando meus conhecimentos técnicos nessas questões de militância. Eu já trabalhando no INSS e depois de ter essa desilusão em relação ao capitalismo eu não queria mais atuar no mercado publicitário. Eu não queria trabalhar em agência. Eu não queria trabalhar com produto. Eu não queria nada disso! Eu comecei a utilizar a publicidade e propaganda pra militância. Ajudar a montar jornalzinho, ajudar a fazer vídeo.

Entrevistadora: Ressignificando tudo...

Entrevistada: Isso! Ajudar nas coisas. Aí em 2018 essa conjuntura toda explosiva, vinda de 2013 em rabo de foguete, né?! 2012, 2013, 2014, 2015.... Aí eu comecei a observar. A Ludimilla publicitária começou a analisar as redes sociais, né?!

2016 com a eleição de Trump, as redes sociais demonstraram ser um local também de atuação importante. E aí, é, vendo o crescimento de Bolsonaro nas pesquisas, ventilação do nome dele, eu comecei a postar enlouquecidamente no facebook.

Entrevistadora: E tu tinha uma relação boa já com as redes? Tu era assim, usuária de facebook, do orkut antes...

Entrevistada: Já, eu já era! Eu já era usuária do orkut, do facebook, inclusive o facebook nem era tão popular aqui no Brasil quando eu comecei a usar mesmo. Quando eu vim do exterior em 2016, 2017, é, justamente foi quando o facebook começou a despontar.

E é justamente, eu fiquei na Europa entre 2015 e 2017. Que foi justamente quando teve o impeachment da Dilma. Eu tava fora mas eu tava ligada no que tava acontecendo aqui. É...

Não, eu tô totalmente perdida!

Foi 2005 e 2006!!!

Mas assim, eu continuei viajando bastante. Eu tava alheia dessas questões políticas diretamente mas eu tava ligada no que tava acontecendo. Eu não sou petista, eu nunca fui filiada ao PT. Eu sou filiada ao PSOL desde 2019. E na época, eu nunca tinha sido filiada à partidos. Eu militei como todo mundo, em 2002, para a eleição de Lula.

Mas depois de 2007, como eu falei do Mensalão e toda essa questão da greve de 2009 do INSS...

Entrevistadora: A questão dos servidores públicos, né?! Que tava ali diretamente esse descaso.

Entrevistada: Eu confesso a você que eu lavei minhas mãos, em relação ao impeachment. Entendeu? Eu não me senti motivada a participar de nenhuma mobilização. Até porque nem aconteceu. A própria militância do PT não mobilizou a sociedade para defender a Dilma. E talvez esse seja um erro da esquerda. Da esquerda em geral. Um erro meu também. Mas, é, eu digo a você que eu tava bem mordida em relação a 2009, bem chateada com a forma que o governo Lula tratou a greve.

Foi o primeiro governo à judicializar uma greve. Nem FHC, teve essa audácia.

Entrevistadora: É verdade...

Entrevistada: Então, ele teve né?! Uma parte do INSS ficou se sentindo traída. E aí, é, 2018, é, comecei nas redes sociais. Igual todo mundo. Igual uma louca! Bolsonaro não! Quem isso? Esse homem é louco, olha como fala, o que ele escreve.

Só que aí o lado publicitária começou a gritar. Não adianta você ficar aí sozinha na sua rede social, escrevendo para os seus amigos...

Entrevistadora: No seu cosmos, na sua bolha... (Risos)

Entrevistada: No seu universo que não vai efetividade. E aí conversando com uma amiga minha né?! Aí teve a Plenária do PSL em 25 de julho de 2018, confirmaram o capeta como candidato a presidente. E pronto! Eu enlouqueci! Como assim esse cara vai ser candidato a presidente? Então, no mês de julho foi só os neurônios torrando de preocupação.

E aí, agosto né?! Conversando com a minha amiga, Rosana Lima, sobre movimento feminista, sobre mulheres. Quem seriam as maiores vítimas de um governo de Bolsonaro.... Aí gente começou a conversar e pensar: "A gente devia tentar mobilizar as mulheres. Pelo o menos pra gente mostrar nós, mulheres que nós não estamos satisfeitas com essa candidatura. Essa candidatura aí não nos representa!"

Aí eu falei com a Rosana: "Olha Rosa, eu acho que se agente criar um evento do facebook e convidar as pessoas, pode ser que as mulheres colem." E ela: "Ah tá, beleza!"

Isso a gente pensou em Salvador, tá?! Salvador.

Entrevistadora: Sim, no máximo né?! (Risos). Essa tua amiga ela é administradora do grupo ou alguma coisa do tipo?

Entrevistada: Não, ela nunca quis. Ela é supertímida. Ela... no início até tentou, mas se assustou quando viu que viralizou o negócio. Ela nem gosta que fique falando dela muito nos lugares...

Entrevistadora: Não, então nem vamos falar muito...

Entrevistada: Não, pode botar "Em conversa com uma amiga..." Ela não gosta que dê muito detalhe sobre ela! Aí, é, teve essa conversa no Messenger no face. "Vamos pensar em uma mobilização em Salvador. Beleza!"

Só que Rosana, como eu falei ela é tímida. Uma pessoa comedida. Tudo planejadinha... Só que eu não! Eu sou impulsiva! Geminiana com ascendente em escorpião, então. Tipo.... (Risos)

Entrevistadora: Eita! (Risos)

Entrevistada: Eu faço antes de pensar.

E aí, agosto né?! Conversando com a minha amiga, Rosana Lima, sobre movimento feminista, sobre mulheres. Quem seriam as maiores vítimas de um governo de Bolsonaro.... Aí gente começou a conversar e pensar: "A gente devia tentar mobilizar as mulheres. Pelo o menos pra gente mostrar nós, mulheres que nós não estamos satisfeitas com essa candidatura. Essa candidatura aí não nos representa!"

Aí eu falei com a Rosana: "Olha Rosa, eu acho que se agente criar um evento do facebook e convidar as pessoas, pode ser que as mulheres colem." E ela: "Ah tá, beleza!"

Isso a gente pensou em Salvador, tá?! Salvador.

Entrevistadora: Sim, no máximo né?! (Risos). Essa tua amiga ela é administradora do grupo ou alguma coisa do tipo?

Entrevistada: Não, ela nunca quis. Ela é supertímida. Ela no início até tentou, mas se assustou quando viu que viralizou o negócio. Ela nem gosta que fique falando dela muito nos lugares...

Entrevistadora: Não, então nem vamos falar muito...

Entrevistada: Não, pode botar "Em conversa com uma amiga..." Ela não gosta que dê muito detalhe sobre ela! Aí, é, teve essa conversa no Messenger no face. "Vamos pensar em uma mobilização em Salvador. Beleza!"

Só que Rosana, como eu falei, ela é tímida. Uma pessoa comedida. Tudo planejadinha... Só que eu não! Eu sou impulsiva! Geminiana com ascendente em escorpião. Então, tipo.... (Risos)

Entrevistadora: Eita! (Risos)

Entrevistada: Eu faço antes de pensar. E aí tive uma noite meia mal dormida e acordei na manhã de 30 de agosto de 2018 e comecei a pesquisar. A publicitária começou a pesquisar. "Será que tem alguma coisa de mulher no facebook aí?"

É, PFOA, né?! Ponto fortes oportunidades e pontos fracos, ameaça que a gente chama no marketing e na publicidade. É, ou FOFA, como algumas pessoas chamam. Aí, eu comecei a pesquisar né.... Sagrado Feminino, Maternagem e ã ã ã.... Aí eu... Corte costura, moda e estética... E eu: "Porra, não é possível que não tenha um grupo de mulheres falando de política?! E nada! E eu: "Será que tem alguém falando de Bolsonaro?" Aí achei o "Brasil Contra Bolsonaro". Era uma página. Uma página de piada, de meme, de gracinha. Não tinha um caráter político. E eu: "Opa, temos uma oportunidade aí! Eu sei que tem um bocado de mulher arretada com esse Bolsonaro. Eu não sou a única. Nem eu, nem Rosana"

Aí eu pensei: "E se eu criasse um grupo só de mulheres, não quero homem. Porque eu não quero homem? Porque homem interrompe, homem fica explicando, não deixa as mulheres falar. Homem não deixa a gente dizer. Pronto, não quero homem!"

E se eu criasse um grupo de mulheres no facebook e nesse grupo a gente fosse contra Bolsonaro e aí, a gente comesse a pensar estratégias pra ser contra ele? Pra alertar as pessoas de que ele não presta, de que ele não é um bom candidato. Que ele é machista, misógino, LGBTfóbico, racista! Enfim..."

Aí, eu pensei: "Beleza!" Naquela mesma manhã, as 6h25. O nome já era esse!

(MOSTRANDO AO FUNDO O LOGO DO MOVIMENTO)

Entrevistadora: Mulheres Unidas Contra Bolsonaro!

Entrevistada: A logo não era essa. Não tinha ainda.

Entrevistadora: Eu tava tentando me lembrar, tentando pesquisar, assim....

Entrevistada: Era Bolsonaro, NÃO! Bolsonaro preto. Bolsonaro NÃO.

Aí fizemos.... Fiz o grupo. Peguei as minhas amigas. Eu tinha 2000 amigos no face, homens e mulheres. Metade mulher mais ou menos. Peguei essa metade e botei pra dentro do grupo. Dessas amigas, escolhi 6 amigas: a Rosana, era uma delas. E botei pra administradora.

E mandei a seguinte mensagem: "Amiga, é o seguinte. Criei esse grupo contra Bolsonaro. Tô botando você como administradora. Se você não quiser ficar, não gostar você me avisa que eu te tiro. Vamos juntar aqui contra esse cara!" Beleza.

Todas as minhas amigas amaram a ideia. "Aí amei! Maravilha! Esse Bolsonaro não vale nada!" Pronto.

Aí essas 1000 amigas, chamaram mais 1000 amigas, que chamaram 10000 amigas em 48h eram 6000 amigas. E o negócio não parava!

Entrevistadora: E em uma semana 1 milhão! (Risos)

Entrevistada: Uma semana 1 milhão! (Risos) Tipo assim, foi assim 2 dias. Então assim, foi tá, tá, tá! Progressão geométrica! Progressão geométrica!!! Começou a subir de 10 em 10 mil. E daqui a pouco de 100 em 100 mil. E começou a imprensa a entrar em contato, atrás de mim. E

começou Catraca Livre querer o print do 1 milhão. E aquela loucura, aquela coisa! E eu não esperava de verdade!!!

Entrevistadora: E como tu reagiu? Tu te assustou? Tu te empolgo? Enfim...

Entrevistada: Primeira coisa. Eu não vou ter a falsa modéstia de dizer que eu não esperava repercussão que é mentira. Publicitária...

Entrevistadora: Sim! Claro! Tu pesquisou...

Entrevistada: Eu vi. Não tem grupo disso! E pelas minhas redes sociais as pessoas estavam falando mal dele. Então talvez fosse preciso juntar as vozes. Só que eu não achei que fosse ser 1 milhão em uma semana! Achei que a gente ia fazer uma manifestaçõzinha em Salvador.... Ia dar um caldinho. Entendeu?!

Eu achei que ia ser uma coisa assim!

Entrevistadora: E já seria muito bom né?!

Entrevistada: Já, já seria! Aí de repente, virou a voz da esquerda contra Bolsonaro! E as mulheres se apropriaram dessa coisa com uma magnitude. E de repente o grupo se tornou algo mais. Debate sobre racismo, machismo, LGBTfobia, formação política. É, direitos humanos... E a gente começou a debater outras coisas no grupo. Apoio a vítimas de violência, violência doméstica, sexual. Mulheres compartilhando seus conhecimentos, suas vivências, suas experiências.... Suas dores!!! E aquilo ali começou a se tornar um lugar mesmo para falar, o que as mulheres não conseguem falar na rede social sem ter um macho nos subjugando, querendo nos humilhar. Nos xingando, nos desrespeitando!

E aí, o grupo virou um farol. Despertou a esquerda. Mostrou para a esquerda: "Olha a gente ainda tá vivo! Vamos lutar contra Bolsonaro!" A gente não pode entregar assim, a presidência de mão beijada!

E através do grupo foram organizadas diversas manifestações. A manifestação do dia 29 de setembro de 2018 foi a maior de todas! Né?! Ela simplesmente... foram mais 120 cidades e em mais de 60 países diferentes. Foi... muito louco!

Entrevistadora: As historiadoras já apontam que é o maior movimento organizado por mulheres no Brasil! E o único contra um candidato. Nunca! Nunca teve uma mobilização assim!

Entrevistada: Não! E assim, a repercussão na imprensa foi absurda! Rolou uma tentativa de invisibilização, principalmente, quando percebiam que eu era uma mulher negra da periferia de Salvador. Que eu não era nem uma celebridade, nem uma mulher branca. E também não tinha uma tutela partidária, por não ser filiada a nenhum partido.

Então, isso foi uma coisa muito ruim pra mim, assim. Eu me senti muito mal de tentar ficar tentando a cooptação entre um partido e outro. Teve pautas na internet sobre mim. Eu fui bastante julgada! Eu sofri perseguição de verdade!!! Ameaças de morte! Xingamentos que culminou com o ataque hacker.

O ataque hacker foi a maior violência que fizeram mais teve várias outras violências, né?! A vida foi cassada! A minha vida escolar, pessoal e, justamente o gabinete do ódio. Que hoje tem um nome, na época não tinha nome. A gente não sabia que ele existia. Ele simplesmente se voltou contra mim! As mulheres do grupo que eu não fui a única que sofreu ataque hacker e tudo. Teve Maíra Motta, Enir Santos. Teve outras meninas também. Teve a Cibele, que sofreu uma agressão física lá em Bagé, Rio Grande do Sul.

Entrevistadora: Nossa, aqui!!!

Entrevistada: É! Teve uma menina do Rio de Janeiro que não era do nosso grupo, mas ela foi uma das que organizou a manifestação de lá e também foi agredida. Então assim...

Entrevistadora: É porque teve o grupo grande, e quando o grupo sofreu o ataque hacker, na minha percepção né?! A sorte é que a gente tinha os grupos menores nas cidades.

Entrevistada: Na verdade não. Porque o face resetou o ataque hacker, um dia antes. Então a gente não chegou a perder nada. Nenhuma informação! Nada!

Os grupos menores foi realmente das organizações. A manifestação física exigia um certo tipo de estrutura mínima. Carro de som, comunicação a polícia, a secretária de transporte, de trânsito e tal. E aí os grupos pequenos foram mais para essas articulações. E a gente não se meteu, a gente deixou com que cada cidade se organizasse da forma que suas particularidades exigissem. Inclusive, datas. Tiveram cidades que foram 27, tiveram cidades que foram 28 e a maior parte das cidades, foi dia 29. E a partir daí a gente começou a fazer ataques em massa né?! A questão dessa guerra tecnológica, né?! Contra os bots do Bolsonaro. Porque hoje a gente sabe que eram os bots. Mas a gente nem sabia! E a questão das hastags? As guerras das hashtags. E eu acho que foi muito importante. O Ele Não, foi a maior de todas!

(PAUSA PARA MOSTRAR O BOTON COM SÍMBOLO DO #ELENÃO)

O bichinho está aqui....

O Ele Não foi a maior de todas, mas não foi a única! Importante a gente colocar. Teve o Fora Bolsonaro que foi a primeira. Teve o Ele Não que foi a viral. Porque é justamente a antítese. A negação! Aí justamente, era o que a gente queria. Não queria determinar o que ninguém fosse escolher de candidato. Era Ele Não e pronto! Você tinha outras opções.

Entrevistadora: Acho que era esse o atrativo também né?! Era não ter partido e as mulheres puderem conversar. O único objetivo era esse. Ele não!

Entrevistada: O suprapartidarismo né?! Porque as vezes os partidos de esquerda se perdem um pouco na questão da imposição né?! Tá vindo até uma descredibilização, até injusta eu acho acerca da estrutura partidária. A gente precisa da estrutura partidária, não tem jeito! Não tem como eleger vereador, deputado, deputada, senador, prefeito, presidente sem partido político. Então na verdade, o problema não é o partido político são as pessoas que estão no comando dos partidos políticos. Essas correntes, essa visão ideológica! Então são essas pessoas que precisam ser combatidas, não é o partido em si!

Aí a questão do suprapartidarismo, eu dou até apartidarismo até que foi o maior atrativo né?! As pessoas se sentiram livres. Livres para definir é, qual o seu viés ideológico, qual o seu viés político. Inclusive de direita no Ele Não. Né?! Na verdade, é que eu sou uma mulher de esquerda. De extrema esquerda até, mas, haviam mulheres de direita sim no grupo.

Entrevistadora: Tu já te considerava de extrema esquerda depois do grupo ou depois?

Entrevistada: Anarquista né?! Eu já era. Uma anarquista é de extrema esquerda. Hoje eu diria que eu sou uma anarcossocialista né?! Então, hoje sou filiada ao PSOL. Acredito que o socialismo é o caminho. Acredito no ecossocialismo. É uma visão que é uma questão de necessidade nossa, de resistência. A gente precisa ir e não dá pra resistir sozinha. Porque sozinha a gente não tem força!

Então o Ele Não foi a maior hashtag. Mas teve o Ele Nunca. O Ele Jamais. Os apelidinhos que a gente botou nele, o Bozo. O Bozo foi o melhor de todos! (Risos)

Entrevistadora: Foi mesmo! (Risos)

Entrevistada: Aquele que não se pode mencionar e tal. Né?!

Entrevistadora: Qualquer coisa que a gente não mencionasse. Inclusive na minha pesquisa eu algum momento eu tive que colocar o nome dele, mas o meu objetivo é que o nome dele nem seja mencionado! Eu sempre falo ele, dele, o referido. Aquele! (Risos). Qualquer coisa! Nem o nome dele pode mencionar!

Entrevistada: Hoje, hoje eu uso o nome dele porque ele é o presidente! E aí, eu acredito que a gente precisa marcar mesmo para não restar dúvida quem a gente não quer. Mas durante as eleições, eu acredito que foi importantíssimo não se mencionar o nome dele porque os robôzinhos ficavam atrás. Tem a questão dos algoritmos também né?! Tem toda uma questão. Tanto que por isso a gente mudou o nome do grupo para "Mulheres com o Brasil", no final de 2018. Foi! No finalzinho de 2018 a gente mudou o nome. Até aí não gostaram! Teve uma insatisfação! Mas foi uma questão de segurança mesmo!

As alterações da lei antiterrorismo e a gente podia ser enquadrada como terrorista se não tivesse modificado o nome do grupo. E tem outra coisa né?! Eu totalmente devastada, hackeada. A gente precisava mudar um pouco o foco do grupo pra que a gente precisassem sobreviver. E sobreviveu! E segue sobrevivendo até hoje!

Já voltamos a usar o nome dele, porque precisa! No momento. Mas os nossos planos são de fundar uma associação de mulheres e tal para poder tá aí buscando editais públicos e privados. A gente já até tá buscando mas infelizmente, ainda não conseguimos sair vitoriosas de nenhum edital. Com essa verba a gente pretende criar algumas, é, algumas formas de se auto sustentar, principalmente as mulheres vítimas de vulnerabilidade social e de violência doméstica. É, em 2019.... Eu tô confundindo as décadas, né?! (Risos).

2019. 14 de março de 2019. Eu tive a honra de participar do Festival Internacional de Filmes sobre Direitos Humanos, em Genebra na Suíça. Fui a convite da entidade. Lá acontece essa sessão de... Esse Festival acontece em paralelo a sessão de direitos humanos na ONU. Então, eu fui em um período onde tinha muito debate em direitos humanos. Fui representando o grupo e a apresentação foi justamente no dia 14 de março. 1 ano que completava o feminicídio político da Marielle. E eu tive a oportunidade de falar sobre isso durante o evento. Falar sobre a situação. O clima do painel era: "O povo contra o populismo". E era uma análise sobre o populismo global em... No Brasil, nas Filipinas e na Itália. E justamente, as outras duas jornalistas e ativistas, da Itália e das Filipinas, é, mediado pelo Professor emérito "Badi"... Ah, o nome dele é difícil de falar!

Entrevistadora: Alguma coisa do tipo (Risos)

Entrevistada: É! (Risos). E aí, é, eu falei né?! Lá nesse evento e foi assim estarecedor porque a cara que as pessoas faziam durante a minha fala era de espanto, desespero, preocupação. Eu narrei mesmo, inclusive, foi na mesma semana que tinham descoberto os 117 fuzis na casa do vizinho do presidente, então eram aquelas ligações da família dele com o envolvimento do assassino da Marielle. Os assassinos né?! Então assim, eu fui falando, falando, falando, falando e aí uma das perguntas foi: "É seguro você voltar para o Brasil depois do que você tá falando aqui?" E assim, foi muito esclarecedor para eles a nossa situação. Ao mesmo tempo para mim foi muito bom porque eu senti, que causa algum impacto na comunidade internacional. E tudo que possa trazer os olhos pra gente ajuda né?! Eu acho que a nossa situação está pior ainda porque existe uma pressão internacional.

Eu tive oportunidade também de ir na ONU e aí eu produzi um dossiê: "A violação dos direitos humanos no Brasil". Esse dossiê foi apresentado nas autoridades de alto cunho missionário da ONU. Esse dossiê dividido em capítulos. Eu tentei não fazer ele muito extenso porque eu não queria fosse algo que fosse parar em uma gaveta. Eu queria que causasse uma vontade de ler, justamente por não ser um conteúdo muito grande.

Entrevistadora: E ele tá publicado em português?

Entrevistada: Aí esse documento tinha um capítulo sobre a questão indígena. Então tinham denúncias sobre a Aldeia Tupinambá, no interior de São Paulo que tinha sido vítima de algumas questões de violência recente. Tinha uma parte falando sobre o caso das mineradoras. Nessa caso, ainda era Mariana né?! Não tinha acontecido ainda Brumadinho. Aí a gente levou lá informações detalhadíssimas do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) foi nosso parceiro na criação desse documento também. A parte do Movimento Negro, eu levei a questão do pacote anticrime do Sérgio Moro e que ainda tava em processo de colocar ele pra votação. Levei também, a questão de violência as comunidades quilombolas aqui no Sertão da Bahia. Levei também, é, não sei se você se recorda do projeto de lei que queria proibir os contraceptivos.

Entrevistadora: Sim, me recordo! Foi ali que comecei, em 2015, que foi a primeira PL.

Entrevistada: Mas essa foi de 2019 mesmo. Aí a gente levou também isso. E aí, fizemos a denúncia, protocolo e tal. É um material que não é publicado, porque é um material restrito para

a ONU. Também participei de audiência lá onde tinha a Célia Tupinambá que é uma liderança aqui do Sul da Bahia. Também com a Pibe. Estávamos lá na semana de audiências. Eu tive encontros muito bacanas com ativistas de outros lugares. Do Brasil e fora do Brasil também.

E aí voltamos e voltei para cá com a cabeça fervilhando e pensando que nós temos que intensificar a educação em direitos humanos no nosso grupo. Porque a gente percebe que existe muitas mulheres que se dizem contra Bolsonaro, sendo racistas, lgbtfóbicas, muitas transfóbicas.... Daquelas que você não acredita que você está lendo aquilo ali! Então a gente percebeu que a gente tinha um problema muito grande dentro do grupo. Um universo com 2,5 milhões, na época, de mulheres. Hoje tem 2,3 milhões. A gente precisa transformar isso. Tudo bem, é mais difícil levar essa educação para toda a sociedade, mas se a gente conseguir fazer dentro do grupo, digamos que nós teremos uma leva de mulheres com uma visão progressista que vai poder levar para sua comunidade o que ela vai aprendendo aqui com a gente. É o trabalho de ir lá, produção de cards, materiais...

Entrevistadora: Informativos assim mesmo, né?! De educação.

Entrevistada: Educativos mesmo. Nós temos esse projeto das segundas na saúde mental e as sextas, do bem-estar físico que é justamente, as segundas da saúde mental. A Liliane Abreu que é uma das administradoras do grupo, ela é estudante de psicologia. É arte terapeuta e tal. Tem uma formação e ela foca nas doenças mentais, principalmente com essa questão da pandemia. E as sextas do bem-estar físico, a gente focou mais, é, para lidar com a questão violência mesmo, a doméstica e a sexual. A gente não quis colocar esse nome porque a gente, é, lidar com o grupo foi nos ensinando algumas coisas. E a gente percebeu que não pode estigmatizar as mulheres. Você não pode dizer pra ela: "Você sofre violência doméstica!"

Entrevistadora: Você é vítima né?! Não pode chegar e dizer isso.

Entrevistada: "Você é vítima!" Não é assim. Você precisa meio que demonstrar pra elas entender que aquilo que está acontecendo com ela, é uma violência. Mas se você já chega com essa informação, você afasta essa mulher. Primeiro porque ela não quer ser estigmatizada. Segundo que há uma estigmatização, uma culpabilização das vítimas. Inclusive, dentro do grupo que é o que a gente combate.

Na quarta-feira também, as vezes a gente faz lives sobre racismo, né?! No caso eu sou a pessoa que comanda mais essa questão do racismo, porque eu sou uma das administradoras que é negra. A maioria delas não são negras, mas, a gente foca nessa questão também. Então a gente tá sempre com essa visão. E em outubro do ano passado, outubro de 2020 a gente participou do Congresso Internacional em Direitos Humanos, em Coimbra, Portugal. Não conseguimos viajar pessoalmente por conta da pandemia né?! Graças a essa miséria que tá na presidência!!!

Entrevistadora: E enquanto não chegou ao caos que a gente tá vivendo, não foi. Não sossegou.

Entrevistada: Tudo culpa dele! Mas a gente participou de modo virtual do congresso e podemos apresentar o nosso projeto de pesquisa, justamente era a educação em direitos humanos dentro do grupo. As nossas técnicas, o que a gente faz. E como essa convivência serve também como uma autoafirmação porque a Ludimilla que tá falando com você agora, não é a mesma Ludimilla do dia 30 de agosto de 2018. Não é a mesma! Essa convivência né?! De ir nas redes sociais e de as vezes, até perceber que você fala algo, faz algo que é importante pra alguém. Que até então eu não imaginava que uma publicação que eu faço teria tanto impacto. E hoje tem! Às vezes eu público uma coisa no facebook e mesmo no meu particular, e eu tenho muitas seguidoras até por conta do grupo, elas vêm para o meu particular também. Aí eu publico uma coisa ali e de repente viraliza e tem sei lá, 700 compartilhamentos. Então eu comecei a pensar: "Não, pera! Você tem responsabilidade social! Com o que você publica, com o que você promove. Você tem que ter cuidado, você tem que pensar nas minorias..."

Aí ter amiga trans, começar a me ajudar a ver a minha transfobia. Ter amiga lésbica, começou a me fazer ver a minha homofobia. Essa convivência vai te evoluindo também. Eu cresci. As

outras administradoras cresceram. Nós fomos 8. Somos 8 administradoras. Todas nós crescemos!

Entrevistadora: Mais de 50 moderadoras. É uma coisa absurda! Lindo, lindo demais!

Entrevistada: Tinha 60 mais ou menos. E já tivemos mais. Tivemos por volta de 150. Mais confesso pra você que quanto maior a equipe, mais difícil.

Entrevistadora: Sim, sim. Porque são muitas.

Entrevistada: Tudo bem que é mais fácil para lidar com as complicações, mas para lidar com as mulheres. 150 mulheres controlando conteúdo, aí as vezes a gente pegava o preconceito dentro da equipe de moderação. Entendeu?!

E aí a gente teve muitos problemas...

Entrevistadora: Somos mulheres, mas somos muito diversas não tem como fugir disso!

Entrevistada: É, exato!

Entrevistadora: E como você lidam com isso? Vocês fazem reuniões de tempos em tempos?

Entrevistada: A gente faz reuniões, mas não muitas reuniões.

Entrevistadora: Tem um outro grupo?

Entrevistada: É, nós não fazemos muitas reuniões pela questão do tempo e dos fuzos horários. Por exemplo a nossa administradora, Beta Liberato, ela mora na Holanda. Então pra gente fazer uma reunião tem 4 horas de fuso horário. Dependendo do horário, uma tá no trabalho, outra na faculdade. A própria equipe, juntar 60 mulheres não é uma missão muito fácil. A gente já teve algumas, mas não é tão fácil. Então o que a gente tem? A gente tem um regulamento nosso, criado com todas as regras de funcionamento do grupo. Hierarquização mesmo. A gente precisa. Porque por exemplo, pra o próprio facebook, administrador e moderador não é igual. São poderes diferentes. Então, basicamente a nossa hierarquia é essa. Administradoras e moderadoras. Eu, Ludimilla, sou a fundadora do grupo, porém eu não decido nada. A minha decisão ela é pautada e discutida com mais 7 administradoras. Então, eu não decido sozinha! E isso foi uma coisa que eu mesma fiz questão que fosse, justamente, para tentar abraçar essa diversidade. Se não, é você sozinha...

Entrevistadora: Pra não centrar tudo isso em uma figura única, né?!

Entrevistada: Isso, isso! E aí eu, fico recusando isso o tempo todo. Aí as meninas as vezes brincam: "Ah! Tu criou o grupo. Faz o que tu quer!" E eu falei: "Não, não é assim!"

Aí a gente tem um grupo do telegram. Temos grupos paralelos, é, grupos das administradoras. As oito. E temos subgrupos para as administradoras com seus grupos de trabalho.

Então... (TOSSE)

Desculpa....

(PAUSA PARA BEBER ÁGUA)

Entrevistadora: Tua voz já tá... (Risos)

A voz da professora, olha! Professora. Depois lá do curso das Mulheres Negras, eu não tenho como não te chamar de professora. (Risos)

Entrevistada: (Risos)

A administradora então tem as suas próprias equipes e justamente, a gente busca privilegiar o conhecimento técnico e teórico de cada uma. Eu sou formada em comunicação, então eu cuido do grupo de comunicação.

Entrevistadora: Ah! Entendi, entendi!

Entrevistada: Né?! Junto com a Liliane Abreu que é Design Gráfica. Então assim. Então, eu cuido dos materiais que você vê.

Entrevistadora: E tu lembra quantos são? Se são de 6 a 8 administradoras....

Entrevistada: Atualmente são 8 administradoras e atualmente são 15 equipes. Aí varia, a equipe de aprovação de publicação é a maior, né?! A Bianca é uma das que cuida e assim, eu digo...

Entrevistadora: O fluxo é muito grande né?!

Entrevistada: É! Eu diria que é a mais estressante, porque é a porta de entrada né?! Socorro. "Socorro meu marido vai me matar!" A gente recebe essas mensagens.

Entrevistadora: Meu deus!

Entrevistada: E aí cê não pode aprovar, mas também cê não pode excluir e ignorar.

Entrevistadora: Aí tem que encaminhar para uma outra equipe?

Entrevistada: Isso, a outra equipe! Aí nós temos a equipe de monitoramento social e psicológico e aí nós temos uma psicóloga que nos ajuda. Aí de vez em quando, quando uma mulher pede socorro a gente consegue que ela faça aquele pré-atendimento. Na verdade, não é o atendimento em si, mas, pelo o menos para aquele socorro inicial. Aí a gente entra com verificação das redes de proteção psicossocial de cada cidade. Então, a gente costuma a ter algumas informações que a gente consegue através das comissões das cidades. Ou da própria internet. A gente consegue descobrir onde tem as casas abrigo. A gente consegue descobrir onde tem um CAPES com atendimento gratuito. Então, a gente vai, meio que entre a gente buscando as informações para orientar aquela mulher porque as vezes a pessoa tá desesperada. Ela não tem a quem pedir ajuda, ela não sabe o que fazer...

Entrevistadora: A gente não sabe o que tá acontecendo. A coisa tem que ser rápida, essa ação.

Entrevistada: Sim! Então a gente tem essas equipes para se fazer esse monitoramento. Então assim, as vezes a gente já consegue, já conseguimos sextas básicas. Já conseguimos encaminhar para abrigo. Já conseguimos até que uma membra acolhesse na residência. Então assim, a gente não divulga essas coisas porque são informações sigilosas. E assim, a nossa intenção é ajudar as mulheres, a gente não quer que ninguém fique achando que a gente faz algo porque quer visibilidade e tal. Entendeu?!

São ações que a gente faz. A gente cita nos trabalhos acadêmicos, porque a gente acha importante e que as pessoas percebam que as redes sociais não é só ficar lá: "Oi! Bom dia, boa tarde! Veja aqui minha foto." Não! Rede social é um canal que você pode acolher alguém. Você pode dar um suporte. E as vezes uma palavra amiga. Um "eu te entendo!". "Sinto muito". "Você não tá sozinha". Às vezes faz uma diferença na vida da outra que a gente não imagina!

E as vezes chega essas coisas, sabe?! Quando eu relato que eu fui vítima de alguma violência, alguma coisa e tenho coragem de botar a cara e dizer algumas mulheres se espelham nisso. E elas criam coragem também. Às vezes de cortar um ciclo de violência.

Entrevistadora: Eu vi um relato desses, um dia no grupo. E aí choveu de outros relatos de outras mulheres, contando as experiências. Era uma história de superação mesmo!

Entrevistada: Isso, exatamente!

Entrevistadora: E como isso é importante né?! Como isso cria uma rede de apoio.

Entrevistada: Isso!

Entrevistadora: Um espaço onde a gente se sente segura para falar.

Entrevistada: E como a gente controla lá as pessoas que entram, para não ter homem. De vez em quando aparecem uns homens lá. Eu acho que eles trocam o sexo, trocam a foto. Conseguem entrar né?! Aí as vezes tão lá. A gente vai pegando e vai expulsando.

Mas se tem um comentário extremamente preconceituoso, a gente exclui, bloqueia, retira até essa mulher do grupo. Porque não é para ela estar lá!

Infelizmente, o grupo faz a parte educativa, mas mais para aquela pessoa que tem um coração aberto para receber informação.

Entrevistadora: Que quer aprender né?!

Entrevistada: Sim! A gente não tem como pegar aquela mulher muito bruta, bolsominion por exemplo. Aquela visão muito.... Porque aí a gente causa adoecimento nas outras.

Entrevistadora: E tem tantas assim mesmo? Infiltradas assim de alguma forma?

Entrevistada: Tem umas mulheres que as vezes a gente se pergunta: "O que cê tá fazendo o que aqui mulher?"

Entrevistadora: "Tu não concorda com nada, tá fazendo o que aqui?"

Entrevistada: É, tipo. Quando a gente postou sobre a Mariana Ferrer e o que teve de mulher que culpou ela....

E essa história agora do menino Henry que elas estão culpando a empregada. Que a empregada foi omissa. Então assim, eu postei a análise do site "Mundo Negro" sobre o BBB. Aí racismo no BBB. Pronto!

As racistas saem dos bueiros, dos infernos! Para criar problema lá! Quando eu postei sobre a Karol com K, a diferença do linchamento público que se fazem quando uma mulher é negra, faz merda. E quando uma mulher branca faz merda.

Choveu gente em cima de mim! Tem gente que chega a me denunciar para moderação!

Entrevistadora: (Risos)

Entrevistada: "ADM olha o que essa menina tá postado?" Eu fundei esse grupo! (Risos)

Entrevistadora: Alôô! (Risos)

Entrevistada: Teve gente que me acusou de só falar de negros e negras no grupo. Que lá não era grupo de mulher negra, não. Aí eu disse: "Pois é, eu fundei o grupo. E sou uma mulher negra eu vou falar de mulher negra. E se você não gostou, saia! A porta da casa... A porta da rua é serventia da casa"

Tem muito isso no grupo. Hoje eu percebo que vem melhorando. Mas, olha! Eu tenho uns prints aqui de horrores. Que mulher trans não é mulher! Que é homem usando a gente pra ter poder, pra ter poder sobre a gente.

Entrevistadora: As radfem estão aí né?! Com toda força.

Entrevistada: É! Cá entre nós, eu não suporto radfem. E aí tem muita radfem no grupo e elas se juntam. São muito unidas. Elas se chamam! Elas já promoveram um ataque contra o meu perfil pessoal. É, eu postei. Eu queria fazer uma estampa. Eu tenho algumas camisas do grupo né?! E aí eu queria fazer uma de um útero dando o dedo do meio. É, Ele Não.

Aí uma amiga minha que é mulher trans falou comigo: "Ludimilla, que estampa transfóbica é essa amiga? Não faça isso!" Aí eu: "Porque é transfóbica?" Aí ela me explicou: "Porque nem toda mulher tem útero. E aí se é uma coisa do grupo e você coloca um útero você tá limitando as mulheres do grupo que tem útero. E as mulheres que teve que retirar? E as mulheres como eu que não tem útero?"

Entrevistadora: Aí surgiram outras coisas. Mas aí tu te deu conta!

Entrevistada: Aí eu fiz uma postagem, narrando ela me explicando. E eu entendo. E dizendo: "Até eu, cometo esse erro!" Pra quê? As radfem me acabaram!

"Puxa-saco de macho!" Coisa desse tipo. Eu tive que bloquear umas 50 mulheres no meu perfil pessoal.

Entrevistadora: Nossa!

Entrevistada: Porque elas invadiram o meu perfil pessoal. Invadiram. Já sofri ataque racista. Racista mesmo! De me xingarem!

Então assim, o grupo ao mesmo tempo que dá visibilidade pro bem e pro mal também. Eu diria que hoje eu tô bem vacinada, afetar mais, me abalar. Mas já chorei muito!

Entrevistadora: Sim, sim! O emocional da pessoa fica de lidar com isso o tempo inteiro...

Entrevistada: Eu bloqueei, pronto! Teve uma mulher que me chateou essa no grupo. É, porque, é, ela ficou enchendo a paciência. E eu explicando pra ela e me enchendo a paciência. Aí ela falou pra mim: "É, se você me tirar do grupo você só vai confirmar tudo que eu tô te falando!" Aí eu peguei e tirei.

Entrevistadora: Sim. Porque a pessoa tá num espaço ali que é super aberto, que é super disponível pra discutir e pensar. É um espaço pra isso! E aí a pessoa vem com seu autoritarismo, né?! Não tem espaço.

Entrevistada: E eu fiquei tipo: o que eu vou conversar com ela? Pelo contrário. Ela tava me ofendendo, me marcando. Eu tenho o grupo, o grupo é muito complexo. Eu tenho que me cuidar, tenho o meu trabalho, minha vida. Eu tenho a minha saúde. Eu não vou me estressar

com ela. Ela que vá criar o grupo dela! Eu já tô nesse nível. Mas já chorei muito! Já tive muita raiva! Já tive vontade de desistir várias vezes. Várias!

Entrevistadora: Não, Ludimilla a gente precisa de ti! (Risos)

Entrevistada: "Não quero mais! Vou arquivar o grupo, não quero mais!" Aí é parte que o agnóstico balança, tipo, uma filha das divindades me manda mensagem: Ô Ludimilla, isso aí que você falou.... Não sei o que.... Muito obrigada! E aquela sua postagem. E eu queria te agradecer, só te agradecer!

Aí acontece essas coisas bem quando eu tô naqueles dias. Também já aconteceu na luta por direitos humanos. Eu participo muito aqui da, é, das audiências de segurança pública e das comissões de direitos humanos. Eu tô bem dentro, assim, Infernizo deputado, vereador e tal. Já sou uma figura aqui bem conhecida né?! Chata, encrenqueira. E eu adoro ter essa forma mesmo!

Entrevistadora: Que bom!

Entrevistada: E aí, é, eu ajudei uma família aqui que o filho deles mais novo. Mais novo, não. Do meio. Foi assassinado pela polícia militar, aqui. Na Lagoa do Abaeté, aqui.

Entrevistadora: Salvador?

Entrevistada: Isso, em Salvador. E aí eu ajudei a família a conseguir um acompanhamento com defensoria pública, com ministério público. Consegui advogado pra ajudar, através desses meus contatos de luta pelos direitos humanos. E o filho mais velho, que também tava sofrendo violência eu conheci ele dentro do hospital Menino de Farias. Ele tinha ido lá procurar o corpo do irmão né?! Ele tava na situação com o irmão quando a polícia levou o irmão. E ele tava lá procurando e tal né?! Querendo saber se tinha dado entrada lá. Aí ele conversou comigo. Eu me apresentei e falei que eu era ativista pelos direitos humanos e tal. E aí na hora que eu tava indo pra casa eu tava acompanhando um rapaz trans que tinha sofrido violência né?! Eu tava acompanhando ele. E aí eu vi que o rapaz foi perseguido pelos seguranças lá no hospital porque os policiais tinham levado o corpo do irmão dele, estavam querendo conversar com ele.

Cê imagina!

Entrevistadora: Nossa! Cada coisa que até.... sei lá!!!

Entrevistada: Quando ele me falou isso eu joguei ele dentro do meu carro. Tirei ele de lá e levei ele embora. Levei ele pra casa. E hoje, eu tenho a impressão que se eu não tivesse tirado esse rapaz desse lugar, nesse dia, a família dele tinha enterrado dois filhos e não um só. É, e aí essa família foi muito grata a mim por ajudar esse rapaz e conseguir esses acompanhamentos com órgãos que são importantes.

Eu fiz uma publicação no facebook que viralizou narrando essa situação que eu presenciei. E chegou as autoridades a minha publicação, chegou a imprensa. A imprensa entrou em contato com a família e isso deu uma segurança maior. Porque quando a imprensa bota o olho, a polícia pensa duas vezes.

E essa é a política, matar mesmo. Extermínio.

Aí essa semana eu tava muito mal, muito mal! Que eu sou depressiva né?! Desde essa época de 2009 a gente briga com a depressão né?! Vez por outra ela volta.

Entrevistadora: Ela fica sempre a espreita lá.

Entrevistada: Esperando. E aí, eu tava em um dos dias muito ruins da cabeça. Muito! Pensando o que eu faço da minha vida, sabe?! Eu devia ter outros pensamentos, outras coisas. Eu não tô feliz e aí, esse rapaz me mandou: "Oi Dona Ludimilla!" Ele me chama de Dona Ludimilla.

"Oi Dona Ludimilla? Tudo bem? Como vai a senhora? Aí olha, eu quero te convidar pro meu aniversário..." E aí mandou a foto do filho dele. O filhinho dele de 5 meses.

Entrevistadora: Nossa!!!

Entrevistada: Quando eu vi aquela foto, eu comecei a chorar! Eu fiquei emocionada porque se eu não tivesse tirado esse menino daquele hospital, naquela noite ele não teria esse filho. Aquela criança podia não ter nascido. Porque a forma que armaram pra ele ali, a segurança do hospital, querendo que ele falasse com os policiais. Porque você ia ter que falar com os policiais

que mataram o seu irmão? Não tinha motivo. E aí pensei, tipo, olha as pessoas podem falar que você nunca fez nada importante nessa vida mas a vida desse menino pelo o menos, eu pude ajudar né?!

(PAUSA ENTREVISTADA EMOCIONADA)

Aí essas coisas que vai acontecendo. Alguém fala, alguém manda mensagem. Alguém liga! Alguém me marca em uma publicação e fala pra mim que vale a pena sim, a gente lutar. Que todo mundo tem uma missão, sabe?! E eu acho que se eu não morri em 16 de outubro de 2009 dentro daquela delegacia, é porque eu tenho algo importante aqui pra fazer. E foi erro deles não terem me matado. Foi o erro deles. Porque eu vou ser o espinho, a pedra, a chata, a insuportável que vai invadir a comissão de direitos humanos que vidas negras importam. Que chega dessa polícia ficar entrando nas comunidades assassinando nossos jovens! Entendeu?! Que vai encher o saco! Eu quero que digam mesmo que eu sou chata! Eu quero ser chata!

E essa semana, um colega no trabalho falou comigo. Eu tô fazendo alguns exames, porque eu tô com a saúde assim, em investigação.

Eu não vou dizer que estou debilitada porque eu não tô sentindo nada. Eu tô bem, não tenho febre, não tenho dor. Não tenho nada.

Mas eu desenvolvi um nódulo no pescoço que precisa ser investigado. E uma das possibilidades que pode sim ser um câncer.

Entrevistadora: Nossa! Sinto muito.

Entrevistada: Como pode ser também só uma reação inflamatória no gânglio linfático. Entendeu?! Tem possibilidade de ser um linfoma.

Aí meu colega do trabalho, "bolsominion", diz ele que arrependido, mas é um cara de classe média alta, família abastada. Branco. E aí ele virou pra mim e disse assim: "Tá vendo aí você?! Cê briga com todo mundo. Você fica aí e olha aí o que você conseguiu desenvolver, uma doença." Aí eu peguei e virei pra ele e falei: "É, se os meus ancestrais tivessem ficado com medo de desenvolver doença pra lutar pela nossa liberdade, hoje eu estaria na senzala e você, na casa grande."

Aí ele fez assim: "Pra quê essa agressividade? Tudo pra você sempre é agressivo. Você não se importa, se tá ofendendo, nada. Eu não tenho culpa de nada, não!"

Aí eu chamei e disse pra ele: "Seus ancestrais são colonizadores ou colonizados? SE tivesse na escravidão hoje, qual lado você estaria e qual lado você estaria. Então não vem me dizer que a luta não vale a pena!" Porque se você é uma pessoa egoísta, que é o caso dele, eu não sou. Eu tô aqui com o propósito e não existe felicidade plena enquanto não houver justiça social. Tem que haver. Temos que lutar pelo fim do racismo! Não é possível a gente seguir como tá.

Eu não tenho filhos. E um dos motivos de eu não ter filhos, é não querer trazer uma criança pra esse mundo. Eu vejo meninas sendo abusadas com 3 anos de idade. Onde meninas, são assassinadas com 5, com 7, com 12. Porque são negros e são pobres.

Hoje a gente para no semáforo, eu tenho um carro hoje. Eu sou privilegiada. Mas eu nunca deixei de enxergar quem tá na rua, nas calçadas, os usuários de drogas e tudo. Eu não consigo, é, eu sei que as vezes a gente precisa desligar viajar, tomar uma bebida que gosta. Namorar, curtir, curtir uma praia. Fazer essas coisas. Porque se não, a gente vai enlouquecer. Se a gente fosse deixar se levar pelo sentimento, a gente se mata porque o mundo é cruel. É cruel, é cruel, é cruel!

A gente tá conversando aqui a quanto tempo?

Entrevistadora: Quase duas horas.

Entrevistada: Então vou falar aqui pra você, vamos lá. A cada 23 minutos né, então morreu. Quantas mães estão chorando agora? Entende? E aí, é eu tenho que te mostrar pra você ter uma ideia de como é meu quarto.

Entrevistadora: Eu acho que com o filtro não está dando pra ver.

Entrevistada: Não estou conseguindo, mas eu te mostro depois. O meu quarto, ele tem uma parede aqui com todas as estatísticas da segurança pública, do anuário de 2019, de 2020. As pessoas até me perguntam: Nossa, você tem uma memória! Tem as informações!" E tá tudo aqui porque é pra gente não esquecer. Entendeu?

A gente tem que lembrar que a cada uma agressão física, a cada 2 minutos. Crescimento de 5,2% a taxa do ano passado para agora. Reduz homicídio na população branca e aumenta na população negra. Houve crescimento do feminicídio dentre as mulheres negras.

A gente tem que lembrar que mais de 60% da população da população carcerária é negra. A gente tem que lembrar que menos de 20% é de crime hediondo, contra a vida. É tráfico de drogas. Então a descriminalização ia desencarcerar uma grande parte da nossa população. Então assim, a gente tem que ver essas coisas. Não adianta ter só a nossa vidinha, não é à toa que você tá fazendo essa pesquisa. Você também tá inquieta. Isso também de incomoda!

Entrevistadora: Muito! A gente precisa contar essa história. A gente precisa falar quem tava. Pra que daqui 20 anos, for nos livros de História houve resistência ao Bolsonaro sim e essa resistência são as mulheres. E uma mulher negra, várias mulheres negras tão à frente disso. Então, a gente tem que falar!

Entrevistada: E a gente precisa se mobilizar! Porque a educação formal.... Essa semana eu tava assistindo uma entrevista do Silvio de Almeida e eu, caralho! Ele desmontou a minha mente! Eu sempre falava que a educação é a chave. E não é! A educação é racista!

Então, tipo, ele me desmontou. Me quebrou todinha. E aí eu, fiquei caramba! Realmente, a educação é racista. Então a gente precisa ver essa alienação política, do ir com a manada. O efeito manada. Não é à toa que o bolsonarismo tá aí, com fake news, desinformação. Você conversa com um bolsonarista e você tem pena. Porque ele realmente acredita naquilo que tão falando.

Entrevistadora: É triste demais! E ele não escuta!

Entrevistada: Não escuta! Ele não escuta!!! Eu fui interpelada por um menino aqui no condomínio de 14 anos! E ele: "E Lula?" Que Lula, meu querido? Vamos falar de Bolsonaro! E aí eu fiquei chocada porque eu não sei falar com um menino de 14 anos.

Entrevistadora: Sim, sim! E não tem. Eu enquanto professora, enfrentei várias situações dessas.

Entrevistada: Se fosse meu filho, daria uns tapas sei lá! Eu não sei explicar! É uma doença, bolsonarismo é uma doença!!!

Entrevistadora: Eu fui perseguida, inclusive na escola onde eu trabalhava porque o dia eu tava falando sobre partidos políticos, na aula. Tava dando aula de sociologia na época, sou professora de História mas como toda a professora de História, circula nas humanas. E eu dava aula de Sociologia pro ensino médio. E aí um menino, eu tava dando aula sobre partidos políticos e eu ousei dizer, que o PT não é esquerda hoje em dia. É centro.

Meu deus, esse menino ficou! No outro dia, era mãe lá na escola. Fazendo fiasco. Dizendo que o que tava falando de política em aula? Que eu tava fazendo campanha política. Nem era época de eleição, nem nada. Nossa! Eu tive que super me justificar. Abrir meus planos de aula pra essa mãe. Pra direção. Então. Eu nem falei o nome dele, Eu simplesmente falei algo do PT e fui completamente mal interpretada.

E um menino de 16 anos! Eles não escutam! A lavagem cerebral é tamanha!

Entrevistada: Gigante!

Eu consegui tirar o filtro. Deixa eu te mostrar aqui!

(PAUSA PARA MOSTRAR A PAREDE DO QUARTO COM DADOS ESTATÍSTICOS)

Entrevistadora: Nossa! É a parede inteira! Tá tudo aí!

E esse é teu cantinho de trabalho?

Entrevistada: É meu cantinho de trabalho. Mas eu trabalho na casa toda! Eu levo pra cozinha, meu quarto. Mas é daqui que eu faço as lives. Tá até pronta a parede!

Entrevistadora: Tá cheio de cartazes e tudo! Que lindo!

Entrevistada: E o Bolsonaro genocida lá!

Então assim, é, essas estatísticas a gente tá vivendo uma guerra. A gente vai ficar esperando quem é o próximo, a próxima? E uma coisa que eu sempre falo né, quando eu falo sobre racismo e violência policial que acabou sendo meu foco, por ter sido vítima, principalmente. Quando a gente fala do genocídio da juventude negra. Dos meninos negros, dos jovens negros. Aí alguém pode perguntar: "O que vocês mulheres tem haver com isso?" Eles são nossos filhos né?! Nossos maridos, nossos irmãos, nossos primos, nossos amigos. Imagina, é, eu não tenho filhos mas eu tenho irmãos negros.

Entrevistadora: Sobrinhos e por aí vai....

Entrevistada: Sobrinho negro, namorado negro. Então, eu quero que meu namorado possa passar em uma blitz e não tenha medo que o policial possa dar um tiro nele. Mas é uma situação que a gente vive que é delicadíssima. Eu tenho tido algumas discussões com pessoas né?! Socialista, comunistas que chegam: "Ah! Porque a luta é de classes!"

Não, a luta não é de classes. Inclusive fui chamada de burra por homem ignorante. Achando que é Marx. Dizendo que eu tinha que ler mais!

Então, eu falei que ele tinha que ler Lélia Gonzalez, Angela Davis. Cê tem que ler Carla Akotirene. Aí um esquerdo macho né?!

Entrevistadora: (Risos). Eles estão aí a todo momento!

Entrevistada: Ele fez assim pra mim: "Ah, eu não quero ler gringa nenhuma não!"

Aí peguei e dei Carla Akotirene. O que é interseccionalidade. E ele não leu.

A nossa luta é interseccional, gente. Não tem como! Não tem como! Luta de classes, ok. Marx, beleza. O marxismos e tal. Eu não tô aqui pra tirar a importância de Marx pra luta, pra literatura....

Entrevistadora: Não, mas a gente não tem como pensar a luta sem pensar o racismo!

Entrevistada: Mas ele é um homem branco e ele não tava atravessado pelo o que depois, a Angela Davis trouxe, a Lélia Gonzalez e nossas pensadoras negras trouxeram. Então, a luta pra gente é interseccional. Porque não é só acender economicamente porque uma pessoa negra com ascensão social, continua sofrendo racismo. Ela continua tendo risco de morrer, de ser assassinada, de sofrer uma violência policial, independente de ela ter dinheiro ou não.

Então, assim, a gente continua sofrendo machismo, violência doméstica, sexual. Então, não é só de classe. Olha aí o que aconteceu com o menino Henry. Uma família cheia do dinheiro... E... Então assim, o problema não é só dinheiro!

É, essa é minha dificuldade de lidar com o movimento negro misto. Essa é minha dificuldade em lidar com a esquerda. Porque os esquerdo macho, são terríveis! É decepção em cima de decepção! É aquelas pessoas que você vê que é cheio de teoria, mas na prática, não consegue aplicar nada.

Então assim, toda essa dificuldade né?! É, 2020 eu também fui candidata a vereadora. Foi bem difícil! Como servidora pública, tive que pedir licença. Fiquei dois meses sem salário. Isso foi terrível! Eu tive que me sustentar dois meses com a ajuda de vaquinha, de amigos.

E cê sabe que a política foi criada pra que a gente não participe dela né?! A estrutura é criada pra isso.

Entrevistadora: Exatamente. O que puder dificultar...

Entrevistada: Pra dificultar. É justamente por isso que quem participa dela são os detentores do capital que são justamente quem define as políticas públicas e que se autovaloriza e privilegia. Então é justamente por isso, que a gente tem dificuldade de mudar essa estrutura

né?! Essa participação, é, de pessoas que representam os grupos minoritários e que na verdade são minoritários no poder né?!

Entrevistadora: Sim, somos a maioria. Com certeza!

Entrevistada: Não, na quantidade que a população brasileira é negra e é, mulher. Nós somos a maioria. Mulheres e mulheres negras, somos a maioria. Então, por isso que eu tentei ser candidata a vereadora. Tinha um projeto pautado, eu tenho ele aqui anotadinho pra não esquecer!

Pautados na educação né?! Segurança pública.... Primeira coisa segurança pública! Que é justamente que aí alguém vai dizer: "Aumento da guarnição?" Não! A desmilitarização das polícias. Como era esfera municipal, era a guarda municipal né?! Que é uma polícia que temos aqui em Salvador e que hoje em dia, usa arma de fogo.

Aí se a PM que é a PM não tem preparação pra lidar, com a população imagina a guarda municipal?! Então assim, outra coisa que é necessário...

(PAUSA, CELULAR DA ENTREVISTADA TOCANDO)

Entrevistadora: Olha só! (risos)

Entrevistada: O celular abriu sozinha informação da polícia... Brasil escola. Gente! Ela ouviu eu falando aqui (Risos)

Entrevistadora: (Risos) Olha os algoritimos, Ludimilla! Pela amor de deus!

Entrevistada: Tá vendo?! Eu falando as coisas aí e a polícia federal tá ouvindo a gente! (Risos) Então assim, é a demilitarização das polícias. Formação. É muito importante investir na formação do policial cidadão. Porque quando a gente fala fim da polícia militar, a gente não tá dizendo o fim da polícia. A gente tá falando do fim da militarização dentro dos quartéis.

Entrevistadora: Que era pauta da Marielle e por isso aconteceu, o que aconteceu.

Entrevistada: E justamente porque que a gente fala que a gente não quer a polícia militarizada? Porque essa estrutura que a gente tem hoje foi formada com a abolição da escravidão. Então, essa polícia foi criada pra oprimi preto e pobre. E essa estrutura que tem até hoje. Então, a gente quer combater essa estrutura. A gente também quer rever esses protocolos, né?! Protocolos que causam tantos homicídios. Autos de resistências que na verdade são homicídios pra gente. A polícia registra como auto resistências...

Aí falando em segurança pública, a gente vê as mulheres porque as mulheres não tem uma atenção psicossocial suficiente né?! A demanda. É centro, abrigos, centros de convivência. Eu tinha mais essa visão.

Uma coisa muito importante também, colocar o menor infrator como uma questão de educação e não, como de segurança pública. Tirar da segurança pública porque não é. Não é! O menor não pode ser tratado de forma alguma. O que é certo e errado.

Entrevistadora: Não pode ser julgado como um adulto né?!

Entrevistada: Exatamente. Da mesma forma a estrutura familiar é prejudicada porque esse jovem as vezes não tem muitas alternativas que não seja criminalidade dentro do meio que ele vive. Eis que aja uma... um melhor acesso a desportes, a cultura, a cursos de formação. Uma educação pautada mesmo a não só, essa questão profissional né?! Não só essa formação técnica, não é!

Entrevistadora: A educação que essa elite defende é essa. Uma educação técnica.

Entrevistada: Então, a questão, vou olhar aqui... Minorias e vulneráveis que a gente também tinha a questão de criação dos conselhos de segurança com a participação deles até pra poder ver quais são as necessidades básica. Políticas de redução de danos pra tratamento das pessoas que por ventura, tenham problemas com álcool ou outras substâncias. Lícitas ou ilícitas. Claro, a parte da cidade a curadoria e zeladoria da cidade que a gente sabe, que por exemplo, uma

cidade como Salvador, a gente vê a prefeitura atuando muito na questão de praças públicas. Né?!

Mas aí, você vai dentro da comunidade e o esgoto a céu aberto! Pra quê praça quando você tem esgoto a céu aberto? Primeiro tem que se cuidar do esgoto. Básico! Então assim, é, eu tinha uma pauta assim bem, é, pensando justamente nessa parcela da população que nunca é lembrada.

E justamente com a dificuldade de lidar, estando em um partido PSOL que é um partido conhecido por ser abortista, drogado. E, eu ouvi muitas fake news a meu respeito, tipo, vai ensinar sexo nas escolas. Vai ensinar pedofilia. Então é bem difícil. E aí, aqui em Salvador você sabe a gente ainda tá na questão das oligarquias e o Carlinhos muito forte! Tipo, amigos meus que se dizem de esquerda e que tem na janela da casa "Fora Bolsonaro" votou nesse sujeito.

Entrevistadora: Meu deus!

Entrevistada: E aí pra mim, ainda me mandou calar a boca quando eu fui tentar explicar pra ele porque que ele não podia votar em ACM Neto. "Ah, mas ele é o melhor que já tá aqui trabalhando em Salvador!"

Então assim, a janela da pessoa tá "Fora Bolsonaro"... Assim, ACM Neto foi apoiador de Bolsonaro e ainda é! Ele ainda apoia Bolsonaro. E a pessoa tá lá na janela da casa "Fora Bolsonaro"...

Entrevistadora: Tem aqueles que apoiaram, mas se arrependeram, como o Doria e deram uma recuada.

Entrevistada: Não, ACM Neto ainda apoia. Ele ainda apoia! Então assim, é isso que tem que lidar. Então, Salvador é uma cidade com uma visão bem provinciana. A direita aqui é muito forte. Muito forte. Muito forte mesmo! Até me surpreende tem tanta rejeição aqui porque a direita aqui, é fortíssima!

Sei lá, a gente tem 4 ou 5 mandatos de esquerda talvez. Em um universo de 43 mandatos. Então aí você tira... E negros e negras de esquerda, talvez dois ou três.

Então assim, é complicado!

Entrevistadora: Aí afunila ainda mais! É porque o povo, de repente....

Entrevistada: O povo vai votar na família ACM. ACM Neto foi prefeito por 8 anos e agora, o sucessor dele Bruno Reis.

Entrevistadora: Aí é filho, neto, bisneto... E essa gente vai como se fosse rei!

Entrevistada: E o PT daqui não ajuda porque age as vezes, como bolsonaristas. O PT daqui... a gente que é da extrema esquerda chama de fascista. O Rui Costa, a gente chama de "ruim costa" porque ele não, quando teve uma chacina aqui no bairro do Cabula, quando 12 jovens foram assassinados ele falou que a polícia quando mata era como artilheiro na cara do gol. Pra você ter ideia do governador! Esse governador mandou espancar e agredir militantes do MLB né?! Movimento de Luta por bairros ruas e vielas. E jogou bomba de gás na polícia militar! Isso foi no natal de 2019. Foi!

Então assim, o nosso deputado Milton Coelho que é do PSOL, foi lá acudir a militância e quase tomou um tiro. Então assim, o PT, a figura do Rui Costa é muito nociva.

Durante a pandemia, ok. Teve a atitude correta em relação a tudo, tá lutando pra conseguir vacina. Mas assim... A candidata dele aqui em Salvador foi a Major Denise. Major da Polícia Militar.

Entrevistadora: Aí as pessoas, vem dizer que o PT é de esquerda...

Entrevistada: Pois é! Complicado!

Entrevistadora: É só fazer um esforço, pensar um pouquinho...

Entrevistada: "Ah, mas ela foi uma das organizadoras da ronda Maria da Penha!"

Aí eu vou te dizer o que eu vi e fui lá perfil do face dela, porque eu sou provocadora. E botei: "De que adianta proteger as mulheres e matar os filhos delas?!"

(PAUSA)

Entrevistada: Pronto!

Entrevistadora: Não tem nem o que te responder!

Entrevistada: Então assim...

Entrevistadora: Olha aí a importância da interseccionalidade.

Entrevistada: É! Porque protege as mulheres mas mata os filhos delas. O que.... A polícia militar é uma das mais violentas do Brasil! Não é a toa que o Adriano mataram aqui. Eu não sei se você viu, o cara que deu um surto no Farol da Barra?!

Entrevistadora: Vi, vi sim!

Entrevistada: Eu fui criticada por militantes de esquerda, esquerdo machos. Brancos. Classe média. Porque eu achei um absurdo terem matado o policial daquele jeito. Aí eu falei: "Eu sou militante, defensora dos direitos humanos!"

Então, mesmo ele sendo um policial, ele é um ser humano! E pior, um homem negro. Um homem negro que foi usado muito provavelmente. Usado. E assim, e, foram quatro horas de negociação não entra na minha cabeça como que não agiram antes.

Atirador de elite neutralizava o cara com um tiro só! Quer dizer, deixaram 4 horas.... Já sabia que o cara ia surtar em algum momento! Então, era pra matar o cara e jogar na cara do governador.

Porque na verdade queriam fazer um golpe né?! Contra o governador o Ruí Costa, esse que eu tava falando. Que eu espero que ele saia, mas não de golpe, claro!

Entrevistadora: Sim, que ele termine o mandato dele!

Entrevistada: Que seja derrotado nas eleições. Mas tentaram usar esse cara como bode expiatório mesmo! Então assim, é, e essa polícia militar que por um momento se alia com ele e por outro momento é inimiga dele. A gente vive essa situação aqui na Bahia de muita.... Eu apoio bastante o Movimento de luta por moradias. Tenho grandes amigas dentro dessa militância. MLB, do Olga Benário. Das meninas aqui da Favela do Uruguai. Então assim, eu tenho muitas amigas nesse movimento. Sempre que dá eu tô ajudando, apoiando. Tenho atuado de forma paralela em vários coletivos de comunicação.

As pessoas nem sabem, mas eu tô lá!

Esse levante das mulheres brasileiras mesmo, eu que ajudei a criar.

Entrevistadora: Eu recebi o informe...

Entrevistada: É, hoje eu não tô mais tanto porque eu achei muita... Pra ser sincera, muitas mulheres brancas querendo protagonizar tudo.

Entrevistadora: Eu recebi o convite e tava a Marcia Tiburi de capa. E aí poxa, é aquela coisa ela é muito famosa né?!

Entrevistada: Exatamente. Essa foi uma das coisas que me afastou. Eu tava brigando pelo protagonismo das mulheres negras e pobres, principalmente. Aí as mulheres brancas que queriam protagonizar. Então, eu, não ia ficar gastando minha energia vital naquilo ali.

Aí, eu já tô ai com um programa no jornalistas livres com a Patrícia Zaldanha, que era dos jornalistas livres e tal. Mas, você percebe que é uma coisa bem superficial né?! Burguesa mesmo.

Entrevistadora: Não é que não tenha sua relevância. Vai ter sua relevância. Mas relevância pra quem né?!

Entrevistada: Isso, é! Então eu tenho minhas dificuldades dado alguns coletivos. Tem, é, teve uma frente de esquerda que eu ajudei a fundar. Tá se formando uma frente de esquerdado bairro de Cajazeiras, eu to colando com as mulheres. Então eu vou aí!

Entrevistadora: Sempre envolvida!

Entrevistada: Teve o 8M. Ajudei a na comunicação do 8M. Então assim, eu nunca vou só, eu vou com o MUCB, com o grupo e as mulheres do grupo. Então a Liliane que é designer vai sempre comigo. Eu até brinco, a gente sempre tá juntas!

A gente é dupla de criação. eu sou da redação e ela da parte gráfica. E aí a gente é uma parceria danada, ela me ajuda em muita coisa. Em tudo que você puder imaginar!

Entrevistadora: E vocês se conheceram pelo MUCB?

Entrevistada: Pelo MUCB. E ainda não nos conhecemos pessoalmente, mas assim que a pandemia permitir eu vou dá um abraço nela. Porque ela é uma pessoa muito presente na minha vida! A gente se fala com frequência. Ela me ajudou muito durante a campanha. Ela fez a minha campanha política praticamente sozinha. E a gente tem uma parceria muito grande.

E eu tenho essa coisa, essa facilidade de juntar as pessoas. Daqui a pouco eu consigo uma fotógrafa pra ajudar. Daí eu consigo uma jornalista. Vou fazendo os contatos! Eu sempre tô ajudando em algum movimento. Coalização negra por direitos, eu vou lá e dou uma força!

Eu, é, me entendi com a publicidade e propaganda e fiz as pazes com ela em relação a militância. Inclusive hoje, eu consigo dizer que eu não seria jornalista. Eu seria publicitária mesmo. E eu acho que, como eu falo com a minha amiga jornalista. O jornalista conta a história. O publicitário vende a história. Então a diferença básica entre a gente.

Eu acho que eu tinha que ter esse conhecimento pra usar contra o sistema. É um conhecimento do sistema, usado contra o sistema. Eu tô hackeando o sistema.

Entrevistadora: Exatamente!

Entrevistada: E aí que por isso que eu acho que eu não deveria ser jornalista. Eu tenho que ter esse conhecimento mesmo de técnica de.... Entendeu?

Entrevistadora: Se não fosse esse teu conhecimento, não tinha existido o grupo, o Movimento...

Entrevistada: Esse conhecimento de publicidade, essa visão de marketing... O que atinge e o que não atinge. Eu tenho esse conhecimento técnico e acho que esse conhecimento é fundamental pro grupo. E o grupo hoje, entre as administradoras a gente é bem assim. A Liliane é design, eu publicitária, Gisele jornalista. Aí a Bianca trabalha com menor infrator. Tem professora. Auxiliar/técnica de enfermagem. Cuidadora de idosos. Tá ali... estudante de serviço social, entendeu?!

Então assim, meio que a gente consegue unir essas, é, esses conhecimentos acadêmicos que eu me incluo e tal. E o fato de eu ser formada em comunicação me dá um conhecimento pra falar, pra escrever. Aí, eu acabo sendo a porta voz do grupo nos eventos, nas entrevistas, nas matérias. É, eu tenho conseguido manter uma coerência bem bacana desde a primeira entrevista até hoje. Ninguém pode jogar nada na minha cara. "Olha isso aqui tu te contradisse!" E olha, justamente porque antes de tomar decisões eu converso com esse coletivo, né?! A gente decide junto. E aí quantas vezes alguém já puxou minha orelha e falou: "Rapaiz, isso não tá legal! Vamos dar uma melhorada!" Eu sou muito impulsiva, então é importante ter aquela galera que segura né um pouquinho?! Puxa no freio! (Risos)

Não dá pra você pisar no acelerador. Às vezes tem que saber pisar no freio! Mas eu acho que o saldo é positivo. Se a gente conseguir fundar a associação vai ser muito bom!

Entrevistadora: Esses são os planos pro futuro? O grupo ainda tá lá, tu diz que na época tinha 2,5 milhões. Hoje tem 2,3. Isso?! É uma baixa quase nula né?!

Vamo combina! (risos)

Entrevistada: Isso! E diria que muita gente expulsa, viu?! Porque a gente tá na tolerância zero! Postou: "Ah isso aí vitimismo!" Pronto!

Entrevistadora: Já deu tempo de as pessoas terem o espaço pra aprender né?!

E quais teus planos pro futuro? Tu pretende te candidatar? Ano que a gente já vai ter eleição de novo. Qual a ideia?

Entrevistada: O Coletivo deseja que eu me candidate novamente porque justamente, é, isso que eu te falei do nosso plano de governo e tal. Nossa plataforma política é muito interessante pra cidade. É muito interessante pro estado da Bahia. É importante que as pessoas se candidatem com essa visão, mesmo que a gente não seja eleita, a gente eleva o debate. Quando a gente se

afasta da política... É como dizem na política não tem espaço vazio. Esse espaço é ocupado por alguém. Então se você tem 50 candidatos e candidatas e desses, dessas, 10 são mulheres de periferia, mulheres negras, progressistas a gente consegue eleger algumas delas. Então, é, das opções para que a população possa, é, tentar, testas e não ficar só nessa de "Ah! Eu vou votar em que já tá a uns anos!"

Não! Tem que ter a oportunidade de renovar a política! É, então, eu particularmente é acredito que pra mim seria mais viável uma candidatura coletiva em que eu não seja a cabeça da chave pelo fato de ter sido muito traumático o salário. Eu tenho mãe idosa, eu ajudo muito ela. Não tenho família rica, minha família não tem posse. Sou assalariada, tenho meu carrinho. O apêzinho que eu moro que é da família. Então assim, foi muito difícil pra mim, entendeu?! Não tive apoio eu só recebi a verba partidária bem depois do início da campanha. E mesmo assim, a verba partidária tem limitações de uso. O uso é restrito realmente a campanha então não pude pegar um real pra comprar um pão pra tomar café aqui em casa.

E eu fui muito certa e muito honesta nesse sentido. Minha prestação de contas foi aprovada sem nenhum problema! Então assim, é, é difícil pra mim. É uma decisão que de novo, né?! Ficar sem salário dois meses e tal.

Entrevistadora: Tu não vive pra isso, tem uma outra vida junto.

Entrevistada: Eu fiquei muito medrosa, melindrosa. Foi muita coragem minha ter encarado e não desistido. Entendeu?! Eu pensei em desistir mas eu tive muito apoio. Por exemplo, do candidato Marcos Mendes, vereador aqui do PSOL com advogado. Advogado entrou com um pedido de liminar pra que não cortassem meu salário. A liminar saiu mas o governo não cumpriu e acabou que cortou dois meses. Restabeleceu em novembro, então assim, ele tentou me ajudar. Ele me deu esse apoio, né?! O candidato a prefeito Milton Coelho, me ajudou uma e outra carreta com ticket de combustível.

Mas, é, não tive apoio maior assim entendeu?! Foi doação mesmo! Amigos e amigas fizeram vaquinha e conseguiram me doar uma quantia em dinheiro que deu pra eu pagar as contas. Então, foi bem difícil!

Mas eu digo a você que vantagem eu tenho, sabia?! Precisa ter coragem. E eu acho que eu tenho coragem pra encarar!

Entrevistadora: Nossa, muita coragem! Ba!

Entrevistada: Eu participo das audiências públicas das coisas né?! Das reuniões. E tem que ter muito estômago pra lidar com aquela canalhada que se encontra tanto na câmara de vereadores quanto nas assembleias legislativas. Eu gostaria de ir pra lá pra fazer mesmo, comprar essa briga! Pra ser polêmica! Pra botar dedo na cara da branquitude e dizer "Olha acabou!"

E eu até brinco, se não me matarem! (Risos)

Entrevistadora: Não! Esses dois milhões de mulheres não vão deixar isso nunca acontecer!

Entrevistada: Mas digamos que eu tenho bastante coragem, viu?! De encarar mesmo! De fazer os projetos que tem que fazer... eu tenho coragem! Coragem eu tenho! O principal entrave seria realmente essa questão financeira. Então talvez se eu conseguir me organizar direitinho pra entrar com a ação antes...

Entrevistadora: E tiver mais apoio financeiro e tudo mais....

Entrevistada: Isso! Se eu tiver um apoiozinho talvez eu tenha mais coragem. Eu acho que eu tenho espaço no PSOL se eu quiser ser candidata. O pessoal do PSOL gosta muito de mim aqui. Eles me chamam de exatamente, diz que eu sou explosiva e enérgica no falar. E aí quando eu participo dos eventos deles e eu falo: "Todo mundo fica ahhh!"

Entrevistadora: É muito, muito, muito.... Não sei todas as vezes que eu já te ouvi falar e eu já te vi falar em vários momentos diferentes em aula, live, palestra. Em várias coisas diferentes. Na própria campanha política quando a gente fez vários candidatos pelo Grupo do Lélia. E todas as vezes tu sempre traz uma energia. Uma energia mesmo! Mesmo nesse meio virtual a gente sente essa energia! Essa força! E não tem como não sair entusiasmada e com vontade de

fazer alguma coisa. E isso muito comovente! Instigante, essa energia que tu passa! Imagina ao vivo! (risos)

Entrevistada: É importante ter pessoas que tem coragem de meter o dedo na ferida mesmo!! E aí as vezes falta isso aqui. A gente tem alguns políticos, políticas que eu tenho admiração que eu gosto. Vontade de chacoalhar! Vai criar coragem! Aí por causa da função do partido e aí, principalmente do PT. Tem bons políticos do PT aqui, mas cê vê que fica com medo de enfrentar. Às vezes fica com medo de enfrentar governador.

E assim, eu não tenho rabo preso com ninguém! Eu procurei o PSOL. Não foi o PSOL que me procurou. Ninguém bateu na minha porta e me convidou pra ser candidata. Eu que bati e falei que eu queria ser candidata e pronto!

Então eu sou conhecida por ser rebelde. E eu acho que falta essa rebeldia um pouco na política de, não se submeter mesmo e de falar o que tem de falar! De ser a chata, a problematizadora e tal!

Então, é uma missão que é doída. Uma missão que as vezes nos traz muitos inimigos e inimigas. Que estigmatiza né?!

Entrevistadora: Uhum. A Lélia Gonzalez falava isso quanto a militância trouxe a ela várias dores e o plano pessoal dela de vida ficou.

(LUDIMILLA APONTANDO PARA SUA GARGANTA)

Entrevistadora: Exato.

Entrevistada: Tudo aqui! Eu até brinco, brinquei. Já chorei bastante, nervosa. Quando pensei na possibilidade de isso ser um câncer. Fiquei nervosa, chorei. Passei uns dois dias chorando, assim. Mas depois comecei a rir e conversei com Liliane e falei: "Lili, pare e pense o que uma mulher negra passa de silenciamento?" E tipo, não parece absurda a ideia de eu criar um câncer na garganta. A prova!

Porque em 2009 eu tava: "Porque vocês estão falando isso comigo? Eu não fiz nada pra merecer o que vocês estão fazendo." E eles fizeram. Toda luta, greve, movimento, sempre botando.... Lutando pra falar!

Entrevistadora: Exatamente, tua voz.

Entrevistada: É, ter voz! Pra ter voz, voz! Aí a tensão tá toda aqui. A energia tá toda aqui. Eu não ia me surpreender e digo mais: O que vier eu enfrento! O que vier eu enfrento! Eu vou cair pra dentro! Não tem essa! Se for realmente um câncer e tiver que fazer quimioterapia, radioterapia, ficar careca... Liliane até brincou comigo dizendo: vai ser a careca mais linda da Bahia!!! (Risos)

Mais linda da Bahia! Então, assim Desirée eu não tenho medo de morrer. Não tenho medo de morrer. Se eu tinha medo de morrer acabou em 2009. O meu medo de morrer ficou naquela cela. Ficou ali! E depois disso, eu não contei, mas eu acho importante contar.

Entre 2016, 2017. Não! Foi 2015, 2016, eu virei pro meu pai. O meu pai que eu falei pra você que era alcoólatra e tal. Aí ele desenvolveu a cirrose hepática. E ele veio aqui pra casa, eu tive que cuidar dele. Usar fraude, dar banho, essas coisas. E eu cuidei, 1 ano e 4 meses dele. É, e convivendo com a possível morte dele a qualquer momento. E essa convivência me fez enxergar a vida e a morte completamente diferente.

E o meu pai apesar de durante a vida dele, ele não ter sido um pai assim, tão presente na educação, no carinho e no amor porque de fato, o alcoolismo tirou dele essa coisa da família. Mas esse 1 ano e 4 meses que ele ficou aqui em casa, eu pude ter um pai por causa da convivência. Ele teve que ficar abstinência, inclusive, eu tive que retirar as bebidas alcoólicas da minha casa. Até perfume era escondido! Então, eu convivendo com ele e eu via a resiliência dele em relação à morte, a doença. A forma que ele encarava com otimismo, de enxergar o copo meio cheio. De aceitar de bom grado cada dia que ele tinha a mais de vida. E aquilo ali foi tão

inspirador pra mim, tão inspirador que eu cheguei à conclusão de que a gente vai morrer um dia. São as certezas, isso não é dúvida. Não é cogitação. É certeza! A gente não sabe se vai ser daqui 1 minuto, daqui 1 hora, daqui 1 dia, daqui a 10 anos. A gente não sabe! Mas pode ser.

Inclusive, eu posso dormir essa noite e não acordar amanhã. E aí? Agora a pergunta que a gente tem que se fazer é: será que eu tô sendo útil? A minha existência tem algum propósito? Que porra eu tô fazendo aqui? Porque eu não acho que a gente veio pra cá pra ter filho, construir família, multiplicar e ser feliz. Não foi! Se fosse só pra isso não ia ter doença, não ia ter miséria.

Entrevistadora: Ia ser uma coisa muito melhor do que é né?!

Entrevistada: Não ia ter fome, não ia ter deficiência, não ia ter tanta precariedade. Então esse mundo é imperfeito. Eu acredito que se deus existe, a gente veio pra cá pra tentar proporcionar as outras pessoas bem estar né?! Então, se você vive sua vidinha ordinária de ir pro trabalho, de curtir suas férias, férias uma vez por ano. Férias com a família, levar seus filhos na escola e você não se importa que a sua vizinha tá sendo espancada...

(PAUSA)

Meu gato, está aqui puxando o cabo! (risos)

Entrevistadora: Os teus bichinhos né?! Que amor!

Entrevistada: Então assim, se você não se importa com quem tá do seu lado, próximo as vezes passando por essas situações...Puxa sua vida não significa pra nada! Porque assim, é muito fácil você ser bom pro seu filho né?! Saiu de dentro de você!

Entrevistadora: Mas é muito raro as pessoas terem esse senso de empatia, de se colocar no lugar dos outros. Dentro das mulheres, essa sororidade. Tem menos com que...É podem dizer até que é bonito! As famílias que tem dinheiro pegam no natal e dão uma cesta básica pra uma família carente e acha que tá fazendo muito!

Entrevistada: Aí vota no vereador, no prefeito que tá pouco se lixando pra aquela galera!

Entrevistadora: Exatamente, tem que ter uma linha de raciocínio.

Entrevistada: Na verdade, eu tenho minhas ressalvas com assistencialismo que é assim, eu acho bacana o assistencialismo governamental. As políticas públicas, bolsa família, benefício a idoso e deficiente que o INSS paga, eu acho muito importante. Mas quando você vai pro assistencialismo particular, o assistencialismo mais parece do que uma forma de aliviar as consciências do que de fato resolver os problemas.

Entrevistadora: Tenho o mesmo pensamento que tu!

Entrevistada: E aí...

(PAUSA)

Ela vai arrancar o cabo do computador! (risos)

Entrevistadora: Ela tá querendo ficar contigo já... (risos)

Entrevistada: O nome dela é Marielle.

Entrevistadora: Ahh! Que lindo!

(PAUSA LUDIMILLA MOSTRANDO SUA GATA)

Entrevistada: Eu resgatei ela. Eu resgatei essa pestinha aqui e o irmão em janeiro, no lixo. Olha o tamanho que tá ela!

Entrevistadora: Que linda!

Entrevistada: Infelizmente eu não consegui ninguém pra adotar porque eu já tenho dois gatos, agora tô com 4.

Entrevistadora: Eu acho que ela já te adotou Ludimilla (risos)

Entrevistada: E tem o Marighela também. (Risos)

Entrevistadora: (Risos)

Entrevistada: É Marielle e Marighela. E esse é o Marighela!

Entrevistadora: Que lindo! Esses bichinhos são tudo! São um respiro!

Entrevistada: E tem os adulto, que são meus filhos mesmo. (risos)

Entrevistadora: Adorei os nomes!

Entrevistada: Pois é, essa é minha família!

Entrevistadora: Tanto pra te agradecer! Te agradecer pelo MUCB. Te agradecer pela tua existência! De também me construí, me afirmei.... De alguma forma a minha identidade enquanto mulher feminista, enquanto professora por conta do MUCB. Ele é muito importante na minha vida. Na minha militância. Entender que a várias formas da gente ter nossa militância, não necessariamente em partido político, mas a minha sala de aula eu tô militando também. Eu tenho muito pra te agradecer! Agradecer o grupo! Agradecer tua disponibilidade! Por estar aqui comigo aqui 2 horas e pouco do teu dia, da tua vida da tua correria que eu sei que é! (Risos) Mas eu fui atrás de ti, corri atrás de ti e tudo mais porque a gente precisa contar essa história. E eu ousei ter o privilégio de alguma forma, de contar essa história assim. Pra que daqui uns anos alguém fale do grupo e tenha lá. Tenha o meu trabalho mostrando o trabalho de vocês que é importantíssimo! E que segue importante!

Entrevistada: Eu agradeço demais! Esse trabalho que você tá fazendo. Os contatos que a gente teve antes também com as Pensadoras. É, na verdade a gente se retroalimenta em energia né?! Porque como eu te falei, tanta coisa que aconteceu, decisões que talvez não foram tão acertadas e que é normal, tem as críticas. Mas a gente pensa em desistir todo dia! E cada pessoa que chega e não... Isso pra mim é importante! Isso não foi em vão! Isso dá o gás! Porque é, tudo né?! É a gente querendo ou não disponibiliza tempo do dia pra tá ali. Mas tem tudo que a gente deveria e as vezes prejudica família, hora de lazer. Por exemplo, a muito tempo que eu não sei o que é ler um livro. Sentar pra ler um livro eu não consigo mais porque no momento que eu tô ali, aí aconteceu alguma coisa no grupo. Alguém precisa falar comigo, meu telefone começa a tocar. Muitas mensagens!

Então, eu tô tendo dificuldade em ler e em pensar no meu mestrado. Que eu quero também ser pesquisadora também! Quero melhorar mais esse currículo acadêmico, mas infelizmente....

Entrevistadora: Que é importante também! Como a minha professora e orientadora, a Amanda, diz que o conhecimento acadêmico qualifica a luta. E eu quando escutei ela dizer isso eu pensei que realmente!

Entrevistada: É, isso! Eu tenho essa necessidade de fato mesmo de ir pra academia, até já tive contato com umas professoras orientadoras sem nem saber que eram! Depois eu fui pesquisar o NEIM. E tá lá a bendita a professora na lista dos orientadores! Que tava batendo papo comigo um dia desses, no whataspp, super íntima! (Risos)

Entrevistadora: Eu tava conversando com a Cecília Sardenberg, ela é do NEIM. Uma das fundadoras do NEIM. E ela ficou super empolgada! E me disse: "Guria que coisa mais incrível! Eu fui no movimento Ele Não! Eu participo com as gurias das lives!"

Entrevistada: Então você imagina.... Eu conheço outra! Essa eu nem sabia (Risos)

Eu preciso ter um tempinho assim pra mim, pra ler, pra começar a pensar no resumo e tal. E tudo. E aí o grupo realmente tá me dificultando...

Entrevistadora: Na verdade tua prática é tua teoria toda! Só precisa juntar tudo! Pra mim nossa entrevista aqui é Lélia Gonzalez pura!!! Entendeu?! Já está em ti! É só um estalinho!

Entrevistada: Aham! 2021, agora eu tenho que voltar!

Entrevistadora: E essa aula da pós que tu vai dar?

Entrevistada: Pois é, é agora em 15 de maio. 15 e 29. Aí justamente é, a questão de eu estar vendo essa questão da doença, tô pesquisando. Isso também são alertas que a vida vai nos dando! Dizendo pra dar uma pisadinha no freio.

Agora tô começando a aprender a recusar algumas coisas.

Entrevistadora: Então, é como tu disse tem outras pessoas a frente do grupo. Precisa delegar um pouco!

Entrevistada: Exatamente! É! Eu tô nessa vibe de dividir tarefas, das meninas participarem e tal. Mas, é isso. Tem que qualificar mesmo! Qualificar a luta! Tem que ir pra academia. Tem que ter mulher pesquisando! Trazendo nossas lutas, nossas dores pra academia. E eu acho que assim que a gente vai transformar a educação. Na verdade, né?!

Vai ter que transformar a educação. Esse ano meu projeto pessoal é esse e o coletivo é a casa MUCB ficou um pouco em stand by por questão da pandemia. O contexto econômico e social dificultou tudo. Mas ia ser muito bom se a gente conseguisse formar a casa MUCB pra poder dar esse atendimento, esse acolhimento as mulheres. Também disponibilizar cursos de formação e tal, algo relacionado assim. Seria um grande bem!

Quem sabe a gente não consegue através das vias institucionais né?!

Entrevistadora: Tô sonhando aqui! (Risos)

Entrevistada: Aí a gente pode buscar isso e te falo e não tô só não! Tem um time de mulheres negras aqui em Salvador, na Bahia. Não só em Salvador. Que são mulheres inspiradoras! Que se você conhecesse, cê ia ver que eu só sou uma dela! Entende?!

Entrevistadora: Eu tô aqui no Sul, a coisa é difícil aqui! (Risos)

(PAUSA POIS NOVAMENTE O CELULAR LIGOU O VIVA VOZ SOZINHO)

(Risos)

Entrevistadora: Vamos desligar ó! (Risos)

Entrevistada: Olha só! (Risos)

Entrevistadora: Mas um dia a gente ainda vai se ver pessoalmente! Eu vou conhecer a casa, porque ela vai sair. Vai tá muito adiantada!

E nossa, muito muito muito obrigada!!!

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 2 – LILIANE ABREU

Entrevistadora: Prontinho! Então hoje estamos aqui, 24 de abril de 2021 com a Liliane. É uma das pessoas que coordena e organiza o grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro. E eu queria primeiro te pedir Liliane, pedir pra te apresentar, tua idade, tua profissão e um pouquinho de ti.

Entrevistada: É, eu sou Liliane Abreu. Liliane Alcântara de Abreu. Eu tenho 51 anos. Eu sou professora, atriz, designer da área têxtil, eu tenho várias especializações. Eu sou especialista em artes visuais, em pesquisa de comportamento e consumo. Em neurociência com enfoque pedagógico. E em arte-terapia. E atualmente, eu sou estudante do 4º ano da UNIP aqui de São Paulo. Eu sou carioca, originalmente. Mas eu já morei o Brasil inteiro! Porque meu pai é militar da reserva, então, a gente ficava se mudando. E eu adquirei essa coisa meio de cigano... A minha bisavó era cigana. Baiana e cigana!

Entrevistadora: Que delícia!

Entrevistada: A gente tem, essa coisa né?! De a coisa não tá muito boa. Vamos mudar!

Entrevistadora: Uma coisa um pouco nômade? (Risos)

Entrevistada: Isso, pra coisa melhor! No momento eu tô em São Paulo. Eu tô aqui há 4 anos e meio, 5 anos basicamente. E adoro a cidade! (Risos)

Entrevistadora: Que coisa boa! (Risos)

Eu queria te pedir pra tu contar um pouquinho sobre a tua trajetória de vida. Um pouquinho da tua vida. Da tua família.... Enfim. E qual a tua relação com os movimentos sociais? Qual tua atuação? Quando se deu esse movimento? Porque geralmente, quando a gente começa a militar, a participar de algum movimento social em específico, isso tá totalmente relacionado a nossa trajetória. E eu queria te pedir pra ti falar um pouquinho disso...

Entrevistada: É, a gente teve um papo anterior que eu explanei assim, bem. Fiz um resumo e até o resumo é grande. Então eu vou começar de trás pra frente. Eu vou começar com o meu engajamento nos movimentos sociais.

Eu, por ser e aí depois eu vou chegar no histórico. Eu por ser filha de um militar que era dos porões da ditadura, a minha vida foi vendo os dois lados do muro, né?! O lado de lá que todo mundo acha que era uma beleza e o lado dos civis. Eu estudei em colégio público, os meus amigos eram civis. Eram filhos de civis. Eram funcionários públicos e tal. E até por eu começar a fazer.... Por ter viajado o Brasil inteiro, eu com 14 anos eu fui morar no Nordeste. Então, eu tava morando no Rio e fui pro nordeste. Fui morar em Recife., no subúrbio. A gente tem aquela ilusão assim: "Ah eu vou morar no Nordeste, eu vou morar em um oásis! Na praia! Férias eternar!" (Risos)

Quando eu cheguei lá fui começando a entender que a realidade não era assim. A gente foi morar em subúrbio. A minha casa ficava a uma hora e meia da praia. Era mais ou menos o mesmo status quo do Rio, que no Rio é muito grande! Ficava afastado. E aí, eu dei de cara assim com uma realidade que eu nunca tinha visto. Eu cheguei naquele momento que tava seca no nordeste, que as pessoas comiam calango e cactos. Eram o que elas tinham pra comer. As crianças brincavam com os ossos dos animais que morriam e tavam lá no sertão. Eu tive que crescer muito rápido!

E eu fui fazer magistério nessa época, eu estava com 14 pra 15 anos e um dos primeiros trabalhos que a professora passou pra gente foi: "Vocês vão ter que ir em um favela e vocês vão pesquisar. Porque vocês vão ser professoras, vocês têm que entender o que as pessoas comem. O que os alunos de vocês comem." E eu fui!

Eu cheguei em uma palafita em um bairro que se chama, afogados ou alagados. Eu não lembro mais direito. E a minha primeira entrevistada foi uma garota da minha idade. Ela tinha 14 anos. E ela, era prostituta, filha de prostituta, neta de prostituta. Era uma menina linda! As etnias se misturavam. Porque a avó era negra e ela era loira de olhos azuis, como eu. E o sonho

da vida dela era ser empregada doméstica porque ela queria, é, ficar vestida de branco. Ela queria morar em uma casa com dignidade. Veja, ela morava na palafita! Ela queria morar em uma casa com dignidade. Vestida de branco, o que lembraria de repente uma enfermeira, né?! Mas, morar e dormir em um lugar bom.

Entrevistadora: O que pode remeter ela alguma figura de pureza, de enfim....

Entrevistada: Pois é! Ela queria ser empregada doméstica pra trabalhar em casa de bacana, assim. Quando ela me contou isso, já foi o primeiro soco na cara. E aí fui vendo a realidade do que as pessoas comiam. E aí eu tive que enfrentar, realmente uma coisa que era irreal. Que todo mundo criava mentalmente sobre realidade que não era! Aquele foi meu primeiro choque.

Aí eu morei 10 anos no Nordeste. Foram 3 em Recife, 3 Salvador. Em Salvador eu tive que viver outras realidades. E aí eu acabei começando a trabalhar. Por ser de magistério, eu ia como voluntária. Trabalhava com as crianças, dava aula. Sem ganhar nada! Era voluntariado mesmo. Fazia assistência. Conversava muito com as prostitutas do pelourinho e com as travestis.

E aí quando eu contar o histórico você vai entender porque. Então, eu fui tendo essas visões de vida. E cada lugar que eu me mudava eu tinha esse choque: cultural, de realidade e tudo.

E assim, eu tinha vontade de trabalhar com outros tipos.... Uma coisa assim, mais palpável. Mas na época eu não tinha a instrução, qualidade profissional e tal. E também aí, com 22 pra 23 anos eu conheci o pai dos meus filhos. Aí a gente se juntou, eu engravidei. E foi um filho atrás do outro. Eu tenho 3 filhos.

E eu estipulei que eu teria que ser mãe em tempo integral. Era o meu papel naquele momento. Então, eu fiquei muitos anos parada no tempo e espaço. Quando os meus filhos, meu filho mais velho fez 11 anos aí eu fui fazer a minha primeira faculdade. Eu já tava no Rio de novo. Nesse tempinho, eu saí do Nordeste fui morar em Curitiba. De Curitiba eu passei por umas cidades no Rio e depois fiquei no Rio.

Então, em 2004 eu comecei a fazer a faculdade de design. Aí foi outro choque! Porque eu comecei a ter que entrar, é, eu acabei depois que eu terminei a faculdade, trabalhar na Mangueira. No morro da Mangueira. No pé do morro da Mangueira em uma grande estamperia que tinha lá mas a gente ficava no meio da comunidade. Então, as coisas foram fluindo assim. Fluindo até o ponto que aí, se antes eu não tinha qualificação depois eu não tinha tempo. Depois, chegou em um ponto que eu tinha qualificação e não tinha o tempo pra poder lidar com o voluntariado.

E quando foi em 2014, eu fui demitida. Eu trabalhava no SENAI. Eu era professora no SENAI. Do tecnólogo até a pós-graduação. Eu fui demitida com outros professores e eu fiquei sem chão. Eu fiquei sem chão.

Aí, eu já entrando em processo depressivo por conta de outros processos particulares. Aí eu tive um insight: "Cara, você passou a vida inteira querendo fazer voluntariado de verdade. E você não tinha nem estofa, nem tempo. Agora você tem estofa e tem tempo! Vai à luta!"

Aí eu comecei a procurar o pessoal do Instituto de Câncer. Eu já era arte-terapeuta formada na época. E aí eu comecei a fazer voluntariados, é, de forma assistencial pra cuidar... Era no Instituto de Câncer e também no Hospital dos Servidores que eu era arte terapeuta de crianças de 0 à 18 anos que eram terminais. Então, eu assumia tanto o setor de câncer quanto o setor de doenças generalizadas. Eu atendia tanto essas crianças quanto os seus familiares.

E foi assim... Um dos grandes aprendizados da minha vida!

Entrevistadora: Nossa.... Eu imagino!

Entrevistada: Eu até me emociono porque assim veio em um momento que tava muito difícil pra mim. E assim, você encarar as dores dos outros, você começa a refletir sobre as suas próprias dores. E nesse meio tempo, eu vim acabar parando aqui em São Paulo. Depois de um tempinho

eu comecei a fazer a faculdade... E aí eu dei cara com essa coisa do Movimento do Ele Não. E entrei.

Mas assim, se você falar movimento, ONG, ou seja, lá qualquer entidade que eu tenha trabalhado mesmo, o que eu fiz foi essa parte na época do hospital. Fora isso era uma coisa muito solitária! Eu fiz a vida inteira!

Eu socorria vítimas de violência sexual. Eu socorria pessoas que tavam em situação de violência. Sobretudo, essas. Mais alguém que tava precisando alguma coisa relativa com fome. Ou que tava desempregado. Eu era sempre aquela pessoa que infelizmente, de forma sozinha, a andorinha sozinha, eu abraçava as pessoas. E aí ajudava até o ponto de elas poderem caminhar sozinha.

Essa foi a minha trajetória. Até que chegou o Ele Não e eu entendi que não adiantava eu ficar de andorinha, eu tinha que me juntar a outras andorinhas pra poder ter um alcance muito maior a outras pessoas. Em um nível assim, exponencial! De pessoas que precisavam serem ouvidas, que precisavam falar. Que precisavam de socorro. De todos os gêneros possíveis!

É engraçado a gente pensar na própria trajetória assim. Mas tem os porquês. E aí tem o porquê do histórico.

Eu contei na semana passada e acabei de falar agora a pouco que eu sou filha de um cara dos porões da ditadura. O meu pai ele era investigador de elite do exército e ele era a pessoa que investigava as pessoas para o DOPS poder prender. Meu pai que fazia isso. E sim, durante a nossa vida, é, a gente tava com um monte de informações ali, alienadas confiando no papai, né?! Ele não contava. Toda a informação que a gente tinha era esse. Eu cresci e lembro que com 6 anos de idade morando em Brasília, os bigodes dele de disfarce. Peruca, né?! Eu lembro de tudo isso.

Eu também tenho um histórico de violência sexual. O meu pai me abusou efetivamente dos 13 aos 16, 17 anos. E depois eu fui tentando encontrar uma força dentro de mim pra não permitir, mas existiu um abuso até os 22 anos. Mas eu descobri a uns dois anos atrás que desde os 6 ele me abusava.

Entrevistadora: Provavelmente tu nem entendia....

Entrevistada: Não, eu não entendia. Até porque, é, ele tinha um movimento de parar de fazer. Por exemplo, o movimento dele ele agia quando estava longe da família nuclear dele. Quando ele estava perto da minha vó e dos meus tios, ele não fazia nada. Então, isso criou um lapso de memória que eu esquecia o que ele fazia, de determinadas coisas. Que eram sutis! Ele começou brincando comigo de cavalinho. Eu lembro da minha mãe discutindo com ele pra não fazer aquilo. Ele fez umas duas vezes e não teve oportunidade de dar continuidade porque quando eu tava com 7 anos meu avô morreu, meu avô paterno e a gente continuou morando no terreno de um dos meus tios. No prédio de um dos meus tios. Então, ele não fez nada a gente ficou um ano lá.

Entrevistadora: Tio pelo lado materno ou paterno?

Entrevistada: Paterno.

Entrevistadora: Irmão dele.

Entrevistadora: Paterna que eles moravam todos na mesma rua no Rio. A gente ficou 1 ano nesse apartamento, no prédio do meu tio e ele não fez nada. No ano seguinte, eu lembro dele sair do quarto com a minha mãe. A minha mãe transava muito com ele, eles tinham... Era um casal com a sexualidade assim, muito exacerbada por conta do meu pai, né?! Todos os dias. Assim, três vezes ao dia até a minha mãe ter trombose aos 50 anos. Tá?!

Então, é, quando a gente se mudou da casa desse tio, eu lembro do meu pai sair do quarto... A gente sabia que ele tava "namorando" a minha mãe. **(GESTO DE ASPAS COM AS MÃOS)** E ele saía, segurando o pênis dentro da calça e aí ele ia na minha direção, na sala ou quando eu tava passando no corredor e passava a mão no meu rosto. Eu achava o cheiro horrível! E fazia assim... **(GESTO VIRANDO O ROSTO)**

"Aí minha filha como você é linda!" Essa coisa asquerosa que ele tava fazendo e ele fez durante dois anos, ele estava me acostumando a ficar com o cheiro dele. Só que depois dos 10 anos de idade, a gente... Nós ficamos dos 9 aos 10 em apartamentos diferentes na mesma rua. Não estava dentro do limite de uma familiar dele. Mas dos 10 aos 13, nós ficamos morando em um casa que era no terreno na casa da minha vó e ele parou de fazer isso. Então, eu esqueci!

Quando a gente se mudou, que eu fiz 14 anos e a gente se mudou pra Recife. Ele, em 25 dias que a gente tava lá ele começou a me abusar! Literalmente! Enfiar a língua na minha orelha, passar a mão na minha vulva, passar a mão no pênis dele. E quando eu contei pra minha mãe ela não acreditou!

Entrevistadora: Eu ia te perguntar isso, como foi a reação da tua mãe?

Entrevistada: A minha mãe, eu contei pra ela na hora do almoço. E ela levou um susto! E eu fui educada, a ter uma postura muito grande. E eu contei nesse almoço e coisa de 20 minutos depois, ele chegou do trabalho. Era o dia que ele chegava mais cedo. E aí eu lembro que a gente nem almoçou nesse dia. Eles se enfiaram no quarto e ficaram mais de uma hora lá. Eu ouvia eles discutindo, mas eu não conseguia entender o que eles falavam. E quando ela saiu do quarto, ela olhou pra minha cara como se quisesse me esbofetear e não falou nada. Passou direto por mim. Ficou 4 meses sem falar comigo.

E o meu pai, se direcionou pra mim, se abaixou um pouco. Eu ainda era um pouquinho menor do que eu sou hoje. Eu não cresci muito depois disso, mas, ele era um pouco mais alto do que eu. Ele se abaixou e me olhou dentro do olho, aí ele falou em voz alta pra ela ouvir: "Você está mentindo! Se você contar isso de novo pra mais alguém, eu vou te internar em um sanatório porque lá que fica maluco e mentiroso!"

E eu me calei. E ele me abusou mais 10 anos.

E porque que eu me calei? Porque quando eu tinha 3 anos de idade, ele dopou a minha mãe pra internar em um sanatório porque ele queria ficar com uma das amantes. E eu sabia dessa história! Eu só não sabia quem era a amante. Depois eu descobri que era a minha tia, irmã da minha mãe.

Entrevistadora: Nossa! É pior ainda!

Entrevistada: É! Então, nós fomos passando esse processo. Eu, cresci dentro de uma tensão familiar que eu tinha que fingir que eu tinha uma família feliz. Porque a imagem passava e passa até hoje é de um pai de família excelente, faz tudo pra família. Que é provedor! E aquilo outro. Ninguém ia acreditar em mim! Como não acreditaram!

Das duas ou três vezes que eu pedi socorro não acreditaram. Então.... E eu não tinha noção, é, naquela época não existia delegacia da mulher. E se nem minha mãe não acreditava e se as pessoas duas ou três próximas que eu pedi socorro não acreditaram em mim, até mais velha, um estranho ia acreditar? De forma nenhuma!

Entrevistadora: E tu tens irmãos né?!

Entrevistada: Tenho 2 irmãos. Tenho 3, na verdade. Eu tô com 51, tem um de 50, um de 49 e um temporão de 16 anos mais novo que eu, que é adotado quando a gente morou em Recife. A gente tava saindo de lá quando adotou. E assim, é, o meu pai ele sofre de psicopatia. Ele é psicopata. Esse meu irmão que é dois anos mais novo que eu, também é psicopata. E, ele é igual o meu pai. Ele aprendeu, inclusive tem um episódio que a gente tava... Depois desse momento que eu contei pra minha mãe, que eu fiquei 4 meses sem... Eles dois sem falar comigo, eles voltaram a falar por conta de um lance que aconteceu no colégio. A gente tinha que fazer uma explanação sobre.... Não era violência sexual, não. Sobre sexualidade né?! Sobre um monte de coisa.

Entrevistadora: Sobre métodos, essas coisas? Coisas que a gente aprende na escola né?! Como reprodução. O sentido da reprodução.

Entrevistada: É, esse monte de coisa. Quando meu pai viu o que eu ia falar.... Eu deixei o papel em cima da mesa e na hora que ele viu, ele fez um escândalo! E aí no dia seguinte, ele

botou a farda em regra e me carregou.... Eu levava 10 à 15 minutos andando da minha casa até o colégio. Ele foi me carregando pelo braço como se eu fosse ser presa. E aí começou a bater na mesa da diretora: "Porque isso é um absurdo! Porque isso é pornografia." E não sei o que.... Imagina! Isso foi em 80 e...

Entrevistadora: A gente nem falava ainda em ideologia de gênero....

Entrevistada: É, foi 1984. Ainda tava em ditadura. Tava naquele momento de transição pra acabar. E a diretora ficou branca! Começou a chorar. E ele dizia que ia fechar o colégio! E acabou! Interromperam a Feira de Ciências que ia ter com isso. Eu fiquei morrendo de vergonha.

O mesmo movimento que a Damares tá fazendo agora e o governo federal, de tirar para as crianças entenderem o que acontece com elas de abuso sexual.

Entrevistadora: Eles criticam como ideologia de gênero, teu pai já tava reclamando disso.

Entrevistada: Tá ensinando as crianças a fazer sexo oral! A fazer sacanagem! E assim, eu descobri que eu tava sendo violentada pelo meu pai, eu levei um mês. Porque quando a história começou, eu não tinha... Ele falava pra mim: "Isso é normal! Isso acontece com todas as famílias. É amor. É carinho de pai pra filha."

E quando eu comecei a reagir, ele começou a me ferir. E um monte de coisa. Nós tínhamos uma biblioteca enorme em casa. Quem limpava os livros era eu. Eu só queria saber de Homero, de história. Mas eu sabia que tinha uns livros, que eu nunca tinha lido. Mas quando isso aconteceu, depois de uma semana dele fazendo isso comigo, fazendo o que tava fazendo, eu comecei a ler os livros. Eu lia escondida. De madrugada.

Entrevistadora: Os livros que eram proibidos na tua casa?

Entrevistada: Não! Não eram proibidos porque quem limpava era eu. Entendeu?!

Entrevistadora: Ahh entendi agora!

Entrevistada: Não, não era proibido. Mas eu ficava lendo escondida porque eu sabia que tava acontecendo alguma coisa de errado e se ele me visse lendo os livros, eu sabia que ele ia tirar os livros de mim. Então, eu li escondida porque eu queria saber o que tava acontecendo. Eu levei 30 dias. Eram três volumes de educação sexual, quando eu terminei de ler o último no dia seguinte, foi quando eu contei pra minha mãe. Porque ali eu tive certeza.

Então assim, quando chegou 4 meses depois que aí gente ia.... Nós íamos dar uma aula de educação sexual pra outras pessoas da nossa idade em uma Feira de Ciências e meu pai viu aquilo, ele entrou em ação. Que é a mesma coisa que estão fazendo agora. E só interessa a um tipo de gente, as crianças e os adolescentes porque vai depender da linguagem do que vai ser falado, ter acesso ao que acontece com elas. Aos abusadores e os coniventes.

Então, eu cresci dentro desse padrão familiar. Fomos crescendo. Eu não pude me desvencilhar desse homem nem depois de casada e com filhos porque ele feria minha mãe. Eu percebi de algumas tentativas que toda as vezes que eu me afastava dele, ele feria minha mãe. Ele batia na minha mãe. E como nós estávamos próximos ele não fazia isso. Ele mantinha a fachada de grande homem de família até porque eu já tava casada. Ele mantinha esse padrão de chefe...

Entrevistada: Ele tinha mais respeito pelo teu marido do que por ti...

Entrevistadora: Exatamente. Exatamente. E aí quando foi 2014 eu fui demitida e eu entrei em um processo depressivo horrível. Eu vi a minha filha, minha filha é igualzinha a mim. Então cê imagina a tensão que eu ficava vendo os meus filhos crescerem, sobretudo a minha filha junto desse homem. E eu era obrigada a beijá-lo, abraçá-lo. Réveillon, Natal né?! O papai. Esse teatro!

2014 eu fui demitida e entrei em depressão e a minha mãe com Alzheimer. Ela desenvolveu Alzheimer muito rápido. Ela começou final de 2012 e pra você ter uma ideia, 2015 ela já não sabia o que era o joelho dela.

Entrevistadora: Foi muito agressivo! Muito rápido...

Entrevistada: Foi, foi muito triste o que aconteceu com ela. E aí chegou 2015, eu fui tentar me levantar com muita dificuldade. Eu enviei o meu marido e o meu filho mais velho pra Nova Zelândia. Porque nós sempre passamos muita dificuldade financeira, muita mesmo. Do ponto assim de guardar o chinelo do filho, o do outro arrebentou e o lado que ficou bom pra revezar com o par do outro filho pra caso arrebentar, juntar e fazer outro par.

Nossa vida realmente mudou no momento que eu fui fazer faculdade, nós ascendemos. Eu virei professora do Senai. Aí o negócio melhorou! Botei meu marido pra fazer faculdade, pós-graduação. Falei: "Vai todo mundo estudar nessa casa pra ser gente!"

E aí quando chegou 2015, e eu nesse 1 ano desde 2014 demitida, nós já tínhamos um projeto de morar no exterior. Mas aí eu disse: A minha mãe tá com Alzheimer, o dinheiro ficou pouco. O dólar começou a subir. Temos dinheiro pra ir dois. Depois a gente vai!

Eu botei eles no avião em agosto de 2015, 4 dias depois minha mãe caiu um tombasso! Bateu a cabeça e ficou catatônica! Só que eu tive que passar 5 dias com uma amiga que tava fora e não conhecia o Rio e tava com medo, tinha uma filha adolescente.

Nesse meio tempo, eu voltei pra casa, a minha mãe já tinha batido a cabeça tava catatônica. Sem comer, sem beber água e o meu pai esperando o que ia acontecer. Ele e meus irmãos.

E eu falei: "Enfia a mãe no hospital!" E eu fui terminar de resolver um negócio e quando voltei, eu fui atacada pelos meus irmãos porque eu não estava nem aí pra minha mãe.

E eu fui literalmente espancada a ponto de ter hemorragia, eu já tava entrando na menopausa, 8 meses sem sangrar. Dente rachado, eu toda ferrada. Só que quem me bateu foi esse irmão psicopata, dois anos mais novo que eu. Ele aprendeu a bater com o meu pai. E os agressores batem onde? Na cabeça porque não deixa hematoma e no meio da coluna.

Eu só digo pra você ter uma ideia, eu fui toda arrebentada e eu só fiquei com um roxinho no ombro. Fui expulsa da minha casa. E foi quando eu vim pra São Paulo, eu dezembro de 2015.

Eu não briguei com meu pai. O meu irmão não morava na mesma casa porque era todo mundo morando no mesmo terreno. E eu fiquei, eu entendi, eu tentei me autoconvencer que meu pai não fez nada porquê... Por conta do estado da minha mãe que tava debilitada, que tava morrendo, e piriri, parara....

O fato é que ele foi conivente. Ainda mais que meu irmão não morava lá. Então eu não briguei com meu pai. Eu simplesmente saí pra recomeçar a minha vida. Eu fui humilhada. Inclusive, falaram pros meus filhos que eu era prostituta quando eu era jovem. Todo esse tipo de coisa.

E meus filhos acreditaram, porque imagina eram dois filhos e mais um avô falando isso. Imagina? Eu fiquei arrasada. Eu perdi meu chão. Entrei em depressão profunda. Pensei duas vezes em suicídio. Inclusive eu parei num lugar, em uma grande avenida em botafogo, porque eu fiquei hospedada em uma casa de uma amiga. Pensei em me jogar na frente de um ônibus. Mas eu sou tão azarada que eu pensei que ia demorar pra morrer, um carro, ia bater no outro. Aí já sabe né?!

Entrevistadora: Até nesse momento tu pensou nos outros...

Entrevistada: É. E eu era terapeuta né?! Exatamente nessa época eu era terapeuta das crianças terminais. E aí me deu aquilo: "Cara, você vai se atirar daqui?!" Mas assim tudo muito rápido! "Mas você vai se jogar aqui? Você tá falando para aquelas crianças e aquelas mães que tem que lutar até o fim. Que coisa ruins passam..."

Aí eu dei um passo pra trás. E no dia seguinte eu procurei uma psicóloga até o momento que eu cheguei em São Paulo.

O tempo passou e a gente foi vendo o Brasil virar essa confusão que tá. Que já vinha anterior, uma coisa que já vinha na Dilma... E eu por conta do que eu te falei, por conta do

histórico familiar, apesar de eu ter uma vertente de visão que via, tinha uma visão do que acontecia, ao mesmo tempo eu tava em negação!

"Não! Que PT, que Lula! Que esquerda!" E não sei o que... E reclamava! A minha função grandiosa de ser humano no planeta terra era reclamar do PT e do Lula e do que tava se fazendo em benefício das pessoas, que eu vi que não estavam sendo ajudadas.

Então, quando chegou 2018 eu comecei. Minha mãe morreu em 2017. Quando chegou 2018 que eu comecei a ver a ascensão do Bolsonaro, janeiro de 2018. E eu dê-lhe a assinar petição pro Moro continuar na Lava Jato. "Vai mesmo!" E tal.

Eu comecei a perceber que tinha alguma coisa errada. Eu via que tinha alguma coisa. Eu demorei muito. Mas assim, é, eu acho que foi concomitante com ver por exemplo, as pessoas atacar o Chico e o Caetano, não... O Chico e o Caetano foram atacados. E as pessoas começaram a ir pra rua pedir ditadura.

Entrevistadora: Aí que tu levou o choque?

Entrevistada: Eu pensei, gente tem coisa errada. Pera aí! As pessoas não tão reclamando não é por conta.... Tem coisa que tá errada. Eu tava começando a processar. E aí eu puxei de lá do meu histórico com meu pai. Porque como eu tava te falando, ele falou...

Entrevistadora: Sim, teu pai conhecia o Bolsonaro né?!

Entrevistada: Entre 2011 e 2013, nós começamos a ter uma conversa. E aí ele começou a falar demais. E aí ele pegou e falou assim, ele falou que lá no período da ditadura que um monte de mulheres foram presas, sendo inocente. Sem serem militantes, sem serem simpatizantes de comunismo, de socialismo, de nada! Eles achavam essas mulheres interessantes. Prendiam essas mulheres, registravam como comunistas. Só que nesse interim elas eram estupradas. E a grande cereja do bolo da época da ditadura eram essas mulheres sendo violentadas. E que assim, as que aparecem e que apareceram fazendo denúncia que esse tipo de coisa acontecia, elas realmente eram militantes. Mas as que não eram, se calaram pra sempre!

Imagina, o medo dessas mulheres! E eles ameaçavam de tudo. Eles usavam. Eles usam de uma manipulação, meu pai usa até hoje de distorção e de medo que a pessoa se cala!

E aí eu tinha todas as informações, quando eu comecei a ver a a ascensão do Bolsonaro em 2018, eu falei, meu deus do céu!

E aí juntando com os discursos dele, veja aquele por exemplo, ele tem um discurso com relação Maria do Rosário de que eu não te estupro porque você é feia!

Eu fui estuprada pelo meu pai. A minha mãe era dopada e estuprada pelo marido que ela transava voluntariamente três vezes ao dia com ele, durante 50 anos! E essa mulher era dopada e violentada por ele.

Então, qual é o mérito de você ser estuprada? Até porque ele mesmo falou que as mulheres eram presas sem nem saberem porquê. E elas eram violadas. E ele assistiu isso. Ele me falou que ele assistiu.

Então, eu vi um quadro na minha frente. Apavorante! E eu, não podia deixar isso acontecer de jeito nenhum! Então, quando chegou setembro de 2018, o MUCB foi criado, no dia 30 de agosto de 2018. E eu já tava muito inquieta. E eu tava escrevendo muito nas redes, no facebook, que é onde eu interajo.

Entrevistadora: Na verdade misturou tuas dores com a ascensão do Bolsonaro...

Entrevistada: Misturou! Porque assim, as fichas foram caindo. O meu processo de depressão fez com que eu tivesse que encarar a minha realidade que eu neguei a vida inteira. E eu tava nesse momento, de saída da depressão. Eu inclusive, foi no ano que eu comecei a faculdade de psicologia. Porque eu queria entender os psicopatas! Eu queria entender os psicopatas!

Entrevistadora: Tu é muito corajosa!

Entrevistada: Quando chegou no dia 2 de setembro, né?! Porque foi criado no dia 30 de agosto. Eu já angustiada, escrevendo, escrevendo! Uma amiga pegou e me mandou pra mim assim: "Olha esse link." E ela me mandou o convite. Na hora que eu entrei, é, eu era tipo assim, o

membro 248 mil. Tava começando o MUCB. E aí na hora que eu entrei eu pensei: gente esse monte de mulheres de etnias diferentes, de crenças diferentes, de cores, de visões políticas diferentes, são contra Bolsonaro. Eu não tô sozinha! Eu não tô sozinha!!!

E a gente começou, começou, começou e aí, eu fui pro Rio e feliz da vida contei pro meu pai. Eu contei pro meu pai, tolamente!

Entrevistadora: Nossa! O Rio fervendo com os Bolsonaro!

Entrevistada: Eu ainda estava em negação. Porque o que acontece, o meu pai por ter fingido, por eu estar com ele durante o movimento de crescimento dos meus filhos, ele foi o vovozinho legal e eu, me enganei. Eu entrei em um negacionismo, apesar de ficar super tensa e superatenta e saber quem ele é, eu entrei em uma de que o vovozinho.... Aquilo que aconteceu comigo tinha passado! Que o vovozinho tinha virado um velhinho legal. Mas o vovozinho não virou um velhinho legal. O vovozinho continuou fingindo como um psicopata que ele é, como ele fez a vida inteira!

Então, eu peguei e contei pra ele: "Nossa! Eu entrei num grupo contra o Bolsonaro de não sei quantas mil mulheres e já tá crescendo, já tá com 1 milhão de mulheres!" Porque nesse interim já tinha dado algumas semanas e já tinha 1 milhão de mulheres. Mais de 1 milhão de mulheres. E tava PUM! Crescendo!

Na hora que eu falei isso, ele só ficou parado olhando pra minha cara. A conversa foi adiantando, adiantando e como já estávamos falando de Bolsonaro ele falou: "Não! Eu vou voltar no Bolsonaro porque ele cuida, vai cuidar da segurança e das criancinhas!"

Quando ele falou isso, meu estômago virou!!!

Aí de novo, veio tudo. Como ele tá com esse discurso de cuidar da família e das criancinhas se ele é um pedófilo. E aí veio a conversa dele lá, de dizer que as mulheres eram violentadas na ditadura. E todo mundo tinha que ficar calado.

Aí eu ainda insisti e falei: "Mas pai, você conhece esse homem!" Porque ele, depois que ele deixou de ser, é, da investigação dos "comunistas". Acabou a ditadura ele nesse momento, ele passou a ser, é..... Nesse momento ele tava ainda.... Depois que a ditadura acaba ele começou a... Porque assim lá por 1981, 82, ele já tinha saído do serviço de investigação. E começou a ser investigador de dentro do exército, da corrupção dentro do exército. Quando ele foi entrar nesse nível, em 1984 já não tinha esse tipo de investigação e ele foi... Ele trabalhava dentro do colégio de militar. Não era instrutor, não.

Entrevistadora: Ele treinava?

Entrevistada: Não, era como se fosse um coordenador. Cuidando dos alunos do colégio militar. Inspetor! Ele era inspetor de aluno no colégio militar. Tanto no período que a gente ficou em Recife e quando fomos pra Bahia, ele ficou um tempinho no colégio militar e depois, ele voltou a ser investigador interno do exército.

Então em 1987 quando Bolsonaro foi expulso. Eu sabia quem era Bolsonaro porque ele contou a história pra gente. E ele falou: Esse cara é insano! Ele podia ter matado os colegas!" O próprio pessoal do exército não gostava do Bolsonaro.

Entrevistadora: Porque ele fez um atentado assim né?!

Entrevistada: Sim, ele podia ter matado! E existe um livro do General Geisel, contando brevemente esse evento e mostrando que ele não gostava. A cúpula não gostava! Mas Bolsonaro, foi protegido por grandão. E na sequência virou político! E assim, era um cara tão tosco, mas tão tosco que ninguém acreditava que fosse chegar onde chegou. Ninguém acreditava! Só que as pessoas foram se identificando com ele. Os toscos identificam um tosco!!!

Então, quando falei pro meu pai: "Pai, você sabe quem é esse homem! Você sabe o que ele fez! Você sabe os discursos que ele faz esses anos todos! Ele tem características de psicopata!" Eu falei isso pro meu pai, 5 anos atrás. Não 5, foi em 2018. Faz três anos já.

Eu falei: "Esse cara tem características de psicopatia!" Ele vai implantar a ditadura. Ele diz isso abertamente! Ele vai implantar a ditadura.

O meu pai olhou bem sério pra mim, dentro dos meus olhos e falou: "O plano é esse!"

Aí eu desmontei. Porque aí cruzou tudo. Cruzou todas as informações. E quando ele falou a história pra defender as criancinhas. Eu falei: Lascou! Esse velhaco e todos esses mamutes que tão no exército, porque assim, você precisa entender. Todo militar é malvado? Não! Todo militar é malvado? Não! Aquela galera, a galera específica que era dos porões da ditadura, esse pessoal. Esse pessoal é perverso! Esse pessoal, não dá ponto sem nó!

Entrevistadora: E deixou seus percursos né?! Eles deixaram.

Entrevistada: Aí quando ele me disse isso, eu me calei. Eu fiquei gelada. Me calei. Aí meu filho que eu já não via a muito tempo, chegou e a conversa parou aí. Eu no dia seguinte voltei pra São Paulo, pra minha casa. E aí aquilo ficou me remoendo a semana toda, porque assim o meu pai já tava a um ano me enchendo o saco! É o tio WhatsApp! Todo dia era Bolsonaro e Bolsonaro! E eu, nem respondia. E aí, quando eu voltei umas semanas depois, eu tive a brilhante ideia pra não dizer o contrário de pegar um vídeo de um policial do rio grande do sul que é antifascista que eu acho que ele tava até na política agora e, tava falando justamente porque o Bolsonaro não era bom para a segurança pública.

O meu pai na sequência, mandou uns 6 ou 7 áudios pra mim berrando! Berrando! me xingando dizendo que eu era comunista. Que eu era isso, que eu era aquilo! E que, assim que o Bolsonaro ganhasse que ele ia me entregar pessoalmente a cúpula de generais do exército pra eu ser presa, torturada e morta!

Eu só ouvi um áudio. Que eu comecei a chorar horrores! E eu não quis ouvir os outros. Mas o meu marido, outros áudios depois.

(PAUSA, ENTREVISTADA CHORA)

Dizendo que se ele não, que ia me entregar... E assim, General Heleno foi chefe do meu pai. Meu pai sabe onde encontrar todos esses caras lá de trás. Ele falou pro meu marido que também ia me entregar como comunista pra eu ser presa, torturada e morta. Isso, se ele não fizesse as honras por ele mesmo em nome da pátria!

Entrevistadora: Que absurdo!!!

Entrevistada: O meu pai não é doente mental. Eu fiquei muito mal, muito mal! Porque assim, a vida inteira ele tentou me destruir e quando eu chego na minha velhice, quando eu adentro o meu processo de envelhecimento, ele de novo entra nesse processo de me destruir. E assim, ele não falou pro meu marido estuprar. Mas eu sei que tava inserido! Por conta do que ele já tinha me contado! Se as mulheres eram presas, torturadas, estupradas e as vezes mortas... Mas a cereja do bolo era estuprar! O meu pai ele tava dizendo ali o que ele ia fazer comigo. Ele rompeu comigo. Ele disse pra eu nunca procurar por ele. E graças, a deus que ele fez isso! Porque naquele momento eu rompi com meu pai.

Em paralelo, eu tava fazendo... Foi na mesma semana! Sabe assim quando tudo vem ao mesmo tempo? Na mesma semana o meu professor de psicologia jurídica que é a área que eu quero seguir pra poder trabalhar com mulheres violentadas, ele passou um trabalho em grupo. E não foi assim, um tema pra turma toda. Não! Ele olhou pra minha cara e falou: "O seu tema é esse!" Parecia que ele sabia. Então, eu tive que começar a fazer um monte de literaturas sobre esse homem, sobre esse estereótipo de homem que, é meu pai. Que faz as coisas com outras pessoas.

E a coisa foi crescendo, foi crescendo e o MUCB em paralelo já tinha entrado hacker, já tinha acontecido um monte de coisa! E aí, imagina um lugar que você tem ao mesmo tempo, vulcão, terremoto e maremoto! Foi o que aconteceu na minha vida naquele momento de setembro de 2018!

E toma de Bolsonaro, crescendo! E eu falei: "Agora a gente vai fazer as coisas!"

Então, com o rompimento com meu pai eu falei assim: "Eu sou comunista, eu nunca votei em esquerda, candidato nem centro-esquerda. Nem candidato esquerda. Eu tô apoiando

essas pessoas alienadas a fazerem maldade com os outros, eu sou, eu fui coparticipante disso quando eu apoiei o que o Moro tava fazendo na Lava Jato."

Eu, fui coparticipante quando eu tava vendo que as pessoas estavam recebendo, um monte de ações sociais bacana que o Lula fez, que a Dilma fez e eu ficava reclamando! Então, eu tive que olhar de novo para o espelho. E vi! E você pode escrever isso: a merda que eu fui!!! Porque mesmo eu querendo ser uma coisa e sendo uma coisa eu deixei. Eu me deixei! Me levar por outra! Então, naquele momento que meu pai cortou comigo. Eu falei: "Agora eu posso ser quem eu sou! De verdade! E eu não vou apoiar de jeito nenhum que as pessoas sejam machucadas." E eu sabia, e ele me falou na última conversa que a gente teve. Que já tava todo mundo sendo rastreado, quem já tava nesses grupos. E eu sabia o que tava acontecendo. Mas aquele negócio, se eu fosse morrer, já que ele me ameaçou de morte então eu ia morrer com todo mundo da família sabendo quem ele é e o que fez pra mim. E eu, não ia permitir que as pessoas fossem machucadas porque dentro do grupo e aí, foi quando entrou toda coisa que eu te falei do vulcão e do terremoto e do tsunami. Porque por ter vindo tudo junto, me veio assim... As meninas dentro do grupo porque começou a ter, "Vota no Haddad!" ou "Vota no Ciro". "Ah não, porque eu sou de direita!" ou "Eu sou de esquerda!".

Gente, não importa! Podia ser o mico leão dourado que chegasse pra competir com o Bolsonaro. Podia ser o capeta em pessoa! Vota no capeta!!! Porque o capeta, não dizia assim vamo matar uns 30 mil. Eu não te estupro porque você não merece, você é feia.

Esse homem tava mostrando as caras do que ele ia fazer. Ele tava mostrando. E aí eu peguei e me abri pro grupo, eu fiz um texto pedindo voluntárias. Inicialmente eu contei, eu falei pras meninas: "Não importa quem chegue, eu nunca votei em esquerda e eu vou votar no Haddad! Eu não quero votar no PT mas eu vou votar! Porque eu sei que eles não vão ter nenhuma condução genocida e o Bolsonaro vai!"

E aí eu expliquei muito brevemente...

Entrevistadora: Tu fez uma postagem no grupo com tudo isso?

Entrevistada: Esse histórico que eu te contei agora, pra dizer: "Meninas, votem pelo amor de deus no Haddad! Porque quem chegar, se for Haddad vota nele! Porque se ele ganhar ele não vai fazer inicialmente a condução para o processo ditatorial, mas ele vai fazer, ele vai criar condições de ir fazendo coisas sem as pessoas perceberem pra chegar lá e as pessoas sim serem silenciadas."

E a gente tá vendo agora que ele tá entrando em um desespero. E assim, desde o primeiro momento que ele entrou, Damares tentando tirar a educação sexual e a orientação para as crianças pequeninhas.

Entrevistadora: A extinção.... Ou melhor já tinha sido extinto né?! O ministério das mulheres, dos direitos humanos.

Entrevistada: Pois é! Tudo com relação aos direitos humanos foi sendo movimentado de tal forma pra poder, é, ter a ação. E sim, graças ao movimento social porque aí as pessoas... A gente teve que crescer muito! A gente teve que crescer muito! Eu vejo assim, as vezes uma coisa muito ruim na vida da gente e pra mim foi paralelo no pessoal e no social. Uma coisa muito ruim tem que acontecer pra você acordar pra vida. Pra você entender realmente o que é bom e o que é ruim. O que é mentira e o que não é. E muita gente acordou. Muita gente acordou!

Então, quando eu fiz esse movimento de contar o meu histórico um monte de outras pessoas no grupo começaram a fazer o mesmo. Não só dentro do grupo! O que acontece, quando a gente foi hackeada, vários grupos foram criados pra gente ficar forte. Né?! Então, eu acabei participando de alguns assim... E aí eu vi que nesses grupos começaram a fazer as mesmas coisas. Esse movimento.

E foi quando eu tive a ideia de fazer o livro sobre violência intrafamiliar. O fato é que as pessoas foram crescendo, foram crescendo. O Bolsonaro ganhou, mas não ganhou no primeiro turno. Graças ao movimento da gente! Graças ao movimento Ele Não!

E as pessoas passaram realmente a ter responsabilidade política. Elas passaram a estudar. A ler direito. Elas passaram a se importar. Eu tava até conversando esses dias com uma pessoa: "Seja lá quem ganhe e a gente consiga tirar o Bolsonaro, a gente vai cobrar dessa pessoa. Mas a gente vai cobrar com consciência. E a gente vai ajudar essa pessoa a reconstruir esse país porque a gente vai levar uns 20 anos pra reconstruir essa desgraça que esse cara tá fazendo em dois anos e meio!!!"

A gente vai levar muito tempo pra construir restabelecer a ordem pra que as coisas comecem a andar direito. Então assim, sou eu que sou responsável por isso. Não é só o presidente da república. Com aquele que tem boa vontade, não é igual ao Bolsonaro. Não é só dele. É minha também! De reclamar com ele, de fiscalizar, poxa olha só! Palmas!!! "Agora o que eu faço pra te ajudar mais?"

É isso que a gente tem que ter! É isso que as pessoas tão aprendendo a ter. É isso que eu aprendi a ter. Então assim, é muito doloroso. Esses dias o Felipe Neto deu uma entrevista. É engraçado porque a uns dias atrás quando ele foi intimado, é, por ter chamado o Bolsonaro de genocida. Eu fiz contato com ele.

Entrevistadora: E como foi?

Entrevistada: Eu fiz um histórico breve. Eu falei: Nós que não éramos originalmente de esquerda, nós somos responsáveis pelo o que tá acontecendo. E a gente tem que ter a maturidade e a sensatez de falar o mea culpa. De fazer o mea culpa."

E aí ele me surpreendeu com essa entrevista esses dias. Ele trazendo mea culpa pra ele.

Entrevistadora: Mas um ato de muita coragem em assumir isso. Muita!

Entrevistada: Sim. Mas isso mostra a maturidade dele.

Entrevistadora: A tua maturidade também, a tua coragem.

Entrevistada: Sim, mas a gente não pode permitir. Eu fazia.... Eu não sei se você reparava que a cada 10 mil mortes eu tava fazendo um card. Desde 350 que eu não faço mais. Porque as pessoas estão morrendo tanto e tão rápido que eu pensei, agora vou fazer de 50 em 50 ou de 30 em 30. Tá sendo muito doloroso pra mim e assim, no início da pandemia eu dei pau, os 3 ou 4 primeiros meses das pandemia. Não por ter ficado trancada em casa porque quando eu fiquei... eu tive que passar uns 3 meses em casa pra me proteger de uma pessoa que era psicopata e tava tentando me ferir aqui em São Paulo. Eu tiraria isso de letra. Mas o que tava me deixando em pânico era olhar para as pessoas e todo mundo festejando!

As pessoas morrendo e todo mundo: "Uhulll!!! É nada, é mentira! Vamo lá!" E se contaminando!

E eu pensei, meu deus a gente vai ficar dois anos. A gente vai passar um ano inteiro preso em casa! E tá acontecendo isso!

Entrevistadora: E já estamos mais de um ano né....

Entrevistada: E a gente vai até o ano que vem, você pode crê. A gente vai até o ano novo. Então, eu levei esses 3 a 4 meses... Então eu olhava pro lado de fora e via os meus vizinhos tudo fazendo churrasco, tudo cuspiendo um na cara do outro, tudo sem máscara! Eu dei pau por conta disso! Então assim, é, a gente tem que ter um entendimento, a maturidade de tá estudando, de tá se reouvindo. De tá olhando o outro! E que sim, a gente deu corda pra esse.... Ele não é doido não! Ele sabe muito bem o que ele faz!

A gente acaba falando esse doido por uma questão de expressão, mas ele não é doido não! Ele sabe exatamente o que ele faz! É planejado!

Entrevistadora: A pandemia na verdade foi um presente pra ele né?! Porque aí o projeto dele de genocídio completo tá sendo muito bem executado!

Entrevistada: Foi, foi. E é uma coisa que a gente discutia. Inclusive eu discutia bastante com as meninas da administração porque eu entrei como membro comum do MUCB, gritando o Ele Não e indo pra rua. Mas eu fiquei setembro...

Entrevistadora: Acho que outubro foi o primeiro turno né?!

Entrevistada: Foi. Aí novembro foi o segundo e janeiro, no dia do negócio lá em brumadinho eu entrei pra moderação. Eu entrei por acaso pra moderação! E aí quando foi em maio, junho de 2019 eu virei efetivamente administradora do grupo. E eu conversava muito com as meninas porque assim, eu, imagina, eu sou a pérola ali dentro. Eu acho que eu sou a única que original era de direita, centro ou direita, mas de direita! Eu votei na porcaria do Collor. Eu votei no Fernando Henrique. Fiz campanha contra Lula. Fiz campanha contra Dilma.

Não, não votei no Aécio! (Risos)

Entrevistadora: Tá bom, tá bom!!! (Risos)

Entrevistada: Eu sempre achei o Aécio um embuste!!!

Entrevistadora: Lá tu já tava acordando, Liliane!!!

Entrevistada: Mas assim, eu sou a pérola ali dentro que você ter..... Às vezes eu me vejo sabe como?! Você assistiu guerra nas estrelas? O Star Wars?

Entrevistadora: Sim, sim!

Entrevistada: Essas últimas em que tinha um cara lá dos stormtrooper que resolveu lutar com os jedi?

Entrevistadora: Sei!! Tu sente dessa forma? (Risos)

Entrevistada: O dia que eu vi esse cara, eu falei e também depois a heroína também fazia parte do lado mal. Mas ela ainda tentou, ela ainda teve uma tomada de consciência. Mas aqueles stormtrooper.... Eu acabo torcendo os nomes!

Entrevistadora: Ah! Mas é difícil de falar esse nome, eu também não consigo!!

Entrevistada: Ele, ele sou eu! Ele sou eu! Ele é aquele cara que ele foi geneticamente criado ali dentro porque eles são todos clones né?! É, ele foi geneticamente criado ali, cresceu ali. Recebendo um tipo de ideologia. Treinado para. Ele ia no automático!

Mas ele falava, cara tá errado! Tá errado! O que eu tô fazendo aqui?

Entrevistadora: Eu tô indo mas não sei porque eu tô indo né?!

Entrevistada: E assim, um acidente do destino dele, ele tem uma oportunidade de mudar. E muda! E não só muda, ele ajuda a galera a combater aquilo! Então, eu sou aquela pessoa que tem as informações do outro lado! Que desde o primeiro momento falou para as meninas, ele vai tomar essa condução! Ele vai fazer isso!

E assim, a gente não esperava ter uma COVID como você falou.

Entrevistadora: A gente já sabia que ia ser muito ruim, mas a gente não esperava uma coisa, uma pandemia!!!

Entrevistada: Mas eu sabia que ele ia fazer alguma coisa de condução genocida. Só que eu não sabia o que! Quando começou a COVID, eu falei para as meninas: "Ele vai usar isso! Ele vai matar o máximo de pessoas que ele puder!"

Ele vai! E ele está matando!

Entrevistadora: O dia de Manaus mesmo, eu comecei a assistir aqueles vídeos dos médicos correndo, tentando arrumar respirador. As pessoas morrendo todas ao mesmo tempo! E aí depois eu escutei um *podcast* de notícias que eu escuto quase todo dia e aí, eles comentando que tinha sido informado não sei quantos dias antes. Quase 20 dias antes que ia faltar oxigênio! Foi avisado pro município, pro governo estadual e pro governo federal. Então assim, as três instâncias completamente incompetentes! E completamente nem aí! É a banalização da morte, do que é ruim....

Entrevistada: Só que assim, a questão não é que ele é incompetente. Ele sabe o que tá fazendo. Agora nessa história toda o que me deixa extremamente triste, é, eu fico oscilando. As vezes eu fico com raiva, as vezes eu fico perplexa são as mulheres dentro do nosso grupo. Um grupo chamado Mulheres Unidas Contra Bolsonaro! Contra o que ele prega! Elas entram falando, apoiando o discurso dele. O racismo, com o todo tipo de discriminação, com absurdos!

Entrevistadora: E porque tu acha que elas entram? Qual o intuito?

Entrevistada: A gente pega muita infiltrada, ainda lá de 2018. Tá?! A gente pega muita infiltrada. Até que não é difícil identificar. A gente saca logo! É só olhar o perfil delas né?! Agora o que deixa triste, é quando a gente vai olhar o perfil das que se dizem de esquerda. Das que se dizem que tem uma consciência social diferenciada e vem embasando com o mesmo discurso.

O MUCB começou como uma plataforma política contra o Bolsonaro. Mas esses mais de 2 anos, a gente foi, a gente foi virando uma quimera que é de direitos humanos!

Eu falei pra você que a gente escreveu, nós escrevemos eu e Ludimilla um artigo científico pra Universidade de Coimbra no ano passado que foi apresentado em outubro, foi publicado a uns 15 dias atrás, efetivamente. Lá nos anais, bonitinho. Publicado mesmo todo o artigo. E a gente falava disso, desse processo de crescimento do MUCB, a partir dos próprios membros. Como estávamos felizes, nós, enquanto administradoras. No nosso processo evolutivo. Inclusive nas nossas membras! Não existe essa palavra, mas...

Entrevistadora: A gente inventou!

Entrevistada: É, a gente inventou. Mas como a gente ficou feliz em ver como essa massa de mulheres foi crescendo, discutindo, brigando horrores as vezes! Né?! Isso e aquilo outro. Mas discutindo de forma saudável, mas as vezes de forma agressiva. Mas discutindo pontos em que muitas começaram a parar pra pensar. "Olha, será que é isso mesmo?" É o processo evolutivo que a gente espera do ser humano quando ele começa a colocar me cheque o que ele aprendeu culturalmente que ele diz, que luta. E a retórica, se tá sendo verdadeiro ou não na retórica dele.

Então, nós começamos a identificar essas mulheres com um discurso análogo ao Bolsonaro e inicialmente, a gente colocava todo mundo pra fora! Vai pra fora! É bolsominion, pode ir pra fora!

Depois a gente começou a discutir mas se a gente pega essas que se dizem de esquerda, mas que estão com o discurso alienado por um aprendizado errado delas. Familiar ou comunitário, seja lá o que for, se a gente colocar elas pra fora elas vão continuar repetindo o discurso sem aprender nada. Aí nós chegamos a uma conclusão, vamos fazer o seguinte: vamos tentar reeducar. A gente traz fatos e tal. Foi quando começou a entrar com mais intensidade as lives, né?! Os cards que aí eram de enfiar o dedo na ferida e torce!

Entrevistadora: Que é tu que produz boa parte deles né?!

Entrevistada: Eu produzo todos eles. De efetivamente, de janeiro de 2019 em diante, todos os cards são meus. Uma vez ou outra porque deu problema em internet e precisou assim de uma coisa urgente, Ludimilla foi lá fez um negocinho rápido. Mas a identidade visual você saca de quem é! Existe uma assinatura. Mesmo sem eu colocar a minha assinatura.

Entrevistadora: Sim, tem um estilo!

Entrevistada: E aí a gente passou a fazer isso. Mas nós pensamos: vamos tentar! A gente tem essa plataforma.... Sobraram depois que acabaram as eleições, metade da mulherada saiu porque.... Ficou: "Ah o Bolsonaro ganhou, não tem mais o porquê continuar aqui nesse grupo!" Então dos 4 milhões e meio de mulheres....

Entrevistadora: Chegou a tudo isso, Liliane?

Entrevistadora: Chegou.... 4 milhões e meio até o segundo turno. Aí depois do segundo turno caiu pra 2 milhões meio. Aí a gente fica em 2 milhões e 300, 2 milhões e 500. Cai de novo! Aí você pode crer que a gente saiu chutando um monte bolsonarista que tá ali no meio infiltrada.

A gente falou: vamos reeducar! Eu sou professora, eu sou da área de educação e da área de saúde mental. A gente tem esta ferramenta chamada internet que pode causar um caos, mas que também pode ser uma maravilha. Que chega em milhões de pessoas literalmente! Então se as fake news podem chegar fazendo estrago, a gente pode chegar com voz pra tentar concertar o que tá errado! A gente pode dizer assim: "Olha o cabelo da mulher não é duro não! Ele não é feio não! Ela é linda! O seu discurso é preconceituoso, é discriminatório! E se você acha isso como normal é porque você foi ensinada assim porque nós vivemos em uma sociedade racista!"

E aquilo outro. Então não sou os outros que estão de mimimi é você que tem que aprender! É você que tem que dar o braço a torcer! É você, que você tá errada! Que seus pais são errados, que eles te ensinaram errado. Mas porque eles aprenderam errado!

Então, nós começamos a fazer esse movimento. Só que assim, tem que hora que não rola! Porque a gente fala, fala e aí tem uns discursos assim lá em cima, impossíveis e a gente tenta. A gente fala! Aí a gente vai olhar pro histórico da pessoa e tem lá 10 silenciamentos porque falou não sei o que. Ou seja, essa pessoa tá lá... E quando entrou? Setembro de 2018. Ou seja, essa pessoa tá ali dentro do grupo vendo um movimento de crescimento pessoal e social e não aprendeu absolutamente nada? Então, por favor!

Aí ela é excluída.

Entrevistadora: E assim, as redes sociais são o grande trampolim do Bolsonaro né?! A gente sabe. Da direita. Acho que a gente... O movimento de mulheres e sobretudo o MUCB, fortaleceu assim a esquerda: "Olha eu tô aqui! E a gente precisa ocupar esse espaço porque a direita tá tomando conta!" Tá espalhando um monte notícia falsa e a gente tem que fazer alguma coisa.

Entrevistada: Pois é! E olha responsabilidade da gente! Enquanto administradora em um grupo desse tamanho. O próprio facebook responsabiliza os administradores, quando a gente permite discursos de ódio. Começa por aí! Tá?!

Segundo, mesmo que não fizesse isso. Nós somos responsáveis sim por permitir os discursos de ódio. Nós somos!!! Nós estamos em um grupo muito grande mesmo que fosse de meia dúzia de pessoas, a partir do momento.... Tem um ditado né?! Quando você senta numa mesa com... Numa mesa com 10 pessoas, quando um nazista senta e ninguém levanta é porque tem 11 nazistas ali.

Entrevistadora: Uhum, é verdade!!!

Entrevistada: Então, a gente não pode permitir que os discursos se mantenham ali de forma alienada. E aí as pessoas que são expulsas, é, elas vêm falar que as administradoras são... Como elas falam? Tem uma palavra pra isso.... Prepotente ou alguma coisa do tipo. Que são prepotentes que não deixam as pessoas terem opinião própria. Todo mundo pode ter opinião própria! Né?! Agora discurso de discriminação, não. Então as pessoas confundem, então veja é o mesmo discurso análogo dos bolsonaristas, eles confundem opinião com discurso de ódio.

Entrevistadora: Exatamente! É umas primeiras coisas que eu digo quando eu entro em sala de aula. Eu digo.... Eu sou professora de História e de Sociologia e eu sou atacada até o último né! E a primeira coisa que eu digo é isso! Eles geralmente reclamam: "Ah a outra professora antiga, não deixava eu falar. Não deixava eu ter opinião própria." E eu digo: Aqui todo mundo pode ter opinião própria, agora discurso de ódio e que fira de alguma forma alguém e que vá contra os direitos humanos eu não vou tolerar. Porta da sala, rua!

Porque essas pessoas precisam ser responsabilizadas desde a escola e de outros espaços onde elas estejam, como o grupo por exemplo.

Entrevistada: Pois é, porque assim a gente pode falar besteira? Pode!!! A gente já é educado com besteira a 500 anos. A gente não tá ileso disso. Mas assim, quando a gente fala besteira ou faz a besteira e chega alguém pra falar assim: "Olha fulano, não é assim e assado." A gente tem que no mínimo parar pra ouvir, no mínimo.

E aí assim, quando é absurdo não tem condições. Não tem condições. Porque é aquele negócio quando são verdadeiramente opiniões, você vai gostar de comer fígado e eu vou dizer que odeio isso. Isso é uma opinião!

Isso é ter opinião. Fora isso não é opinião. Então a gente se depara com isso dentro do grupo. Aí lá dentro, até elas saírem elas falam: "Ah! Vocês são prepotentes! A gente não pode ter opinião!"

Pode, pode! Só não pode ter discurso de ódio, discriminação. Sabe?! Não pode é ser sem noção de não entender a dor do outro. Janaina Pascoal veio esses dias com um discurso de porque o senso não pode ser pela internet? "A internet tem, todo mundo tem acesso à internet."

Cara, o pessoal nas comunidades, na favela não tá podendo nem estudar e nem trabalhar porque não tem acesso à internet. Porque não tem tablet. Porque nós somos privilegiados sim! Nós temos, mas eles não. Quem tá lá no fim do mundo, nos cafundó do judas... Censo tem que ser sim presencial batendo de porta em porta!

Isso é cognição baixa ou falta de noção premeditada???

Então a gente ouve esses discursos o tempo todo. Desde as mulheres de direita até as mulheres, a gente tá vendo agora que se dizem de esquerda. Aí a gente fica chocado. A gente tenta fazer com que o grupo seja assim... Depois que o Bolsonaro sai, se deus quiser esse homem vai sair. Se deus quiser! Não é possível.

Mas assim, 2023 tá aí e quando ele sair....

Entrevistadora: A eleições já são no ano que vem de novo e a gente vai ter essa oportunidade.

Entrevistada: A gente já tá no meio do ano então, vai voar! Esse homem saindo.... Eu até esqueci o que ia falar! (Risos)

Entrevistadora: Tu ia falar que acho que tem plano, quando esse homem sair.

Entrevistada: Ah não sei... Ele vai sair.... Deixa ver se consigo pegar o fico da meada... O que a gente tava falando antes?

Entrevistadora: A gente tava falando do censo.

Entrevistada: Do censo.

Entrevistadora: Tá, vamos ver se a gente consegue voltar depois... Hoje como que o grupo se organiza? Porque por exemplo, lá nas eleições, antes das eleições pra gente discutir. Oferecer essa informação e o objetivo era de impedir a candidatura dele. Se não fosse esse bando de mulher, a gente não tinha nem chegado no segundo turno. Só que depois acabou, como tu falou, o grupo ainda ficou metade das mulheres. Que metade são 2 milhões, são muitas! E aí a vida das mulheres, vários assuntos, vários problemas, várias questões. E aí como o grupo fez esse movimento de mudar de foco? Não mudar de foco porque o Bolsonaro acaba ferindo com tudo aquilo que a gente quer de melhor. Mas como que muda essa logística, digamos assim.

Entrevistada: Pois é! Você falou em um ponto que eu lembrei o que eu ia falar e me esqueci! (Risos)

Entrevistadora: Tá, deu tudo junto! (Risos)

Entrevistada: A gente foi em um mecanismo de crescimento que aí eu vou responder isso que você acabou de me perguntar. Quando ele sair do governo, a gente não vai ser mais mulheres unidas contra Bolsonaro.

Entrevistadora: Não, a gente quer ter outro nome! (Risos)

Entrevistada: Possivelmente a gente vai ter! Espero que a gente tenha! A gente tem que colocar o nome dele na boca do sapo. (Risos)

Mas aí você falou, a existência, o Bolsonaro fere a nossa existência de todas as formas possíveis. Então, quando a gente lá nas eleições, a gente já falava do Bolsonaro, do Fora Bolsonaro e do Ele Não, a gente já levantava todas as pautas! Como eu falei pra você quando eu apareci no grupo falando o meu relato e pedindo pras mulheres, votem em seja lá quem for, mas quem chegar no segundo turno mesmo que seja Haddad, vota nele!!! Mesmo sendo contra o PT. Isso foi em setembro, logo depois a minha questão com meu pai. Então veja, nesse momento a gente já tava levantando a questão dos estupros, das violências contra as mulheres generalizadas, por conta dos discursos dele. Machistas e misógino. A gente já tava falando de fome, de mortandade, de racismo. A gente já falava sobre isso lá naquele momento. Quando ele, efetivamente ganhou e não tinha mais eleição, o movimento foi natural. Só deu continuidade aos debates! Até porque assim, ele já entrou, entrando! Com Sales, com Damares com todo tipo de absurdo tentando tornar lei o que era inadmissível!

Então assim, a gente falar da nossa sexualidade, eu até tava discutindo isso com um amigo meu e ele falou: "Tudo pra você agora é política!" E eu disse: "Meu querido, você respirar é política! Tá?! Você tá desempregado?" E ele: "Tô!" E eu falei: "E você acha que isso é o

que?" Eu falei: "A gente ter graduação, duzentas mil pós-graduação, fazer aquilo e outro... Você tá fazendo o que com seus diplomas? Secando as axilas com o suor? Porque a gente tá desempregado!" E não é só é por causa da pandemia! Quanto tempo estão marginalizando a ciência e o estudiosos? Então, tudo é política!

Então assim, esse movimento do MUCB e da gente ir pegando outras pautas e crescendo pra tudo dos direitos humanos, foi natural. Já começou com Bolsonaro. Ele violenta todos os direitos humanos! Então a gente continuar falando disso, foi um processo natural.

E assim, eu não sei o que a gente vai virar em 2023. A gente gostaria muito de manter essa plataforma como uma grande plataforma de direitos humanos e de reeducação. Que foi que a gente escreveu no artigo em Coimbra. Mas a gente não sabe! Tudo tá mutável!

Mas a questão é que a gente tá crescendo muito e eu não tô falando de números.

Esses dias eu fiz uma postagem que eu falei que nós íamos passar a retirar todas aquelas que são negacionistas e eu deixei avisado pra moderação. Retirar sem dó, nem piedade! Falou que tá fazendo tratamento precoce com ivermectina e cloroquina, tira! Não vai discutir mais. Porque elas tiveram meses, elas tão a mais de um ano, recebendo informação de cientistas que eu trago pra fazer live, de reportagem de CNN, de tudo quanto é canal.... Time.... O mundo todo dando informação! E tá repetindo discurso pro Bolsonaro? É rua!

Então eu não sei, eu não sei de verdade. A gente quer continuar com esse movimento de... A Ludimilla tem um sonho, inclusive, muito grande. A gente chegou a fazer um projeto, nós mandamos pra ONU, mas foi justamente que tava começando a pandemia e aí, vetou. Nós mandamos um projeto da Casa MUCB. Que aí seria "Mulheres Unidas com o Brasil", já pensando no Bolsonaro fora.

Uma casa de assistência a mulheres. Ia começar em Salvador e a gente ia tentar espalhar pra o resto do Brasil!

O que ia ter nessa casa?

Ia ter palestra, ia ter educação pra ensinar direitos humanos. Os direitos civis, generalizados. Apoio psicológico, apoio assistencial de assistência social. É, apoio a mulher com violência. Todas essas questões. Essas várias questões que pudessem abraçar mulheres trans e cis. E é mais ou menos isso que a gente tá tentando fazer hoje lá no MUCB.

Deixa todo mundo lá, discutindo! Quebra o pau! Postagem! Mas a gente quer que as pessoas pensem, que parem pra pensar. Porque gente, nesse caos de dois anos e meio efetivo com Bolsonaro e gente, ainda do nosso lado contra ele, alienado. Não dá!

Entrevistadora: É verdade, é verdade! Entrevistada: E é o que eu tava te falando, assim, nem todo mundo alcança a compreensão das coisas na mesma velocidade que o outro.

Entrevistadora: E tem além de, desses sonhos que seria lindo ter uma casa do MUCB! Essas questões que tu falou, acompanhamento psicológico, essas orientações já acontecem no grupo.

Entrevistada: Sim, sim acontece. Tanto que eu sou responsável pelo setor da comunicação junto com a Gisele e assim, os cards, a lives, esse material todo assim já de cara quem produz sou eu. Mas eu também sou responsável pelo setor de apoio psicológico. Mas é muito comum a gente perceber membro que tá com discursos de depressão ou suicídio né?! E a gente ter a rede de quem pode dar um atendimento naquele momento. Porque é tudo voluntariado. A gente não ganha um centavo!

E é uma demanda... A gente que é da administração mesmo, é uma demanda de tempo muito grande que a gente é tomada. Eu, sobretudo, Ludimilla tá à frente de tudo e nem se fala!

E eu assim, essas semanas que tô dando um tempo porque eu tô com uma carga muito grande da faculdade. Já tenho que fazer estágio, então eu tenho que fazer prontuário. Eu tenho que fazer laudo. Eu tenho que fazer relatório e um monte de coisas!

E muita, muita leitura que tá tomando muito tempo mesmo! Eu não tô podendo dar tanta atenção pro MUCB, quanto eu dava antes. Mas quando eu tô de férias, eu fico assim, o dia inteiro!!!

E não é olhando postagem não, porque a minha função não é olhar postagem. É ficar fazendo card...

Entrevistadora: Fazendo material mesmo né?

Entrevistada: Porque o que acontece, eu tenho que ler tudo que passa pra me inteirar o que tá acontecendo, não só pra criar o material de comunicação mas pra saber o que é verdade, o que é mentira. O que é exagero. O que é distorção. Esses dias mesmo, nós ficamos nos coçando, não sei se você soube do caso da psicóloga em Curitiba. Mulher negra. Psicóloga que mora em um prédio bacanudo. Em uma rua que.... Eu já morei em Curitiba, 4 anos e meio. É, uma área nobre, muito nobre e teve uma passeata de bolsonaristas esses dias em que eles tavam pedindo, contra o Tribunal da Justiça, o STJ. Pedindo que as pessoas fossem de novo pras igrejas. Era a passeata dos cristãos.

Aí tinha umas 200 ou 300 pessoas. A mulher no 13º andar. Alguém.... Uma senhora caiu, bateu com a cabeça no chão e a pessoa disse, chamou a polícia que tava próximo disseram... Foram no prédio, aí disseram que uma mulher lá no 13º andar jogou várias frutas congeladas em cima dos manifestantes e uma pegou na cabeça da senhora e ela foi ferida. A senhora levou dois pontos e não desmaiou. Ela só caiu.

Enfim, a polícia entrou no prédio e simplesmente a levaram. Ela era a única moradora de esquerda no prédio. Os moradores disseram a moradora do 13º andar, apartamento tal que jogou as coisas. E aí, um monte de bolsonarista tentando invadir o prédio. O zelador, por conta dos próprios moradores terem falado onde ela estava, ele disse que era o apartamento tal.

A polícia simplesmente chegou no 13º andar, bateu na porta falaram rápido pra ela o que tava acontecendo. O síndico apavorado! Aí o policial perguntou: "Você jogou alguma coisa?" E ela disse: "Ah joguei um ovo." Ela não jogou nada, nada! E ela era uma psicóloga de 54 anos. Foi levada pro carro da polícia que tava com a janela fechada no estacionamento do prédio dela. Quando eles saíram, o policial abriu os vidros e ela foi atacada.

E só saiu em reportagens de direita, de bolsonaristas. De direita extremista que a psicóloga louca atacou, tentou matar uma senhora. E na delegacia, a delegada deu o alto de prisão pra ela e colocou lá no inquérito tentativa de homicídio.

Aí entrou as questões...

Entrevistadora: Que absurdo!!!

Entrevistada: Entram as questões, é, eu já tive uma manga carlotinha desse tamanho.... Que caiu na minha cabeça quando eu tinha 16 anos, entre 3 e 4 metros que ela tava. Ela caiu. Eu quase desmaiei. Era uma fruta fresca. Como é que várias frutas congeladas.... E não tem vídeo nenhum! Detalhe, filmaram a senhora caindo e um monte gente com câmera na mão, ninguém filmou de onde tava vindo várias frutas congeladas? Ou seja, fica igual pedra e no 13º andar, física. Altura vezes velocidade, não sei o que.... Ia ser uma bomba na cabeça da mulher! Ela ia morrer, ela ia no mínimo desmaiar. Mas levou dois pontinhos na cabeça?

Entrevistadora: Com certeza foi outra coisa!

Entrevistada: Eu sei que é esse tipo de coisa que a gente lida o tempo todo. Então, nós seguramos. Quando falaram isso pra gente, foram as amigas dessa psicóloga, falaram: "Ah, pelo amor de deus! Segura qualquer reportagem sobre isso. Porque só tá saindo em canal extremista com tudo distorcido e dizendo que, falando da psicóloga esquerdista maluca, assassina!" Nesse nível!!!

Então, a gente tem que.... Até a gente esperar 3, 4, 5 dias pra poder ver o que era... Então imagina! A gente tem que ler muita coisa! Muita coisa que cê não faz ideia!

Aí a gente vai adoecendo também. Porque você tem uma capacidade de leitura de notícias ruins que tão acontecendo a dois anos e meio só notícia ruim! Só notícia ruim! De vários tipos. E aí você tem que ir filtrando.

Pois é! Se uma pessoa normal já vai batendo pino, imagina a gente! A responsabilidade que a gente tem de verificar tudo isso e assim, ainda tem coisa que passa! Porque tem hora que

as moderadoras já tão de saco cheio e vão lá e libera! Libera! Libera! Aí gente tem que dizer: poxa, não faz assim!

A gente tem uma responsabilidade social muito grande! De não passar fake, de não passar distorcida.

Entrevistadora: E é um trabalho muito árduo, trabalhoso!

Entrevistada: Então assim, é muito cansativo.

Entrevistadora: Que tem que estudar, ler. Ir até a notícia!

Entrevistada: E eu por exemplo, eu já falei muitas vezes com as meninas, é, as vezes sai reportagem e a gente fica naquela.... Porque realmente é tanta coisa ruim, que qualquer coisa a mais, a gente... E eu falo, gente cuidado! Cuidado! A pessoa pode realmente ter uma doença, um distúrbio. A gente tem que tomar cuidado até com nossos posicionamentos porque a gente vira, o líder da manada que ataca o outro.

Então assim, se a gente vai atacar, beleza! Mas vamos ver o que a gente tá atacando, pra gente atacar direito. E também não ser um ataque de vai destrói tudo! Não! A gente tem que ter o pé no chão pra gente poder fazer a coisa certa com justiça. Né?!

Entrevistadora: E o que te move a continuar, diante de tudo isso. Desse trabalho! Desse governo sentando o pau na gente todo dia. O que te move ali a continuar?

Entrevistada: Olha, de verdade....

(PAUSA)

São tantas coisas. Eu não sei te precisar uma assim, que olha é isso! Porque é muita coisa! Por eu me sentir coparticipante até um determinado ponto. Por eu ver que, o estrago, a maldade tá tão grande que não adianta a gente parar, a gente vai ter que dar continuidade sim, pra ajudar a próxima pessoa que vier aí. Pra concertar tudo que tem sendo feito de errado! E, o que eu te falei uma andorinha sozinha não faz verão. Não adianta a gente morre na praia, não adianta.

É, eu a minha vida inteira até por conta do meu histórico é aquela coisa assim, eu brinco... Até 2018 ninguém sabia do meu histórico com meu pai. Nem o meu marido. Pra ele, foi muito difícil porque ele tinha meu pai como uma pessoa que é, equilibrada, família, que o ajudou. E ele ficou muito confuso! Durante dois anos! Ele agora, ele não quer nem saber o nome do meu pai.

Então... E aí eu brinco que eu sou igual piolho. Que piolho não morre fácil. E no meu histórico, quando várias vezes na minha vida, eu pensei assim, vou acabar com isso e me vinha assim: "Se você se mata, ele vive. Você vai ser a maluca e ele vai continuar de bonzão, inclusive podendo fazer coisas ruins com outras pessoas e você, não vai ver e não vai ter voz de ajudar outra pessoa."

Se eu matasse meu pai, também resolvia né?! Mas só em parte. Porque aí eu seria presa. E eu ia ser a maluca que matou o pai bonzinho. E de novo, ele ganhava! Então, a minha vida inteira eu balizei. Fui balizando, balizando. Então eu cheguei à conclusão várias vezes na minha vida e ela vinham sendo reforçadas que, qual era a maior vingança que te faz mal? Muito grande? Você sobreviver, porque a raiva que ele fica tentando de destruir, tentando ser destruída. E você não só sobreviver, mas, você renascer! Com toda a glória! Isso vai matar ele de raiva! Isso mata quem tá te destruindo de raiva. E com detalhe, não é só você fazer esse movimento, mas você ter a capacidade de poder continuar ajudando outras pessoas que você sabe que existem, com o mesmo problema que o seu. E que continuam sendo silenciadas e não tem voz pra poder falar nada!

Então, você se torna um instrumento, ciente e consciente de resgatar essas pessoas e mostrar que elas não precisam desistir. Que elas podem se levantar! E que elas podem virar outros instrumentos de modificação social pra ajudar outras pessoas. E outras pessoas. E outras pessoas. E outras pessoas.

Então, quando você pergunta pra mim: o que te movimenta ainda pra continuar nesse grupo? Eu te digo que é isso! Porque a minha vida pessoal, eu vi que ela estava refletida em milhões de pessoas em outros lugares. E que elas as vezes não sabem as vezes como fazer! O que fazer! A gente é semente. A gente é semente!

Então assim, quantas vidas você pode ajudar? Uma? Essa uma.... Você lembra do Schindler? A lista de Schindler? Schindler salvou quantas pessoas?

Entrevistadora: Alguns mil aí...

Entrevistada: Acho que chegou a 900, 700. E quantas essas pessoas tem de descendentes hoje fazendo coisas para o bem em prol do histórico do antepassado deles que foi salvo por esse único homem? É mais ou menos isso! A gente pode ajudar um. Eu só vou conseguir salvar um, mas esse um, quantos podem ser salvos através dele. É, exponencial.

Entrevistadora: É isso que importa.

Entrevistada: Então, cada mulher ali dentro do MUCB que tomar consciência, que tiver tomada de consciência dela e de mundo, a gente tá fazendo diferença. Pode não ser agora, sabe? Mas ela de repente, ela vai fazer mais adiante lá. Com alguém.

Entrevistadora: Na vida, na casa dela.

Entrevistada: Na casa dela. Porque é na casa da gente que a gente começa! Porque o primeiro grande grupo social é a família.

Entrevistadora: São pequenas revoluções até chegarem a serem grandes, né?!

Entrevistada: Pois é! Quanto elas podem criar os filhos delas pra serem coparticipantes, proativos. Para as filhas serem mulheres que não tem medo das coisas. Que não tem medo de falar. Que não tem medo de mostrar a cara. Então, é isso que vai fazendo diferença!

Às vezes a gente conversa com algumas que falam: "Poxa!"

É isso!

Entrevistadora: Eu inclusive disse pra Ludimilla, eu fiz a entrevista com ela na quinta. E eu falei pra ela que eu tava muito emocionada, assim como eu tô contigo também. Porque o MUCB ele é um grupo muito importante na minha construção enquanto mulheres feminista, enquanto professora feminista porque me deu muita força assim! Muita coragem! E essa foi uma das coisas que tu falou inicialmente, coragem de dizer: Nossa eu não tô sozinha! Não é só eu que tô pensando nisso. Outras mulheres... E a gente vai derrubar esse homem! A gente não derrubou institucionalmente, mas somos muitas, somos milhares. E um dia ele vai cair!

Entrevistada: Gente! Você sabe que eu quase tive um orgasmo essa semana (Risos) ver Bolsonaro lá na reunião com os grandões do planeta. O Biden se levantar, pra nem assistir o discurso desse homem foi glorioso. E isso começou com a gente.

Entrevistadora: Exatamente!

Entrevistada: Isso começou com a gente porque se a gente não tivesse se levantado, ser chamada como chamaram a gente né?! De.... Nós éramos mulheres porcas que ficavam urinando e defecando nas ruas. As feministas que são históricas, loucas! Eu fui chamada, inclusive por ex-aluno meu. Homem de 50 anos que fez a faculdade tardia.

Aí quando eu falei na época do Ele Não, que eu falei: "Esse homem vai fazer isso e isso!" E ele me disse: "Você é histórica, você é louca!" E eu falei: "Beleza! Bloqueado"

Mas assim, nós somos chamadas de tudo. De tudo!

Entrevistadora: E sabe o que é mais bonito nesse movimento todo? É que ele não vem necessariamente de um partido político. É, de uma organização que recebe dinheiro. Que tem investimento. Não! Ele é um processo muito, é, orgânico! Muito.... Assim ó! Só reforça o quanto as mulheres sempre estão à frente. E sempre são a resistência dos acontecimentos. Eu tenho certeza que tu sabe disso e tudo que eu já procurei sobre. Existem historiadores, sociólogos que já estão escrevendo dos governos Lula e Dilma. A ascensão do Bolsonaro e nenhum desses sociólogos, historiadores, menciona as mulheres como a resistência contra o Bolsonaro.

Entrevistada: Pois é! Mas nós somos efetivamente a resistência contra ele. Desde o primeiro momento, fomos nós! E fomos nós que puxamos os homens que tem ciência e estavam do nosso lado vieram junto. Mas quem começou.... Tanto é que quem foi atacado foram as mulheres! Nós é que fomos as histéricas e as loucas falando mal do Bolsonaro porque ele jamais faria isso. Né?! Ele jamais faria nada além do que ele tá fazendo!

Entrevistadora: Os homens se defendem!

Entrevistada: É isso! A Ludimilla foi muito assediada quando a coisa estourou pra poder entrar grana e isso e aquilo. E ainda bem que ela não fez isso! Porque aí o pessoal ia ter prato cheio pra ficar falando do movimento! Mas ela não fez! E assim, o grande barato.... Eu não sei, é tão bacana ter visto esse movimento todo.

Esses dias eu tava ouvindo uma pessoa falando que as mulheres mudam e mudaram. Os homens continuam igual os bisavôs deles. Então, todo esse movimento, do nosso crescer que tem umas vertentes que as vezes exageram e aí acham.... Começam a embolar. Acham que é guerra contra os homens! Até os homens sofrem. Os homens dentro do machismo sofrem com o machismo.

Entrevistadora: O machismo não beneficia ninguém. O dia que os homens entenderem aí a gente vai....

Entrevistada: Pois é! Eles crescem e falam pra eles: Não chora! Chora é coisa de manézinha!"

Então assim, existe toda uma construção da gente ficar na inferioridade, da gente não ter voz. Da gente ficar submissa. E dos homens ficar como eles são. Existe sim um movimento social muito bacana! E são as feministas que são as responsáveis por isso. Sejam elas mais radicais ou não. Tô falando radicais, radicalismo mesmo! Né?! Mas, é, existe esse movimento de fazer os homens pensarem em toda essa situação social. Tudo! Em tudo que engloba homem e mulher. Engloba sociedade. Como a sociedade se constrói em cima disso, de todos os preconceitos, de todas as discriminações e que aí vão se reverberando em outras coisas.

E o MUCB, ele tá na ponta disso. Né?! E de trazer, é, essa tomada de pensamentos. De pensamentos.

Entrevistadora: Nós vamos contar essa história, vai virar dissertação e quem sabe uma tese! (Risos) A gente vai contar essa história!

Entrevistada: Dá tese porque assim, é, o movimento feminino e feminista tá aí pra isso. Aqui em casa as pessoas foram estudar com afinco, porque eu fui estudar. Foi reação em cadeia. Foi reação em cadeia. Então assim, a gente que segura. Quando você encontra um casal que os dois conseguem ter um entrosamento, se conectar pra coisa andar legal. Melhor ainda! Mas geralmente quem faz esse movimento do crescimento de todos é a mulher. Né?! De vislumbrar o que vem a frente, de futuro, de organização. É a mulher.

Entrevistadora: Que é uma carga pesada, extremamente. E as feministas tão aí discutindo as responsabilidades das mulheres, mas ao mesmo tempo.... Por isso que é importante dar visibilidade, porque as mulheres estão sobrecarregadas. Agora na pandemia a gente tá escancarado isso. Tanto as mulheres que embora, as que consigam trabalhar em casa e que estão sobrecarregadas ao máximo. Quanto aquelas mulheres que não tem escolha. Que tem que sair pra rua, que tem trabalhar, que tem que enfrentar essa maldita dessa doença. Então... A gente tá discutindo, a gente tá falando. As mulheres precisam ser reconhecidas, pelas coisas que elas conquistam e pelas coisas que elas fazem, movimentam. Enfim....

Entrevistada: Porque o grande problema é esse. A falta do reconhecimento. Então é igual você pegar por exemplo, os machos Rodrigo Hilbert. Eu tenho um macho nível Rodrigo Hilbert aqui comigo.

Entrevistadora: Coisa boaaa!! (Risos)

Entrevistada: Então assim, eles existem! Que beleza! Mas assim, é, a gente bate palmas pra eles? Bate palmas. Mas assim, é aquele negócio. Nós fazemos isso! E ninguém bate palma.

Entrevistadora: Ninguém bate palma.

Entrevistada: O ideal é que todos fossem igual o Rodrigo Hilbert né?! Porque ia ter a equidade de fato dentro de casa. Aí ninguém ia bater palminha.

Entrevistadora: Ia ser natural, um processo natural.

Entrevistada: Aí de novo a gente traz pra gente. A gente faz malabarismo! Tá dando peito pro filho, tá lendo um livro, escrevendo relatório, uma tese, Cozinhando. Ainda fazendo chapinha no cabelo. Nossa que legal né?!

Entrevistadora: Tem que tá linda né?! Não pode ser desleixada.

Entrevistada: Então tá beleza, não fez mais que a sua obrigação. Já lavou a cozinha hoje? Então, assim essa desvalorização social que ainda existe mesmo a gente fazendo tanta coisa. E a gente tem mais diplomas que eles! Até existe uma condução psicológica inclusive, da gente se cobrar porque a gente é tão diminuída que eu não sei se isso já aconteceu com você, mas, já aconteceu comigo. De homem querendo me peitar me chamando de burra e isso aquilo e outro. E eu dizer: "Olha aqui querido, eu tenho 6 diplomas. Tá bom? Agora dá uma olhadinha aqui no meu lattes."

Lembra dos catálogos telefônicos das páginas amarelas de antigamente? Eu me sinto assim, jogando as páginas amarelas em cima de uma prancheta.

Entrevistadora: Mas tem que ser! As vezes tem que ser...

Entrevistada: Eu acho horrível fazer isso assim, mas tem hora que a pessoa fica desmerecendo a gente. Colocando a gente em um patamar e a gente falando as coisas assim com ciência e tudo direitinho. E o cara vem desmerecer? Vai lavar uma cozinha! Vou sim querido, depois que deixar as páginas amarelas em cima de você!

Então, é tudo construção social. E é por isso que a gente tem que ter Desirées pra escrever tese, pra falar sobre isso! (Risos)

Entrevistadora: (Risos) E tudo isso a gente vai discutir e vai falar. Ba! Assim, eu tô muito emocionada! Tô aqui meio quieta mas te escutando muito. Que história assim... Essa palavra tá até clichê hoje em dia dia mas, que é a resiliência. Mas, eu acho que de alguma forma a gente sempre tem que falar dela porque olha, tua história! Se não é resiliência, se não é transformar luto em luta! É verbo! Resignificar toda essa tua dor pra ajudar em prol de outras mulheres. Então assim, é incrível. É linda! Tu é maravilhosa! E muito obrigada por fazer esse trabalho.

Entrevistada: Deixa eu te dizer uma coisa, é, a gente as vezes tem as coisas de forma inconsciente. Eu estudar psicologia foi a melhor decisão que eu tomei na minha vida, de verdade. Era um desejo antigo, mas que veio no momento certo. E eu estudando, é, eu entendi que de verdade esse movimento de quando você se autoconhece e você se resgata, quando você faz isso, você consegue ter o amor pelo outro. Você consegue ter o amor pelo social. Se você não tem o amor e o ideal é o equilíbrio. Porque se você tem amor demais por você, você não quer saber do outro. Você entra em um processo narcísico. Se você tem amor demais pelo outro, você esquece de você. Você fica submisso. Quando você descobre que você pode se amar, quem é você. Descobre quem é você. E aí você se ama. Aí você consegue fazer isso aqui. Mas isso, não é conseguido sem antes de você infelizmente, entrar em um processo depressivo.

Porque no processo depressivo que você vai ter que olhar no espelho. Dentro dos olhos. A imagem que aparece e falar assim: sou eu! E o que eu vou fazer pra inverter isso? Pra concertar isso?

Então é um processo. Um processo doído, sim. Muito doído! Tem gente que não consegue passar. Mas quem ultrapassa, tem a responsabilidade social como eu, como você, como um monte de gente! De mostrar pro outro o caminho. De deixar a história da gente, registrada em algum tipo de coisa que fique pro outro poder ler, poder ter força. Poder se inspirar e seguir em frente! Ele se reencontrar.

Entrevistadora: Nossa, que lindo!

Entrevistada: É isso que faz a gente seguir em frente, Desirée. Talvez daqui a 3 ou 4 anos eu queira só ficar aqui com meu trabalhinho atendendo as mulheres, atendendo alguém. E acabou.

Eu não quero mais saber de brigar com ninguém, de política porque talvez esteja tudo bem. Talvez, né. Se tiver ótimo! E se não tiver? Eu possivelmente vou tá gritando: Não!!! (Risos)

Reclamando, mas reclamando com embasamento. Como tá errado. Mas o que a gente vai fazer aqui pra conseguir ajudar as pessoas que tão precisando? Então assim, eu vou morrer... Eu, a minha vida inteira eu perguntei o que eu tô fazendo na porcaria desse planeta! É só pra eu comer, dormir, ir no banheiro, beijar, transar, dormir de novo e comer. É só pra isso? Não! Eu descobri minha função! Encher o saco dos outros! (Risos) E ajudar o outro punhado! (Risos)

Entrevistadora: (Risos) E virar todos os votos aí! Que eu sei que tu já virou. E a gente vai vencer isso tudo! Se as deusas vão nos ajudar nesse processo! Aí Liliane, muito obrigada! Muito obrigada! Fechamos agora 2 horas, eu acho que a gente.... Tu já deve tá cansada um pouco também.

Entrevistada: Por mim tá tranquilo! Se você já perguntou tudo que você já tinha que perguntar é tranquilo, se não a gente vamos lá.

Entrevistadora: Vou até olhar aqui! Eu fiz um roteiro de forma aberta e de alguma forma assim, tu foi me falando basicamente tudo. Tinha uma pergunta assim, mais ou menos, que eu coloquei aqui: Ah! O movimento Ele Não, não conseguiu atingir o resultado dele efetivo...

Entrevistada: Conseguiu! Conseguiu!

Entrevistadora: Mas quais os reflexos na tua vida pessoal e pro Movimento e aí poxa! Tudo que tu me disse são todos os reflexos...

Entrevistada: É, mas a gente conseguiu! O movimento Ele Não, não era apenas não fazer o Bolsonaro ganhar. A gente queria mostrar quem era Bolsonaro. Esse era o grande objetivo! O nosso desespero era mostrar para as pessoas quem era Jair Bolsonaro. A gente conseguiu! Conseguimos tanto que o mundo inteiro sabe quem é o Bolsonaro!

Entrevistadora: É verdade!! Às vezes a gente tem uma visão limitada das coisas. Não, eu digo assim essa é uma grande questão que sempre me perguntam em relação ao trabalho. "Nossa Desirée tu tá fazendo um trabalho mas o Movimento Ele Não, não chegou. A gente não acabou com o Bolsonaro." Não acabou, como assim? Várias questões, várias sementes que o Movimento Ele Não deixou e tem deixado e que é a própria organização do MUCB.

Entrevistada: Pois é! Assim, você não pode perder de vista nunca. Não era só fazer ele não ganhar, eram as pessoas conhecerem, saberem quem era ele. A gente queria alertar as pessoas. E outra, ele ia ganhar no primeiro turno, de verdade! De verdade! E ele não ganhou! Tanto que ele falou que houve fraude. E ele ia ganhar mesmo no primeiro turno. Nós mudamos. Eu mesma mudei três votos! Agora multiplica isso!

Porque assim, eu sei que eu tive três alcances. E esses três alcances ficaram tão apavoradas com o que eu contei pra elas que foi o que eu contei pra você hoje, que eram mães de ex-alunas minhas que iam votar nele. E me falaram assim: "Posso reproduzir isso pra minha irmã?" E eu falei: "Por favor! Pra quem você quiser!"

(PAUSA - TELEFONE TOCANDO)

Entrevistada: Enfim, as pessoas não, é, não fazem ideia de que ele iria ganhar realmente no primeiro turno. Ele iria ganhar. E foi o Movimento Ele não! A gente conseguiu! A gente não conseguiu que ele perdesse na segunda, mas a gente já tinha essa noção. Eu já tinha. E era isso que apavorava tanta gente!

Mas assim, ele não ganhou na primeira!!!

Entrevistadora: É verdade, deu certo! E assim, tem algum plano pro ano que vem? Pras eleições? Eu sei que nas últimas eleições municipais, a Ludimilla mesmo se candidatou a vereadora de Salvador. Teve um movimento forte no grupo, colocando mulheres que tinha por exemplo, tinham assinado... O Instituto da Marielle por exemplo, fez uma rede de assinaturas com mulheres que eram comprometidas com a causa e que acaba refletindo em todas as questões em torno dos direitos das mulheres. E teve uma movimentação forte no grupo em

relação a isso. E pro ano que vem, que esse homem tá prometendo se candidatar de novo, como é que... Tem alguma ideia, algum plano do que a gente vai fazer?

Entrevistada: Olha, eu... Eu não sirvo pra ser política. Tá?! Eu não. Mas, é, eu ano passado quando a Ludimilla se candidatou pra vereadora eu fui a coordenadora de campanha dela. Não só coordenadora de campanha, mas eu fiz todo o material. Eu sou designer do MUCB então, eu fiz todo material! (Risos)

Fiz todo material de campanha dela. A gente tá incentivando pra continuar isso porque acontece, eu acho que... Ela tem que ter mais voz. E ela tem muitos projetos legais! Então, dar continuidade de alguma outra forma. O grupo talvez não tenha todo esse peso daqui 1 ano e meio, por exemplo. É o que a gente tava falando, a gente não sabe o que vai acontecer. Mas ela estando na política, ela vai conseguir fazer projetos de lei que é o que a gente já vinha conversando a muito tempo! Ela consegue fazer esses projetos. Ela consegue barrar e fazer. Eu não sei se eu vou conseguir ajudar no ano que vem na campanha, eu tô até preocupada. A campanha dela e o período de eleição vai ser justamente o meu último ano de faculdade. Eu vou tá fazendo estágio, mais pesado que tá esse ano. E ainda tem o meu TCC. Então eu vou tá!

Já tô pensando como que eu vou fazer!

Entrevistadora: Ela tá pensando também, ela tá pensando bastante também. Questão pessoal e tudo mais.

Entrevistada: Pois é, ela tá doente. Ela tá precisando fazer um tratamento físico e é o que eu falei: "Ludi, a coisa estourou no ano passado, começou outubro, novembro começou a estourar os negócios nela. Foi pelo estresse que você ficou. Você tem uma carga pessoal, histórica muito grande. E que veio como uma bomba nesse período eleitoral. Foi muito estressante!" E eu falei: "De repente você dá um tempo! Dá um tempo de ler tanta notícia ruim! Olha um pouco pra você!" Então a gente vai ficar olhando ela nesse sentido.

Entrevistadora: Sim, ver como vai ser...

Entrevistada: Mas falando especificamente da Ludi, de qualquer forma a gente tem esse projeto de botar a preta lá em cima! Em um pódio! Pra poder falar e fazer as coisas!

Quanto a mim, eu te falei, eu não tenho nenhuma vocação. Eu gosto de ficar: vai lá! Eu sou o próprio capetinha! (Risos)

Entrevistadora: Gosta de ficar nos bastidores! (Risos)

Entrevistada: Eu no momento quero assim, quero terminar a minha faculdade. Cada semestre é um desafio porque assim, cada semestre que eu termino, eu acho que não vou conseguir completar o outro por uma série de questões. Por grana, uma série de coisas.

Entrevistadora: Cada semestre é uma vitória!

Entrevistada: É! Mas assim, já estou no quarto! Tô no quarto! Então eu tô assim: vai, vai! Já tá no meio do ano. Falta só mais três semestres! Então eu tô nesse momento. E quando eu terminar a faculdade, tem duas coisas... Uma coisa efetiva que eu gostaria de fazer muito. Tá?! Você é a primeira pessoa que vai ouvir isso, fora a família.

Entrevistadora: Nossa! Que privilégio!!!

Entrevistada: Eu tenho, é, porque é uma vontade muito antiga. E eu tô vendo a coisa se construir. De ter a possibilidade de participar dos Médicos sem Fronteira. Por um ou dois anos.

Entrevistadora: Que legal!!!

Entrevistada: E assim, eu sei que é... É legal que a uns meses atrás eu já fui dar uma olhadinha de novo e qual era exigência? Ser psicóloga formada e ter experiência com vítimas de violência sexual.

Entrevistadora: Tudo tu tem! Escritora de livro.... Tudo isso!!!

Entrevistada: Então, eu gostaria muito. Muito! De passar um tempinho com eles, vendo outra realidade, uma outra cultura. Pegar uma experiência fia da mãe com esse pessoal! Com outras realidades... E assim, eu te falei a minha vida inteira eu tive que encarar realidades diferentes dentro do meu próprio país. E eu queria, expandir isso para poder retornar para cá com uma

outra bagagem. Uma outra bagagem. Uma outra vivência inclusive, repensando possibilidades para as mulheres daqui. Para as pessoas daqui. E isso, acho que vai fazer uma enorme diferença!

Entrevistadora: Com certeza, com certeza! Que lindo.

Entrevistada: Então assim, é projeto. Eu preciso me formar e preciso falar inglês e muito bom!

Entrevistadora: Ah! Isso é fácil! (Risos)

Entrevistada: Nem tanto! Né?! Mas vamos lá! (Risos)

Entrevistadora: Tu já vai aprender um pouco lá. Precisa ter uma noção e o resto tu vai aprendendo na vivência mesmo.

Entrevistada: Então assim, aí depois.... Que assim, eu tinha muita vontade de trabalhar com o pessoal das Nações Unidas, com essa galera...

Entrevistadora: E que tem tudo a ver com o trabalho do MUCB, com a tua vivência. Tudo se entrelaça lindamente!

Entrevistada: E eu tava pensando nisso. Eu tava pensando: "Poxa, eu fico 1 ano no Médicos sem Fronteira e depois eu tento entrar pra alguma coisa da ONU..." E olha só, o MUCB tá aí! A gente tem alcance! Eu vou ter acesso a coisas que vão poder dar ideia pra Ludi poder implantar e as meninas... A coisa vai crescendo! Vai crescendo!

Então assim...

Entrevistadora: Olha a potência dessas mulheres, desse movimento! Que lindo!

Eu tô assim, extasiada! Encantada! Mais apaixonada pelo grupo! Pelo trabalho de vocês! E só quero muito te agradecer mesmo! De verdade! De tu disponibilizar teu tempo. Contar tua história que eu sei que é uma história de muita luta, muita dor. Revirar essas caixinhas e partilhar isso comigo. Sou muito grata por isso!

Entrevistada: Obrigada você! Por tá pegando esses dados e assim, é o que a gente conversou na semana passada, o MUCB é construído com muitas dores e é por isso que ele é tão lindo! É por isso que ele é tão lindo. E por isso que eu sou apaixonada por esse grupo.

A gente fica putassa! A Ludimilla falou várias vezes: "Cara, eu vou fechar esse negócio porque a gente se aborrece muito!" E aí quando ela fica assim... Atacada, ela é muito atacada! Eu não sou atacada. Porque na verdade é ela que dá a cara, né?! Ela é o porta-voz e os ataques são nela. Então é uma carga muito grande! Mas Desirée, a gente fica assim chateada com as coisas que acontecem, mas depois a gente fala: Não! Sempre vem alguém falar com a gente, acontece alguma coisa. E a gente fala: Não, a gente não pode desistir!

A gente pode até desistir, mas depois que tudo tiver calmo. Depois que tudo tiver calmo ou depois que a gente chutar a bunda do Bolsonaro! Enquanto a gente não chutar ele, a gente fica igual piolho, gritando Ele Não, fazendo a coisa certa e ajudando os outros. Dando o ombro amigo pra quem precisar! E é isso!

Entrevistadora: É verdade! Vou fechar aqui então. Obrigada!

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 3 – BIANCA FUENTES

Entrevistadora: Pronto! Então hoje 25 de maio de 2021 às 18h quase em ponto. Estamos aqui com a Bianca Fuentes que é uma das administradoras do grupo "Mulheres Unidas Contra Bolsonaro". E Bianca, pra gente começar assim um pouquinho a nossa conversa, eu queria te pedir pra tu te apresentar, tua idade, tua profissão. É, quem tu és um pouquinho.

Entrevistada: Então, sou a Bianca tenho 31 anos. Sou Engenheira por formação. Formada em Engenharia Ambiental, pós-graduada em Engenharia de Segurança do Trabalho. Mas atualmente eu estou um pouquinho afastada da minha área de atuação, em termos. Trabalho na parte de educação, de produção, por exemplo, produção industrial. Mas trabalhar em indústrias ou na área de meio ambiente propriamente dita, eu não tenho mais trabalhado com isso. Porque como a gente falou no bate papo anterior, eu sempre trabalhei muito em trabalho voluntário, desde muito nova.

Acho que a primeira vez que eu fiz um trabalho voluntário, eu era bem nova mesmo. Ainda tava no ensino fundamental, no ensino médio, acho que foi na LBV, dando aula de informática para os meninos que ficam lá no contra turno. Eles vão para a escola e aí no outro turno eles ficam lá. Então, eu ia pra lá uma vez por semana, pra ensinar eles a mexer no computador, inclusão digital, essas coisas.

E depois disso, eu continuei mesmo quando eu fazia algumas, alguns tipos de trabalho. Eu fazia trabalhos para o meio ambiente. Trabalhei um tempo na Fundação SOS Mata Atlântica com trabalho itinerário, era um projeto de educação infantil também. Que eles montavam praças pra atender colégios públicos, eles iam lá visitar. A gente mostrava como funcionava a Mata Atlântica, essas coisas.

Depois trabalhei em escola pública, então sempre muito envolvida com isso. Sempre. E mesmo quando eu estudava eu sempre fiz faculdade não por querer propriamente de trabalhar com isso. Eu sempre pensei que eu fosse fazer mestrado ou doutorado para dar aula. Eu sempre tive isso na minha cabeça.

Então, talvez eu tenha antecipado e ido por outro lado de já trabalhar com jovens, que é o que eu faço hoje em dia. Eu trabalho em uma ONG e eu continuo trabalhando com os jovens. Pra inserção no mercado de trabalho, dando capacitação profissional, pegando o que eu sei de treinamento. De como fazer treinamento e aplicando com os jovens. Misturando o que eu sei dessa parte social, com meu treinamento profissional.

Entrevistadora: Então, tua relação com esses movimentos sociais elas partem desse teu trabalho voluntário e dessas ONGS que tu já trabalhou, desde lá atendendo os jovens nas escolas. E hoje, qual é ONG que tu trabalhas?

Entrevistada: Hoje eu trabalho no CIEE.

Entrevistadora: Eu fui estagiária pelo CIEE, trabalhei. Foi meu primeiro emprego foi pelo CIEE. E eu trabalhava numa loja e nossa, é uma experiência importante assim pra inserção do jovem no mercado de trabalho. Bem importante!

Entrevistada: É porque tem a parte do estágio. Eu também, meus dois contratos de estágio. Meu primeiro foi por lá. Eu fui estagiária de uma concessionária. Foi por lá.

Mas a parte do jovem aprendiz ela é bem mais forte ainda, porque eles ficam conosco uma vez por semana, dentro de todo horário de toda a carga horária de trabalho. Então, eles vão pra empresa quatro dias na semana e o outro dia eles ficam conosco, integralmente. No dia da capacitação.

Entrevistadora: Sim, é que aí no caso tem um curso, uma formação. Eu no caso, não fiz isso foi direto para o trabalho.

Entrevistada: Sim, eles fazem um curso de formação. Porque no estágio, a parte prática é a gente entende que é a empresa e o que você estuda, é que a parte teórica. Os jovens, não. Aí eles fazem curso para terem a parte teórica e a parte prática na empresa.

Entrevistadora: Claro, claro. Com certeza. E assim, antes da gente chegar a falar sobre o MUCB, sobre o grupo. Qual a tua relação com o feminismo?

Entrevistada: Eu tenho inúmeras críticas, claro, ao movimento. Eu falo abertamente sobre essas críticas dentro do movimento. Eu sou feminista. Mas, eu não vou fechar os olhos pra por exemplo, que existe problemas que devem ser observados. Eu entendo que alguns desses problemas eles são problemas graves, eles são problemas sérios. Então, eu não posso dizer que outras coisas podem passar a frente desses problemas. Então, eu entendo hoje porque existem mulheres negras que não se dizem mais feministas e que elas hoje, estão no pan-africanismo. Que elas saíram do movimento. Migraram de um movimento pro outro porque elas não se sentiram abraçadas, por exemplo.

E aí, eu não posso dizer que combater as desigualdades entre homens e mulheres é superimportante tanto a ponto de eu esquecer de debater as diferenças entre as mulheres.

Então como as mulheres são diferentes entre si isso precisa ser falado dentro do feminismo de uma maneira que eu não faça com que essas mulheres se sintam de fora. Hoje, a gente tem o transfeminismo que ele tá também saindo, querendo sair bastante do feminismo. E tá querendo sair porque não se sente acolhido. E ele não vai se sentir acolhido exatamente pelas mesmas questões, então é óbvio que eu tenho um problema ali de equidade, homens, mulheres, patriarcado que não funciona.

Mas eu tenho problemas dentro do feminismo que precisam ser debatidos pra que isso possa ser cobrado pra frente do patriarcado de maneira melhor. De maneira mais justa. De maneira que seja feita para todas.

Mas quando eu estou falando isso para outras pessoas, eu não falo da mesma forma. Porque eu não acredito que as outras pessoas tenham a mesma linha de consciência pra debater comigo sobre. Então se uma pessoa é contra o feminismo, eu não falo com ela sobre os problemas que o feminismo tem porque, primeiro que ela não entende que esses problemas podem ser resolvidos e que eles não anulam os problemas que fazem o feminismo existir. Então, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Essa pessoa vai usar aquilo ali contra o movimento, então não converso com essa pessoa sobre isso. É mais ou menos isso que eu penso no geral.

Entrevistadora: É importante isso que tu fala porque a gente corre o risco de alimentar esse ódio que as pessoas ou um homem, por exemplo que é contra o feminismo sem entender nada. E a gente acaba deslegitimando toda a luta, toda a trajetória do movimento ao longo da história. É lógico que a gente precisa muito ter esse senso crítico dentro do movimento e ver que várias não são abarcadas.

Entrevistada: É, eu acho que alguns debates são internos. Assim, como a gente faz reunião de família, a gente não faz reunião de rua. A gente não faz reunião de vizinhos. A gente faz reunião de família, o problema é dentro da família e a gente não conversa com os outros. Alguns problemas são internos e a gente não leva para as outras pessoas porque elas não sabem do todo. Elas vão ouvir aquele problema ali e vão distorcer aquele problema. Mas eles existem sim!

Hoje eu tenho alguns problemas com algumas coisas que eu vejo, em algumas vertentes, por exemplo, o feminismo liberal que eu entendo da onde vem a força. Mas eu acho que tá pegando muito jovens, mulheres e levando pra outra parte que já não chega mais a ser. A parte do empoderamento tá saindo um pouco da linha e dando ao patriarcado, o que ele já tem. Mas isso, eu preciso conversar com mulheres! Não é ficar lá na foto da menina reclamando. Entendeu? Preciso conversar com mulher. Mulher pra mulher! Complicado.

Entrevistadora: Essa é a crítica que a gente tinha bastante. Eu penso um feminismo bem de uma forma interseccional que a gente chama. Pensando essas várias particularidades que cada mulher tem. Eu até converso as vezes com algumas amigas minhas. Eu acho que a gente tem fases enquanto feminista. E a liberal, acaba sendo eu acho que uma fase inicial, sabe?! "Meu corpo minhas regras!" Essas coisas bem clichês que acaba que é um primeiro contato que a

pessoa tem. Aí se a pessoa permanece aí bom, a gente precisa fazer a crítica. Eu Desirée, penso dessa forma.

Entrevistada: Eu acho muito importante que a pessoa possa manter a liberdade dela. Se você entrar no meu Instagram hoje você vai ver foto de bunda a rodo! (Risos)

Eu vou na praia e adoro tirar foto de biquíni! Eu fiz um ensaio de lingerie, antes da pandemia eu tinha feito um ensaio. Eu cheguei a postar algumas fotos no Instagram, mas eu, Bianca entendo que isso tem a ver com um empoderamento pessoal. Isso tem a ver com a minha autoestima, um empoderamento pessoal meu!

Ou seja, se eu me sinto bem eu me aceito como eu sou. Eu aceito o meu corpo então, eu vou lá e me sinto bem! E tudo maravilhoso! Sempre tive muitos problemas de peso, então eu me sinto muito bem por estar bem.

Isso não me ajuda em nada no MUCB! Isso não me ajuda em nada na minha luta com o feminismo! Me ajuda zero!!! Porque não tem nada haver uma coisa com a outra.

Na verdade, se eu postar lá, postar foto e ficar: "Ah, porque eu vou postar essa foto porque sim! Vou postar 20 fotos!" Nossa, os homens só vão ficar lá curtindo porque eles acham aquilo maravilhoso! Isso não acrescenta em absolutamente nada, nada de luta nenhuma! Tanto que eu vou continuar indo à praia, vou continuar fazendo isso e quando eu for a praia, alguém vai me assediar. Porque isso não ajuda em nada! Se um tempo depois eu for lá vestir minha camiseta, ir num movimento de rua pra reclamar, pra educar as pessoas. A única coisa que isso me ajuda é ganhar like no Instagram. Me ajuda zero!

Entrevistadora: Mas tu não acha que de alguma forma também, sei lá, tuas amigas, mulheres que fazem parte da tua rede ali não podem ver a tua foto. E pensar: "Nossa, como ela tá maravilhosa! Também quero ser assim"

Entrevistada: Ajuda somente as mulheres nessa rede de construção de empoderamento pessoal. Mas essas mulheres também não vão também sair as ruas se elas não forem instigadas por outras coisas. É uma coisa bem pessoal! Não ataca o sistema.

É muito legal, por exemplo, uma vez eu tava na Argentina. Eu viajei pra Córdoba. Eu costumo viajar sozinha e eu acho um máximo que as pessoas acham um máximo e eu, acho normal! (Risos)

E eu aluguei um apartamento no Airbnb e tinha uma varanda. E eu tirei uma foto de calcinha e postei no Instagram. E uma amiga minha respondeu e eu já não falava com ela a muito tempo e ela me mandou uma mensagem dizendo que ela tinha terminado um relacionamento. E eu tinha terminado um relacionamento não muito tempo antes e ela falou que se sentia muito bem de ver o quanto eu estava bem! Porque eu tinha terminado um relacionamento de 8 anos e eu não tava lá na super fossa de nossa com 30 anos terminar um relacionamento de tanto tempo! "Nossa, como assim você não vai casar agora? Você não vai noivar, casar?" E eu terminando o relacionamento.

E ela falou que se sentia muito bem, vendo o quanto eu estava bem. Então realmente faz essa rede de apoio. Mas uma rede de apoio que não ataca o sistema. O sistema é outra coisa! Aí quando se confunde essa rede de apoio com o sistema é que eu acho que é um problema. Essa rede de apoio precisa existir. Isso, precisa continuar existindo! Mas precisa-se entender que o sistema vai continuar existindo também e são coisas diferentes.

Entrevistadora: Super concordo contigo. Acho que é mais um processo interno entre nós mulheres do que algo muito mais amplo. Já que a gente tá falando de rede social e desse empoderamento nas redes, qual tua percepção da internet? Das redes sociais? Tu já comentou um pouquinho sobre que tu acha que isso fica um tanto superficial. Mas o que tu pensa disso? Poderia comentar mais um pouco?

Entrevistada: A superficialidade nesse sentido é somente dessa parte. Em alguns tipos de uso, depende muito de como uma pessoa utiliza. Eu tenho uma grande amiga minha que já conheço ela a bastante tempo e ela é uma pessoa muito livre nesse sentido. Ela fala sobre corpo, ela tira

foto de biquíni, ela gosta. Mas porque ela gosta. Ela sempre foi muito exibicionista, é o jeito dela. Mas é qualquer coisa. Absolutamente qualquer coisa! Ela é muito pra frente. Ela é o tipo de pessoa que infelizmente, instiga a rivalidade feminina. As outras mulheres, ficam: "Ah olha lá a fulana!" Ela tem o corpo bonito, é toda animada.

Eu acho ela maravilhosa! Tem uma série no Instagram dela se chama: Let's talk. E ela faz pequenos bate papos com as pessoas pra conversar sobre pequenas coisas. Ou ela posta um vídeo no IGTV onde ela fala um pouquinho mais sobre outros assuntos. Então ela faz esse processo de uma maneira bem mais consciente. Ela não deixa aquilo dali solto. Entendeu?!

E ela também, não faz de propósito. Aquilo é só uma parte da vida dela. A parte da vida dela que ela foi pra praia e tirou uma foto e postou. Ela fez ensaio, tirou uma foto e postou. Show! Ela pode fazer isso porque o Instagram é dela e o corpo é dela. Quando ela vai produzir conteúdo, quando ela vai falar sobre isso, quando ela vai falar sobre liberdade sexual, ela fala com uma propriedade que dá vontade de assistir tudo até o final.

Então ela chama muita gente pra assistir sobre um assunto que as pessoas tratam de uma maneira muito banal. Então eu acho muito importante que isso aconteça. Existem várias formas de explorar os assuntos e eu acho que as vezes não rola, o jeito que a pessoa explora. Na marra, que eu acho que não funciona. "Isso aqui é o feminismo liberal". Não, não é! É empoderamento pessoal.

Entrevistadora: A gente quer ver pessoas reais né?! Eu sigo alguns perfis assim. Eu sigo uma menina, no Instagram. E ela fala sobre sexualidade feminina, ela é terapeuta e tal. Só que ela é linda! Ela tem um super corpo! Isso chama a atenção. Mas acaba que isso também fica secundário. Ela tem um outro conteúdo ali, importantíssimo quando a gente tá falando sobre sexualidade de mulheres. E as vezes, ela abre a caixinha de perguntas e as mulheres perguntam coisas assim, surreais! E aí que a gente vê o quanto são importantes esses espaços onde as mulheres possam se reunir e de alguma forma se sentirem seguras.

Entrevistada: É muito importante! As pessoas não conversam ou não sabem determinadas coisas e as vezes elas ficam com vergonha de falar. Por exemplo, o Instagram dessa menina que eu conheço, ela vai lá e ela pensa um tema as vezes pra uma série que ela também faz com um perfil de uma loja de lingerie que eu também sou cliente. E ela faz uma série mensal pra falar sobre algumas coisas, sobre camisinha feminina, sobre camisinha masculina, sobre como a questão da libido. A questão do anticoncepcional.

Então ela vai falando sobre várias coisas e ela vai construindo um conteúdo que tem haver muito com a troca entre mulheres. Então, eu acho superimportante o Instagram nesse sentido! Ele é uma rede que hoje ele te dá muita informação, só me preocupa a qualidade da informação. Muita gente querendo muito seguidor com pouca informação. Ou fazendo firula de informação. Aí eu já não curto muito essa vertente do Instagram que eu vejo que acontece muito.

Entrevistadora: A internet é um espaço que deixa a gente muito em dúvida porque ao mesmo tempo que ela nos dá tanta coisa. Tanta facilidade de acesso. Tanta informação. Educação. Ela também é um espaço pra disseminar várias porcarias. Conteúdo que não acrescenta em nada! O Bolsonaro, a gente não pode esquecer que ele cresce nas redes. Então é um espaço que a gente pensa, será que defendo ou não.

Entrevistada: Eu adoro ver entretenimento no Instagram. Acho super legal, super maneiro! Mas me preocupa quando acontece de eu ver uma parada que é meio, cara, essa pessoa tá falando isso e ela tem muitos seguidores. E aí ela já falou, já bateu tanto de visualização. Sabe lá quantas pessoas salvaram! E compartilharam. As pessoas já comentaram, enviaram pra um monte de gente. E eu acho meio complicada essa outra parte porque não tem como filtrar quem sabe e quem não sabe.

Vou dar um exemplo muito simples. Óleo de coco no cabelo virou uma polêmica. Virou uma polêmica no Instagram porque não é pra usar produto alimentício no cabelo. Cara, o

problema é que não é pra usar. É pra usar, pode botar! Mas é que salão, produto de beleza iam a falência!

Mas ficaram desesperados dizendo que o negócio não funciona! E funciona! Aí eu vou ficar falando um negócio mentiroso porque as outras pessoas.... Aí é complicado! Pequenas coisas. Aí aquela pessoa que não pode que não tem acesso a informação e você pega isso com uma coisa mais séria, não tô só falando de uma bobagem que é o óleo de coco mas isso acontece com coisas sérias.

Entrevistadora: É isso acontece com a política como a gente tava conversando outro dia e hoje. Isso acontece muito! E as redes.... Bem, vamos indo! Depois eu sigo! (Risos)

Quando que tu pensou e sentiu essa necessidade de entrar em um grupo pra discutir política? Quando tu ingressa no MUCB? Porque tu procura ele? Ou ele aparece pra ti? Como foi essa experiência?

Entrevistada: Então, eu participava de alguns grupos menores e depois eu ingressei no MUCB como membra mesmo. Não ingressei nele como administradora. E eu participava de outros grupos menores, eu debatia. E eu sempre fui ativa em discussões. Eu participava de fato mesmo, olhando avisos, lendo o que se é postado de notícias. Conversando nos comentários. E aí eu percebia algumas questões. Eu sou uma pessoa que trabalho com humanas, mas eu sou muito de exatas. Eu tenho método até pra lavar a louça! (Risos)

Aí eu ficava olhando e pensava: "Isso pode ser organizado de tal e tal forma" ou "Acho que isso aqui tá meio bagunçado". E aí eu não tinha me tocado, honestamente eu não tinha me tocado que o grupo era tão grande que talvez não fosse dá essa coisa toda.

Eu fui no inbox da Ludimilla e falei: "Olha, tal e tal coisa. Se você precisar de ajuda pra moderar."

Entrevistadora: Isso foi logo que o grupo foi criado, lá em setembro?

Entrevistada: É, um pouco depois. Pra moderação. E continuei como membra e durante muito tempo depois. Porque se tem uma coisa que todas nós não conseguimos fazer é acompanhar o Messenger. E uma coisa que aconteceu foi que a Ludimilla não viu minha mensagem. (Risos)

Continuei como membra até que eu comecei a conversar bastante com uma das moderadoras do grupo que ela tava pensando... A gente tava pensando. Isso chegou a acontecer e eu cheguei a tirar do papel. Fazer algo mais regional. Criar organizações regionais né?!

E aí ela me chamou pra ajudar ela.

Entrevistadora: Tu tá no Rio né?!

Entrevistada: Isso, eu moro em Cabo Frio. E criar um grupo pra criar essa organização regional. E ela fez um post lá no grupo, quem era do Rio. Eu respondi e ela falou comigo. Só que ela era muito desorganizada!

Era para o 8M. Falei: "Gente, não é assim que funciona! Não é assim que se puxa manifestação. Manifestação não se tira do bolso". Não é assim. (Risos)

Entrevistadora: Exatamente. Ela tem que ter uma lógica, um objetivo.

Entrevistada: Era para o 8M e ela queria organizar. Mas faltava muito pouco tempo. Eu falei, o 8M já existe, já vai tá lá. O que você pode fazer é organizar um outro grupo pra ir junto. Mas o 8M já existe! E vai tá sendo organizado a muito tempo.

Então, as plenárias já estão marcadas. Se você quiser, vai ter que ir numa plenária pra acompanhar por exemplo, pra acompanhar as discussões. Não é assim que funciona (Risos)

Aí depois de um tempo, por conta de várias coisas, de minha atuação, eu entrei para a moderação. No mesmo grupo dela. E depois, também por conta de atuação eu fui pra administração do grupo logo, um mês depois.

Entrevistadora: Mas isso, pelos meus cálculos, isso já era pós as eleições. Bolsonaro já tinha ganho.

Entrevistada: Foi tudo bem rápido. Logo depois do Bolsonaro ter ganho sim, mas foi tudo bem rápido depois do 8M. Eu não lembro, não consigo me lembrar exatamente mês e essas coisas.

Começou um pouquinho antes do 8M e foi até depois. Quando estava na época de eleição o que eu estava fazendo?

Eu tava indo pros viras votos. Indo para o Rio. Aí ia para o vira voto com alguns partidos e alguns contatos de grupos que eu já tinha conhecimento da existência desses grupos que eu deixava salvo sempre no facebook.

Entrevistadora: Outros grupos de mulheres?

Entrevistada: Sim, os grupos por exemplo e algumas das mulheres que tinham feito o 29 de setembro, elas continuaram depois também. E aí eu deixei algumas. Tanto que eu continuei em contato com elas, pro ano seguinte quando fizemos a segunda manifestação.

Entrevistadora: Que legal! E como foi pra ti essa experiência das banquinhas, do vira-votos e da manifestação em si?

Entrevistada: Foi bastante cansativo! Porque do vira-voto eu fui saindo aqui de Cabo Frio e indo pro Rio. Então eu saí bem cedo daqui. Fiquei o dia todo lá no centro do Rio. Foi um dia que a Jandira Feghali combinou de ir juntamente com outros movimentos. Foi bem puxado! Foi um dia bem estressante. Esse dia foi o mais estressante porque já tava se aproximando das eleições, os ânimos já tavam bem exaltados. Os bolsonaristas homens, estavam muito agressivos, então foi um dia bem estressante.

Entrevistadora: É, o Rio é o epicentro dos bolsonaristas.

Entrevistada: A gente tava na Uruguaiana, bem no centro da cidade. A gente tava fazendo todo o contorno, indo pelas barraquinhas. Passamos o dia inteiro ali. Esse foi o dia mais estressante!

Entrevistadora: E tu acha que conseguiu virar alguns votos? De dizer: "Olha, consegui!" (Risos)

Entrevistada: (Risos). Tinham sim algumas pessoas que estavam ali dispostas a ouvir. Só mesmo os bolsonaristas homens que não tavam afim.

Entrevistadora: Até hoje né?! É impossível conversar com eles.

Entrevistada: Impossível! É uma espécie de gente que eu não sei nem se é gente, na verdade!

Entrevistadora: Dera tivessem essa obstinação pra outras coisas na vida né?! Gente do céu!

Entrevistada: É, eu não sei nem se é gente! Anda, tem rosto, perna, braço, mas não sei se é gente.

Entrevistadora: Eu não consigo imaginar viver no Rio numa época de eleições do Bolsonaro. Porque aqui eu moro numa cidade de 200 mil habitantes. Uma cidade pequena né?! No Sul, do sul. Então, a gente aqui o Haddad ganhou. A gente tinha as manifestações. Volta e meia tem carreata do Bolsonaro, mas é meia dúzia de gato pingado. Entendeu?!

Entrevistada: Pois é, aqui eu tô cercada de idiotas! O Russel ganhou. Bolsonaro ganhou. O outro, o Bolsonaro minion, o menor também é vereador. Todos eles ganham! Aqui eu tô cercada de idiotas!

Eles ganham pra qualquer coisa. Até pra síndico de prédio se colocar pra votação, eles ganham!

Entrevistadora: Que droga!

E assim, o que tu faz no grupo hoje? Qual tua função?

Entrevistada: Então, depois dessa das regionais eu cheguei a marcar algumas reuniões. Na época eu ainda estava com um objetivo, eu acreditava que eu fosse conseguir me manter no Rio por um tempo longo ou em Niterói. Ou até mesmo, pedir transferência e estar morando mais próximo. Depois eu vi que essa realidade não ia funcionar.

Então de primeira, aconteceram algumas reuniões. A gente conversou com algumas membras do grupo, pessoalmente. Então foi muito legal! Tanto que eu fui chamada depois pra vir como vereadora por Niterói com uma coligação. Por uma membra do grupo, a Ingrid, uma pessoa maravilhosa. Uma advogada maravilhosa!

Ela estava presente em uma reunião que eu mantive o contato depois. Eu não entrei na coligação dela, mas o grupo apoiou a candidatura. Fez slides com ela, abriu todo o espaço para ela poder publicar o que ela quisesse.

Entrevistadora: Qual partido era?

Entrevistada: Ela veio por um partido independente do que seria meu, o PSOL. Hoje eu sou filiada. Aí nas reuniões, foi quando eu conheci a Juliana Reis. Ela foi lá na reunião só pra conversar comigo, que é a precursora do Projeto Milhas, que leva mulheres pra abortar fora do país. Que leva as mulheres pra Colômbia.

Entrevistadora: Tu comentou comigo na nossa outra conversa e eu pesquisei sobre. Fiquei encantada!

Entrevistada: Então, conheci pessoalmente a Juliana Reis quando o projeto ainda tava no forno. Ele não existia. Ele ainda tava nascendo. Isso foi lá no início de 2019. Porque ele nasceu de um post, lá no site do Projeto Milhas, tava dizendo isso. Ele nasceu de um post lá no MUCB. Que ela tava alucinada!

Aí de repente, ela: "E se a gente mandasse milhas, nossas milhas pras mulheres?" E isso comentou, fomentou e fomentou. E ela falou de novo: "E se a gente mandasse mesmo milhas pras mulheres?"

E ela descobriu como fazer isso funcionar! Então, as mulheres que querem doar as milhas, doam. Elas são embaralhadas em um sistema de milhas. Como elas são embaralhadas, não tem como dizer que aquela mulher viajou com a minha ou com a sua milha, porque ela tá sendo doada pra cá. E aí, isso daqui. Vem a sua milha, a sua, a da minha mãe, todas caem nesse potinho. E é desse potinho que sai. Então, na verdade eu dei pra esse potinho aqui. Quando ela viajou, pode ter sido com a minha, com a tua. Não dá pra saber!

Entrevistadora: Que legal!!!

Entrevistada: Então o Jurídico amarrou tudo lá na legislação pra que não tivesse como pegar quem estivesse doando, nem quem tivesse manejando as milhas porque viajar não é crime. E lá no país é legalizado. E aí, eu conheci ela pessoalmente. É uma pessoa extremamente maravilhosa! Fizemos uma live no MUCB pra falar sobre aborto legal. Ela trouxe uma médica pra falar com a gente.

E eu conheci várias pessoas que depois eu acabei, é, reencontrando no segundo 29 de setembro. Que foi uma manifestação menor, simbólica. Em homenagem ao movimento que a gente tinha feito no ano anterior.

Entrevistadora: Essas ações do MUCB são incrivelmente maravilhosas! E claro, são 2,5 milhões de mulheres reunidas. Aquilo pode ser uma simples postagem, mas também pode ser um risco de um fósforo que surge um baita projeto como esse que ajuda um monte de mulheres.

As coisas acontecem de forma espontânea, mas ao mesmo tempo, também não. E isso é muito legal! Um movimento muito bacana de ver!

Entrevistada: Na parte administrativa eu cuido de todas as publicações. Eu sou o filtro de publicações. Eu tenho um grupo de moderadoras que trabalham comigo. Elas já têm um conjunto de regras por escrito que tem tudo que pode dar errado, tá escrito naquele papel. Que eu mando pra todas no que se basear pra que elas possam ter autonomia né?! No que fazer. Porque também não é pra elas sentirem que precisam perguntar pra mim, pra elas terem autonomia delas. A gente colocou as coisas que são mais de acordo com o grupo, com as vertentes do grupo. Então, toda a parte do que é aceito nas publicações. A aprovação das publicações, somente eu. Nenhuma das outras administradoras, inclusive a Ludimilla não pode mesmo sendo a criadora do grupo. Somente eu posso aprovar publicação e as moderadoras que trabalham comigo.

Entrevistadora: Quantas que trabalham contigo?

Entrevistada: 12, nesse grupo. No outro grupo que é um grupo complementar a esse, que a gente costuma chamar de faxina. Elas excluem todas as publicações. Só excluem! Quem aprova,

pode excluir também pra facilitar na hora de aprovar. Mas esse outro grupo só excluí. Elas entram lá e excluem todas as publicações que não vão ser publicadas, que estão fora das regras. Elas já vão lá, limpando todas elas. Elas vão faxinando as publicações.

Entrevistadora: E o que seria uma publicação fora da regra?

Entrevistada: Todas que não são de acordo com a temática do grupo. As repetidas, que já foram publicadas. Mesmo que sejam de sites diferentes. Ou da membra que manda dez vezes a mesma publicação. Porque ela acha, ela quer que a publicação dela seja aprovada. Então ela manda, dez, vinte vezes.

Elas vão limpando essas publicações pra deixar mais limpo quando as outras forem entrar pra aprovar. E elas faxinam tudo! Tem muitas denúncias? Elas vão lá e limpam as denúncias!

Entrevistadora: É, isso que eu ia perguntar. Eu já vi postagem ali do tipo: Quinta, da faxina! Então não se assustem se sair um monte de mulher! (Risos)

Entrevistada: Se tem muita denúncia, elas vão lá e excluem a pessoa. Existe um grupo só pra olhar denúncias. Mas se tem um post lá com muita denúncia, elas vão lá dar uma ajuda limpando as denúncias, também. Tem muitas aprovações? Elas vão lá ajudar a limpar também. Limpando o que? Tirar todos os homens de uma vez só. Tirar tudo que é grupo, tudo que é página e deixar a peneira fina pro grupo que é só de aprovação.

Entrevistadora: Tu tem noção de quantas publicações vocês recebem por dia?

Entrevistada: Por dia, não. Mas eu sei que se eu for olhar hoje lá, tem cerca de 100 mil e poucas. Lá pra olhar! Pra olhar agora! (Risos). Paradas lá pra ser excluída ou aceita.

Entrevistadora: Meu deus do céu! Menina de deus! (Risos)

Mas então, trabalham vinte e poucas meninas contigo. Porque tem cerca de 50 moderadoras no total.

Entrevistada: É, o outro grupo é menor que esse. Tem cerca de 17 meninas, comigo. Uma vereadora eleita entre elas!

Entrevistadora: Olha só! Que legal!!!

Entrevistada: Ao todo são 17 meninas comigo. E eu faço a gestão do grupo, eu sou a RH do grupo. (Risos)

Entrevistadora: Não, tuas funções Bianca são várias! (Risos)

Até eu brinquei com a Ludimilla dizendo que ela era fundadora do grupo e ela: "Ah, eu não gosto dessa maternidade do grupo. Eu vivo dizendo pras gurias não me darem esse título porque existem outras que fazem muito mais coisas até do que eu!"

E nossa, esse teu trabalho é literalmente um filtro do grupo! Ele passar todo por ti. E tu dedica algum tempo do teu dia pra isso? Ou tudo acontece ao mesmo tempo?

Entrevistada: Eu precisei dedicar um tempo do dia porque eu ficava muito e isso atrapalhava as outras coisas. Agora eu dedico algum tempo. Por exemplo, algum momento do meu dia eu paro e fico olhando todas as publicações e vou limpando por filtro de mês. Por exemplo, antes isso era impossível. Porque as ferramentas que o facebook dava pra moderar grupo pelo celular ou pelo computador eram muito pobre. Então, ele não permitia por exemplo, que eu colocasse um filtro por nomes. Ou por datas mais específicas ou por tipos. Agora ele me sugere, as publicações que são repetidas.

E eu consigo selecionar todas elas de uma vez. Eu vou selecionando todas de uma vez e vou lá, excluindo. Eu consigo apagar de mais e mais. Coisa que não tinha essa ferramenta a dois, três meses atrás. É uma coisa totalmente nova!

E aí, as meninas não entendem porque demora! Mas elas fazem coisas que não rola. "Ah, vou mandar isso vinte vezes!" Isso não ajuda que a sua publicação seja aceita. Na verdade, vai fazer com que ela não seja aceita! Porque a outra fulana teve a mesma ideia que você, você não é um gênio que pensou nisso. A outra menina pensou a mesma coisa. E acabou que eu vi 200 publicações iguais. E só ima foi aceita.

Entrevistadora: Sim, porque assim vai ficar um monte assunto repetido.

Entrevistada: E se passou e mais de uma foi aceita, porque eu tava online e fulana tava online, depois o outro grupo vai lá e vai excluir a que foi repetida. E o critério é a que foi aprovada primeiro ou teve mais engajamento porque o facebook mostra. E não tem o que fazer! Isso só atrapalha.

Tem outras formas de interação. Na minha concepção, essa é a questão das redes sociais. O ponto, o click que as pessoas ainda não têm. Como usar as redes sociais pra mudar as coisas? Quanto eu era membra, como eu cheguei a administradora do grupo? Eu comentava, eu conversava. Eu engajava. Não era querendo compartilhar publicação. Eu nunca mandei publicação. Mas, isso faz com que você entenda o o grupo. Saiba o que está acontecendo nele. Não te faça fazer perguntas que são desnecessárias. Você sabe o que tá acontecendo no dia a dia do grupo. Quando mudou de nome, eu sabia o motivo porque quando saiu o informe, eu li. Eu não tava perdida.

E aí saia um comunicado, eu lia. Tava por dentro de tudo que tava acontecendo! Sabia como que era a aprovação. Sabia tudo que tava acontecendo. Porque onde que tá o fomento? Nos comentários, não é mandando publicação. Eu sempre estive, onde você tem que estar, nos comentários. É ali que se faz o fomento, nas redes sociais.

Entrevistadora: Até mesmo porque existem administradoras no grupo pra produzir esse conteúdo.

Entrevistada: A gente produz conteúdo, a gente convida pra produção de conteúdo. A gente já convidou membras pra produção de conteúdo. Chamamos pessoas de fora. E as publicações vem das membras, ok. Mas não precisa se desesperar!

Não faz absoluta diferença nenhuma, eu publicar uma matéria. Eu não produzi aquela matéria. Eu tô mandando um link, porque eu preciso ficar desesperada pro meu link ser aceito? Não é como se eu tivesse mandando um texto autoral que eu demorei um mês pra escrever. É uma matéria, um link. Outra pessoa pode mandar. Se eu não mandei outra pessoa mandou, tudo bem!

Mas é o negócio da caça de like. O fomento da publicação aceita que isso é um mal de qualquer rede social. Isso que quebra ali, o maior aproveitamento.

Entrevistadora: Entendo, te entendo. E dentro do administrativo essa organização do grupo, tu fica responsável pelas postagens. A Liliane o design, né?! Que outros setores têm assim, separados?

Entrevistada: Tem a parte de aprovação de membras porque precisa checar os perfis e isso é chato. E demora. Então tem que olhar os perfis porque não dá pra fazer aprovação direta. Tem um grupo só pra isso. São grupos menores. Também não precisa de muitas pessoas pra fazer essa função. Mas existe esse grupo.

E existe um grupo só de denúncias, também. A função dele é só olhar isso, não faz mais nada. Cada grupo, não faz tarefa um do outro. Apenas o meu grupo da faxina que ajuda todos os grupos, nesse sentido. Se tem muita aprovação, vai lá e dá uma limpa para que as meninas da aprovação trabalhem maior. Se tem muita denúncia, dá uma limpa pra que as meninas trabalhem melhor. Se tem muita publicação fora do contexto, também dá uma limpa e olha todo o feed, todos os comentários mesmo que não sejam denunciados. É o grupo da faxina mesmo! Elas fazem isso todos os dias.

Entrevistadora: Nossa, puxado pra caramba! E aí quando tem alguma coisa assim pra promover, vamos promover uma live por exemplo. Como é o caso do Vozes do MUCB que tu tava falando no outro dia. Acho que era uma moderadora que fazia as publicações. Como vocês organizaram isso?

Entrevistada: Todas as decisões são trazidas porque quem tiver a ideia e a administração concorda e organiza. Mas particularmente, o Vozes do MUCB era um projeto só meu com uma moderadora. A gente pensou, acho que deveria ser feito, que era uma ideia legal. Que ia acolher

as membras de uma maneira interessante. Então, a gente ficava com todo o trabalho de pegar os relatos, de resumir os relatos e de fazer as publicações sempre nos mesmos dias pra manter uma cadência. Terça e quinta, as 10h da noite. Se não pudesse publicar deixava a publicação programada.

E a Liliane nos ajudava fazendo o design dos cards.

Entrevistadora: Como vocês recolheram esses relatos? Já eram postagens que as mulheres tinham postado?

Entrevistada: Tinham algumas meninas que já mandavam, mas a gente não colocava o relato sem entrar em contato com a pessoa pelo Messenger. Porque a gente não queria... A gente não aprovava nada pelo perfil da pessoa. Eu publicava no meu perfil ou a moderadora publicava no perfil dela de maneira anônima. E a gente não fazia a publicação sem o consentimento da pessoa. Porque ela poderia mudar de ideia depois, porque ela poderia se sentir exposta. Várias coisas!

E se a gente fosse resumir ou modificar alguma coisa, a gente mandava a modificação pra pessoa aceitar. Se a gente podia modificar daquele jeito e só depois que ela falava que tudo bem, que a gente publicava. A gente também não alterava o texto dela, sem perguntar se podia diminuir por conta de número de carácter, essas coisas.

Entrevistadora: E tu acha que surtiu resultados?

Entrevistada: Eu acho que foi bem positivo quando eu mudei o formato, escrevendo o texto. De início acho que teve menos visualização, mas é o formato do facebook que ele não é realmente pra esse tipo de texto e acabou que ficou um pouco pequeno de colocar no card. E acho que teria sido muito legal ter continuado na questão da voz, mas aconteceu aquele problema, que a gente decidiu cessar, porque ainda não tá legal. Não tá uma coisa que possa ser retomada.

Entrevistadora: Outra coisa que tu tinha comentado, no outro dia que a gente conversou. No teu grupo, elas são as que recebem todas as publicações ali. Eu acredito e tu comentou também, que chegam muitas denúncias, pedido de ajuda. E aí como é pra ti, como teu grupo lida com essas situações?

Entrevistada: Depende muito do que é. As vezes acontece de ser um desespero e da pessoa não dar retorno. Por exemplo, as vezes a gente manda mensagem no Messenger e não vê. Ou ser um desespero momentâneo. E as vezes ela precisa realmente de orientação. A gente fala muito e bate muito na tecla da questão da educação porque as vezes são coisa bem simples que eu, Bianca como mulher informada entendo como uma coisa muito simples. Por exemplo, procurar casas de apoio. Se hoje eu precisasse procurar uma casa de apoio, eu saberia onde perguntar, onde olhar. Saberia onde tem. E essas mulheres não sabem onde tem. Não conhecem o mapa do acolhimento, não tem acesso. Não sabem como lidar, não conhecem essa informação básica desse tipo de coisa.

Então é realmente necessário ter um espaço em que elas possam perguntar, porque elas não sabem. Às vezes, é um problema sério? Mas se você parar pra pensar uma informação que deveria ser, uma informação pública. E é uma informação que ela depende daquela rede ali pra ter.

Entrevistadora: E tem as psicólogas também no grupo que prestam esse trabalho. Tu que também faz esse encaminhamento. De precisa ou não precisa desse atendimento. Né?!

É muito importante isso. Tanto que esse é o meu viés da pesquisa. Perceber esse grupo enquanto espaço de educação. Se as mulheres vão até a vocês buscarem, dizendo: "Olha, eu tô apanhando do meu marido e tô pedindo ajuda". É sinal de que isso é um espaço de acolhimento, né?

Entrevistada: É, ela não tem acesso ao básico da informação. Eu faço uma pequena pesquisa e eu acho que elas se sentem inseguras de confiar na pesquisa que elas fizeram. De que aquilo dali tá certo. Será que eu vi certo? Será que isso tá certo? Então, elas se sentem um pouco

inseguras com aquilo ali que elas tão pesquisando por ser algo que nunca viram. Nunca tiveram acesso. É muito complicado essa situação. Então é uma coisa que eu acho muito importante, uma coisa que eu faço aqui com os jovens. Ano passado, antes de eu sair de férias. Eu saio de férias em março. Então eu tinha que preparar as coisas do 8M que a gente faz. Fala sobre a mulher aqui também, quando tem o 8M. E eu deixei preparado material. Antes de eu entrar de férias no ano passado, eu fui lá na Patrulha Maria da Penha, marcarem pra eles irem lá no CIEE darem palestra. Dois dias. Liguei pro Centro da Mulher, marquei palestra. Pra elas irem lá darem palestra no CIEE também. Deixei tudo organizado pra quando eu não tivesse lá, esse 8M acontecer. Vai ter palestras também. Essas meninas vão saber onde tem que ir. Preparei o slide, no final dele coloquei o mapa do acolhimento. "Aqui que você tem que entrar". Primeira coisa de pesquisa que você vai fazer, se não achar você vai ligar pra cá.

Deixei tudo preparado pra entrar de férias tranquila!

Entrevistadora: Quanto mais eu estudo, mais converso com vocês eu fico muito encantada assim com a potência desse grupo. É surreal! Surreal todos os desdobramentos que tem. Até na política, eu tava procurando umas postagens agora a pouco e achei uma live das últimas eleições com só candidatas mulheres do Brasil inteiro. E tinha uma primeira ali, não me recordo o nome dela. Acho que era de São Paulo. E ela tá que não consegue falar assim, de tão emocionada de estar com um monte de mulher.

Entrevistada. É, ano passado a gente já tinha decidido bem antes da eleição que seria aberto pras candidatas que elas tivessem mesma linha de pensamento do grupo pra que fosse um espaço público onde elas pudessem fazer ali, sua campanha. Pra que elas pudessem conversar, expor suas ideias. Então a gente disponibilizou um questionário pras membras também que as vezes vem candidata. A gente disponibilizou o questionário. Óbvio que a gente teve umas recusas, por questão de alinhamento.

Eu escrevi um texto padrão de recusa, mas, a grande maioria foi aprovada. A gente tem mulheres de direita no grupo e isso também não é impedimento de nada. Mas a gente não tem alinhamento com políticas públicas mais voltadas pra direita. Então, apoiar um partido, determinando partido que não é condizente. Quando determinando partido vota de determinada maneira, não é condizente com as nossas políticas.

Então, eu coloquei lá nas respostas que não tinha absolutamente nada a ver com o caráter pessoal, mas de acordo com aquilo que nós entendemos que seja um alinhamento político, aquele não era o nosso. Então a gente não poderia estar abrindo aquele espaço.

A Fernanda Melchiona fez algumas discussões, ela tava com a publicação pré-aprovada e com acesso direto ao grupo ela concorreu em Porto Alegre. Ela tem nos ajudado com algumas questões pontuais e fez publicações também maravilhosas, nesse período. Sobre as próprias propostas, a gente também apoia demais ela. E outras candidatas. A Diana Brasilis é uma mulher maravilhosa. Ela era do PDT e agora está no PSOL, ela é uma pessoa muito maravilhosa. E a gente tem agora a Flávia Castelli que ela é agora vereadora pelo PT, que é uma vereadora do meu grupo. Uma das minhas moderadoras.

Entrevistadora: Ba, que legal! Isso é incrível! A Ludimilla também se candidatou.

Entrevistada: A Ludimilla também se candidatou. Mas o PSOL é um partido concorrido também porque o PSOL, ele tem muitas potências porque é um partido de muita gente que trabalha, que trabalha com visibilidade. Vamos dizer assim. Todo mundo trabalha nos partidos, mas o PSOL tem um trabalho de muita visibilidade no meio onde ele tem o nicho dele, pra ser eleito. Então a briga é sempre muito grande entre um e outro. São pessoas que levantam muito voto. Votar e escolher alguém do PSOL é muito difícil! Por que a gente tem ali candidatos que sempre levantam muitos votos e são muitos destacados. Todos os candidatos acabam sendo muito destacados pelo trabalho, o tipo de trabalho que eles fazem que é trabalho de visibilidade. Visibilidade nas redes sociais, para os outros. Acho que eles trabalham marketing e rede muito bem!

Eles trabalham com visibilidade jovem muito bem! E acaba que a pessoa fica, aí quem eu vou votar? Em vários candidatos do PSOL, tem vários possíveis. Eu mesma já fiquei pensando em quem votar. Tem muitas opções boas então, a pessoa acaba ficando as vezes, um detalhe faz a diferença.

Entrevistadora: Pois é. Até essa questão entre direita e esquerda e acredito que lógico vão ter mulheres de direita dentro do grupo. Mas é aquilo, quando o grupo nasce a gente tinha aquela bandeira: é apartidário, não importa quem tu vota. Só não vota no Bolsonaro! Só que acaba que se a gente seguir uma vertente de direita, a gente vai tá compartilhando com o que o Bolsonaro fala. Então não tem como a gente permanece nessa linha. Tem que se enveredar pra esquerda, é esse lado que preza nossos direitos e das minorias sociais.

Entrevistada: É! A gente entende o grupo enquanto um espaço de educação por isso se você for uma mulher de direita e você está ali e você tá aprendendo, olhando e lendo, você tem todo seu direito de permanecer ali. Mas se não, você acaba sendo mais uma que vai ser bloqueada. Isso que acaba acontecendo normalmente. A pessoa acaba sendo bloqueada e depois ela vai reclamar que foi bloqueada. Mas foi bloqueada porquê? Se o que você tem pra oferecer é isso, a gente não quer que seja oferecido.

A gente não quer fazer determinadas coisas. Entendeu? Tem certas coisas, a gente já estabeleceu como limites. Eu botei outro dia numa publicação, eu não lembro sobre o que era mas tinha alguma coisa haver sobre mulheres trans. Eu postei lá na publicação que se tivesse qualquer comentário, não seria permitido, seria bloqueado de primeira. Qualquer comentário desrespeitoso e alguém tinha dito que tinha achado um pouquinho intolerante porque tinha que ensinar as pessoas. E eu falei: "Você é uma mulher cis. As mulheres trans desse grupo, já pontuaram em mais uma ocasião que elas não estão satisfeitas com esse comportamento. Elas não são professoras e nem querem ensinar respeito básico a ninguém.

"Caso, alguma mulher trans queira se reunir e me enviar um comunicado pra corrigir meu posicionamento, eu estarei aguardando. O seu não vai."

O grupo já tem um tempo. É um grupo também de educação? Tá ali pra educação? Sim. Mas tá ali pra respeito, também. E ninguém é professor de ninguém, ali. E o respeito tem que ser o básico, o mínimo.

E as mulheres de direita, muitas das vezes, não vou generalizar. Mas a grande maioria vem conservadora por uma questão de ser assim com os pais, porque o pai votava no PSDB e nem sabe porque vota. Às vezes ela nem é de direita! Ela só não sabe! Você vai perguntar as coisas pra ela, totalmente aliada com as políticas de esquerda. Ela tá perdida ali. (Risos)

Entrevistadora: Assim, o Ele Não, o movimento que sai do MUCB ele foi o maior movimento de mulheres do Brasil. Tem algumas historiadoras apontando isso já, que nunca houve na história do Brasil, um movimento tão grande de mulheres. Algumas historiadoras falam isso, outros historiadores nem mencionam a resistência das mulheres. Mas o que tu acha que isso representa?

Entrevistada: Eu acho que pro Brasil, pro que nós vivemos, pra o que nós construímos, eu acho muito representativo. Porque existia um tempo a alguns anos atrás que se a gente imaginasse que fosse ter esse movimento de mulheres na rua, a gente talvez não fosse pensar que fosse possível. Porque não tinha tanta essa união. Hoje eu já consigo vislumbrar, vai demorar! Mas eu consigo vislumbrar que daqui uns bons anos a gente vai tá comemorando a legalização do aborto e a gente vai tá na rua na mesma forma.

Mas aquelas mulheres chegaram ali porque elas já tavam construindo, esse mesmo movimento que a gente tá construindo agora, a muito tempo antes. Então é tudo um caminho. E não adianta querer apressar!

Eu recebi uma crítica no grupo, quando eu publiquei uma matéria do Projeto Milhas, dizendo: "Ah, na Argentina já tá pra legalizar". Ela era uma brasileira que morava na Argentina,

querendo criticar o projeto. E, eu achei a crítica dela totalmente infundada porque são projetos sociais que pagavam, as mulheres não pagavam nada, indo pra hospital público.

E segundo, porque tudo é uma construção! Um país que teve ditadura e que veio da ditadura, ele conseguir se libertar dessas marras do conservadorismo é difícil. É difícil pras mulheres! Ninguém lembra um dia e pensa: "Nossa, meu deus que vontade de ser oprimida! Caramba! Ninguém tá me oprimindo hoje, que vontade!" (Risos)

Então, as mulheres não acordaram com esse pensamento, mas elas estão acostumadas a isso. Elas estão acostumadas a não terem nada melhor! Elas tiveram acostumadas a muitos anos a não terem nada melhor. E muitas mulheres mais velhas que sempre viveram com esses resquícios, elas nunca tiveram nada. Sabe?! Tudo que elas têm foram os homens que construíram e elas pegaram aquelas migalhas e pra elas tava bom. E não é culpa delas! Porque elas não acordaram pensando isso!

Foram as outras pessoas que fizeram e elas não sabiam o que era opressão. Pra elas, era um dia comum como outro qualquer. Então é muito complicado, isso ser construído.

Essa mulher é machista? Não, ela não é! Porque ela não acordou com esse pensamento. Ela vai reproduzir aquilo que ela ouviu, a outra pessoa ser. Ela reproduz o machismo. Ela não é, porque ela não acordou com esse pensamento de eu quero ter menos direitos e ser oprimido! Ela só não sabe.

"Ah, mas ela é instruída! Ela é debochada!" Nossa, eu sinto vontade de socar a cara também! Não é porque eu sou feminista que eu acho todas mulheres legais. Eu acho algumas insuportáveis! As debochadas então, com esse negócio do feminismo eu sinto vontade de matar! Estrangular! Mas pra mim, ela é uma ignorante. Não sabe o que tá falando.

Entrevistadora: Eu acho que essa geração, pelo o menos perto das minhas alunas vem com um outro pensamento. Um pensamento que eu, a 10 anos atrás não tinha. Elas vêm muito mais empoderadas.

Entrevistada: Ah sim! É verdade! Elas vêm com outro pensamento. Eu sempre tive uma linha de pensamento muito similar com a que eu tenho agora. Eu não sabia qual era o nome, mas sempre tive uma linha de pensamento muito similar com a que eu tenho agora. Eu não sabia todas as coisas que eu sei agora. Mas eu também, não gosto muito daquela vertente que manda os outros ler! Eu leio o que eu quiser! (Risos)

Entrevistadora: É que o feminismo acadêmico! (Risos)

Entrevistada: Vou ver vídeos, sei lá. Mas se não quero ler, eu não vou! Não precisa me mandar. (Risos)

Entrevistadora: É por isso que tem vários. Acredito e defendo esses grupos, esses coletivos feministas que tem pela internet. É um conteúdo muito mais fácil, mais acessível, mais rápido.

Entrevistada: Fora que se eu for mandar as mulheres lerem, eu vou ser extremamente excludente em um país com tanto analfabeto. Ou analfabetismo funcional. Extremamente alto! Gente, não! Não!

Eu tenho que explicar o básico, do básico. Tem que falar assim: "Senhora, a gente tem que se unir porque a gente só se deu mal a vida toda!" Se você piscar.... Já viu aquela série o Conto de Aia? É isso que vai acontecer! Porque direito da mulher tá sempre na corda bamba, a gente piscou e já tá. Se a gente se distrair! Eu tenho pavor dessa série, se a gente se distrair a gente tá levando na cabeça!

Eu nunca tinha lido o livro mas uma das coisas que eu sempre falava era sobre essa questão do direito na corda bamba. Eu sempre falo: "Gente, a gente não pode piscar, porque se bobear, tu vai perder o direito de votar!"

Quando eu vi a série, eu falei Jesus! (Risos) É o meu pesadelo inteiro acontecendo!!!

Entrevistadora: É tu olhar e pensar: "Nossa, isso não é tão difícil de acontecer!"

Entrevistada: Não, não é! São coisas que eu falava.

Entrevistadora: E aí tu vê o sistema político da série. É religioso...

Entrevistada: Tu acordar com teus bens confiscados, tu acorda um dia e não tem dinheiro no banco. Tu é mandada embora do trabalho. Dorme, pra tu vê!

Entrevistadora: Por isso que a gente tem que tá firme! A gente conquistou muita coisa mas isso aqui, pra gente perder tudo, né?!

Pra gente caminhar bem pro final mesmo, o Ele Não, tinha o propósito principal de impedir que o Bolsonaro fosse eleito. Esse era o principal objetivo. Isso não aconteceu, infelizmente. Quais os reflexos positivos que tu acha que o grupo tem, embora o objetivo principal não tenha sido alcançado? E quais os planos do grupo pro futuro?

Entrevistada: Eu acho que os principais reflexos, foi a gente continuar dentro dos movimentos que continuam pela oposição do governo. Tirando essas partes técnicas, como processo de cassação da chapa, a gente tem lá o MUCB envolvido no processo. Protocolado. Eu não sei se a Ludimilla chegou a comentar.

A gente é parte de processo né?! Um processo que foi aberto por uma chapa de partido da Marina Silva, entre outros. É, pelo fato do Bolsonaro ter utilizado o grupo pra disseminar fake news. Então a gente é parte de um processo de cassação de chapa. Teve uma votação já a um tempo e é um processo que rola ainda na justiça, por exemplo.

Então a gente participa ativamente de outros movimentos. Teve o Mulheres Derrubam Bolsonaro. Foi um movimento pontual. A gente ainda tá me movimento né?! Mas ele foi um movimento pontual do recolhimento de assinaturas pra ser apresentado lá no Palácio do Planalto. Então a gente participou ativamente desse movimento de oposição.

Numa rede de articulações muito grande. E foram dois manifestos que a presidente Dilma, assinou no ano passado. Somente no nosso e o do Movimento Negro. Então, foram os dois únicos manifestos que ela assinou no ano passado. E a gente se sentiu extremamente honradas por ela estar lendo aquilo dali e de acordo com todas as coisas e as propostas que a gente tá fazendo. Quando a Dilma assinou, a gente quase morreu! (Risos)

Entrevistadora: Nossa, eu só imagino! Só imagino!

Entrevistada: Ainda mais por ela só ter assinado dois manifestos durante o ano inteiro, até aquela data. Então a gente ficou extremamente extasiadas! A gente continua participando ativamente desses movimentos de oposição, construindo essas relações. Foi assim que a gente estreitou as nossas relações com a Fernanda Melchiona, por exemplo. Com a Luciana Boiteux, que eu tive uma conversa com ela. E também, eu consegui a assinatura da Sâmia Bomfim para o manifesto. Por conta de um outro movimento que eu tava participando de violência contra mulher, outra coisa. E eu tinha conhecido a assessora dela e ela lembrou de mim. Então essa rede, que a gente vai fazendo. É muito importante essa rede de oposição que se formou! Porque todo o governo tem a situação e a oposição. Isso é fato! Porque se não, daqui a pouco vai ter um Imperador aqui.

Ninguém fica solto! Só que essa oposição precisa ser inteligente e assertiva. Porque só tem boçal, seguindo o boçal mor. Fake news rolando solta! E não dá pra gente cair nas mesmas armadilhas que a raiva nos fez cair nos primeiros 6 meses de governo, por exemplo.

Eles falavam um negócio, todo mundo ia em cima. Ai depois eles desmentiam dois dias depois! E ele ficou fazendo esse jogo.

Entrevistadora: Ou aprovava outra coisa, por trás na Câmara e a gente não via.

Entrevistada: Ele ficou fazendo esse jogo, esse jogo. Desviou muita a nossa atenção porque a gente tava emocionada, chateada. A gente tava triste! Muita gente se deixou levar. E não foi uma oposição inteligente. Foi uma oposição de martelada! Sabe?

Ação, reação. Ficou massivo! Ficou chato! Não foi inteligente.

A partir do momento que deu uma assentada e a gente ficou parando de falar de Bolsonaro o tempo todo, ele mesmo continuou fazendo coisa errada sozinho. Veio a pandemia e ele não soube administrar. E aí a gente pode martelar na precisão e construir essa oposição que é mais assertiva.

E futuramente, os planos futuros a gente sempre teve uma ideia fazer uma formalização. É muito difícil formalizar, não sei se a Ludimilla chegou a comentar por que ela fala pra caramba! (Risos)

De formalizar, o grupo. Ir pra um caminho de uma Fundação, uma ONG, não sei. A gente precisa ver questão de estatutos. Quando chegar a época de ver o que vai ser mais viável! Não gosto de bater o martelo e dizer que vai ser isso, apesar de estar aberta a qualquer situação. Porque cada uma tem uma questão específica.

Mas nós já temos o estatuto, por exemplo. Desenhado, formas de votação. Tudo isso tá desenhado. E também, a gente tem nossos planos de estar mais ativas até as próximas eleições, estar com isso mais construído. Dessa oposição, estar mais construída.

E a gente pode pensar aí futuramente que aí é uma opinião particular minha, eu acho que quando chegar o momento diferente da passada, talvez a gente vai ter que se posicionar. Acho que quando chegar o momento, se o Bolsonaro vier pra reeleição, acredito que a gente vai ter que se posicionar. Nem que seja individualmente.

Entrevistadora: Tu diz se posicionar de dizer, olha vamos precisar ir pelo Lula. Nesse sentido?

Entrevistada: Eu não acho que a gente possa se posicionar enquanto grupo porque nós somos diversas pessoas e isso seria um desrespeito a opinião das outras pessoas. Não seria democrático, mas eu acredito que a posição individual vai precisar ser expressa, de alguma forma.

Entrevistadora: Eu concordo. A gente vai ter que ser..... Quando a gente vê o Lula com o Fernando Henrique e acha bom, aí que a gente pensa o quanto a situação tá difícil. Né?! (Risos)

Entrevistada: O Fernando Henrique é de direita. Teve vários defeitos e ele é um grande administrador, falando assim, puramente. E o Lula ele é um diplomata nato, né?! E extremamente carismático. A gente não pode se esquecer que o PT sempre veio com seu grande aliado, o PMDB. Em algumas eleições de maneira estratégica porque na época, antes do PMDB ir para a ruína, a ascensão e queda de um partido. Antes do PMDB ir pra sua total decadência, ele era um dos maiores partidos que tinha. Com maior número de cadeiras. Sempre um maior número de cadeiras. Seja no Senado, seja de deputados então era muito estratégico ter um vice do PMDB pra que na hora que engrossasse, precisasse aprovar alguma coisa, tava ali o PMDB tendo que votar junto com a presidência.

E o carisma do Lula que fazia aquilo funcionar. Eu acho que política é isso! No final das contas ele fez políticas públicas excelentes. Eu não posso me esquecer que era assim com o PMDB, existia ele ali. Então não é nada diferente de olhar pro Fernando Henrique Cardoso agora. Ele sempre foi assim, essa era política do Lula.

Entrevistadora: E foi onde a gente conseguiu algo.

Entrevistada: Sim, porque na verdade não se consegue nada sozinho. Não é o presidente que aprova. Não é ele que faz. Ele tem ali um poder de administrar, mas ele tem outras pessoas pelas quais ele precisa passar, convencer. Aprovar. E tem que ter um jogo de cintura. Tem que ter número também. E ele faz isso no jogo de cintura, no número. Não, na força, na marra. Comprando! Isso aí já é extremamente complicado!

A tática dele é que funciona pra todo mundo. Eu ganho, você ganha. Todo mundo fica na visibilidade e vai ser reeleito. Essa é tática dele.

Entrevistadora: A gente criticava, mas agora a gente tá tão pior que não sei expressar! E pra Bianca, o que o MUCB representa?

Entrevistada: Pra mim, enquanto pessoa foi um local de acolhimento em um momento em que eu acreditei que a política precisava de uma transformação. Eu realmente vi que precisava acontecer alguma coisa. Precisava ter algo, talvez um algo a mais que não tinha acontecido. Não sei se ainda aconteceu mas que precisa se ter. Pra gente alcançar aquilo que a gente quer de direito. E eu vi nesse espaço, esse acolhimento.

Entrevistadora: Que ótimo! Então é isso, tá ótimo! Eu não sei se tu quer comenta mais alguma coisa.

Entrevistada: Não, eu também já falei pra caramba! (Risos)

Entrevistadora: Não, maravilhosa! Maravilhosa!

Bianca, eu quero te dizer como eu disse pras meninas, a Ludimilla e a Liliane, que eu sou muito grata pelo grupo. Muito grata pelo teu trabalho! O grupo tem um significado muito importante na minha vida, a minha formação enquanto professora feminista. Enquanto mulher que encontrou nas redes, um espaço de acolhimento e de educação. Eu não me tornei feminista na escola, eu me tornei feminista por esse trabalho das redes. E o grupo tem uma importância enorme na minha vida. Por isso que eu pesquiso isso! Te agradecer pelo teu trabalho e que a gente possa ser companheiras aí nessa luta!

Entrevistada: Eu fico feliz, realmente! Porque as vezes é tão difícil a gente tá tão perto das pessoas e vendo de fato aquilo dali, que a gente quer que aconteça, acontecer. Então é muito bom ver isso acontecer! A gente vê que tá funcionando, mesmo que seja de pouquinho em pouquinho. Trabalho de formiguinha, mas a gente chega lá!

Entrevistadora: Com certeza, a gente chega lá! Obrigada!